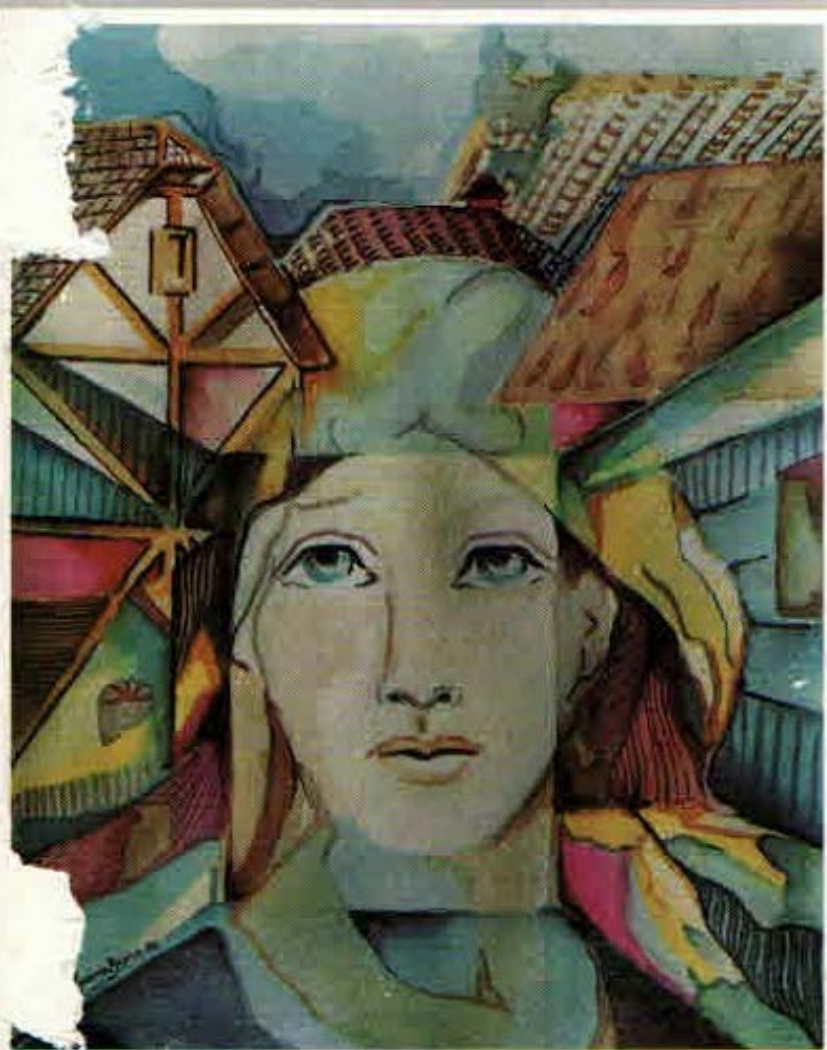


# PARA ONDE VÃO NOSSAS CASAS

AGOSTINHO BOTH





Agostinho Both

# Para onde vão nossas casas



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

2013



Agostinho Both

**Para onde vão nossas casas**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, romance. -Passo Fundo:Ed UPF, 1990.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-CompartilhaQual 3,0 Nao Adaptada.](#)**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 05/04/2013

Capa de: Maria Lucina Bueno

B749p Both, Agostinho

Para onde vão nossas casas [recurso eletrônico] / Agostinho Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-94-3

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura gaúcha. 3. Imigração alemã. I. Título.

CDU: 869.0(816.5)-31

## **Sumário**

APRESENTAÇÃO .....	9
AO ABRIR A PORTA.....	11
OS ESCRITOS DE ALBIN DENKEMANN.....	19
EM BUSCA DE UMA ALDEIA .....	19
INTRODUÇÃO.....	21
A CASA PERDIDA.....	23
UM ESTRANHO: A EXTRAORDINÁRIA VIAGEM DO IMIGRANTE ALBIN .....	41
RESUMO DOS ESCRITOS PERDIDOS .....	93
AS CARTAS.....	139
OS ESCRITOS DE BONIFÁCIO DENKEMANN .....	155
A ALDEIA EM CONSTRUÇÃO.....	155
INTRODUÇÃO.....	157
EM BUSCA DE UM LUGAR .....	159
OS FATOS SE SUCEDEM E NELES DISTRAÍDOS GASTAMOS NOSSAS VIDAS .....	186
COM FATOS FORTES TAMBÉM FAZEMOS NOSSAS VIDAS.....	233
OS ESCRITOS DE PIPPO ELIAS DAVOGLIO .....	279
A ALDEIA CONSTRUÍDA.....	279
INTRODUÇÃO.....	281
DE ANDANÇA E ALDEIA .....	283
DE ALGUÉM QUE BUSCOU SEU LUGAR E SUA CASA.....	320







## APRESENTAÇÃO

### UMA EMOÇÃO EM TRÊS TEMPOS...

A imigração alemã – vertente temática inexaurível – considerada de importância significativa no âmbito da literatura sul-rio-grandense, tem sensibilizado não só escritores consagrados pela crítica, mas, especialmente, desafiado novos autores a se envolverem com a mesma, fazendo-a emergir numa contextura com novos fios, novas cores.

“**Para onde vão nossas casas**” é a concretização do propósito de aprofundamento dessa análise, através de uma narrativa em três tempos:

- tempo da aldeia perdida,
- tempo da aldeia em construção,
- tempo da aldeia construída.

A primeira emoção – a saída alemães de suas próprias aldeias na, então, longínqua Alemanha – se configura por dois sentimentos distintos: a perda do mundo real em que viviam (terra – gente – costumes) aliado à esperança de conquistar um novo espaço geográfico que lhes possibilitasse uma vida com mais abundância (nova terra – nova gente – novos costumes – riqueza).

Em relação à segunda emoção – a chegada ao Rio Grande do Sul, a conquista da terra própria, a organização do espaço vivencial, a estruturação do trabalho individual e coletivo –, consubstancia-se o desejo da conquista, da realização do trabalho; do estabelecimento de relações

não só com o novo espaço, mas especialmente no convívio com o grupo autóctone.

Na terceira emoção – com o novo espaço já organizado, a integração com os habitantes do Rio Grande do Sul por intermédio dos movimentos migratórios ao longo de todo o espaço territorial brasileiro, mesclando línguas, usos, costumes, valores – apreende-se a satisfação resultante do processo alentador da interação entre descendentes de alemães e os demais habitantes, oriundos de outras etnias.

O universo ficcional criado por Agostinho Both revela marcas contundentes de suas vivências – um descendente de imigrantes alemães que se abeberou das histórias contadas por seus pais, por seus avós, por pessoas que experienciaram mais de perto a questão da imigração no Rio Grande do Sul. Acrescenta a situação atual – o tempo da aldeia construída – em que se evidenciam os movimentos migratórios de homens sul-riograndense por todo o Brasil, em busca de novas relações com a terra, de novas oportunidades de sobrevivência, de inusitadas situações de internação e, por que não dizer, de novas riquezas. (riquezas?)

A obra destina-se a um leitor disposto a procurar respostas aos questionamentos sintetizados no próprio título. O desejo apresentado constituiu-se da complexidade temática pela presentificação de suas diferentes situações narrativas e da configuração psicológica de seus personagens mais incisivos.

**“Para onde vão nossas casas”** – obra crítica, contribuição séria à literatura produzida no Rio Grande do Sul, suscitadora de questões que remetem aos interesses de todo leitor pelo tema da imigração – uma emoção em três tempos...

Tânia Mariza Kuchenbecker Rosing

## **AO ABRIR A PORTA**

Pippo Elias Davoglio não pretende muito mais que tornar público o que singularmente descobriu: uma história guardada em canastras. Foi iniciada em 1846, por Albin Denkemann e continuada por seu filho Bonifácio. Não se sentiu à vontade em divulgar o achado na primeira pessoa. Soltará o verbo em seu nome somente após anunciar os escritos de seus antepassados e os seus próprios.

A pois... os dois foram Albin e Bonifácio, respectivamente, trisavô e bisavô de Pippo Elias. Bonifácio teve duas filhas, a mais velha chamada Prisca e a outra de nome Patrícia. Esta, casada com Honório Davoglio em 1915, teve cinco filhos, entre eles o pai de Pippo, Augusto Denkemann Davoglio, nascido no ano de 1925. Este vero capitão de estância pequena, foi o que lhe sobrou da parte justa dada em testamento pelo velho Honório. Casou-se com Helena Serena Lima, senhora mãe do homem que conta essa história: Pippo Elias Lima Davoglio, nascido no forte calor de novembro de 1960.

O rapazinho, mais ou menos sisudo, era em alegria e disciplina formado. Não comera o pão de graça desde os sete anos. O vero capitão de estância pequena lhe dizia:

– Meu filho, fugir da pobreza exige expedita virtude. Fortuna honesta se faz com duro esforço, meu guri!

Pialando, sinchando cavalo, plantando fruto farto, sovando a erva, em brisa, sem o sol da manhã, fez a média meninice. Mas também tinha no galpão um som pachola de uma gaitinha que se esfolava de prazer. Assim, sem fado seguro, vivia docemente, um dia o pai lhe veio com conversa segura:



– Pippo, a tua professora falou que tu é extraviado de bom no tutano. Boas letras e boas contas se aprumam bem no guri, disse ela. Escuta, então: Tu não quer estudar em Soledade?

– Ó pai! O senhor não quer me deixar no campo?

– Quero sim, meu filho, mas de cabeça pejada de ideia se vai mais na frente.

O guri, em respeito, pôs-se a pensar na preocupação do pai. Taludinho estava, com doze anos feitos. Tangedor de ovelha e vaca, estava com suficiente disposição e agora aí com vasta novidade: estudar em Nossa Senhora da Soledade. O que sentira o espanhol ao inventar tão sentido nome? Havia zurzudo o tempo um barulho solitário? Agora o interior deste lugar tinha um gurizote com sangue teso e com vontade estradeira. O simples poder do campo e da única paisagem não emparelhavam mais com a notícia nova que lhe coçava o garrão: que visagem tem uma cidade?

O filho do vizinho, se abestalhou de falar no ouvido de Pippo Elias:

– A las cria, vivente, ouvi dizer que tu está de grossa frescura de amassar fundilhos nos bancos de escola de Soledade!

– Pois assim vou fazer! Estou de tesão por fazer campo melhor do que este que fica cada vez mais miúdo!

Assim foi de contramão no dizer provocante do Odorico:

– Estou mijando no teu entender. Já que vou, já estou indo!

Começou a perder-se o menino campeiro que se chamava Pippo. Ô tristeza larga aquela na casa do tio e no colégio desconhecido! Não tinha mais o canto do chorozinho amoitado no entardecer. Cadê as molhadas vozes da manha, ponteadas pela berraria do curral? O costume rijo e acimentado da cidade não tinha gosto e punha a ferver o miolo duro de qualquer índio. Por isso, o que Pippo vislumbrava nele, vigiava nos outros pobres agricultores que, deixando suas pequenas terras, rumavam



ao trabalho das pedras na Soledade: uma tristeza vexante, maiôs que aquela que traz o cavalo doente. De vergonha, de pura vergonha, foi que o guri não voltou. Homem que é homem aguenta o decidido. Não volta para casa igual a cusco ofendido. Chorou e longas horas escuras, empoadas de desgosto. Na escola, sisudo estava, mas não de medo. Bombeava apenas os acontecimentos com restos de saudade. Era parrudo e não havia o que temer de um lacaiozinho amofinado que lhe pudesse pôr à prova sua valentia. Pois não é que apareceu?

Resolveram o José de Freitas Mello e o Alfredo Vicente Bittencourt testar no estúrdio garoto seus fartos conhecimentos das lutas samurais. Cochicharam no recreio os dois entendidos das lutas marciais, que piá do interior sairia no primeiro grito de guerra em desabrida correria como cavalim em cheiro de onça. Na aula de Geografia, no último período, lhes afiançava a professora que estavam no meio da Serra de Botucaraí, ao norte do Rio Grande. Falou alto ao ver os alunos aborrecidos com a insossa notícia. “Bestalhões de meia pataca, ficam aí com cara de quem comeu e não gostou! Pois vou ser clara: quem não conhece o seu lugar”...

– Ta frito em pouca banha – gritou o Cornelinho da viúva Joseja.

– Pior que isso – falou a professora de História e Geografia. É como um cavalo perdido no campo: não tem para onde ir. É inútil o passo que dá.

Convenceu apenas a metade da turma. Não desconfiava a guardadora do tempo e do espaço, que o despropósito que faziam não era sem razão. Durante o recreio foi divulgado que ao final das aulas o José e o Alfredo iam bater o brim do Pippo Elias. O Cacetinho, guri de primeira, chegou-se para o lado de Pippo e avisou-o:

– Mira! Aqueles dois querem fazer de tua cara um tambor. Vão te espremer no Samurai!

Riu-se o Pippo e escreveu no bilhete provocações pura: “Chiruzedo de bosta! Não vou botar rabicho em vocês, por não haver



modo de segurar!” O bilhete correu solto. O fim da aula prometia ser ótimo. Lá pelo meio da aula consagrada tinha motivação de mais valia.

Quando José soltou o grito estarrecedor, indicando ao inimigo o início do sacrifício, estacou Pippo. – “Ué! Não bati ainda e o bicho já gritou!” Risos soltos na praça. Em cada gesto oriental levavam uma bordoadada no focinho. Não tinham aprendido os dois a coordenar o grito e o gesto. Pippo levou um tapão de campanha do Alfredo, quando este resolveu abandonar o oriente e seguir os triviais costumes do ocidente. José ainda insistiu em desferir no ar um arrojado golpe de tesoura, mas avaliou mal a distância e se desmoronou no chão. Por aí mesmo terminou a luta. Mais do que nunca amou Pippo o seu lugar pequeno, sua aldeia. Ali aprendera a façanha de viver. Daí em diante, o guri do interior não teve no meio dos seus um comezinho respeito. Foi a primeira vez que não chorou quando a noitinha veio morena e depois mais escura. Quando lhe perguntavam onde havia aprendido tantos golpes fatais, respondia que havia sido no Lagoão.

Para juntar o gosto dos livros e o cheiro dos capões, nos dias em que podia, buscava passar no campo. Aprendeu a amar a Soledade nas Brumas de julho e nas chuvas de setembro e desta forma e de outras mais seus dias de estudante.

Reunindo mais uma vez seus gostos, foi tirar Agronomia na Universidade de Passo Fundo. De 1981 a 1985, mais não fez do que estudar. Contando por alto, olhando-se bem no olho da história, fez o que é claro, um rapaz decente faria: amizades muitas, recolheu no meio do caminho, principalmente da gurizada do interior que lhe ofertava boa companhia. Do amor nervoso nada restou a não ser o gosto dos beijos e o encanto das mãos. Nada de absolutamente indelével. Aprendeu mais que entendeu sobre as regras do campo, do gado e da semente: amadureceu no guri o liso cidadão, mais reto e bom que as oportunidades do tempo. Arribaram ele os sons de seu chão: o chote, a chula e a melhor poesia de tantas tertúlias botaram-lhe grandeza de alma gaúcha. Mais ainda entendia o seu pago com gosto e extensão. Amava o Brasil. Leu que só

leu Érico Veríssimo e Guimarães Rosa. Entendeu o quanto ainda era pequena a sua conversa e o pouco tamanho que tinha a sua alma. Sobretudo, começou a campear uma ideia adorável pensamento, que seguia mais ou menos assim:

Sou Pippo Elias, filho de herói... todos somos heróis aqui neste chão do Rio Grande. Vimos para substituir escravos. Não foi por noniteza que atravessamos o mar na humilhação e vimos comer o pão com gastura. Derreada a vida podia ficar, mas não! Erguemos nossas casas sem desilusão. Nada recebemos de favor! De nossas mãos fizemos nossas asas? Quem nos deu habitação? Quem nos deu o estudo? Quem ofertou nossa saúde? Silêncio se fez sobre um fado impróprio. Mas da desbriada oferta tecemos nosso ninho. Ninguém desmereceu a sua vez. Foi esta a conclusão que tirou Pippo Elias no fim de uma aula de preparação ao Estágio de seu curso. Completou-se apenas seu sentimento e sua ordem no juízo sobre a responsabilidade que recaía em seus ombros: a severidade de que sua ação era importante para que o pão saísse farto da casa do agricultor. Em dois outros instantes capitais tinha-lhe iniciado a certeza de que estava em uma instituição respeitável: era uma nascida da raça de uma gente de querer estrovejado. Fora feita uma Universidade em braço forte contra a história escrita: o homem do interior não tem precisão de ser cabeça; de braço e suor se faz sua suficiente contribuição. Pois não é que sua Universidade, nascida em 1950, como primeira pedra, desde o início desprezada, foi se erguendo e como tudo o que nesta região se faz de bom, sem nenhum favor, com exceção de pequenos ofertórios como se fossem espórtulas a pobres que não deviam ter restado. Isto aprendera no primeiro dia de aula, para que soubesse que o dinheiro de sua mensalidade serviria apenas para o sustento da generosa obra.

Outro instante de admiração foi aquele em que viu os trabalhos feitos nos laboratórios de solos e sementes e da pesquisa feita na cultura de aveia. Tinha a instituição que tirar do seu trabalho a existência. A pesquisa era voltada somente para o interesse da região. Aqueles milhares de hectares sofriam, sem decente cobertura durante o rigoroso

inverno: estava ali um produto da mais alta qualidade, bom de ser vendido. Os laboratórios não paravam. Era quase a admiração pura que entrava no peito ao se mirar os cuidados que havia em tudo o que se fazia. Tudo se fazia naturalmente, como se fosse obrigação. Crescia por estas e outras aprofundadas visões um querer bem, de respeito e tanto, no coração de Pippo Elias. Ali aprendera o ofício alegre da convivência.

Em carona de couro, bem costurada, se põe o ouro. De igual forma fazia Pippo, guardando em suave confiança dentro do peito, um oculto amor por sua avó Patrícia. Em cada ruga que tinha, havia uma luz de vida escondida. Um fio de voz saltava da trêmula garganta quando a Senhora Patrícia punha o olhar no horizonte chamando as aventuras... não podia haver coisa mais linda. Vida pura, água limpa, luz da manha misturava-se às palavras e viviam novamente a Senhora Genoveva e o Bonifácio. Muitas e muitas vezes nasceu a lua cheia sobre o campo e espiou os dois, soletrando o passado em adoração.

Em julho de 1985, Pippo foi visitar a avó. Disseram-lhe que o coração da velha mal se aguentava e o seu sonho era estar mais uma vez com o neto, que lhe fez engenhoso carinho com as mãos, em suas faces. A alma da avó estava mais carregada que favo de mel ao final da primavera. Pippo foi lhe falando do quanto amava sua casa. E a todos que ela também prezava. Disse-lhe:

– Meu bisavô está tão decidido dentro de mim! Cavalga com seu cavalo Rocinante quase todos os dias. A Genoveva administra meus negócios. Já estou comprando meu navio.

Patrícia se comovia ao tomar nas mãos o rosto do neto. E falava com voz suave mais que devota:

– Traz pra cá, para perto o baú de couro.

Tiraria a avó um navio só pra ele?





–Mira bem, Pippo!! Aqui está a mais preciosa herança que Prisca e eu te legamos! São os escritos de Albin e Bonifácio. Boa parte das histórias que eu contava estão aí anotadas.

Tomou Pippo nas mãos as folhas amareladas, nas quais estavam de próprio punho, as letras dos dois. Olhou para os lados a verificar se algum deles não se debruçava sobre o passado escrito. A velha chamou-o para perto de si e encostou nele a sua face. Eram uma plumagem as suas rugas serenas. Perguntou-lhe:

– Pippo, para onde sopra Deus nossas casas?

– Com certeza, para um bonito lugar – respondeu-lhe o neto.

Levantou-se o rapaz e espaiou seu olhar no campo. Um relincho de potro abriu-se todo. A velhinha dormia um sono de sonhos.

Pippo chamou a mãe Helena e o pai Augusto e confessou-lhes o ocorrido. Olharam os alfarrábios e não mais descansou Pippo, lendo-os com aguçado interesse. Foram três dias em que nem a televisão lhe chamava a atenção. Somente os irmãos menores de Pippo não estavam ainda para a devoção dos falecidos. Cena densa era a de ver a família ouvindo os escritos da história valorosa.

Augusto Davoglio, homem trancoso, das labutas cansado, soltou lágrimas do olhar ao saber de tanta virtude na história de sua gente.

Antes do Natal daquele ano de 1985, Patrícia, ninguém soube o exato instante, despediu-se como num sopro.





## **OS ESCRITOS DE ALBIN DENKEMANN**

### **EM BUSCA DE UMA ALDEIA**





## INTRODUÇÃO

Por quase cinco anos guardei o trabalho escrito do meu herói Albin Denkemann. Reuni meus cruzeiros para ver se punha a lume o esforço feito. Não é do fato de ser meu trisavô que frutifica a importância. Qualquer um daqueles que vieram por mares tão indignamente navegados, podia escrever o que Albin escrevei. Ponho à luz o que por mérito sincero tem que ser feito. Pelejada foi a honra de nossa gente. Ofereço o que de graça recebi. Que cada um a tenha, conforme a sua particular intenção. Mas não largo mão de uma atazanada ideia: – Não foi para qualquer um chegar semelhante a escravo e divisar uma pátria com sonho intenso.



**Wenn Abends still die Sonne sinket  
Und Abschied nimmt von Berg un Tal  
Wenn mild die Höhen noch erleuchen,  
Bei ihren letzten Abschiedsarhl;  
Dann hör'ich fern ein Glöklein klingen;  
Es klingt so traut, es Klingt so rein,  
Dan wird mir so schwa um's Herze,  
Dann möch ich heim – dann möch ich heim!**

Adolf Krestschmer.

Quando, ao anoitecer, o sol se põe silencioso  
E se despede do morro e da planície,  
Quando as alturas ainda resplandecem suavemente,  
Em seus últimos raios de despedida;  
Então ouço um sininho tocar à distância;  
Com seu toque tão familiar, tão puro,  
Então sinto um peso no coração,  
Quero ir para casa – quero ir para casa!



## **A CASA PERDIDA**

Não quero que a minha história se perca. Quando minha boca e meus olhos estiverem alimentando a terra, sem nenhum orgulho, quero que meus descendentes possam contar uns para os outros como fizemos nossas primeiras casas. Muitos deles se perguntarão como é que um agricultor de nascimento e artesão por obrigação soube ser capaz de contar tão importante história.

Acredito, não sei se por inspiração de Deus, se por influência de boas leituras e conversas, que o homem pode ser um pouco mais feliz no seu dia-a-dia, se for capaz de pensar sobre tudo o que acontece, tirar suas decisões e pôr-se em ação, nem que seja para fazer uma pequena obra, na tentativa de resolver o que estava mal feito.

Corria o ano de 1846. Os 250 habitantes da aldeia de Deuselbach não estavam contentes com o que acontecia. Albin Denkemann era um deles. Tinha apenas vinte anos e já trazia consigo muitas preocupações. Não se conformava com o que ocorria em torno dele. Sua alma estava inquieta, pois penetrava com relativa exatidão nos fatos principais de sua aldeia. Percebia, pela inquietude, que deveria tomar bem logo uma importante decisão, porque se assim não o fizesse, seus sentimentos ainda voariam pelos ares até chegarem ao alto das montanhas de Hunsrück. Era para elas que, não raramente, dirigia seu olhar ao entardecer. Assemelhava-se às costelas de um cachorro magro e é daí que vinha o nome daquela cadeia de montanhas. Dizia, rindo para o seu espírito, que seus sonhos estavam magros como as íngremes e elevadas montanhas, das quais os vales mais férteis começavam a desaparecer das mãos de todos os pequenos proprietários. Nem mais o centeio e as batatas podiam servir de farto alimento. Os moradores já comiam tão



pouco, que era insuportável ficar naquele lugar sem ter com que sustentar-se e sem perspectivas de sustentar ao menos uma família pequena. Numa destas tardes, enquanto contemplava as montanhas, Albin escreveu:

“Por Deus, o Nosso Senhor Jesus Cristo, juro que aqui eu não fico mais. Escrevo nesta lousa de pedra por que tenho de ir embora. Não é por falta de amor à minha casa, nem porque tenho medo de que ela caia em minha cabeça, mas vou para o Brasil. Aqui não há mais para pôr em prática um sonho sequer. Onde posso ter meu jardim, se não tenho um palmo de terra? Onde poderei pescar um peixe, se os vales foram todos tomados pelos nobres e ricos senhores? Como poderei cobrir meu corpo com uma calça bonita, se apenas posso colher o Cânhamo que não me pertence? Vendemos o nosso pequeno Hoff\* e nem uma laranja podemos mais colher. Pagamos nossos impostos às custas das terras de nossos pais. É pena que Napoleão não tivesse ganho todas as guerras. Ele teria ensinado, definitivamente, um pouco de igualdade. Depois que o baixinho em Waterloo, todos os nobres e ricos senhores, os bancos e o governo espoliaram os pobres. Estou eu aqui, com uma mão na frente e outra atrás, sem saber qual delas eu tiro. Apenas uma ideia é que me dá um pouco de esperança: Nach Brazil!”

A Senhora Anna, esposa do Senhor Otto Denkemann, ao ler as palavras na pedra preta, chamou a filha mais velha, que por sua vez inquiriu Franziscus, que sentia como o dedo qual das cinco galinhas brindaria a família com um ou dois ovos. Era uma atividade humilhante essa dos garotos de aldeia!

Pelas palavras de Anna a seus filhos, podia-se perceber que uma senhora pobre, quando ferida, também sabia demonstrar uma gama de sentimentos.

---

\* *Sítio*





– Net fia mein Bub! Net fia mein Albin! De is noch so jung wie'n Kind.\*\* O nosso Deus parece escondido nos vales. Parece que até ele está assustado com nossa sorte! Que história é essa de nossos filhos não poderem mais crescer com seus pais? Assim não dá para agradecer por coisa alguma quando o sino toca.

A filha mais velha, Lina, ordenou, com firmeza:

– So net, Mamma!\*

Por isso, Anna sentiu que tinha ido longe demais na exposição de seus sentimentos, todavia, não havia arrependimento em seu peito. Afinal, tinha o direito de reclamar por aquela desgraça escrita na pedra.

Pelos pedaços de grafite jogados no chão, adivinhava a raiva que rondava seu filho.

Otto Denkemann estava tenso como as nuvens carregadas que, por vezes, se debruçavam sobre as rochas. Abatia-se por não ter maiores perspectivas a oferecer ao seu filho. Queria ficar com seu Hoff, mas não dormia, porque todos os dias vinham as cobranças relativas ao pequeno pedaço de terra que lhe pertencia. Ter dois hectares era, então, um privilégio insustentável. Fazia cinco anos que, com o filho Albin, começara o ofício de carpinteiro. E descobrira que se encantava com o trabalho na madeira. Agora, não sobrava outra alternativa, senão a de ir até o Padre Hildebrand Heilstock, a fim de pedir orientação para as suas ansiedades.

– Herr Otto, não ponha a culpa em sua dor, que ela se basta. Não é só o senhor que carrega esta pesada cruz. Ao longo destas montanhas, ouço a mesma preocupação desta pobre gente que diz:

---

\*\* *Não para meu garoto! Não para meu Albino! Ele é ainda tão jovem como uma criança!*

\* *Assim não, mãe!*



– Padre Hildebrand, quando é que Deus vai afastar de nós toda esta angústia?

– Eu lhes respondo que Deus não tem nada a ver com a mesquinhez dos homens. Acredite, Herr Otto, deixe seu filho partir em paz, pois em terra estranha poderá haver melhor lugar para os jovens. E a terra nova não possui os vícios que a terra velha apresenta. Sou testemunha do quanto o senhor se esforçou para honrar todos os seus filhos.

– Agradeço-lhe por todo o conforto e por ter aliviado minha alma de acabrunhão. Mas gostaria ainda de poder ter um pouco da alegria de quando era menino, porque há vinte anos que nenhum de nós consegue dar boas risadas na vila.

– Nem aqui em Trier ouço mais a alegria, Herr Otto. Talvez, com as boas notícias dos filhos fazendo grandes colheitas, possamos rir e cantar o “Grosser Gott”.

– Peça-lhe, Padre Hildebrand, que aconselhe meu filho antes de ir até o mar.

– Com prazer. Estenda minha saudação e coragem a Anna. Diga para ela que Deus não gosta de tristeza e que, com esforço, ainda poderemos pular de alegria em Deuselbach. Peça-lhe agora, que venha arrumar as portas da igreja, que estão quase caindo.

Otto ficou satisfeito, pois além de consolo, encontrou mais trabalho, no qual aplicava seu ofício de artesão. Ao menos a madeira se submetia às suas intenções.

Em outro dia, Padre Hildebrand foi à pequena casa dos Denkemann. Não havia paz nela, mas ao menos o desespero havia se afastado. Com um pouco de inspiração, o barco poderia ser salvo.

Padre Hildebrand, naquela manhã de segunda-feira, estava com toda a graça de que um homem pode dispor. Pensou consigo durante o



caminho: “Bom, se é tomada uma decisão, esta deve ser recebida como uma criança muito esperada. Não se pode pôr assombros sobre uma opção feita. Ao contrário, é preciso estimular. O caminho escolhido deve ser iluminado por todos. É isto o que vou fazer com o Albin.”

A Senhora Anna, ao ver Padre Hildebrand sentiu-se alegre, pois ao que tudo indicava, a desgraça, com a bênção de Deus, ainda podia se converter em um bom motivo de alegria.

As ideias revoavam no espírito da senhora. Bem que tinha razão a mãe que já pressentia o destino: “Anna, do jeito que as coisas vão, ou se faz a sorte parar, ou não temos mais nenhuma sorte.” Chegara o tempo de parar a sorte e de dar-lhe outra direção.

Padre Hildebrand não perdera o costume de seminarista e continuava a dizer nas casas em que chegava: “Paz para esta casa e para todos os seus habitantes.”

Da casa, Albin saiu, quando ouviu o trotar do cavalo. Até o animal tinha um comportamento de beatitude: andava manso e abaixava a cabeça, humildemente. Padre Hildebrand dizia que o jeito do cavalo era assim, por conta do vigário anterior, um santo que faleceu troteando o animal. “Ou era por medo de que outro padre lhe morresse na garupa, que andava desse jeito?” – brincava o novo vigário.

Albin foi ao encontro de seu antigo mestre, que quase o convencera a ingressar em um seminário.

– Bom dia, Padre Hildebrand.

– Bom dia, bom dia, Albin. Então rapaz, não quer mais a sua casa?

– E como quero, mas nada se pode fazer, a não ser um milagre. Como o senhor me ensinou que as mãos dos homens é que preparam os



caminhos de Deus, também quero fazer a minha parte. Dizem que a América é a mãe dos pobres...

Nesse instante, chegou a mãe com uma galinha na mão. Julgava a senhora que valeria a pena sacrificar uma das cinco, pela importância do acontecimento.

– Padre Hildebrand, disse ela, veja se tira a ideia da cabeça do guri ou, se não conseguir, abençoe sua viagem.

– Parece, Senhora Anna, que já devo invocar as bênçãos do Senhor.

– Bem, Albin, enquanto caminhamos um pouco pelo vale, sua mãe poderá preparar uma sopa de esquentar até a alma.

A irmã mais velha, que tinha moldado o caráter ao tempo difícil, falou:

– Vá logo e que se faça já o que deve acontecer.

No caminho do vale, assistiram a uma cena que se repetia seguidamente nos últimos anos. Vinham alguns pobres, uma pequena multidão, caminhando alegre. Todos batiam palmas e cantavam:

*Quando nós galgamos vertiginosas alturas  
Na busca do cume  
Em nossos corações queima uma busca  
Que não nos deixa mais em paz!  
Magníficas montanhas, alturas de sol,  
Peregrinos das montanhas somos nós, sim nós!  
Cotovias e sol, corações cheios de encanto!  
É magnífico ver as estrelas...*



Foi então que Padre Hildebrand começou, aproveitando a inspiração da brisa, a falar como se soprasse, animando a alma de Albin:

– Veja a maneira que eles têm de enfrentar o sofrimento que mal suportam. Cantam como se brincassem com a morte que os cerca. Já estive na Boêmia e vi as fábricas de cristal. As fibras polidas penetram no pulmão e não mais de 40 anos duram os artesãos do cristal. No entanto, não há gente mais alegre que aquela da Boêmia. Compensam o pouco tempo de vida com a intensidade dela. Brincam com a cor que os conduz além: ficam azuis. Estes aí que correm no vale e se comportam como os vagabundos das montanhas mal adivinham que correm da má sorte. E pouco tempo lhes sobra até a deterioração do comportamento. Em pouco tempo deixam de sonhar e exterminam dentro de si qualquer expectativa. O pior que uma pátria pode fazer é conter o dia de amanhã para os seus filhos.

– Então estou certo em minha decisão. Se aqui não tenho mais o que fazer, nada me resta, senão buscar um lugar que me dê confiança.

– Acredito que sim, mas nesta empreitada, deve-se levar algumas convicções.

– Em que devo acreditar mais que tudo?

– Em toda a América Latina, muito mal foi feito. A nossa Igreja de Espanha e Portugal gostou, mais que em todo lugar da glória. Esqueceu-se de que o Salvador teve um pai carpinteiro. Teve a má ideia de entender que as mercês devem nascer aqui mesmo e às custas da liberdade dos outros. Precisou o homem fazer uma revolução para entender que todos são iguais, mas parece que a Europa não se envergonha de si mesma. Está praticando o segundo pecado mortal.

– Qual foi o primeiro?

– Mataram os seus habitantes e ocuparam a extensão de suas terras e agora enviam os pobres da Europa sem proteção.



– Eu sou um dentre eles.

– É bom que pense assim. Sabe, desde logo, quem é seu inimigo. Ele vai continuar a morder no seu calcanhar. Não descansará enquanto não se livrar de todos os que vagam nas montanhas. E que auxílio concede a Europa aos seus filhos que partem? Mais que tudo, quer se livrar deles. Pior é que a pobreza nega à alma a salvação. Lá se vai o bom pensamento que ilumina o comportamento fértil. Lá se vai a linguagem elegante. Lá se vai o dom da bondade.

– Mas Padre Hildebrand, ainda não falou das virtudes que devo cultivar, uma vez que estou convencido de que devo resgatar a minha alma, custe o que custar.

– Parece que vejo as pequenas aldeias nascendo e em todas elas uma bela escola, uma igreja e os homens e mulheres em seu trabalho. Não se negue a amar a pátria que o recebe, mais que aquela que o abandona. Tenha em mente, apesar do desânimo, que é com as nossas mãos que Deus costuma fazer a história. Durante o tempo em que vivi com você, tentando ensinar-lhe que Deus merece até nossa carne e desejos, percebi que é um lutador, mas vi também que a solidão o mataria. Forme a sua família, como se você fosse um artesão que modela. Faça de tudo para dar o pão alegremente e as melhores vestes para mostrar a importância de seus filhos... Mostre, enfim, à Europa, que apesar da injustiça, poder-se-á ter orgulho na América do Sul. Implante lá mais um pouco de igualdade.

Agora estavam os Bergvagabunden\* caminhando na pequena estrada da roça de cevada do Senhor Reichmann, um velho avaro que conseguira, às custas de trabalho barato, fazer fortuna, pois comprara as terras da humilde gente. Exibia 35 escrituras de lotes e dizia, cínico: “Os imigrantes podem partir com o meu dinheiro.”

---

\* *Os andarilhos*



Os Bergvagabunden ainda cantavam quando o sol começou a esconder-se. O vale estava quieto e se ouvia nele o eco de uma gaita. Antes de descerem para o outro lado do morro, ouviu-se:

“Nach Brasilien! Klang die Losung  
Nach mit gold’nen Pomeranzen  
Sich die faulen Tiere mästen!”\*\*

– Não se meta, continuava o padre, na aventura de esperar tudo de Deus ou do governo. Quem faz isso não merece atenção. É gente condenada ao desprezo. Mas também não perca oportunidade alguma de ter poder. Vomite de sua boca aqueles que defendem os pobres e querem viver como ricos, mas quando se lhes dá oportunidades perdem o dom da bondade e da austeridade e põem tudo a perder. Vai ver, meu filho, que no Brasil sempre vai haver alguém dizendo que o reino de Deus consiste em não fazer nada. Lá, quase todos vivem do ócio, da aventura, da natureza e da morte dos outros. Querem ser filhos do rei. Você vai ver que boa parte quer viver como os “faulen Tiere”.

– Padre Hildebrand, como pode ver tudo tão claro se nunca foi até lá?

– É que assim foi a origem. A raiz fala, em boa parte, sobre o tamanho da árvore. Não sei de onde tiraram que Deus pode ser agradado com a ociosidade.

---

\*\* *Para o Brasil! Soava a sorte  
Para o paraíso no oeste  
Onde animais preguiçosos  
Engordam com laranjas douradas.*



Quando chegaram à casa, o cheiro da sopa invadia até o pátio, Otto veio ao encontro dos dois, sorrindo:

– Então, padre, conversaram sobre a partida?

– Herr Otto, pode abraçar um brasileiro que vai ter 72 hectares de terra e sustentar sete filhos, só com os patos selvagens que vêm comer os peixes gordos do rio.

Somente Anna não suportava a partida.

– O rico poderá ver seus filhos casarem e ver os filhos de seus filhos. Eu penso, vendo meu filho ir com 20 anos! Garanto que o filho do Reichmann poderá ter sua família num dos vales de Hunsrück.

– Minha cara Anna, disse o padre, ninguém concorda com o mal que se faz, mas Albin poderá fazer uma pátria melhor do que a que nós fizemos.

– Ó, santo padre, disse a filha mais velha. Como é que um pobre imigrante vai ter autoridade para mudar o destino?

– Menina... Medche, Medche<sup>\*\*\*</sup>... os tempos estão agitados. Não viu o que os franceses fizeram com a cabeça do rei?... Pode ser que um imigrante de boa vontade e mais outros consigam mudar os costumes e fazer um pobre erguer sua voz no Brasil. Liebche, liebche<sup>\*\*\*\*</sup>, Deus é grande demais para que o ponham num saco... Deixe eu contar uma história só para você... Dizem que a Eddelweis era uma flor que tinha o costume de querer crescer ao largo dos caminhos e todos pisavam nela. De branca, já se acostumava à cor do barro. Bastou que uma semente se inconformasse, para crescer nas montanhas...

Lina não aceitava que se fizesse da realidade tão pouco caso e tentou desaparecer o padre do seu cavalo:

---

<sup>\*\*\*</sup> *Guria*

<sup>\*\*\*\*</sup> *Querida*





– Quem foi o seu Bispo que não lhe ensinou a pôr os pés no chão?

Pois não é, Lina, que ele era mais santo do que eu? A graça do Senhor fazia louvá-lo até no silêncio do cuco ao meio-dia. Foi ele que me ensinou que Deus correu dos palácios e gosta mais das aldeias. Escute aqui... não me tire a alegria... No dia em que tiver de chorar, saberei que a história não tem jeito. Cada um então poderá falar: “Só se tem que esperar o pior”.

A filha mais nova, Greta, estava tão contente que não se conteve:

– Eu quero me casar no Brasil. Eu gosto do Edwin e vejo seus olhos a fitarem caminhos além de mim. Tenho a certeza de que o Albin vai na frente e daqui a cinco anos eu e o Edwin vamos de braços dados para lá.

Otto, que estava sério, e Anna, que já tinha a testa com três sulcos, ficaram espantados. A Senhora Anna demonstrou o que sentia, ao dizer:

– Das is net woal!\* Você é muito pequena para ver o futuro... e eu não quero ficar sozinha com Otto, olhando para o oeste, imaginando como estará minha filha.

Otto olhou para Greta, que ainda era uma criança e ordenou:

– Chega de assustar a mãe. Basta um susto por semana!

Albin tentou melhorar o clima:

– Deixe o futuro para depois... Agora importa a sopa de galinha.

– Pois é, mano – animou Greta – uma das galinhas está com pintos. Vou engordá-los para fazer um assado quando vier a primeira notícia do Brasil. Você vai me escrever... “Aqui a cozinha deve ficar fechada enquanto as panelas estão no fogo. As pombas grandes e

---

\* *Isto não é verdade!*



pequenas voam de todos os lados e pode acontecer que uma delas caia na panela e estrague o almoço.”

Riram, o Albin de alegria, e o padre, pelo senso de humor da pequena de 15 anos, enquanto Otto e Anna tentavam espantar o nervosismo.

Lina, que tinha o espírito um tanto amargo, ironizou:

– Para mim, o Albin vai escrever o seguinte sobre uma conversa com o seu vizinho:

– “Querida irmã, vou lhe contar sobre os últimos e inacreditáveis acontecimentos... Meu vizinho, vendo as morangas penduradas na cerca, elogiou-as: Senhor Albin Denkemann, que lindas morangas o senhor tem penduradas na cerca! Prontamente, eu lhe respondi: Não senhor Kleinauermann, aquilo que está vendo não são morangas, são uvas que estão amadurecendo...”

A risada foi geral. Começaram a falar de tudo o que deviam providenciar para Albin chegar ao Brasil. Padre Hildebrand já estava acostumado a ajudar aqueles que saíam da região de Hunsrück. O dinheiro da passagem seria tirado do pouco que sobrara da venda do Hoff. Em troca de alguns auxílios da bondade de quem ficava, o alimento até São Leopoldo, onde deveria chegar, estava garantido. Nada de mais interessante se fez nesse dia depois da sopa de galinha, do que olhar o mapa que o padre Hildebrand emprestara. Mas não se pode dizer que Albin não sonhava com laranjas douradas e aves bonitas passeando pelo pátio.

Na Strassedorf de Deuselbach havia rumores de que poucos ainda poderiam ficar, pois os impostos estariam cada vez mais caros e o preço do trabalho cada vez mais aviltado. Os pais olham para os filhos menores e gostariam que alguém lhes desvendasse o futuro ou que lhes devolvesse um pouco de esperança.



Em um daqueles dias de junho, é que o Padre Hildebrand falou do alto púlpido para seus fiéis:

“Nunca esta igreja esteve tão cheia assim. Não sei se Deus está mais presente ou a verdade é que nossos queridos fiéis mais dele precisam. Ele até marca sua hora para um cabelo que cai; então acredito: “nós que estamos com angústia em nossos corações, podemos tocá-Lo para receber o Seu conforto.”

O Senhor Deus não nos abandonará. Entretanto, vejo no rosto de cada um, marcas da insatisfação. Até aí, acredito que o Senhor esteja contente, porque Ele, o nosso Deus, não gosta de gente conformada. Concedeu-nos ódio para odiar aquilo que faz mal às nossas vidas. Mas vejo que os pais, muitas vezes amargurados, punem os filhos com palavras indelicadas, quando não os fazem sofrer no corpo a sua zanga. Nada merece a punição do corpo que é a casa de Deus.

Por tudo isso, hoje eu vou falar sobre esperança. Precisamos ter fé em nós mesmos, pois o Senhor é o Deus Emanuel.”

Continuou por mais quinze minutos a exaltar a principal virtude daqueles que padecem. Falou do horizonte e dos sonhos, da coragem e da fé que deviam ser olhados com especial atenção. Não esqueceu de pedir que se afastassem de todas as formas de desânimo. E que não afogassem a dor no álcool. Falou do salmo 15, exultante: “O cordel mediu para mim um lote aprazível. Muito me ajuda a minha herança”. Disse mais sobre pôr no Senhor os olhos, como pôr nos outros a palavra para aliviar a desesperança. E se inspirou, quando analisou os instrumentos da esperança. Nesse assunto, falou que duas mãos se tem e nessas, dez dedos, e quem os perde, outros sentidos tem. Para os pais que não conformavam com a partida dos filhos, mostrou que estava bem informado sobre a terra desconhecida, o que concedeu alegria. Interrogou, com voz forte: Por acaso está escrito que o lugar preferido do Senhor é a Alemanha? Por acaso o Menino teve pior sorte quando fugiu para o Egito?



Por acaso se deram mal os hebreus na Terra Prometida? Demonstrou irritação, quando disse que só duas coisas não aceitava:

1ª – Que o governo alemão assistisse, sem dar nenhuma proteção à saída de seus filhos.

“A Alemanha deverá se envergonhar do modo como abandona os mais fracos. Mas nada disso importa, quando se tem convicção em torno de bons objetivos.”

2ª – Que a igualdade estivesse tão distante da Alemanha.

“O governo, os nobres, os banqueiros e os novos ricos da terra e da indústria mereciam o inferno.”

Percebendo que tinha sido severo demais na atribuição do castigo, estimou que bastariam 100 anos de solidão no purgatório. “Mas nada disso importa, quando se toma uma decisão em torno da boa esperança”.

Percebeu que na sua igreja havia muitos dos quais mandara para o inferno e reconsiderou: Deus poderá voltar atrás na decisão de castigar os maus, se eles forem generosos. Façam todos a sua doação, para que os nossos irmãos que decidiram ir para o Brasil possam ter mais esperança. Disse o que tinha a dizer.

Naquele domingo, Padre Hildebrand passou da pequena vila para outra e ajudava aos que partiam naquele mês.

Quero agora, nesta noite de domingo, a 20 de maio de 1946, falar sobre minhas últimas impressões sobre Deuselbach, sobre o que aconteceu no campo de centeio do Senhor Hofmann e sobre a minha casa. Por ordem passo a descrevê-las:

A minha aldeia está perplexa. Nela acontecem fatos que, por força das circunstâncias, são as mais extravagantes possíveis. Depois destes dias, posso garantir que a vila nunca mais será assim. E anoto estas



coisas, porque não há nada melhor para escrever sobre a alma humana, do que fazê-lo, referindo-se a aldeões. Nada melhor do que escrever sobre aldeões, se se quiser falar sobre uma pátria. Porque eles traduzem, com muita fidelidade, todos os conflitos que atingem uma nação, e, sendo um pouco mais pretensioso, eles expressam as dores do mundo. Uma aldeia perdida revela uma pátria perdida.

O que escrevo é uma homenagem a Deuselbach que, ultimamente, tem suportado extremo desconforto. Há poucos anos todos contavam que os pobres subiriam ao trono com a mesma naturalidade com que as cegonhas fazem seus ninhos nas chaminés sem fumaça. Mas isso passou como uma suave brisa. Uma forte tempestade abateu-se sobre minha aldeia e não apareceu ninguém para proteger os aldeões desprotegidos. As intrigas se infiltraram em nossas casas, colocando vizinho contra vizinho. A pobreza, com toda a sua ameaça, perturbou o sono dos pais que, irritados, puseram-se a agredir os filhos. O padre Hildebrand teve que tornar fortes suas palavras, para acalmar as garras que saltavam da intranquila alma das pessoas de Deuselbach. O Senhor Treuermann ficou tão entristecido, que foi ao mato e, com uma corda, quase arrancou-se a cabeça. A Senhora Frechsprach, a que tinha veneno na língua, com os últimos acontecimentos, está insuportável. Ninguém escapa de suas palavras maldosas. Antigas brigas, até aquelas acontecidas há mais de 70 anos, começaram a retornar. Mas assim mesmo, alguns aldeões conseguem pôr a serviço a sua generosidade. Parece que o sofrimento está erguendo-os.

Contam que na Floresta Negra, o Argus aprendeu a voar por causa dos lobos. Esses aldeões, parece até que criaram asas e voam sobre a miséria, dando alívio às pessoas tomadas pela dor. O Senhor Singerbaum fez até uma linda música sobre o versículo 17 do salmo 16:

“Do alto estendeu a sua mão e me pegou,  
E retirou-me das águas profundas”.



Parece que quando cantam, a aldeia toda retorna à sua normalidade. Mas não é fácil dar remédio à angústia desta gente, porque poucos dias depois, cada um começa a ser o que fora antes da invocação.

Uma boa parte das pessoas, como eu, começa a buscar outro lugar, com o qual sonha o dia inteiro. Muitos dormem mal à noite, de tanto imaginar a casa nova. Nem de longe se pode enumerar as mudanças que ocorrem numa aldeia em tempo de grande aflição. Só Deus pode saber como ficam as pessoas nas provações que os homens armam uns para os outros. Acredito, sinceramente, que cada um, com a sua forma de ser, por pior que seja esta forma, tenta dar um pouco de refrigério ao espírito que se perturba. Eu ponho tudo isso neste papel velho, para entender o que se pode fazer. Vou ajeitar todos os pedaços para que os aldeães e eu entre eles, possam um dia, encontrar mais consideração e obter mais respeito de quem vier depois.

Sobre a conversa no campo de centeio do Senhor Hofmann, podem ser feitas muitas considerações proveitosas, a começar pela pequena propriedade e pelo Senhor Hofmann. É uma área de 04 hectares, que custou um grande sacrifício da parte de seu proprietário. Não foram poucas as vezes que a família toda se levantava quando ainda era noite, para arar a terra à luz de uma tocha. O Senhor Hofmann sempre dizia que preferia morrer a perder o que fora uma conquista de cinco gerações de sua família. Durante 60 anos foram pagas as dívidas a um suserano, para, enfim, obterem a liberação da posse definitiva. Depois desta forma de vassalagem, vieram os impostos tão pesados como o sacrifício que já fora feito. Cada grão de centeio tinha um preço e, desta forma, o pão negro era comido a elevados custos.

Quando, em quatro rapazes, passamos pela pequena estrada onde vergavam os pés, a conversa cheia de vida. O amigo Egelbert afirmou:



– Caro Albin, queremos dizer-lhe que será o primeiro a partir. Aqui tem um pouco de dinheiro para o pagamento das terras que vai ver por nós. Se não suportar o lugar, por ser inóspito ou por qualquer outra razão, mandar-lhe-emos o dinheiro da volta. Se considerar boas para erguemos nossas casas, escolha as terras e iremos ao seu encontro. É preferível que morramos miseráveis sob o olhar de amigos em nossa terra, que em qualquer outro lugar. Também nós que ficamos, gostaríamos de partir, mas nos falta a coragem. De toda maneira, estamos aqui, ou para esperar sua volta ou para ir até você ao nosso lugar.

Alcançaram-se um pouco de dinheiro, mas o que me comoveu foi a cena seguinte, na qual o filho do Hofmann começou a ceifar as espigas maduras de centeio e depois, com as palmas das mãos, foi colocando-as em um pano branco. Heinrich, o menor de todos, estendeu um pequeno recipiente de madeira contendo outras sementes e falou:

– Pegue estas sementes, Albin, e leve-as. quando mandar a notícia de que as flores já cresceram e que o centeio já balança na colina, poderemos ir.

– Acharei as melhores terras, prometi-lhes, e as reservarei aos meus amigos. Se delas não der para tirar boa semente, sei que pequena fortuna igual à da passagem me restará e retornarei para morrer como os Bergvagabunden, andando sem chegar a parte alguma.

Por um momento, fiquei feliz ao pensar que de toda forma não morreria em abandono e isto já era uma grande sorte para quem não tinha mais o que perder.

Finalmente, antes de partir, quero meditar sobre a minha família. Tenho a certeza de que a minha saída de Deuselbach seria bem mais fácil se não precisasse ver o sofrimento de minha mãe. Ela me olha como se quisesse gravar muito bem o meu rosto no seu espírito. Sei que a dor maior está em não saber se um dia poderei retornar. Ontem, ao passar por uma casa antiga que caía, vi cinco pardais sobre um poço abandonado: igual a minha casa...



Meu pai sempre foi um homem de coração reto. Mas nunca consegui chegar à profundidade do seu ser. Parecia que sempre estávamos um ao lado do outro. Agora vejo que quer dizer o quanto vai sentir a minha falta, mas o silêncio cai substituir o escondido sentimento. Minhas irmãs estão comigo nestes dias, como se quisessem oferecer a melhor lembrança. Tudo relevam. Em nenhum momento perdem a oportunidade de agradecer. São agradados no meio da dor. As horas tristes não deixam de ter a sua suavidade. A fatalidade faz a gente deixar as intenções pessoais de lado a vela se apaga e amanhã inicia meu novo caminho.





## **UM ESTRANHO: A EXTRAORDINÁRIA VIAGEM DO IMIGRANTE**

### **ALBIN**

Albin percebeu, no 10º dia de viagem, que os riscos da decisão tomada não eram fáceis. Mas como havia feito a sua escolha, agora tinha que persegui-la, se não para alegrar-se, ao menos para aliviar as penas pela opção feita.

Não se poderia chamar de navio a embarcação que o empurrava para o Sudoeste. Era um grande vapor, denominado Sumaca. “Meu Deus, como penam os pobres nas viagens”, pensava. “Um dia eu quero ter uma viagem confortável, em que poderei dizer à camareira: – Arrume água quente para um banho, que o meu corpo merece este cuidado. Direi ao garçom: – Traga o mel de abelha da melhor florada. Ou ainda: – Traga o vinho que faz sorrir um barão”.

Ponderava sobre as coisas, somente para diminuir o sofrimento que se havia imposto. O espaço que ocupava limitava-se a não mais de 60cm². Aquela embarcação mais parecia um navio de escravos brancos que uma população de homens livres. Confortavam-no apenas a esperança e a ideia de que era senhor de tudo o que acontecia. “Como se pode fazer uma nova pátria com gente tão empobrecida? Será suficiente a alma cheia de boa vontade para se alcançar um ideal? O que diria o Padre Hildebrand de tanta dificuldade?” A angústia era diminuída, ao imitar o vigário nas suas divagações: “Mesmo que o pão seja velho e péssima farinha e o corpo anseie por água limpa, vale a pena, se ao final de tudo, se pode ter um sonho. Quanto a ter uma Pátria digna em meio à pobreza, esta é uma questão difícil de se resolver e é exigido um pouco mais. A primeira atitude na escala da montanha é tomar conhecimento da



montanha e desejar atingir o seu cimo. A segunda atitude é preparar-se para a subida. A terceira é medir os passos nas circunstâncias, sem perder de vista o que se quer ter. a quarta atitude é manter-se forte e agir, porque a realidade se submete a uma boa ideia”.

– Ah, sim – dizia Pe. Hildebrand – Não perca a música na medida em que faz a subida. Nem tampouco suba sozinho uma montanha alta.

Impressionou-o a família cujo sobrenome queria dizer “barca” ou “aquele que navega”. Miguel tinha dois filhos menores e a esposa tinha o sobrenome Gölner. A senhora estava grávida, mas nada lhe diminuía a coragem que lhe saltava dos olhos. Esperança ou fé podia ser seu nome, porque não havia diferença entre a virtude e a mulher. Miguel tinha ao seu lado a irmã Ludwila, que era cega e falava-lhe sobre as impressões que a paisagem lhe despertava, dizendo com perfeição o nome de todas as coisas e narrando em detalhes todos os acontecimentos. Ninguém que estivesse ao redor deixava de aprender a representação que Miguel, em palavras claras, fazia do mundo. Os filhos viam tudo através das explicações do pai, com maior clareza de que aquilo que os olhos lhes mostravam. A imaginação dos meninos de 05 e 07 anos já estava quase do tamanho do mar. Era a esposa de Miguel que tinha que dar o sentido real das coisas e mostras os limites aos sonhos daquela gente que viajava com pouca segurança.

O Miguel II, como em Trier o chamavam para distingui-lo de seu pai Miguel I, penetrava em todas as coisas, sem o menor constrangimento, como se todo lugar por onde andasse fosse seu reino. Não seria porque se sentia um Imperador que o chamavam de Miguel II? O seu reino estava quase sempre iluminado. Desde que a irmã ainda menina, ficara cega, por motivo de grave infecção, era ele, como um imperador, que ia dizendo o nome de tudo que ela tocava. Assim desenvolvera a capacidade de entender as coisas e transmiti-las em palavras e os dois viam juntos o que poucos podiam ver.



Albin, ao sentir que era recíproca a simpatia que sentia pelos companheiros de viagem, pensou que com uma família tão corajosa poderia subir uma montanha sem se cansar. Completou seu raciocínio, pensando: “A pobreza não impede que ainda se possa ter iluminada a alma humana. Alguns possuem a graça, como uma luz que brilha, e não existe noite que possa apagá-la. “Não entendia por que aquela noite e na noite seguinte conseguira dormir tão tranquilamente.

Três noites após descobrir a família Miguel II, viu que a Senhora Schneider gemia a uns cinco passos do lugar em que estava encolhido. Levaram-na para um local onde pudesse, com mais distinção, dar à luz sua criança. No outro dia, Miguel chegou para o lado de Albin e falou:

– Nasceu meu filho. Vou dar-lhe o nome de Pedro, em consideração ao discípulo que gostava das águas.

Albin não esperou outra oportunidade. Tinha, como um presente, a sorte de poder firmar amizade com gente deste porte. Logo emendou:

– Desejo, Herr... como é mesmo...

– Miguel! – socorreu-lhe o senhor.

– Desejo-lhe a alegria e que o ar deste mar faça bem aos pulmões do menino. Meu nome, Herr Minguel, é Albin. Espero tê-lo como um companheiro mais velho.

A conversa estendeu-se longamente, e Herr Michel II revelou a Albin, de forma admirável, um pouco de sua história:

Meu pai é Michel I. Dois séculos foi o tempo que a família viveu dentro dos rios puxando a carga, resultado do esforço nas margens do Reno e do Mosela. Mas nos últimos tempos as embarcações maiores e com mais recursos substituíram os pequenos barcos de meus pais. Tão decepcionado estava meu pai, que, ao se despedir de mim, enfatizou: “Fique longe da água, meu filho. A terra é bem mais firme”. Desde a minha infância, eu via a humilde gente que mal comia, esgotando-se até a morte



de tanto trabalhar. Nos últimos tempos, nem mais sobravam as batatas. Não vale a pena entrar no rio e ver o sofrimento andando de todos os jeitos, beirando a margem. É verdade que se aprende muito na vida e o espírito pode se alimentar melhor quando se movimenta, mas parece que a família aprendeu o suficiente para ir até a margem e aí buscar a sua vez. Meu pai mandou que eu andasse de passo firme e de cabeça erguida.

Ao final da conversa, convidou Albin (aquele que é branco) a honrá-lo, sendo padrinho do filho Pedro. Albin aceitou o pedido, comovido, dizendo que quando chegassem ao Rio de Janeiro queria a mais bonita igreja e o mais importante representante de Deus para tornar Pedro um digno filho da luz.

Em seu canto, Albin tinha muito em que meditar durante os longos dias de viagem. Decidiu, ao fim de suas reflexões, que a escola, não importava o lugar, seria o seu principal motivo de preocupação. Ainda queria uma igreja para cantar e buscar a luz, além do pão, das vestes e da casa, que também teriam lugar em suas preocupações.

A vida não suspendia sua programação nem mesmo em alto mar. Ou melhor parecia que aí era o seu lugar preferido para levar a efeito a sua natureza. Albin, a partir do 30º dia, percebeu que os rumores íntimos eram postos a público, sem muitos constrangimentos. Os casais, durante o dia tão pudicos, à noite, em meio aos sons das ondas suspiravam de prazer. Havia até uma Fraulein que fazia questão de perder-se em murmúrios sem controle. Isso aconteceu até o 33º dia, quando uma senhora de idade, que parecia estar fazendo a viagem só para morrer no Brasil, chegou até a Fraulein e pediu-lhe moderasse os desejos, porque ao chegar no Brasil poderia até gritar debaixo das altas árvores, mas que o salão comum da embarcação não era apropriado para soltar-se em sons tão comuns à intimidade. A Fraulein que tinha cabelos ruivos, respondeu que era casada e que o marido gostava das suas demonstrações. Assim, ele se sente forte e feliz. Afinal, não podemos gastar 100 dias da nossa vida sem prazer.



A velha senhora ainda anuiu:

- Naiá dann,\* mas a felicidade não precisa ser escandalosa.

- Eu dou do jeito que quiser e dentro da noite meus gemidos e murmúrios são meus. Não quero que meus filhos nasçam sem paixão.

Naquela noite só se ouviu a aldeã ruiva:

- Himmels Gott,\*\* abençoada seja a sua obra – mas não conseguia diminuir o rumor de um generoso suspiro.

Se Albin observava a respeito da exuberância da vida, via também sobre seu extremo limite. Altmann, por insuficiência pulmonar, veio a falecer na 35ª noite. Com sacos velhos enrolaram o homem dos pés à cabeça e, depois de uma cerimônia triste, jogaram seu corpo ao mar. Depois do que presenciara, Albin levaria para sempre consigo palavras sofridas da Senhora Altmann: “Dais is zu vill\*\*\*. Talvez Deus não tenha encontrado o nosso pequeno navio neste grande mar e por isso faltou-lhe o ar até a morte”. Não havendo nenhum pastor ou padre, fizeram uma celebração em que cada um dizia alguma palavra em latim, julgando que seria esta a linguagem do Senhor para as ocasiões de morte. A mancha preta no mar ficou na retina de Albin. O Altamann resistia a afundar. Afinal, tinha decidido chegar ao Brasil e como é que deixavam um companheiro no meio do caminho?...

Naquela noite, Albin sentiu pela primeira vez que tinha estômago. Deixou o seu lugar e forçou-se a vomitar o que podia. Acalmou o corpo só às três da madrugada. – Tive sorte – resmungou consigo – porque não enjoei desde o início. Se isso acontecesse, eu estaria com o estômago nas mãos.

---

\* *Tudo bem.*

\*\* *Deus do céu.*

\*\*\* *Isto é demais.*



Após o alívio físico, sentiu também a alma um pouco mais livre. Porque não havia outro lugar, ocupou o seu, enquanto em sua mente febril passavam as últimas cenas que lhe fustigavam os sentimentos...

Numa trave da embarcação estava pendurado o Weesorge. Então, perguntava-se Albin: Como é que num navio se faz uma coisa dessas? Se ao menos tivesse deixado a viagem chegar ao final para chegar àquela conclusão... Mas quem pode perscrutar todo o caminho humano? Na verdade, Weesorge expressava um pouco o desejo de todo o mundo que andava mal naquele navio. O homem estava morto.

Ficou chocado também quando divisou, ainda, na penumbra, todas as cores que a pobreza em desalinho é capaz de mostrar num salão sem nenhum conforto. A imagem do menino Pedro, envolto em roupas velhas, apresentando o pacífico rosto adormecido, contrastava, pela serenidade, com a violência de Weesorge.

No 45º dia, um papel velho registrava o encontro com outra embarcação. Era gente humilde, acenando e desejando bom destino, como se a si mesma desejasse boa sorte, com as mãos erguidas no ar. Albin se perguntava como é que aquele vapor suportava tanto peso e como aquela gente ainda tinha vontade de cantar...

Para uma pátria benfazeja  
Vamos volver nossos olhos  
E lá onde nossos filhos  
Erguerão suas casas  
Com a madeira da floresta.  
O telhado de tabuinhas  
Nos vai guardar das tempestades.  
Não mais teremos outra pátria  
Pois que a escolhida nos acolherá,  
Concedendo terra e dela o alimento.



Adormeceu logo que as imagens foram se despedindo. Acordou de manhã, quando o vestido da senhora que dissera para a aldeã se acalmar, roçou-lhe o rosto e ela ordenou:

- Jung, stei uff, das is schonn Zeit... \*

Albin mal se acordara, quando pensou: Esta velha não suporta o prazer que alguém possa ter.

Estava cansado de comer pão de centeio e de ver a mesma gente todos os dias. Ao chegar a 60ª noite, alguém subiu num tambor de água e começou a gritar, buscando animar-se:

- Já estamos chegando, liebe Laitel!\*\* O que procuramos, as nossas vistas quase alcançam! Daqui a vinte dias, pela direita do nosso navio, quem quiser poderá ver como são altas as montanhas e como são férteis os vales de nossa nova terra.

A alma de todos estava saudosa e, uma canção se fez, de uma tímida voz, para a voz da embarcação inteira:

Saudade é uma velha canção de Taiga  
Que minha mãe já cantava naquela época.  
Saudade estava no jogo da Balalaika,  
Quando soava, à noite, diante da casa.  
E hoje, disto só restam curtos sonhos  
Que em longas noites tantas vezes ressurgem...  
E mil angústias por deixar de ver  
Mais uma vez a querida Taiga.

---

\* *Jovem, levante, já está na hora*

\*\* *Querida gente*



.....  
Eternos rios, campos cobertos de orvalho,  
Tudo eu gostaria de ver mais uma vez.  
Saudade é uma velha canção de Taiga.

As vozes e a canção, aos poucos, foram silenciando e quase todos tinham uma lágrima. A fraqueza no corpo de Albin não revelava apenas que fisicamente, haviam decaído suas forças, o desânimo deixava, aos poucos, seu ser em pedaços. Se nesse instante a morte lhe assomasse, aceitaria dormir em paz. Uma surda dor, uma tristeza, a impotência diante da incômoda revolta se avizinharam de Albin. Chorou um choro rápido e, num relance, veio-lhe o pensamento de pôr um pouco de alegria naqueles profundos sentimentos.

Alguém tocou-lhe o ombro e um novo rosto se iluminou. Havia nele suavidade escondida. Da parte de Albin, aconteceu um gostoso constrangimento. Um despertar de emoção que revolvia seu peito...

- Wie heisst du?\* - balbuciou.

A voz serena, como a tarde que se fazia, respondeu:

- Magdalena...

- De onde vens que não tinha te visto?

- Do porão imundo.

Pelo regimento da embarcação, não podia haver integração entre as classes do navio.

- Meu Deus, pode haver inferno pior do que o meu?

---

\* *Como é o teu nome?*





- Isto é o paraíso perto da sujeira que minha família pode comprar lá embaixo. – retrucou, afável, a moça. Não suportei mais o cheiro de podridão e vim ver se aqui em cima se tem um pouco mais de sorte.

- E encontrou?

Com inocência, afirmou:

- Sim. E, carinhosamente, pronunciou o nome de Albin...

Os dois fizeram um longo silêncio e um olhar de desvelo encantou-os. Finalmente, ela disse:

- Agora vou baixar para o meu lugar, antes que os guardas me expulsem daqui...

- A tua visita vai me ajudar a suportar a minha viagem, consegui balbuciar, em agradecimento, o rapaz de Deuselbach.

Naquela noite, Albin dormiu como se o chão estivesse coberto com folhas de outono.

O dia seguinte era o 80º dia de viagem e, pela novidade da noite anterior e consequente disposição, sentia-se como se tivesse saído de Deuselbach no dia anterior. Foi conversar com Herr Michel II e suas palavras fluíam com sabor. Nem a falta de lazer, nem o alimento sem gosto de todos os dias, nada lhe tirava o brilho dos olhos e a louca alegria que estava no seu peito. Estava por conta do 79º cair da tarde, numa velha embarcação que agora descobria ter um porão cheio de gente e uma moça de nome Magdalena que, em cinco minutos, desfizera todas as más impressões da viagem. Perguntou ao companheiro se por acaso ele tinha uma ideia para convencer o guarda a deixá-lo visitar uma moça que estava no porão.

Michel II respondeu-lhe com outra pergunta:

- E como fez ela pra subir?



Entendeu, então, Albin, que a visita havia sido notada e falou apenas que não sabia.

- Mas pelo bem que ela lhe fez, mais bem poderá você fazer-lhe, com certeza, se lhe devolver o gesto carinhoso. Vamos até o guarda.

- Não! Não retrucou Albin, não sei explicar as razões que possam convencer o guarda a deixar-me descer.

Michel II que sabia explicar-se com clareza a respeito de tudo, decidiu: Não há outro jeito, meu jovem Albin. O amor também precisa de algumas palavras, senão, não se saberá o que fazer dele.

Foram até o fundo do salão, onde mal conseguiram chegar, porque a pobre gente já estava irritada e os cuidados com o alinhado não presidiam mais a distribuição do espaço que cada um devia ocupar. De todos os lados vinha um mau cheiro. "A pobreza não ajuda nem o corpo nem a alma", lembrou-se Albin, das palavras do Pe. Hildebrand.

Comentou Michel II:

- Explicaremos com sinceridade a tua situação. Se o homem for sensível, é capaz de te deixar descer. Para melhorar a situação perguntaremos se ele não teria como ajudar a um rapaz que quer consolar a amada, numa viagem tão difícil. As pessoas tendem a ser mais amistosas, quando se lhes pede auxílio nas necessidades. Com muito tato, explicou a situação do jovem, falando sobre seus sentimentos:

- Britte.\* Este jovem precisa do seu socorro numa dificuldade, a qual ele não tem condições de transpor sozinho. Há uma moça que pede a presença dele com muita insistência. Não sabe ao certo o mal que a acometeu ontem, ao entardecer. Ele precisa da sua ajuda para encontrar-se com ela. O senhor poderia dizer-lhe como se pode fazer isto?

---

\* *Por favor.*



- Esta mesma moça de quem o senhor fala, ontem pediu o mesmo socorro para ajudá-la a ver um rapaz que foi acometido de um mal. Na ronda que fiz, percebi que o jovem não estava acometido de mal algum.

Albin não sabia onde pôr as mãos, ou melhor, o corpo todo, e daria o seu último dinheiro ou preferia mendigar a continuar o rumo da conversa. Entretanto, Michel II, em atitude muito digna, diversa daquela que assistia Albin, disse ao guarda:

- O mal que acometeu os dois nada tem a ver com doença. Ele está ferido no coração e somente a garota que viaja no porão será capaz de dissipar-lhe a dor.

- O regulamento diz que somente em situação de calamidade é que se pode romper com a proibição do intercurso entre as classes. Tenho que cumprir com severidade o que está estabelecido. Ontem, quem fazia a guarda não soube armar-se de suficiente austeridade e agora sobre punição. Mas com certeza, senhor, bem logo os dois poderão se ver. Peço-lhe a gentileza do segredo. Pela pequena saída, vê-se o céu sereno, mas também vêem as nuvens no horizonte. Elas dizem que dentro de cinco horas haverá uma tempestade. Vai ser uma calamidade! É o tempo que o jovem deve esperar e eu o recrutarei para auxiliar nas tarefas extraordinárias, durante a ventania.

Voltaram, Michel II e Albin, para o seu reservado espaço. Agora estavam avisados do perigo que se abateria sobre o mar. Uma serenidade pesada pairava nas águas e no céu. Os dois sentaram-se, lado a lado, e, para aliviar-se do embaraço em que se encontrava, Albin disse:

- Desculpe, Senhor Michel, do meu egoísmo está resultando grave preocupação.

- Meu jovem rapaz, vai ver até o céu está revoltado pelo descompasso do seu coração. Nada de bom se consegue, se não se é um lutador valente. Estarás purificado pelo trabalho insano e o puro amor se



derramará sobre ti. Enquanto esperamos a tempestade, deixa que eu te conte alguns sonhos da minha aldeia...

Nasci em Theley, pequeno povoado de Trier. De lá, se vê o alto das montanhas de Hunsrück. Numa delas ainda hoje cresce a mata e nela, dizia minha mãe, moravam os duendes que controlavam o amor humano. Distribuía, nas noites de inverno, o amor que conseguiam recolher daquele que havia em excesso nos dias do outono e da primavera. Nos flocos de neve espalhavam o suave sentimento, para que os aldeões fossem mais leves. Certo dia, um caçador maldoso feriu de morte um dos pequenos duendes, enquanto ele aprendia sobre as coisas do amor de uma pequena escola do alto da floresta. Desde esse dia, todos os duendes resolveram guardar o amor para os seus próprios filhos. Isso fez com que, no próximo inverno, o suave sentimento que agasalhava os aldeões dos sentimentos de inveja e vingança, deixasse de cair nas casas da humilde gente. Desta maneira, os bem-afortunados se tornaram mesquinhos, o rei começou a criar leis de interesse próprio e os aldeões não conseguiram mais viver em paz. Quem mais perdeu com a atitude dos duendes foram os jovens que se casavam. Antes tinham o amor como uma fogueira de chão durante sessenta anos, mas depois, com muito esforço, apagava-se com o menor descuido.

Mal Albin conseguira pensar que os duendes da América Latina não haviam conhecido o tiro do caçador, quando ouviu a voz forte do guarda, gritando:

- Cheguem mais perto de mim aqueles que quiserem ajudar a tripulação!

Como o jovem e Michel II sabiam do que se tratava, dirigiram-se, sem muita reflexão, até o local do salão reservado para a água. Já



escurecia e alguns dos viajantes perguntavam por que tão cedo se fazia a noite. O guarda falou muito alto, para quem quisesse ouvi-lo:

- Escutem bem o que eu digo. Em poucos minutos, a embarcação que agora apenas balança, se agitará muito. Faz vinte anos que transporto gente em navios como este e até agora nada de grave aconteceu. Quanto mais vocês permanecerem bem distribuídos, melhor o navio aguentará o vento. Se ficarmos firmes, nada acontecerá. Preciso de homens fortes para esticarem as cordas de uma pilastra e outra. É nelas que todos devem se firmar quando houver agitação na água.

Em pouco tempo, as cordas estavam estendidas. Conforme a previsão, o navio começou a balançar, instável.

Albin foi até o guarda e dispôs-se a trabalhar no porão. A oferta foi aceita. Ele desceu feliz, para auxiliar aqueles que estavam no pior lugar. A primeira ação foi olhar em todas as direções até divisar, na penumbra, o agrupamento humano em maior dificuldade. Falou alto, repetindo o que já aprendera. Na movimentação, não se cansava de buscar a moça Magdalena. Encontrou-a, apoiada pelo pai, porque o navio já estava agitado.

Magdalena, mal conseguindo ficar em pé, apresentou o progenitor a Albin, que apenas conseguiu dizer:

- É um prazer conhecê-lo, meu senhor.

Nisso, um fragor e um gemido profundo saiu do interior do navio. Foi então que cresceram todas as emoções e ninguém mais podia evitar que o coração falasse bem mais que a razão. No exato momento em que Albin congiu Magdalena com a mão direita, enquanto firmava a esquerda na corda, foi que a embarcação se inclinou em muitos graus e uma onda atingiu a escotilha que estava a dez passos acima deles. Um jorro violento de água atingiu o casal. Por alguns segundos, Albin perdeu a moça de vista. Mas logo pôde estreitá-la nos braços e recuperou as forças. Naqueles instantes, a natureza agia sem constrangimentos: um pobre



homem agitava desesperado, confessando, em brados, a culpa de ter abandonado a família. Outro ainda, em raiva compulsiva, berrava contra a vontade de Deus, dizendo que poderia afogá-lo, se este era seu prazer. Uma senhora que rolava com as águas, abriu sua alma, em pedaços, e, com certeza, ninguém poderá esquecer as suas palavras pelo resto de suas vidas: “Tenha pena de mim, Senhor”. O pavor tirou-lhe da garganta um grito agudo e, logo a seguir, uma suplicante voz dizia: “Ajudem-me, que estou sozinha”. Uma criança agarrava-se à corda e seu gemido infantil revelava angústia desmedida.

Um jovem ferido na testa e banhado com água e sangue, orava em paz: “Leve minha vida diante de teu poder e apague todo meu ser”.

Albin, apesar de todo desespero e quase impotência, vergou, por instantes, por ver tanta dor. Nunca mais na vida lhe abateria tão forte compaixão. Quisera aliviar a dor que oprimia os seus, mas estava mais abandonado que uma pomba diante de um tiro. Como um relâmpago, passou em sua mente a ideia de que o homem pode ver a sua dor. Todos os movimentos convulsivos agitavam-lhe a alma. Havia uma loucura fora e dentro de Albin. Os seios de Magdalena desenhavam-se belos e fartos, fazendo-o sentir desejo deles. Ainda, apesar do clamor dos ventos e do profundo som do mar, sorriu, ao perceber, dentro de si, a paixão trocando de cor e estado, como se fora a própria tempestade. Não poderia esquecer-se jamais das formas e do tamanho que tem o ser humano.

Os relâmpagos iluminavam o interior do navio, fazendo seu claro, azul-escuro. Frio como a lâmina foi aquele homem que afastou de uma pilastra duas crianças para conceder o mesmo espaço aos seus filhos pequenos. Nem mesmo a triste voz das crianças despertou-lhe um pouco de piedade. Assim se passaram aqueles insanos 20 minutos. Aos poucos, menos fragorosas tornaram-se as ondas. Com menos agilidade afastavam-se as paixões revoltas. A mente da pobre gente estava sem nenhuma serenidade. Uma voz forte ecoou do porão:

- Gente desta embarcação, a tempestade passou!

Para a maioria, não foi suficiente a voz animadora. Estavam entregues ao sabor irracional de primitiva defesa. Cada um expôs vivamente os mecanismos de que dispunha o coração do homem. Poucos foram aqueles que conseguiram manter a consciência como arma naqueles momentos de terror. Como de um pesadelo, acordaram-se irrequietos. Boa parte estava em convulsão, principalmente, os pais que, agitados procuravam seus filhos.

A mãe de Magdalena tranquilizou-se quando viu a filha. Albin conheceu os dois irmãos dela. Controlando ainda o medo, Magdalena gaguejou:

- Der is de Älteste und der ist de Jüngste:\* Filip und Jacob. Foi quando se ouviram gritos de desespero e uma pobre mãe trazia sua criança morta, que se havia ferido contra os ferros do porão. Levaram-na e ao seu marido para os aposentos reservados à preparação daqueles que faleciam. Ao entardecer, jogaram o corpo do menino no mar e das palavras de angústia da mãe, Albin guardou: “Como em tão grande cemitério, poderei te encontrar, quando quiser te oferecer flores?” O pai mantinha-se ereto, como se a morte devesse ser vencida como um inimigo, a quem não se deve mostrar fraqueza.

Como um rito já ensaiado, foram conduzidos os dois dias que se seguiram: enquanto limpava-se o porão, os seus ocupantes, depois de encontrarem as suas roupas, secaram-na no convés. Foi um privilégio desfrutar do mar sem o limite da meia hora, concedida nos outros dias. Os guardas e a tripulação sabiam do perigo de uma epidemia, por isso, evitavam o porão enquanto o ambiente estivesse úmido.

Às três horas da tarde no 82º dia, estavam Magdalena e Albin olhando em frente por onde ia o navio, quando avistaram, ao longe, a

---

\* *Este é o mais velho e este é o mais novo.*



terra. Foi motivo suficiente para animar os sonhos do rapaz. Com o olhar fixo na terra distante, dizia:

- Será uma ilha ou a terra que vai receber o trato de nossas mãos? Que seja a terra onde as sementes dos meus amigos serão lançadas. Olharei adiante e não verei onde ela termina. Ainda em outubro, poderei escrever: “Podem vir que, uma vez plantadas, as flores e o centeio já crescem. Vejo a casa rústica no meio das árvores deixadas para os pássaros”.

Magdalena que, não querendo acordar os sonhos de Albin, perguntou, dando asas às suas palavras:

- Quem te olha da casa com as árvores deixadas para os pássaros? Deixe-me ver melhor.

Albin começou a descrever as feições de Magdalena. Ao tocar os dedos dela, sentiu uma corrente generosa perpassar-lhe. Sem negar a energia e o prazer que sentia, mas para diminuir a sensação, continuou:

- Und de schönste Weg Kommt von kleinen Berg.\* Deus guarde este instante que eu vivo agora e o reserve para as tardes, quando eu chegar em casa.

- Quem te ensinou a dizer estas palavras, Albin?

- Foi um padre, senhorita Magdalena.

Nunca vi um padre nem um pastor soltar a palavra com prazer. Eles parecem querer que o corpo tenha gosto azedo.

- Padre Hildebrand é diferente. Bastaram cinco anos para me ensinar que Deus é mais generoso que uma pipa de vinho e que cada hora feita de alegria ou de sonho valem muito, porque aí está a sua graça.

- Mein Gott, bist du frech!...\*\*

---

\* *E o mais belo caminho vem da colina.*





- O Deus do Padre Hildebrand não tinha mais um chicote na mão. Ele dizia que os pobres já sofriam demais em Hunrück para que Deus os castigasse mais ainda. Apenas para não despertar a fúria dos antigos párocos é que usava duras palavras, mas nas conversas íntimas, dizia para as moças e rapazes palavras tais que a alma da gente ficava como uma pomba que se livra das mãos de um caçador.

Magdalena estava assustada com o Deus de Hildebrand. Seu Deus era bem mais sisudo que o dele, mas preferiu o de Albin. E pediu-lhe:

- Fale mais sobre o Brasil. E mais sobre a aldeia que queres para ti e para os teus filhos...

- Senhorita Magdalena, e a respeito da tua aldeia não queres que eu sonhe?

- Espero que seja a mesma que a tua, respondeu-lhe, comovida.

- Estás falando como uma sonhadora!

- Werglich. \*\*\* A palavra de teu Deus se aprende com alegria. – Continuou. A nova aldeia é muito pequena. Tem uma igreja e uma escola. Mas ouço cantarem nossas crianças. São fortes. Faz pouco que as árvores foram cortadas e começaram a misturar-se com elas a pomba do mato e os animais domésticos. Tem vida a aldeia e vejo mais uma vez a casa erguida junto à colina e a mulher arruma, com alegria, o seu interior.

Magdalena estava tão feliz que o mar lhe parecia um riozinho. Nada lhe poderia perturbar o semblante quase iluminado pelo bom sentimento que lhe fazia bater o coração.

---

\*\* *Meu Deus, como você é irreverente!*

\*\*\* *Verdade.*



Nesse instante, começaram alguns rumores e uma irrequieta onda agitou as pessoas. Nem se havia passado um minuto, quanto a voz do guarda impôs-se austeramente:

- Todos aos seus lugares!

A voz estava tão firme que produziu efeito imediato. Às pressas, cada um devia encontrar o seu lugar.

- O que teria acontecido de tão fatal assim, para que a voz do guarda fosse tão decidida? – perguntou-se Albin, que levou Magdalena até a escada e o olhar que lhe dirigiu, valia mais que um beijo. Mais austera voz ainda se ouviu:

- Jeder ein auf seimen Platz! \*\*\*\*

Albin tinha conseguido algumas regalias, pois o seu comportamento durante a tempestade teve o reconhecimento até do Capitão que lhe disse:

- O seu comportamento é digno de respeito e seu nome constará na história deste navio.

Albin, no entanto, não tinha preferência por alguma fila em especial. Ainda bem que ninguém sabia o quanto lucrara com seus gestos prestimosos. Encheu-se de coragem e murmurou ao pé do ouvido do guarda que lhe tinha simpatia:

- Herr Godfred, o que está acontecendo agora nesta embarcação?

O guarda falou, sem, entretanto, mover sua cabeça:

- Dois homens sem respeito tomaram a mulher de um agricultor e abusaram dela. Amanhã, às seis horas da manhã, serão fuzilados. O capitão assim o decidiu.

---

\*\*\*\* *Cada um no seu lugar!*



Albin voltou ao seu lugar antes que se tornasse inconveniente, não sem dizer:

- Danke schön.\*

Recolheu-se ao seu canto, movimentando-se com tanto cuidado, como se isso pudesse garantir que nada de mal aconteceria com relação ao que sonhara no convés. A sua aldeia construída poderia desaparecer ou Magdalena sair de casa. Naquela noite, tomou em paz a sua sopa de legumes secos.

No outro dia, às seis da manhã, ouviu os tiros que sobre ele se fizeram. Imaginou que nus fossem jogados ao mar. A nudez não lhes concedera dignidade e, pior, haviam-na perdido, na ofensa à mulher do agricultor.

Na hora do pão de centeio, surgiu o comentário de que dez homens seriam condenados, porque eram assassinos e estupravam mocinhas no navio. Albin reconheceu que a ignorância torna a cabeça vazia e, como o vapor, as ideias se formam sem coerência. Mais convencido estava sobre a necessidade de escola em sua sonhada aldeia.

Noventa dias já estavam naquela gaiola e os ânimos começaram novamente a se esgotar. A tempestade diminuía os murmúrios de desagrado, mas parecia voltar a irritação. Albin deixava o dia deslizar, mas também estava inquieto. Já tinha gasto todos os sonhos e repassado, parte por parte, o seu futuro.

Na 95ª noite, quando cada um buscava tirar suas últimas forças para suportar aquela travessia, ouviu-se no salão onde Albin ficava, um som de gaita e uma voz firme que cantava:

---

\* *Muito obrigado.*



“Este é o mar de nossa esperança,  
A terra nossa nos deixou a ver navios.  
Nossas florestas não mais farão sombra sobre nós.  
Nem ao menos as festas das aldeias nos alegrarão.

Ó gente! Ó gente, não se chora mais o vinho,  
Teremos uma aldeia nova.

Os ricos senhores tomavam nosso trabalho  
Pelo preço de uma batata  
E o que valiam nossos filhos nas montanhas?  
Não mais que uma cebola apodrecida.

Ó gente! Ó gente, não se chora mais o vinho.  
Teremos uma aldeia nova.

Tiremos a lágrima dos olhos  
E olhemos para frente.  
Já podemos ver a aldeia.  
As nossas filhas virão ao nosso encontro  
Estão contentes pois que temos um ótimo lugar”

O gaitero solitário, sem querer, criou o hino que a todos unia.

Miguel II comentava na tarde do 99º dia, que aquele canto facilitava a viagem. Todas as noites, antes de dormir, cantavam com brio:

Ó gente! Ó gente, não se chora mais o vinho.  
Teremos uma aldeia nova.

No 105º dia, foi que uma voz alegre saiu de cima do tambor de água: “Já se pode ver o Rio de Janeiro! Para alguns homens, este é o

último lugar. Assim como abastecemos em outros lugares a nossa embarcação, aqui também teremos esta tarefa. Ficaremos durante dez dias nesta cidade e depois iremos até o Rio Grande do Sul”.

Mais que o desejo de pisar o chão e conhecer terras, Albin não continha a alegria, porque o porão lhe devolveria a sua Magdalena. “Para um amor nascido no mar, 25 dias é um tempo quase infinito”, afirmava para si mesmo. Quando ela surgiu na boca da escada, teve medo de que seu peito não conseguisse segurar o coração que saltava. Estreitou-a nos braços, para sentir que tudo o que tinha estava aí.

Em ordem foram saindo e, em pouco tempo, estavam em terra firme. As famílias foram separadas e um representante das forças militares, com um grupo de homens, conferenciava com os jovens que chegavam. Albin estava atento a tudo. A pele mais escura do rosto mostrava que não só a terra, mas a gente era diferente. Todos andavam devagar, como se o tempo fosse algo sem muita importância. Ao ver o primeiro negro, sentiu a curiosidade saltando-lhe pelos olhos. A serenidade do homem doeu-lhe no estômago. Devia ser escravo, pela indiferença com que fazia o carregamento das bagagens até a casa dos imigrantes. Quando chegou a sua vez, perguntaram-lhe, através de um soldado alemão, se desejava integrar as forças militares do Brasil. Respondeu que este não era o seu interesse. Logo a seguir, o soldado alemão disse autoritário: Nächster!\* Ficou ao lado e ouviu, pela primeira vez, a nova língua, mas gravou as palavras: “branco, alto e forte”. Daqueles que afirmavam que pretendiam fazer parte do exército brasileiro, era tirada a medida da estatura e do tórax. Quando deu por si, estava quase a sós, ao distrair-se com a andar de uma mulata, cujo corpo era belo e o seu traje apresentava um colorido alegre, diferente das roupas que as mulheres Deuselbach usavam. Não podia definir, mas parecia que os movimentos eletrizantes das mulheres daqui não tinham muito pudor e aos homens

---

\* *Próximo!*



faltava decisão. A sorte de Albin foi o soldado alemão indicar-lhe o albergue para os pobres que chegavam.

Como o trabalho terminava com desembaraço, Albin perguntou-lhe se não era demais conversar um pouco sobre a vida que aprendera a levar aqui. O soldado falou-lhe sobre uma vida exuberante e um tanto indisciplinada e que o espírito das pessoas no Rio de Janeiro é como uma festa, pela sua alegria e generosidade. Afirmou ainda, que o trabalho nesta terra é como se fora feito só para escravos e que por isso, não era bem visto por ninguém. “Nem os negros gostam de fazê-lo e no dia em que forem livres, e conforme tudo indica será para breve, não vai sobrar ninguém que queira reservar o resultado dos seus esforços para o futuro. Aqui, todos gostariam de ser o filho do rei. Todos têm um pouco de dificuldade para obedecer. Ainda não se acostumaram com a independência. Parece que se alegravam em enganar Portugal e, por vício, enganam a si mesmos. Aqui vale muito uma boa amizade, até mais que um direito”.

Ao chegar ao albergue, Albin desligou-se de tudo e o novo mundo passou a dar-lhe as primeiras luzes. Era tarde, estava cansado, e, por isso, aceitou o pior canto do albergue, sem reclamação. Já se acostumara a deitar sem proteção. O chão nu era-lhe familiar. Apenas não podia afastar-se de seus pensamentos. Estes sim, eram-lhe o conforto.

Antes que os companheiros acordassem, levantou-se e quis ver a manhã. Viu que a terra tinha um dom que não sabia descrever. Nem o ar, nem o sol, nem mesmo a cor das árvores estavam domesticados. A natureza não estava pacificada. Não contente em espreitar a vida, foi-lhe ao encontro. De perto, viu a cor das mulheres e dos homens. Não podia se conformar com a cor pálida da sua gente, quando aqui, a cor era tão viva. Teve uma certeza: não retornaria enquanto este cheiro de vida lhe insultasse a alma. Sentia, entretanto, que todas as coisas estavam mais ou menos em desordem. As pessoas passavam junto à sujeira, sem se preocupar. Parecia que não as incomodavam os acontecimentos. Quis incriminar uma senhora que passava elegante numa carruagem, seguida



por quatro negros velozes, que corriam de cabeça erguida. Albin ficou vermelho de vergonha. Mas eles não... seguiam seu destino como se nada pudessem fazer. No seu interior, diminuiu a incriminação à nova terra quando se lembrou do que lhe fizeram os ricos senhores. Aqui os negros corriam velozes atrás de carruagens de lindas senhoras, mas ao menos o alimento era farto. E eles, que em suas aldeias, morriam de fome... Além do mais, esta terra os recebia e oferecia razoáveis condições de vida. Fez dela a sua companheira.

Não poderia descrever jamais o sentimento antigo e inebriador que o encantava. Sem perceber, começou, no meio da visão nova, mais que exuberante, a assoviar uma canção alegre e ficou surpreso, porque alguém que ia atrás dele, o imitava na sua melodia. Era um padre. “Meu Deus, um padre fazendo festa no meio da rua, às sete horas da manhã”. O homem foi perguntando sem nenhuma cerimônia:

- Kommst du aus Deutschland?\*

Estava surpreso demais com tanta falta de cerimônia. Na verdade, aqui os ritos e os costumes não têm vez. Nem mesmo o padre tinha aquele ar de beatitude. Com palavras escolhidas, explicou quem eram e o conduziu até o albergue. Ao chegarem, o padre foi saudado alegremente, como se todos fossem velhos conhecidos. O padre explicou:

- Sou Pe. Clemente e cuido das famílias de suíços que trabalham na serra de Teresópolis. Em nome deles, desejo que tenham sorte, que sejam felizes no Brasil, o que não é muito difícil. A terra é boa e farta. Estive conhecendo o Sul há cinco anos e lhes garanto que melhorou muito, pela conversa que tenho com outros imigrantes que estão indo para lá. Bem-vindos, liebe Leute!\*\*

Logo a seguir, Miguel II disse-lhe que queria batizar seu filho. Pe. Clemente afirmou que no próximo domingo, na Capela do Internúncio

---

\* *Vens tu da Alemanha?*

\*\* *Querida gente!*



Apostólico, Mons. Ghigi iria realizar os batismos. Como era segunda-feira, Albin ficou feliz, uma vez que teria tempo suficiente para conhecer a terra e a gente que os recebia. Deveria caminhar de cabeça erguida por onde quer que andasse, pois não se pode caminhar com temor em terra estranha. Pe. Hildebrand dizia-lhe que os lobos se tornam vorazes diante das ovelhas, porque elas se apavoram. Nem a provocação e nem o medo são boas virtudes para se haver bem entre os homens. E quando se tiver que endurecer a palavra ou o gesto, é preciso que seja rápido e sem desespero. As pessoas gostam de uma clara decisão ou a temem.

A comissão de recepção do Palácio Imperial daria uma palestra na quarta-feira. Diziam alguns que o próprio imperador, a exemplo de seu pai, iria falar sobre o ânimo que deveriam ter e sobre a alegria de encontrarem uma nova pátria.

Desde que Herr Wutteberg perdera o filho, ferido na cabeça, por ferros, no porão, estava dominado por um forte sentimento e seu rosto dizia que transportava um vulcão no peito. Foi na tarde de terça-feira, dia 27 de agosto de 1846, que ele perdeu a cabeça e suas palavras começaram a sair-lhe da boca como se fossem lavas. Falava assim, porque alguém dissera que a querida Alemanha, com seus vales e montanhas, quase o matava de saudade... Foi nesse exato momento que o homem se exaltou e começou a dizer impropérios e, em relação ao que fora afirmado, “quase morro de saudades”, falou: “Ich sicha net<sup>\*\*\*</sup> ... Não terei mais nem um pouco de respeito pela terra que me concedeu os dias. Nem as andorinhas e nem o cuco cantarrão no meu interior. Fiz voar as recordações e de outras novas devo fazer meu sentimento de gratidão. Um homem não pode viver sem estar agradecido. Mas de minha terra natal não quero nem mais ter notícias e digo por quê. Apesar de meu esforço diário, fui perdendo a herança de meu pai. E quem fez isso? Os ricos senhores, com a permissão do governo, tiraram de mim o meu vale verde. E o que deu a minha pátria em troca? Um pouco de roupa velha e a

---

<sup>\*\*\*</sup> *Eu, com certeza, não.*





passagem no porão. E o que vai dar a Alemanha para que eu possa viver aqui? Nada, com certeza, nada! Brasil, tenho certeza, vai oferecer-me a terra onde sustentarei os filhos que me sobraram da morte. Amanhã, é bem possível que o jovem imperador venha nos saudar. Qual das minhas autoridades esteve junto para desejar que a viagem me fosse leve? Ninguém! São até capazes de não ter vergonha e cobrar um bom tratamento do Brasil. O que não souberam fazer, exigem dos outros. Viva a terra que me recebe!”

Sentou-se a seguir, num canto do albergue. Percebia-se, através do movimento das costas, que chorava, e também escondia o rosto entre as mãos. Desse dia em diante, quando Albin via uma pessoa perdendo o controle das próprias emoções, chamava-a de “27 de agosto”. E uma pátria nova, tão desprotegida, que precisa mandar vir soldados de fora, com certeza, poderia, por muito tempo, ser chamada de “27 de agosto”. É como uma criança, pensava Albin, e além de tudo, nascida do sofrimento. Não deixaria que lhe estragassem o dia e faria esforço incomum para que o Brasil não se decepcionasse com ele. Riu de sua pretensão, não porque não acreditasse que fosse capaz de com suas mãos, produzir coisas importantes, mas porque Pe. Hildebrand dizia:

- Mesmo que sejas um grande poeta, um grande herói ou mesmo um santo, não passas de uma humilde pessoa.

Nem queria tudo isso, queria ser apenas um bom agricultor. Entretanto, não podia renunciar à responsabilidade de ter um pouco das três virtudes, para que pudesse ter orgulho de si mesmo: fé, esperança e caridade.

Na quarta-feira de manhã, tomou coragem e solicitou ao chefe da comissão da recepção dos imigrantes licença para ver a sua Magdalena. Ficou impressionado com a boa-vontade do chefe, pois o único argumento verdadeiro que tinha era que queria ver a namorada. Foi até a casa das mulheres e, ainda no caminho, viu alguém que lhe abanava do pátio do albergue. Sentiu-se um pouco envergonhado por ter ocupado o tempo de



três dias vendo um pedaço de terra e um punhado de gente que seria a sua. Ao chegar perto de Magdalena, viu nos olhos dela, a alma vibrando no rosto. Os olhos expressavam o que o resto do corpo não podia fazer. Principalmente, as mãos e a boca estavam presas pela inibição.

- Albin, por que não veio me visitar antes?

- Pensei que não me deixariam te ver. Em terra estranha, é difícil saber o que é certo e o que é errado. Aqui parece que os homens são mais livres e as mulheres não têm no recato uma grande virtude.

Magdalena se ofendeu e disse-lhe que não concordava em perder o que tinha trazido da Alemanha.

- Não se incomode, Magdalena, não vou te trocar por nenhuma mulher deste porte. Que este sol quente batendo em teu rosto e nos meus ombros nos deixa mais atraentes, eu não tenho dúvida.

- Langsam, langsam, mein jung!\* As tuas mãos primeiro, vão erguer nossa casa, sem mesmo esquecer o jardim. Nem sequer o futuro pode ser abandonado. Só depois irei sozinha contigo a qualquer lugar. Só depois a recompensa...

Para provar que o sol, a brisa, o chão, enfim, o ambiente natural e a gente tinham tocado o peito de Albin, ele encostou a mão no joelho de Magdalena, o que foi o suficiente para assustá-la. Percebeu que melhor faria se falasse sobre os planos para resolver as questões de sua terra e casa, a avançar na intimidade.

Na tarde daquele dia, puseram todos os imigrantes as suas melhores roupas e foram ver o imperador. Albin surpreendeu-se ao ver um rapaz da sua idade como imperador e ficou perplexo quando lhe disseram que já governava o Brasil desde os 15 anos. Ouviu, com clareza, o que o imperador falava, através de um tradutor.

---

\* *Devagar, devagar, meu jovem!*



- Bem-vindos ao Brasil! Esta é a vossa pátria. Com vossas mãos, esperamos que ela seja servida e com vossos corações, amada. As vossas terras do Sul estão medidas e as sementes estão à Vossa espera. Que vossos filhos tenham orgulho de crescer à sombra de nossa bandeira. Sejamos irmãos, pois que a todos abriga a mesma pátria.

Logo que ele se afastou do meio do povo, um representante oficial, com ares de professor, explicou-lhes o Hino Brasileiro e o sentido da bandeira. Albin gravou os versos do hino, que mais lhe chamavam a atenção!

“Brasil um sonho imenso, um raio vívido  
De amor e de esperança à terra desce”.

Na verdade, “um sonho intenso” era o que lhe fizera atravessar o oceano com tantas dificuldades. A bandeira, com a fulgurante cor, despertava-lhe uma extrema jovialidade e uma multiplicidade de expressões quase infantis. Era a fisionomia visível de uma nação que nascia. Gostou do respeito que demonstravam com relação aos que chamavam. Muito mais grandeza de alma havia naqueles que os recebiam, do que naqueles dos quais se haviam despedido. Albin estava com as ideias em desalinho. Afinal, tantas surpresas havia em cada momento, que não sabia como pôr em ordem todos os acontecimentos. Conformou-se com a situação, ao pensar que colocaria em ordem as suas ideias, escrevendo para o Pe. Hildebrand, quando chegasse ao seu lugar de destino.

Seu mestre havia lhe dito certa vez que tudo o que está fora do homem, está também dentro dele. Que a natureza e sua paisagem instruem a alma humana. Por isso, queria ver o que mais se apresentava aos seus olhos, seja o que fora feito pelo homem ou o que a natureza quisesse lhe oferecer. Na verdade, a exuberância das cores, os sons das



cigarras e dos pássaros, o cheiro forte das sementes dificilmente poderiam auxiliar em gestos medidos. A diversidade das gentes que caminhavam sem pressa queria lhe dizer que aqui é um lugar sem extremas definições.

Caminhando pelas ruas, aprendendo as primeiras palavras, foi desta forma que o rapaz de sonho intenso passou os próximos dois dias.

“Conheça tanto que nunca seja apanhado de surpresa, fale e escreva corretamente. A palavra é o único instrumento de salvação, meu filho”. Foi o mestre de Deuselbach que lhe ensinara a respeito de como viver neste mundo com um pouco de dignidade e julgava ele que a consciência devia ver tudo tão claramente como se sobre ela o sol estivesse a pino. O sofrimento de um cego está em não saber por onde andar, concluía o seu sábio, que lá ficara.

No sábado, ainda cedo, foi visitar Magdalena que, ao vê-lo, disse que isso aqui era um inferno. O rapaz passou duas horas e meia explicando, com carinho, que os negros não tiveram sorte diferentemente da deles, ainda que a liberdade lhes fora roubada. Que os gestos lerdos eram também um jeito suave de ser. Que a palavra solta e desenfreada desta gente também era uma maneira de inventar. Convenceu-a, por fim, de que o afeto que andava pouco na Alemanha, aqui era farto. Da gente daqui, tinham que aprender como teriam que ensinar. “Ó Magdalena, o inferno é perder a graça”.

- Deus seja louvado! – sussurrou em seu ouvido a filha do Senhor Liebenberg – que você possa me animar todos os dias no meio da alta floresta.

- Assim seja! Que os pássaros e os animais em suas tocas possam nos alegrar – brincou o filho do carpinteiro.

Estreitou-a tanto, que sentiu em seu corpo o calor gostoso de sua juventude. O beijo suave e longo que os lábios se deram, estava repleto de promessas e, acima de tudo, de prazer. Depois ela afastou, suave, mas decidida, como que querendo dizer-lhe que ainda não era tempo suficiente



para tê-la mais. Afastou-se com um olhar terno como a tarde que se fazia na grande baía. Pondo as mãos nos bolsos, foi até o albergue, mas não podia deixar de ouvir, numa esquina, os sons de sua terra. Era o fole de uma gaita que soltava os sons tristes de uma melodia conhecida. “Mein Gott”\*, disse no seu interior. Esta não é a música de minha casa? E uma dor imensa se abateu no peito. Foi a primeira vez que sentiu a sua “Heimwee” tão forte, que empurrava o coração contra o canto do peito. Viu que era um conterrâneo, pois todo o corpo do pobre homem dizia que era um alemão, inteiramente abandonado ao som, como se da gaita de fole pudesse tirar a alma aos pedaços. Disse para si mesmo: “Esse não conseguiu chegar onde queria e não consegue mais retornar, por isso a melodia é triste como a morte”. Chegou ao albergue, dividido: de um lado do coração, a suave hora do amor ainda exultava e do outro lado, doía ainda a saudade da terra natal. Já era quase noite e lhe veio ao encontro Herr Miguel II, cujo sobrenome significava barca ou aquele que navega.

- Mein Pub!\*\* Amanhã vamos batizar o menino Pedro. Hoje vou fazer uma vigília e uma oração tão forte, que Deus não vai abandonar teu filho, Herr Michel, para que mantenha os costumes e a fé de seus pais.

Albin não estava muito à vontade para conversar. Os sentimentos que o pegaram de surpresa, eram ainda tão intensos, a ponto de confundilo. Chorar a pátria e vibrar de paixão, na verdade, estavam pesando um pouco demais em seu coração sem experiência. Mais que a paixão, porém, falou-lhe a pátria, um instante antes de fechar os olhos e cantar triste, em seu interior, para o sono que chegava: “Tem muitos nesse mundo que perderam a casa e vivem sozinhos. Mas não deixam de sorrir, mesmo sem força, ao terem o último pensamento: dormir e morrer, sozinho é que se faz”.

Outro dia amanheceu e a noite bem adormecida pôs-lhe outros sentimentos. E sobre o navio, na baía, em pouco tempo, veria o sol. Não

---

\* *Meu Deus*

\*\* *Meu rapaz.*



concordava com as casas postas em fileira, como se a morada de uma pessoa não merecesse um tratamento melhor. A casa é um lugar definitivo, pensou, e merece a consideração que as pessoas devotam para si mesmas.

Aquele dia estava para o sol e não para as suas filosofias. Vestiu o melhor terno, aliás, o único. Queria demonstrar o apreço que tinha pelo convite de Miguel II.

Foram à Igreja principal do Rio de Janeiro, às nove horas da manhã de domingo, dia 1º de setembro. O céu estava azul e Albin disposto a não perder nenhum segundo. Tão cheio de vida estava que os bons sentimentos estavam em atropelo em seu interior. Um esbarravam nos outros como uma festa.

Nunca havia entrado em uma grande igreja. Tentava captar a mensagem que o padre transmitia, com todas as fibras do seu entendimento. Do pouco latim que sabia, passou a entender algumas palavras.

Após a missa, foi a grande cerimônia que o deixou com ideia que lhe invadiam o espírito mais confortado com a nova pátria. Pensou assim: se permitem, nessa terra, que na hora e lugar principal de uma cidade se gastem o tempo e o espaço com os filhos que chegam então se pode ter esperança. Tinham-lhes deferência, pois o imperador dirigia-lhes a palavra e um monsenhor queria, pela água, fazer um garoto se tornar um filho de Deus. Lá estava ele, o Albin Denkemann, dizendo seu latim mal entendido, que renunciava ao mal. Pelo tamanho do círio, distraiu-se, deverá haver muito mel pelas matas deste país. Mas concentrou-se todo quando a água caiu na cabeça do menino e desejou, sinceramente, que Deus o fizesse feliz como a ele era concedido ser feliz. Orou com devoção: “Deus, cuidai deste guri, como se dele dependesse a salvação desta terra que agora é sua pátria. Sua mente iluminou-se com a ideia de que com um pouco de água podem, os homens, ter muita importância, assim como eles que, tão frágeis, podem carregar uma grandeza escondida. Agradeceu ao Senhor



Deus, que parecia naquela grande igreja. Apenas julgou que ele estaria melhor servido, se sua casa tivesse mais limpa. Pois parecia que desde a rua às pequenas casas onde não havia escravos, a limpeza não era um dom importante. Ao sair, após o cumprimento da grande missão, a de batizar Miguel III, neto de Miguel I, casado com Bárbara Schneider, assistiu a duas cenas que diminuíram seus bons sentimentos.

Vinha com Miguel II, sua esposa Anna e Magdalena. Ao passar pelo casario, olhava o seu interior. Na verdade, Albin sempre tivera curiosidade em olhar para dentro das casas e, em uma delas, viu, sentada numa cadeira, uma mulher que olhava pela janela, em desespero, o horizonte. Num relance, percebeu tanta dor naqueles olhos que traduziam uma saudade imensa. “É o olhar daqueles que perderam a pátria e não têm como voltar”, refletiu. Ontem, fora o gaiteiro e hoje, em plena luz de um domingo, ao meio-dia, esta mulher implorava por aquilo que se perdera no horizonte. Perguntou-se, recolhido: “Não será difícil fazer-se um chão cheio de respeito com gente com tão pouca alegria, por ter de firmar-se neste lugar?”

Bem na esquina, ainda distraído entre o que vira e a atenção afável que dava a Magdalena, quase atropelou uma liteira, onde, solenemente, era transportada uma senhora, por dois negros fortes. Novamente o sentimento de compaixão assomou-se dele. “Das is net mechlich!”\* Perguntou-se, com amargura: “Por que a um ser humano se concede tão bons serviços e a um outro, cabem maus ofícios? Será que à cor alva se atribui uma finalidade inexistente”: Pe. Hildebrand diria que é apenas mais uma invenção humana, cujos benefícios garantem a ilustração de alguns. Mas na próxima esquina desapareceram os negros, silenciosamente, como se o destino não tivesse mais jeito. Concentrou-se, então, nas mãos de Magdalena e impôs-se um pouco de coração no resto da caminhada.

---

\* *Isto não é possível!*



Monsenhor Ghigi mandou aos albergues uma comida especial e o que mais nela havia eram frutas tropicais. Depois do meio-dia, fizeram uma roda e cantavam com os rostos voltados para o mar. Albin tinha novamente o pensamento voltado para o mestre... Bem dizia, quando afirmava que teria algumas sérias dificuldades, que o mal que a Europa fizera duraria, ao menos, 500 anos para perder-se... Pela escravidão, pode-se entender também, a “estima” que a Europa tem pela nova terra. Eu sei que os imigrantes têm sorte semelhante àquela dos escravos, com a diferença de que os primeiros podem sonhar, esclarecia o seu santo homem. Albin afastou os maus pensamentos, cantando tão alto que os amigos estimaram que estivesse surdo.

Na semana da pátria veio cheia do barulho de tambores, como se quisesse afastar algum inimigo que pudesse roubar a independência. Contudo, por mais que se fizesse rufar os tambores, estes pareciam indicar a primavera que exuberava nas montanhas do Rio de Janeiro. O rito das marchas e o ritmo ensurdecedor não se conformavam à vontade de luta. Havia, isto sim, um desejo de dança com cheiro de frutas.

A viagem teve continuidade no dia 06 de setembro. Doeu-se Albin, de compaixão, ao despedir-se de Magdalena. Seu pai, ao descer para o porão, aproximou-se do rapaz. Parecia um urso no seu jeito de andar. Bateu-lhe no ombro e disse:

- Mein Jung, mein Jung,\*\* estou contente que queiras bem à minha filha. Eu abençôo o amor que nasce. Minha família não carrega de graça o sobrenome de Liebenberg. É contado, de geração em geração, que na manhã de 15 de março de 1621, meu tetravô disse a seu suserano: “Quero ver meus filhos nascerem livres numa aldeia e ensinarei o respeito em minha casa”. O suserano vendeu-lhe uma pequena montanha, de onde deveria tirar o alimento. “Quero também ter um nome próprio e me

---

\*\* *Meu jovem, meu jovem*





chamarei de Liebenberg. Não somente colherei o fruto que a montanha me der, mas farei dela um lugar tão bonito, que todos pensarão que ali o amor tenha nascido. Nenhum de meus descendentes deverá esquecer o cuidado que a gente merece. Quem quebrar o compromisso, perderá a vida em cinco dias. Meu rapaz, terá longa vida, se o cuidado estiver contigo”.

- Herr Liebenberg, não ponha preocupação sobre sua filha, porque de meus pais aprendi como se constrói uma casa. Trouxe sementes para plantar e nos dias bons ou difíceis, passarei com sua filha ao redor de casa. Das mãos tirarei o pão, do peito o amor e da cabeça a atenção.

O velho urso estava comovido quando desceu para o porão.

Fazia três dias que o navio havia partido e já era tempo suficiente para se fazer um balanço das primeiras impressões. Divididas estavam as conclusões. A grande parte concordava que esta terra poderia ser um bom lugar. As pessoas morenas tinham agradado a muitos jovens, mas os mais velhos punham sérias dúvidas sobre o comportamento espontâneo como aquele da natureza.

Depois que vira a vida se movimentar tão exótica e viva, Albin achou que lhe faltava compenetração. Parecia que andavam muitos pobres pelas ruas, dando a impressão de Portugal ter tirado a herança e deixado o filho empobrecido. Num relance, entendeu que a Europa não tinha respeito na forma de lidar com esta gente. Os negros, a gente portuguesa e eles que chegavam davam testemunho de como a velha pátria deixava quase todos sem roupa. Na noite do terceiro dia, entendeu que já devotava um bom sentimento a tudo o que se referisse ao Brasil. Tentou lembrar a melodia jovial do novo Hino Brasileiro e jurou para si que seus filhos amariam até as estrelas que se viam desta terra.



Com mais uma semana de viagem, subindo e descendo ondas altas, chegou o navio à Ilha do Desterro, em Santa Catarina. Podiam descer novamente. Quando a sua Magdalena apareceu na escada estreita, mal conteve a comoção que lhe descontrolava o coração. Teve uma certeza. Cuidaria desta mulher e a faria feliz, nem que isso lhe valesse uma dedicação sem retorno. Pouco lhe importariam as horas difíceis ou as mãos feridas. Abraçou-a com sentimento profundo, mal contendo o corpo que tinha desejos de voar sobre o mar. De tudo o que tinha a dizer, sobrou:

- Meu amor não cabe mais nesta embarcação, por isso tenho medo que ela se afunde.

A moça riu, discreta e se conformava com a grandeza do instante. Muitos casais desceram, uma vez que haveria este dia e mais o outro para abastecerem o navio e completarem a carga. Albin olhou as montanhas verdes que vinham tomar banho nas águas. Pensou no seu orientador e imaginou que faria um salmo, dizendo que nesta terra, Deus nem despiu os montes e fez-lo, vestidos, se lavarem. Invadiu-lhe uma grandeza e se regalou naquela manhã de setembro. Amou de tal forma a hora e o minuto que lhe davam um presente tão bonito. Não se cansavam os vales, de escutar as ondas que murmurava e, por vezes, surdos tons profundos faziam-se, revoltando contra as pedras. Imutável seguia a natureza. Ali, bem ali, sentiu-se importante e pequeno. Podia ter melhor decisão. Não trocava sua vontade, nem por todas as montanhas quietas e nem por todas as ondas que vinham e iam e o mais que faziam era espumar. Não tinha a força bruta, mas guiava como podia, no meio da frugalidade, seu pequeno barco.

Passeavam no meio da rua do casario humilde. Ouviu a melodia terna de uma mulher que tentava fazer dormir sua criança. Este estímulo fez com que Magdalena se tomasse de coragem:

- Tenho medo de que sejas bom de ideia, mas de mãos fracas. Esta é a preocupação de meu pai.



Albin não vacilou em responder:

- Sei que tive um mestre para a minha consciência, mas o trabalho das mãos não me envergonha. Nem as tenho fracas, pois carreguei o feno e as batatas e, mais recentemente, a madeira. Nunca verguei diante do peso que um homem forte pode carregar. Aprendo a construir uma casa, onde quero um lugar para o meu silêncio. É verdade, trouxe mais livros que sementes. Estas se multiplicam, os livros não. Diga ao velho urso que o trabalho bem feito também rende. Veja, Magdalena, e mostrava-lhe as mãos, até tenho a impressão de que para ir até Deus, elas são melhores que as asas dos anjos. Com elas se colhe a semente e se leva o pão para a mesa. Dentro de dois anos elas estarão mais gastas e parecerão um feixe de raízes esfoladas. Pouco importa o sofrimento, se a alma estiver em paz. Nesta alma Deus habita e por ela transforma o mundo.

- Das is genuch!\* - foi o que falou Magdalena. Encostou-se nele, como se quisesse dizer: “Contigo não temerei pela vida. Poderei imaginar os dias vindouros sem franzir a testa”.

Estavam todos animados e nenhum deles havia falecido em águas do Brasil. Comportavam-se, respeitosamente, afirmando que aqui os ares eram novos e, por isso, traziam saúde. Poucos dias ainda faltavam. Isso fez com que os desconfortados se confortassem. Até o Senhor Wuttberg, aquele que chorara escondendo o rosto entre as mãos, ria, numa tarde, no navio.

Era 23 de setembro de 1846. Parecia que a embarcação era a casa desta gente. Nenhum conforto tinha, mas o que de melhor se podia ter, ali estava: um chão que flutuava com cabeças cheias de esperança. Havia muita incerteza, mas esta era preferível à certeza de ir mal. Nesta noite cantaram tanto e sem amargor, que o velho urso parecia ter encontrado um pote de mel apenas tirado do favo. Mesmo aqueles do porão ergueram suas vozes que ressoavam.

---

\* *Isto é suficiente!*



Dia 26 chegaram a Porto Alegre. Os olhos das pessoas brilhavam. Havia tensão, porque tanto os próximos momentos podiam ser fatais, como indicadores de segurança relativos às promessas. Dia 27, já estavam bem cedo sobre uma lancha grande, subindo o Rio dos Sinos. Albin estava ansioso para chegar, mas a lancha mal se movimentava. Sentia que a gente daqui não fazia muita força para mandar na sorte. Agia com tal vagar, que dava a impressão de que era proibido mexer no ritmo da natureza. O pior é que remavam contra o rio. Achou curioso o fato e as pessoas negras que aqui estavam, se submetiam em remar para eles, que eram estrangeiros. Foi um dia e meio de remação. O suficiente para se ver a fartura do vale. Uma terra assim lhes seria entregue? Ou seria porque o trabalho não era a maior virtude, que esta terra exuberante não tinha nenhum valor?

São Leopoldo! Já se havia transformado em uma aldeia grande e tomava ares de uma cidade. O albergue era o mesmo que recebera as cargas de gente de muitos navios. Confortou a todos ver que caminhavam pelas ruas, vivas, as gentes de sua cor. E caminhavam destemidas! Até alegres, se podia dizer.

Cansou mesmo foi esperar durante um mês inteiro a decisão sobre as terras. Notou que tinha facilidade em entender a forma de falar. Tudo o que era feito parecia pessoal. Se havia um programa de colonização, este assumia as cores, as horas, o sabor de que o realizada. Albin pensou consigo: “Vou tentar juntar as famílias Liebenberg e de Miguel II”. Era de manhã, e levantou com o espírito desanuviado. Percebeu que a palavra lhe saía fácil da boca.

Saiu da antiga Feitoria de Linho e Cânhamo, confiante, e dirigiu-se ao centro de distribuição das terras, onde eram firmados os contratos de pagamento em dez anos, para então ser entregue a escritura definitiva. Lá estava o Sr. Chaves, que falava alemão. Albin chegou-se a ele, com autoconfiança mas sem orgulho, e falou:



- Sr. Chaves, peço-lhe que atenda a minha solicitação. Sei que o senhor tem poder na questão das terras. Disseram-me que acerta tudo de boa forma e de maneira justa. Desde já, a minha gente lhe deve agradecimentos.

- Diga logo, meu rapaz, o que é que quer!

Estava entre admirado e receoso. Normalmente, os agricultores não dominavam tão bem a língua.

- Quero três lotes de terra, um para mim, um para meu sogro e um para o senhor chamado Miguel II. Posso, em troca, trabalhar e fazer todos os contratos, arrumar os livros e ajudar, assim, para que o senhor possa também ter o seu descanso. Muito envergonhado, pensou que este era um pecado que não aceitava fazer. Falou ainda: - Senhor Chaves, se atender ao meu pedido, cada um dos donos dos lotes pedidos vai lhe fazer um regalo. O senhor receberá uma pequena parte da minha colheita.

Para surpresa sua, o senhor Chaves aceitou a oferta. Mas disse que o faria somente porque precisava de alguém para explicar os contratos, para firmá-los e guardá-los.

Ao sair da cada da distribuição de terras, estava envergonhado, mas o que intuía estava certo: era uma terra que ainda não tinha suficiente seriedade nas obras que fazia. Parecia, esta pátria, ainda uma criança, mais interessada no bem pessoal que na orientação legal.

O velho urso, ao saber a forma como Albin conseguira agilizar os interesses para seus amigos, chamou-o e falou-lhe, compenetrado:

- Soube como conseguiu as terras para nós. Não é justo que, por subterfúgios a gente consiga estar na frente dos outros. Para reparar o mal-estar diante dos outros, deverás, ao menos, conseguir que esta leva de imigrantes tenha a sua terra, tão rapidamente como nós a conseguimos.



- Herr Liebenberg! Afirmou, categórico, Albin, estou fazendo isso e adquirindo boas sesmarias e instrumentos de trabalho para todos. Agora a culpa está reparada e não devo mais explicação nem para a minha consciência.

O Senhor Liebenberg viu que podia falar ao rapaz como a um adulto e que podia confiar-lhe, alegremente, não só a sua filha, mas a gente toda que viera no navio. Sabia o velho que ali estava Herr Albin Denkemann.

Nos últimos dias, o ambiente na velha fazenda de cânhamo estava tenso. Bastou que o senhor Spassdorf tivesse bebido demais, para que o ambiente também transbordasse. Albin voltava cansado de seu trabalho gratuito, com intenções que pudessem trazer vantagens a si e aos seus, quando ouviu vozes alteradas, imprecações, gritos e toda sorte de som desvairado. Apressou o passo e viu que a gente toda estava extremamente inquieta. Quando chegou perto, todos se voltaram para ele, o que lhe permitiu dirigir, em bom tom, as suas palavras:

- Para depois de amanhã, o governo brasileiro solicita a presença de dois homens, pais de família, para verem as terras, já divididas, em São José do Hortêncio e em Tannenwald, ao norte daqui. São dois lugares com vales férteis. Nenhuma família ficará de fora. “A emoção humana flutua ao sabor do vento”, foi o que conseguiu pensar quando terminou a fala, pois todos, no mesmo instante, pularam para jogar ao longe, o temor que há quinze dias se havia transformado em angústia. O senhor Spassmann havia subido em uma laranjeira e bêbado, gritava lá de cima:

- Não vamos ter terra. Tinha razão quem dizia que aqui os negros nos tomarão como escravos. Estaremos como os judeus, perdidos, e sem ter como voltar. Vão nos pendurar pelas orelhas, nas árvores altas e os nossos filhos serão distribuídos como as ovelhas achadas no campo. O que seria motivo de risos, transformou-se em preocupação para todos. Tiraram, com cuidado, o senhor Spassmann do pé de laranjeira, pois mal



se segurava entre os galhos que se vergavam. As últimas laranjas de setembro tinham caído.

Quem não dormiu naquela noite, foi o rapaz que viera de Deuselbach. Na verdade, sabia que os homens que realizavam as medições estavam nas terras prometidas e que, se em duas semanas não partissem, pouco se poderia fazer este ano nas suas terras.

No outro dia, dirigiu-se ao trabalho bem antes que qualquer um se levantasse. Foi até a vila e passeou nervoso em frente à casa do Sr. Chaves. Eram seis horas da manhã e viu dentro de casa. Ele tinha o costume de sorver água quente tirada de um porongo cheio de erva, o que chamavam de chimarrão. Albin gravou esta palavra, pois já dominava a língua quando lhe dirigiam a palavra com vagar. No lusco-fusco da manhã, tropeçou num galho. O barulho assustou o cachorro do Sr. Chaves, que latiu, fazendo sair o homem de casa de madeira. Conseguiu dizer: “Desculpe, Sr. Chave, sou eu”. O senhor começou a rir e disse-lhe em claro português:

- Parece que essa gente aprende a falar a nossa língua, quando está ameaçada.

- Mim aprender, o senhor me ensina.

Para a sorte de Albin, o Sr. Chaves estava muito disposto e foi fácil entender o desespero do rapaz, devido à promessa precipitada que fizera.

- Te garanto que poderá levar os dois pais de família. Ontem soube que vinte lotes de São José do Hortêncio estão medidos, bem como mais alguns de Tannenwald.

Albin não conseguiu dominar a emoção. Uma lágrima caiu-lhe pelo canto dos olhos.

Peço-lhe, Sr. Chaves, licença para poder afastar-me de meu serviço durante duas semanas, enquanto vou mostrar a terra que ficou reservada a cada um.



- Pois não, Albin. Tenho apenas alguns lotes a serem distribuídos e os contratos poderão ser explicados durante o dia de hoje. À tarde, poderás ir até a tua gente, no Linho e Cãnhamo. Acredito que até será pouco duas semanas, embora entre ida e volta não sejam mais que 70 quilômetros. Deverás conseguir quatro cavalos, sendo um para levar o alimento e transportar uma pequena coberta de barraca que eu tenho para emprestar.

Pela primeira vez Albin sorveu daquela água. Era amarga e suave. Tomou o chimarrão, silenciosamente, enquanto Chaves lhe explicava que os índios das terras do sul se ocupavam em contar histórias, enquanto sorviam, meditativos, a água quente. Mais respeito sentiu Albin, pelo velho costume.

O rapaz estava trêmulo de excitação por ver as terras. Na Alemanha, haviam sido tirados os dois hectares que possuía o pai e aqui lhe devam 72, pagáveis em dez anos. Agora, sim, poderia ser tão rico quanto o senhor Hoffmann. O seu campo de centeio seria maior e adoraria vê-lo balançar. Se Hoffmann estava orgulhoso com quatro hectares, o que dizer então de sua fortuna? Aqui teria tantas batatas, que até sobriariam para jogar aos pombos. Tinha quase certeza de que não precisaria suspirar preocupado, como fizera seu pai, porque não sabia se no outro dia haveria alguma batata para a sopa das crianças. Estava tenso de emoção, porque pensava em sua casa e poderia escrever para o pai e para a gente da sua aldeia uma carta que poderia ser um livro.

Logo após o meio-dia, retornou ao Linho e Cãnhamo e a esta hora já estavam preocupados com sua ausência. Quando falou sobre as terras foi feita uma gritaria que se podia ouvir até no rio. Os dois homens escolhidos foram pedir os quatro cavalos emprestados a imigrantes que já estavam aqui há vinte anos. Muitos deles já se distinguiam pela pequena fortuna. Eram ouvidos sobre como fazer as Linhas e o que era preciso para que uma aldeia tivesse dignidade. Albin estava orgulhoso de si mesmo porque sabia o que fazer. Mais orgulhoso que ele, estava Magdalena. O velho urso estava satisfeito e dizia aos seus que Deus havia





abençoado o nome de sua família. Já torcia pelo dia em que Albin falasse sobre casamento. O velho já tinha uma boa idade e lhe começavam a surgir os sonhos de ver os netos com um pai, dono de tanta honra.

Na madrugada do dia 15 de outubro, lá estavam sobre os cavalos o jovem Denkemann, o Senhor Holzschmiss, o que não tinha medo e ainda o respeitável Taglieber, o que vivia contente. Todos desejavam a melhor sorte porque dela dependia a gente que ficava. Albin riu quando os três montaram em seus cavalos e iniciaram seu empreendimento. Em tudo o que se faz de importante, é preciso um bom pensamento, um pouco de coragem, e, mais que tudo, uma alegria constante. Se for assim, pelos nossos sobrenomes, nos sairemos bem de nossa tarefa, ponderou Albin. E se puseram cedo, bem cedo, a cavalgar. Não descansaram, como se os cavalos tivessem que ter a mesma motivação. Passavam por pequenas vilas, onde notavam a presença da nova cultura. Foram recebidos com alegria na aldeia e já imaginavam como podiam contar aos seus filhos as suas histórias. Contavam os moradores das vilas, como há dez anos atrás haviam festejado em Dois Irmãos a construção da primeira Escola e a inauguração da Igreja. Era dito, na vila de Ivoti, que aí terminava a linha e adiante só teriam picada. A uns quinze quilômetros, iniciava o lugar chamado Hortêncio e, para torná-lo cristão e ter quem o protegesse, deram-lhe o nome de São José.

Tocaram os cavalos até chegar, com dificuldades, ao local onde estavam os topógrafos, que os receberam contentes. Podiam dizer sobre as terras e comer um bom carreteiro. Ao entardecer ouviam, confortados, o canto dos urus e outros ruídos da floresta. Mal continham a alegria por saberem o quanto era fértil a terra. Estenderam a barraca e dormiram como uns justos que cumprem sua tarefa. Examinaram, cuidadosamente, no outro dia, os terrenos medidos e, inclusive por sugestão de Albin, liberaram uma área central para ser o lugar da comunidade: a terra do futuro professor.



Três dias foram suficientes para se ter garantia de que não haveria descontentamentos para trinta famílias. Foram adiante no quinto dia, para ver as terras de Tennenwald. Belos pinheiros se erguiam. Embora não fosse tão fértil a terra e mais dobrada a paisagem, faria inveja a qualquer lugar da Alemanha.

Outra equipe os recebeu. A medição iniciara há duas semanas e mais famílias teriam onde se instalar.

Um dos topógrafos explicava para Albin que, tropeadamente, traduzia tudo aos companheiros:

- Aqui inicia a serra. Vasta é a região dos morros e dos vales. Ainda habitam, nestas terras, alguns índios que sobraram das caçadas portuguesas. Está, a pobre gente, acuada na mata, como os animais. Estes das matas, ou seja, os ibiraiaras ou ibiaçás, podem ser ameaçada, se não se tiver muito cuidado.

O espírito de Albin turvou-se, pois via, com clareza, o destino destas terras. Tinha razão o Pe. Hildebrand que dizia ser perversa a relação da Europa com a América: matara a gente ingênua e da pobre se desocupava. Pior que tudo: nada indicava arrependimento ou incriminação, com exceção de dois ou três padres, que gritavam sem eco, de cima de seus púlpitos.

Albin desceu sozinho um pequeno vale e foi tomar água de um córrego. Nunca vira tanta beleza primitiva exposta nas orquídeas das árvores altas, de onde desciam os cipós. Ouviu o canto frenético e rápido do inhambu. A natureza virgem debruçou-se sobre o rapaz de uma forma generosa e ele sentiu mais emoção do que se estivesse dentro de uma piedosa catedral. Ouviu um ruído sutil do outro lado dos seixos e ergueu a vista. A sua frente estava um homem nu, moreno e forte, de cabelos negros e rosto largo. Não sentiu medo, mas respeito e dobrou os ombros, demonstrando reverência. Foi o que bastou para ouvir um grito horrível e um estampido. Um dos topógrafos precipitou-se na direção de Albin, que estava perplexo diante da agressão.



- Vamos, vamos – gritava o homem.

O rapaz não se intimidou e atravessou os seixos, tomou o índio ferido e arrastou-o até a água. Começou a lavar a ferida que sangrava. O ombro estava dilacerado. Sem pestanejar, pôs o ferido no ombro, dirigiu-se até o acampamento. Envolveu-o em faixas brancas, cortadas de um saco. Derramou água em sua testa.

Quando acordou, tentou ficar em pé, mas estava combalido. Albin apoiou-o, generosamente, e fez-lo deitar-se sobre os pelegos. Aos poucos o terror foi desaparecendo porque o rapaz murmurava palavras a meia voz. Diante do índio, falou com gestos e palavras duras ao topógrafo:

- Este homem ferido, de hoje em diante, será meu irmão. Não quero essa arma perto dele. Cuidarei de suas feridas, como se fossem minhas feridas. O mesmo disse aos companheiros.

Passada a emoção, os topógrafos passaram a explicar aos três expedicionários que os índios eram ferozes e traiçoeiros, ao que Albin respondeu, com esta explicação:

- Tenho um amigo, na Alemanha. Ele é um padre e seus companheiros de Igreja, há mais de 200 anos, lidam com essa gente. O padre diz que a Europa está roubando suas terras. Os índios mortos não foram poucos. Os que sobraram, perdidos no campo e na mata, estão defendendo o que lhes é de direito. Tenho a impressão que o melhor que temos a fazer é dividir o muito da terra que sobra. Não há necessidade de que a morte sempre esteja ao lado deles. Vou devolver com respeito, a saúde deste homem e depois ele mesmo poderá decidir a sua sorte. Falou, falou, mas pelo rosto dos outros percebeu que ninguém estava convencido de suas palavras. Pouco lhe importava! Este era o seu entendimento e conseqüente decisão.

A tarde caía rápida nesse início da serra. Aproximou-se do homem. Trouxe-lhe água da fonte e um pouco de carne da caça que sobrara do almoço. Ele negou-se a aceitar. Durante mais de uma hora,



com gestos pausados, tentou Albin explicar suas intenções. De nada valeram os gestos. Somente depois de reiniciado o monólogo, quando Albin apontou o seu coração e indicou o coração do índio, acompanhando o gesto com um olhar que pedia compreensão e generosidade, foi que o índio acedeu em comer da carne e beber da água.

No outro dia, após uma noite incômoda, premidos pelas preocupação de um possível contra-ataque de outros índios, resolveram planejar as ações seguintes. Como não havia muito mais a fazer, pois os expedicionários já haviam se certificado da terra e da medição, Albin sugeriu que fossem, a exemplo de Hortêncio, medir as terras da comunidade e que serviriam ao professor. Ele ficaria com o índio. Por recomendação dos topógrafos, ficou perto da espingarda. Ao tentar dizer ao ferido que se quisesse partir poderia fazê-lo, ou que se quisesse ficar também seria bem aceito, o índio apenas indicou a selva e fez menção de caminhar. Com o apoio de Albin, começou a andar com dificuldades. Ao chegarem perto do riacho, encontraram ervas que foram por eles apanhadas. Com um feixe delas nas mãos, retornaram ao acampamento. Sobre uma pedra, o índio começou a macerar as folhas, formando com elas uma pasta verde. Preparando uma poção, tomou-a. Assim que acabou de fazê-lo, apareceu como uma visão um grupo de outros índios. Instintivamente, Albin encontrou-se à arma, sem, entretanto, mostrar descompostura. Estendeu a mão a eles. Aproximou-se do índio de ombro baleado e demonstrou, por gestos, que o seu coração havia cuidado do ombro do homem da tribo. Valeu uma resposta positiva. Sem palavras ou qualquer outro gesto, dois jovens ladearam o companheiro ferido.

Albin notou que os índios estavam confusos. Não entendiam por que um atira e outro cuida. Tinham eles o mesmo sentimento em relação ao homem que chegava? Ao sumirem na mata, o grupo pareceu-lhe um sonho. Não se ouvia o menor ruído. Somente depois de muitos passos, ouviu-se um alarido que se transformou em lamento, quase um choro. Parecia um som de dor indefinida. Despedia-se a pobre gente da paisagem? Lembrou-se de seu mestre que dizia: Os jesuítas afirmam que



suas almas são como as das crianças que se apegam à casa de seus pais. Da mesma forma eles se apegam à paisagem da mata ou do campo. Quando deixam um lugar pensam que os espíritos bons vão sentir muito a ausência de seus filhos. Ficam tristes e se rolam no chão, como se ele fosse o colo da mãe.

Não suportava toda a raiva que o atingia ao compreender que trama era essa que se fazia nesse instante, a ponto de dar um grito para aliviar o desespero. Apanhou a arma e foi até o lugar das pacas, não sem admirar-se no meio do caminho com o canto das cigarras. Enquanto esperava anoitecer, meditou longamente sobre o que ele, tão pequeno, mortal, temporário, sem apoio, poderia fazer para que esta pátria tivesse maior dignidade.

Ao passar pela primeira paca, abateu-a. Nem se questionou se haveria coisa melhor para fazer. Fustigou a fogueira, limpou o animal e em pouco tempo o braseiro começou a aquecer a carne que dourava. Chegaram os companheiros que mal controlavam a fome. Estavam contentes, porque tudo ficara bem. Não deixou por menos, Albin, que lhes explicava sobre as vantagens de seu comportamento a um índio ferido e o quanto seria pior se o tivessem matado. Ainda estavam vivos e em paz.

O cansaço dominava a todos, mas Albin podia ser chamado de “27 de agosto”, pois suas emoções estavam agitadas. Revezavam-se umas descendo as outras, mas as que mais atingiam eram a revolta e a compaixão.

Pela posição do sol que nascia, entendiam a direção que deviam tomar. Estavam admirados com as belas árvores que mostravam suas flores e com o zumbido das abelhas, que lhes falava do mel e da cera. Os rios limpos lavavam os pés das montanhas e nutriam grandes peixes.

Os animais e as aves corriam e voavam livres. Sabiam que em breve a vida selvagem entregaria seu idílio à produção do trabalho. Falavam alto, escondendo a tensão que lhes causava o fato de enfrentarem tantas novidades. O caminho de volta era mais lento porque



analisavam a terra, como poderiam dispor nos grandes lotes, as casas e benfeitorias para guardar animais, sementes e outras indústrias caseiras. Sabiam que com decisão poderiam transformar tudo da melhor maneira. “Somos filhos de Deus, inquietos, e pensamos que nossas mãos podem dar a sua parcela para ajeitar a natureza e se haver melhor com sua perfeição”. Sorriu ao lembrar-se do sábio de Deuselbach.

Ao chegar no alto do morro, vendo no horizonte a aldeia de Novo Hamburgo, Albin encheu o peio de ar e de emoção e lembrou sua amada. Teve uma inspiração e viu a sorte melhor que lhes sorria, bem maior que aquela que humilde se vestia e quase desfalecia nas encostas superpovoadas de Hunsrück. Ali, entre a vila de Ivoti e Novo Hamburgo, se cansaram de tanto perguntar sobre os procedimentos em relação à terra, para que ainda neste ano pudessem produzir sementes. Rápidos deveriam ser os gestos, se quisessem ver a terra mostrar suas dádivas.

No outro dia chegaram ao Linho e Cânhamo e todos se orgulharam deles. Outros alemães-brasileiros vieram festejar e mais fortalecido se tornava o projeto da imigração. O trabalho, a fé e a solidariedade estavam dando certo na ponta Sul do país.

Apareceu a gaita de fole que há tempos se calara. Os seus sons traziam os cantos e ninguém podia dizer que houvesse alma triste.

O Sr. Chaves estava contente por conceder a alegria a esta gente, mediante seu trabalho. Bem no íntimo, também sentia satisfação, pelos frutos que viriam em seguida. Afinal, pensava para aliviar a culpa: “Ninguém é de ferro e eu também não sou”. E dizia mais para sua consciência: “Afinal, servi ao governo e dele recebo pobres tostões. A eles sirvo e que mal existe em receber um pouco de sementes?”. “Hermana division, hermana division”, cantarolava.

Albin explicava os contratos com a maior alegria. Ao final de cada ano tantos réis, conforme a extensão do lote adquirido. Somente após dez



anos de uso do solo, feito o pagamento, seria conferido título definitivo. Intransferível a posse durante os dez anos. Todos estavam ávidos por assinar o compromisso e poder dizer de quanto eram donos. O brilho do olhar era tão forte, que sentiam não poderem dizer aos seus que ficaram o quanto estavam exultantes, o que era aquilo que palpitava quando tomavam nas mãos o papel que lhes garantia que agora tinham uma grande extensão de terra para viver e morrer. Poderiam ouvir a chuva debaixo de seu teto. Poderiam colher batatas e guardar delas o quanto quisessem. Poderia, construir, enfim, um verdadeiro Hoff.

A maioria sabia como erguer os galpões para as sementes, para os animais e a sua própria casa.

Os instrumentos doados pelo governo vieram em boa hora. Juntas, partiram as famílias com seus pertences e alimentos, dispostos em carretas.

Os imigrantes passavam pela estrada. O sol de outubro, sobre a tenra vegetação renascida, criava um clima de regozijo. Ao passarem pelas casas novas, ao lado do primeiro rancho, as crianças loiras abanavam e não era incomum os pais saírem para oferecerem pão e laranjas. Todos se encorajavam mutuamente na caravana. Wuttberg estava à frente, fustigava os bois e gritava eufórico ao passar por uma propriedade:

- Vejam as laranjas amarelas nas pontas das árvores! Como são gordas e bonitas! Quero plantar tantas laranjeiras no meu Hoff, que vai dar para alimentar os vizinhos, as aves da mataria e os porcos de engorda. Mas posso aguardar o instante em que as primeiras árvores começarão a cair e eu poderei ver melhor o lugar da minha casa. Trouxe tantas sementes de flores, que vou semeá-las no caminho que me conduzirá até a lavoura, onde balançarão o trigo, o centeio e a cevada.

Todos o ouviam contentes, enquanto estava com os sentimentos alegres, mas temiam que pudesse alterar o tom de voz e vociferar contra o mundo. Seu coração batia sem direção.



O senhor Richtich dizia que no senhor Wuttberg mandavam várias senhoras de rostos diferentes. A senhora da razão nem sempre estava em casa.

Albin ficara para ir com a última caravana. Estivera muito ocupado em arranjar o que era necessário. Exagerava um pouco nos pedidos que mandava através do Sr. Chaves a Porto Alegre. Já havia aprendido a tomar duas atitudes: a de falar alto e a de alterar um pouco o que era necessário. A gente do governo parecia um pouco surda e quando entendia o que era preciso, perdia a medida exata, diminuindo o que fora solicitado.

Um dia, Magdalena... à hora de acender o lampião... chegou-se carinhoso, Albin, para tocar-lhe o rosto. O gesto foi afastado com austeridade. Queixou-se, ela, em prantos, dizendo:

- Você não será um bom pai para os filhos e nem dará atenção para mim. Está preocupado demais com tudo o que não diz respeito a nós dois. Quantas noites te esperei e nada. Nem se quer veio me dizer boa noite. Prefiro casar-me com um homem daqui que é capaz de ficar cinco horas olhando para o horizonte, mas ao menos está aí. Não posso contar contigo pra nada. Eu poderia cuidar de meus filhos, mas quem me protegerá?

Albin não falou por alguns instantes, mas depois argüiu, serenamente:

- Quem cuidaria de nossos instantes, se não tivesse a inspiração de apoiar a todos? Teu pai não tem sua terra? Não tenho eu a minha? Bem mais me agradaria estar a teu lado, do que ouvir Chaves e explicar-lhe sobre as nossas necessidades. Parece que agora a maioria de nossos propósitos se tornaram uma grande realidade. Não vou abandonar você, a menos que fosse necessário este sacrifício quase insuportável, caso esta gente se desesperasse novamente, como já aconteceu. Talvez não me tenhas como um cão que rodeia o dia todo a sua cãs, no entanto, onde estiver, não vou deixar você de lado, nem que as circunstâncias me





apresentem uma outra provocante mulher. De qualquer maneira, minha Magdalena, não vou te expor a um sacrifício que não queiras padecer. É bom que penses com seriedade. Te amo de corpo e alma, mas não poderei estreitar demais meu coração, porque, então, sufoco.

Afastou-se depois, sem demonstrar ressentimentos.

Um dia antes da partida da primeira leva, em pleno meio-dia, subiu Albin em direção ao Linho e Cânhamo, quando, por detrás das pitangueiras que carregavam pequenos frutos verdes, saiu Magdalena e, decidida, foi até ele. O rapaz ficou surpreso.

- Está bem, está bem, foi falando a moça, não se espante se não posso mais guardar silêncio.

Achegou-se, contra os costumes de sua terra e o estreitou, comovida, oferecendo o corpo, sem vacilar. Não sabia o rapaz se era o clima, ou se a natureza sua o deixava como em êxtase, com o corpo tão empolgado que mal se reconhecia. Foi uma tarde de intimidade. Contudo, quando Albin tocou o seio branco da amada, esta lhe disse: “Ainda não!”

Pela manhã do outro dia, chegou Albin junto à janela de Magdalena e, quando ela apareceu, foi-lhe dizendo que ficaria mais três dias até acertar o que fosse preciso para a segunda e última caravana. Nem haveria mais tempo para ficar, pois já chegava a próxima caravana de famílias. Naquela manhã sentia uma poesia semeada até no sol, metido num horizonte esfumaçado e a ternura tomou conta de sua pele. “Estou contente e livre dentro de mim. Não tenho muito que lhes dar, senão decisão. Sou apenas um rapaz com uma terra, onde corre um pequeno rio em um vale. Algumas sementes estão comigo, minhas mãos e um sonho. É pouco, mas isso dá para animar duas vidas durante 70 anos”. Chegou tão perto, para que só Magdalena pudesse ouvi-lo.

- Sai da janela, senão tomo aqui, nas mãos, teus seios. Sou capaz de fazer tua garganta gemer de prazer e não te digo por onde mais querem estar minhas mãos.



- Sei Ruich!\* - disse ela, rindo.

Miguel II tirou-lhes o prazer, quando falou:

- Em uma hora estejam prontos. Aqueles que ficam em Hortêncio e aqueles que ficam no Tannenwald! Vamos, que chegou a hora de mostrar como nossas mãos são fortes!

Foi desta maneira a despedida, podendo-se acrescentar, ao tocarem as suas dez carretas chorosas, que um João-de-Barro estava em frêmito, cantando, ao lado de sua casa. Esta mal havia sido começada e estava indo à casa velha de seus pais, que caía.

Um mês se passara e Albin escrevia à luz de uma vela, feita com a cera de pequenas abelhas que os índios chamavam de Mirins.

“Juntei até agora, minhas impressões, em uma linguagem literária mais livre do que se fosse imprimir em tudo a primeira pessoa. Selecionei algumas partes e enviei cópia ao meu pai, para que repartisse com os meus e Pe. Hildebrand a minha aventura.

Deixe-me descrever a minha nova casa. Escolhi um lugar perto do Arroio Ibia. Assim o chamo, porque esta é a raça do índio que ajudei a sobreviver. Reservei, com cuidado, duas árvores grossas, próximas uma da outra, e as cortei, um para servir de mesa onde estou escrevendo, e outra para as panelas, na qual faço minhas refeições. Está comigo um jovem casal que chegou um dia antes da última leva de nosso navio. Os dois têm ânimo alegre. Estão encantados, e, mesmo quando chega o entardecer, muito cansados, vão até o rio admirar as borboletas azuis e acredito eu, se amam no leito limpo do rio. Estão aguardando a próxima medição num lugar perto de Tannenwald, ao qual deram o nome de Feliz. Com um mês de trabalhos estamos com um hectare e meio de terra preparada para as sementes. Sinto grande dor em ver a mata sofrer, por

---

\* *Fica quieto!*



isso vou reservar o morro para as árvores nativas e vou melhorá-lo com as frutíferas desta terra. Algumas delas já experimentei. O sabor é extraordinário. Carregam uma doçura forte.

Retorno à explicação da casa: as paredes são seguras por troncos falquejados e postas em estruturas de enxaimel. Encontrei um barro ótimo, que completou o fechamento iniciado pelos galhos retos, juntados por cipós. Tem portas e janelas rústicas. O telhado está coberto, provisoriamente, com folhas de coqueiro, cujo desenho vai anexo. Tem três peças, sendo delas, dois quartos. É tão bonita a minha casa, que não me canso de olhá-la. Amanha é sábado. Penso que não perdi a conta dos dias. Ontem passei o dia com o casal Fröhlich, cortando as tabuinhas para fazer o telhado novo. Talvez vocês me perguntem como é possível, num mês, fazer uma casa nova e preparar dois hectares de terra. Mal consigo explicar. Sou animado por uma força vibrante, que não me deixa perder um segundo. Vou plantar a minha pequena lavoura e depois quero ajudar a fazer alguma coisa na roça e na casa dos Fröhlich.

Minha pequena casa de chão batido parece tão bonita, que vive rodeada de pequenos pássaros e aves maiores. O inhambu-açu é marrom, tem penas suaves e um andar mais elegante que o de uma princesa. As pombas, só falta entrarem pela porta. Muito mais alegres estão os ouvidos por ouvirem sons diferentes quando se está seguro. Tem uma espécie de coruja que parece gargalhar nas árvores altas. Aqui se ouve o grito curioso de leão-baio. Gosto de ouvir os primeiros cantos do ouriço. É um canto nostálgico que se faz anunciar no início da noite. Ao entardecer, é comovente o canto de uma pequena galinha chamada Uru. Dela não se pode cansar quando canta em comunidade. Dizem que é uma ave ingênua que não sabe se defender e é a mais confiante das aves aqui. Temo que brevemente não se possa ouvi-la nos vales. Belos são os pássaros verdes, que fazem diferentes ruídos e têm o bico retorcido. Chamam de papagaios, caturritas e periquitos. Pela manhã, outros pássaros menores e de muitas cores acordam quem quer que seja. Parece que Deus tomou



zelo exagerado quando concedeu as cores às aves e distribuiu os sons às gargantas dos animais.

Na Europa se paga quando se quer ouvir a música, em salões fechados. Aqui se faz uma sinfonia inesquecível, tão bela, e, já pela manhã, os convites são distribuídos, graciosamente.

Amanhã irei com o jovem Fröhlich a São Leopoldo. Deixaremos a esposa dele na casa do Sr. Steinhaus, o homem mais austero que já conheci. Vamos ver se Fröhlich pode ficar com a colônia aos fundos da minha. Me agradam pessoas alegres e que, de preferência, são capazes de sorrir pelo fato de acordarem ou quando a água limpa de um riacho lhes envolve o corpo.

Olhamos a terra e, se a ocuparmos, principalmente nos baixos, por muitos anos ela nos será protegida. Pelo cansaço que me faz vergar todas as noites, receio que a minha inspiração de escritório se acabe como um riozinho que se esgota. Tomarei cuidado com meu espírito, para que não sossobre no cansaço do meu corpo. Não será esta uma forma de escravidão? Aos poucos a gente começa a voltar-se para a sobrevivência e faz dela a única preocupação. As exigências da alma vão se aquietando, a ponto de a consciência não ter mais nenhum reclamo, que não o do corpo e o das pequenas alegrias que ele pode proporcionar. Lá se vão as ideias, o pensamento bom, a ciência e os melhores sentimentos. Não estarei nesse processo? Não permitirei que as desfaleça o Deus da criação. Quero morar numa nação cujo povo seja livre. Sei que é o saber que constrói a liberdade! Quem, futuramente, ler estas minhas palavras poderá pensar que eu seja um sábio. Não é verdade, apenas repito o que meu cura da aldeia me ensinou.



## **RESUMO DOS ESCRITOS PERDIDOS**

Se perderam os meus escritos, minhas anotações, apenas me resta um pouco de coragem para expressar o que resta das lembranças. Ainda fico aflito por guardar o dia e a hora da tribulação: ninguém pode entender por completo o meu sofrimento, ao ver as cinzas dos papéis queimados.

Bonifácio era muito jovem para compreender a história da vida que seu pai tivera. Estava muito empolgado mesmo, para avaliar a importância da vida do pai. Não podia imaginar que um velho baú pudesse comportar tantos sonhos, enrolados em folas amarelas. Depois que percebeu o quanto fora incauto, veio-lhe a culpa e, para afastá-la, disse que até estava pensando em fazer um resumo, onde escrevia o essencial. Sem querer, auxiliou-me na decisão. Assim se formaria um escrito mais rápido sobre os sonhos e ações de um agricultor cheio de boa vontade. Bonifácio confessou-me que não teria a paciência de ler um volume exaustivo, mas que uma história mais leve talvez lhe fizesse bem.

Após o segundo mês de vida no Hortêncio, fui ver minha Magdalena em Tannenwald. Não posso deixar de emitir a minha opinião verdadeira: foi a viagem mais emocionante da vida. Tenho hoje 65 anos, mas guardo todos os momentos que fiz no cavalo que recebi do Sr. Chaves, como presente por relevantes serviços prestados.

Magdalena me recebeu com paixão mal contida. Assim como eu, não se continha. O velho urso estava vagaroso e, quando lhe disse o que já tinha feito em meu sítio, percebi um pouco de vergonha em seu rosto. Expliquei a Herr Liebenberg que se tudo corresse bem, as flores nasceriam em janeiro e que não ficava bem a um homem ficar só no meio



delas. O velho riu tão alegremente que se barraco quase caiu. Festejamos o noivado sem anel, mas prometi que para o casamento teria um, que encomendaria ao Sr. Chaves quando fosse a Porto Alegre. À tarde, saímos com o casal para ver as terras dos Liebenberg e, antes de sair, a sogra me alertou sobre cegonhas brancas que ela tinha visto no riacho. Eu lhe disse:

- Senhora Liebenberg, não são cegonhas, são garças, mas a senhora pode ficar calma, que não vou fazer pesar o bico antes do tempo.

Saímos e fomos até o pequeno rio. As águas do poço de banho eram limpas e transparentes como o cristal. Perguntei a Magdalena se teria gosto de entrar. Entramos tão encantados no grande poço dos seixos, que parecia que voávamos. Um beijo longo e suave parecia não mais nos abandonar enquanto estivemos vestidos pelas águas. Falei a minha Magdalena sobre o dom do corpo, assim como meu sábio me explicara. Falou-me, em sussurros, que não podia haver vergonha no amor. Havia tanta poesia na brisa da tarde que apenas consegui dizer que o sol nos aquecia, retirando as gotas que se evaporavam com o calor.

À noite, sob a luz de uma lamparina, conversei longamente com o velho urso sobre meus planos. E, para não cansar os meus filhos quando lerem ou a quem que se interesse por histórias de um povo, vou voltar ao modo de escrever, como quando era jovem.

Lá estava o velho urso, sentado, tendo o rosto iluminado ao sabor do vento, que movimentava a luz ao seu redor. A conversa era interessante e, naquele momento, Albin tinha mais inspiração que um santo e mais coragem que um guerreiro. Julgava que boa parte da sorte que chegaria aos seus, dependeria de suas decisões. Na verdade, o rapaz confiava que o destino humano dependia de suas mãos. O senhor Liebenberg estava até surpreso por ver tanta boa vontade. Não podia negar que o rapaz já havia demonstrado que era possível tornar os acontecimentos mais favoráveis. Na exaltação da conversa foram feitos



projetos baseados em princípios e era preciso deixá-los claros na consciência para não haver engano. Ouvia-se o rapaz dizer:

- Agora estamos como os tatus, cada um preocupado em fazer sua toca. Brevemente sairemos delas e construiremos nossas igrejas, nossas escolas, nossos salões para festas. Se não for assim, como abriremos as estradas? Não é possível cada um cuidar do seu canto e das suas crianças. É preciso que encontremos a solução conjunta. Como deverá ser a escola de nossas crianças? Onde buscaremos o professor e como vamos sustentá-lo? Em que livros os alunos deverão aprender? O que ensinar? Quem vai comprar os produtos de nossas terras, quando tivermos abundância?

O velho urso também ponderou, dizendo:

- Veja meu filho, acho que seria bom escolherem os “Voastand”\*, aqueles que terão que prover, com o apoio de todos os que moram na linha, aquilo que for de urgência, tanto para as coisas dos homens, como para as coisas de Deus.

Continuou Albin:

- Pe. Hildebrand falava muito que nós devemos construir, na América, comunidades de cidadãos, isto é, nós somos o Estado. O bem ou o mal que acontece é consequência das nossas decisões. Não podemos aceitar calados os comportamentos que possam vir em nosso prejuízo. O resultado final das leis e dos costumes deve prover o homem de sua dignidade. Isto vale também para as crianças. Quem sabe, ao norte deste estado, possamos garantir a inteligência, a saúde, o trabalho e o justo trato para o seu benefício. Não podemos deixar que novamente se transportem homens como se fossem animais. Desta forma, Albin, completou a sua meditação da noite.

---

\* *Dirigentes/Líderes*



- Gott seu Dank\*\* - concluiu o senhor urso e falou mais: “O nosso pensamento está livre para representar um novo tempo e para que possamos fazê-lo, a exemplo do que se passa em nosso espírito. Que nossos braços tenham força para cumprir nossas palavras”.

Naquela noite, Albin selou sua participação na casa dos Liebenberg. As suas ideias casavam com as do casal e seu coração transbordava ao pensar em janeiro.

### **Sobre Minha Casa**

Enquanto janeiro não chegava, havia muito a fazer. Construimos a casinha do casal Fröhlich e ajudei na derrubada das árvores. Deveria ter ao menos a garantia das sementes para o ano vindouro. No final da primeira semana, em meados de dezembro de 46, fizemos a primeira reunião da comunidade. Já contávamos 30 famílias e as clareiras se abriam para dar espaço à vida das colônias. Todos estavam confortados com a terra fértil e a caça farta. Nesta reunião houve tanta alegria, a ponto de o Sr. Steinhaus rir, descontraidamente, movimentando o corpo, apesar de toda a sua austeridade e falava além de sua medida:

- As pombas rodeiam minha casinha como os pintos na Alemanha rodeavam a casa do velho Steinhaus. Os peixes nos rios brincam com as crianças. Pareço um barão com uma mata só para caçar.

Notava-se, ao final de suas palavras, uma alma nova que habitava aquela casa de pedra. Ficou muito claro para o grupo dos trinta homens que, na próxima reunião, deveriam ter algumas ideias que resolvessem as questões referentes à escola, à igreja e às estradas. Ninguém podia negar que, se dependesse das famílias que estavam no Hortêncio, havia fartura

---

\*\* *Graças a Deus*





de alimentos. Não imagino como podiam vir, num só navio, toda essa gente pobre e tantas sementes. Parecia que depositavam nelas os sonhos de casas com jardins e campos fartos. Enquanto caíam as árvores, casas, roças e jardins eram feitos com obstinação. Na reunião, fiquei encarregado de ir a Novo Hamburgo para buscar galos e galinhas. Prepararam uma gaiota chorosa para trazê-la.

Em início de janeiro de 1847 fui até aquela vila para falar com o padre e para carregar alguns mantimentos e coisas mais que a rotina dos dias foi mostrando serem necessárias. O meu companheiro de viagem foi o senhor Steinhaus, o homem de palavra rude e difícil, mas muito objetivo em tudo o que pensava ou fazia. Ele teria ao seu lado alguém que não tinha na objetividade sua melhor virtude. A missão foi boa. Trouxe até o tecido para o vestido branco da Magdalena. O Padre viria para Hortêncio em 20 de janeiro.

Distribuindo o sal, o açúcar, as galinhas, um casal de patos e outras encomendas, ficou certo para todos, que à esperança se acrescentava a convicção agradável de que se podia confiar nos dias que viriam.

Da viagem com o Sr. Steinhaus lembro que ele me olhava admirado por tudo o que eu percebia com encantamento. O mato limpo pela chuva, o bando de jacus, o pio terno do nhambu-choró faziam com que mesmo com a lentidão da carreta, se tivesse um bom conforto.

Mais que tudo, belo foi o casamento. A alegria perpassou toda a missa e, de uma esfuziante solidariedade, foram todos os instantes que se sucederam pela manhã. A família Liebenberg não se cansava de dizer que a filha estava em boas mãos e eu lhe respondia que me alegrava em poder repartir com Magdalena as horas vindouras. O velho urso não conteve uma lágrima ao dizer que estava confiante na sorte da filha e acrescentou que sua Magdalena tinha, nos últimos dias, os olhos voltados na direção de Hortêncio.



Às duas horas da tarde, caminhamos livre, os dois, na direção de nossa casa, levando na carreta o enxoval e os nossos sonhos. Abraçados ao entardecer, fomos até onde cresciam as sementes plantadas. O ar tão puro e o amor intenso nos animava ao ver o feijão e o milho que estava verde-escuro. A ternura tomou conta de nós dois, na hora em que me dobrei para examinar os fios tenros dos pés de arroz.

Depois de um ano, quando alguns costumes já se filiavam às constantes novidades, nasceu minha filha Leopoldina. Ao tomar a minha pequena menina nas mãos, avassalou-me um terno sentimento tão profundo, que fechei a boca, pois pensei que por ela poderia sair ou o sentimento ou o próprio coração. Como a trouxe ao meu peito, não consigo explicar, tal era a minha reverência, suave como um pequeno rio que corre de madrugada. Senti-me um pequeno deus protegendo a vida, ou nem tanto... ao menos um filho de Deus com direitos iguais ao pai. Magdalena e eu estávamos orgulhosos do que havíamos feito. Os dias seguintes se passaram ligeiros, e o meu trabalho era feito com alegria intensa. Foi aí que escrevi uma carta somente aos meus pais... nunca os amei com tanto reconhecimento.

Tantas foram as sensações, tão variadas e fortes as que senti nos anos seguintes, com relação aos meus, que não posso imaginar que se possa tirar do coração do homem esta intimidade criadora e larga que se reúne em torno de uma família. Frágeis são as instituições humanas, mas esta eu não imagino de que forma se possa acabar.

Apenas um ano depois de ter nascido Leopoldina, veio Pedro, o gentil. Fiz dos dois uma justa homenagem a quem nos serviu. Se a vida deles veio contente como borboletas de um vale úmido, esta aconteceu muito por conta da decisão de duas ilustres pessoas. Um dia o Sr. Steinhaus disse-me que minha homenagem jamais seria percebida pelo imperador. Respondi-lhe, dizendo que a maioria dos melhores acontecimentos não são percebidos. Mas deixemos que existam. Já,



assim, os generosos acontecimentos são tão poucos, imagine, Herr Steinhaus, se formos mesquinhos.

Pedro sempre se conformou aos acontecimentos comuns. Ele tirava o melhor proveito de tudo. E fazia tão bem o que tinha que ser feito que tratava cada instante como se nenhum outro pudesse haver. Sua ação é ainda objetiva e a realidade se submete às decisões de suas mãos. É de se ver hoje a sua casa. Tudo combinam como se o que tivesse sido feito fora a própria natureza a realizar. Não posso deixar de louvar a natureza humana que apareceu no meu filho.

Dois anos após, isto é, em março de 1851, veio Bonifácio. Dei-lhe este nome, não em homenagem ao Bonifácio de nascimento brasileiro, dei-o em homenagem ao meu guri mesmo. Fora bem feito. Magdalena e eu, pelos dias em que Bonifácio foi concebido, estávamos vibrantes. E o menino nasceu do jeito dos dias. Era irrequieto até na maneira de encostar-se ao seio de Magdalena. Ao contrário de Pedro, era sonhador. A realidade que vivia, incomodava-o. não queria saber as coisas comuns. Odiava, quando se lhe dizia: “Faça de novo, que está mal feito”.

Uma tarde, Magdalena surpreendeu-o no alto de uma grápia... tão alta era ela, que mal o guri podia ser visto nos últimos galhos. Chorando, desesperada, Magdalena gritava:

O meu menino... o meu Bubche!\* Ele vai cair! Que farei eu sem o meu Bubche?

Fui logo ter com o meu garoto. Ri, ao ver a cena. Lá do alto descia uma pequena cascata, que se agitava ao sabor da brisa. Disse tranquilo:

- Desce daí Bonifácio! Já olhou que chega onde quer chegar! Agora vem me contar o que você viu além das árvores.

- Só mais um pouquinho, papai. Só olhei para o sul. Quero ver um pouco do norte.

---

\* *Gurizinho*



Movia-se, com tranquilidade, nas alturas, a ponto de os pequenos galhos parecerem gravetos do chão. Depois que desceu, abracei-o com força e falei:

- Por favor, meu filho, não assuste tanto tua mãe. Vou te contar um segredo. As mães não gostam que seus filhos fujam de suas mãos. A tua mãe tem medo que fujas na direção daquilo que teus olhos fixaram.

Doeu-me assistir ao choro e ouvir as palavras de Bonifácio:

- Desculpe, pai. Eu amo a casa e todos que moram comigo. Mas tem uma sede aqui dentro que não me deixa em paz. Acho tão pequena a aldeia de Hortêncio! Sei que tudo nela foi feito com dedicação, mas o peito me sufoca.

- Espere um pouco, meu rapaz. – consolei-o. Terás o caminho que escolheres e terás o meu apoio, mas não suba demais.

Só acalmei o Bonifácio com um bom banho de rio. Naquela noite, tive que prevenir Magdalena, que bem cedo nosso filho faria da estrada a sua casa. Mais tempo levei para consolá-la, dizendo que a aventura pode não ser tão segura, mas que sempre é alegre e intensa... ah! Isso ela é! Passei uma hora contando aventuras que Pe. Hildebrand me contara e já estava em condições de inventar as minhas. Fazia isso para acalmar aquela que não trocaria nem pela Rainha de Sabá e cuidava para lhe contar essas histórias, com desvelo, para que a vida da estrada lhe parecesse como brincar no jardim. Depois que a casa ficou novamente em ordem, veio-me uma lágrima, chorada pelo “até a vista” que deveria dizer brevemente. E mais outra soltou-se, ao lembrar o quanto estava triste o meu pai, na noite anterior à minha partida. Ainda pensei um pouco em como a vida, a todo instante, nos mostra imagens fugazes, e das quais fica apenas uma tênue ou forte lembrança. Depois dormi, embalado por tudo o que se passara.

Em 54, nasceu Juliana, a forte. Era decidida como uma árvore que caía... ninguém lhe dava outra direção, tão bonita era a Juliana, mas



também, encantada apenas consigo mesma. Ao contrário da Leopoldina, que, ao servir, parecia que estava servida. Cresceu a minha raposa francesa e, por onde passasse a minha princesa, havia um olhar de admiração depositado sobre ela. Torcia para que Deus fosse generoso para com ela, que não tinha jeito contente de olhar por uma janela. Ou será que o Senhor tinha seu suficiente elogio apenas na vida que se fazia na pequena Juliana? Consolava, por vezes, Magdalena, dizendo que na pequena flor também há vida e não é preciso uma grande floresta para se afirmar a sua beleza.

Mas um dia, soltou-se-lhe o sentimento bom. Tinha, então, 15 anos. Abriu de vez a porta e não teve mais admiração somente por si mesma. Até o girassol começou a conversar com ela e um grão de arroz lhe parecia importante. Uma pessoa qualquer era tratada como um príncipe em mesa farta.

Em 1859, quando colocava nos aposentos os costumes de como debruçar-se com desvelo sobre as crianças, veio, por fim, Francisco. Este foi o seu nome, para a glória do santo da natureza. Na verdade, não dá pra distrair-se um instante se quer que a mãe natureza é sempre pródiga na vida. Magdalena, feliz, brinca ainda hoje comigo, afirmando que me prevenira sobre os dias férteis, reforçando:

- Você foi um lavrador descuidado.

Francisco logo apresentou virtudes através das quais se podia perceber um mestre de aldeia e um cuidadoso lavrador. Amou a tudo o que falasse da floresta, das águas e das sementes. Em 1871, quando fez 12 anos, lembro porque a primavera deste ano estava com toda força e prometia boas sementes, o menino, ao sentar-se ao meu lado, no barranco do rio em que pescávamos, falou:

- Pai, como são bons estes dias. Meus olhos, quando vêem os pássaros nas gramas, fazem meu coração disparar. A mula Feiticeira parece entender minha conversa. Ela me diz com um sinal de suas patas dianteiras quando o peso é demais. Faço de tudo para tirar-lhe o ar de



tristeza. Somente às vezes vejo um brilho alegre nos olhos dela. Os seus livros me ensinaram a ver melhor a natureza e acho, meu pai, que acontece um milagre neste tempo em que o chão parece despertar.

Sorri, porque ali estava um poeta. Sua alma estava cheia de um sopro glorioso. Também sua voz era linda. Na Igreja do Hortêncio, alteava-se ela, pela pureza. Uma vez a comunidade deixou-o cantando sozinho, pelo gosto de ouvir a voz tão bela que se elevava.

Bem, estes são os meus filhos e quando penso que um homem possa preferir a solidão, definitivamente, não entendo por quê. Magdalena tem a parte principal. Ela é uma artista em suscitar a vida em gestos sábios. Não posso entender de onde lhe veio tanta capacidade de dizer que basta, ou de transmitir ânimo. Não posso esquecer um dia, quando a surpreendi falando com Juliana sobre os dons dos outros. Um espírito de grandeza saía de sua boca, parecendo um pássaro branco que envolvia com seu calor o pequeno espírito feio de Juliana.

Naturalmente, os meus dons apresentavam limites de toda ordem e eu pecava por exagero na medida, inúmeras vezes. Magdalena e eu vivemos tão marcados pelas dificuldades, mas não temos porque nos entristecer. Fizemos o que de melhor as nossas humildes mãos podem fazer.

Não posso deixar de falar da história de nossas três casas. Da primeira já falei. Me abati um dia todo ao rebaixá-la a galpão. Não havia nela o que não me falasse dos primeiros anos. Cada canto tinha histórias tão vivas, que ainda delas faço, com prazer, o início da minha velhice. A segunda, fiz de madeira pura, com ampla sala e quartos arejados. Até um rei teria prazer em morar nela, pela varanda larga e pelo jardim, com flores o ano inteiro. A terceira é feita de tijolos bons e troncos trançados e lustrados com cera de abelha. Cuido das três casas e não tenho coragem de vê-las cair. Ao entrar nelas, converso com as vozes do passado e saúdo a vida como se fora eterna. Sei que meu corpo que se dobra sobre sim assim está, principalmente, pelo sacrifício que a segunda tem me



exigido. Mas louvado seja o Senhor que me deu força e prática para erguê-las, tão bonitas.

Quando Magdalena e eu, agora novamente a sós, sentamos na varanda e contamos as histórias de nossas casas, ela acaba repetindo:

- Vejo ainda minhas crianças que se foram e se aperta meu peito quando retornam. Eu amo minha casa.

### **Meu Pequeno Hortêncio**

Miguel II, assim que chegamos, em 1846, demonstrou ser um homem decidido a assumir o desenvolvimento da comunidade. Mas somente no início de 1847, foi possível pensar em se fazer algo em comum. Até abril daquele ano havia uma ocupação familiar tão intensa, que não se podia pensar em estar juntos a não ser para construir as casas, jardins e roça de cada um. E todos, sem exceção, saíram de suas casas, contentes, para no início, se encontrarem debaixo das árvores ou na casa do Seu Mittstein, que era a menos distante em relação aos moradores da maior linha e das linhas menores de Hortêncio.

Foi na casa do Sr. Mittstein que se conseguiram decidir as melhores ações conjuntas em benefício de todos os moradores. Foi eleita uma comissão dos Foastand, isto é, dos que deviam estar à frente das necessidades comuns. Ali mesmo, foram tomadas quatro decisões:

1ª – a construção de uma escola, a seleção e manutenção de um professor e o que deveria ser ensinado aos nossos filhos;

2ª – a construção de uma igreja que deveria ficar para depois da escola. Resolveu-se que a escola poderia abrigar as coisas de Deus e que, com certeza, o Senhor não seria tão mesquinho conosco, a ponto de se zangar por repartir com os filhos, a Sua casa;



3ª – a construção de um clube para o divertimento. Foi observado em palavras, que ninguém poderia deixar de ter orgulho pelo nosso salão. O amigo Fröhlich disse que no primeiro baile dançaria tanto, que ou a gaita ou o gaiteiro se esfolariam.

Depois destas reuniões todos estavam contentes com seus propósitos e, a cada passo que se dava na direção do que se havia estabelecido, os corações mais se convenciam de que tudo estava bem.

Em 1849 foi inaugurada a pequena escola. As madeiras serradas a mão e as tabuinhas cortadas com os machadinhos davam a dimensão de nosso sacrifício, mas o importante era que a festa estava à vista. Duvido que um dia, em alguma aldeia, um pequeno coral cantará mais alegre do que o nosso. Foi na sexta-feira do dia 15 de novembro. Rimos muito após o término dos trabalhos e da cantoria, quando um grupo de bugios começou a roncar alegre, no vale, como se a escola fosse para eles.

A inauguração foi marcada para 24 daquele mês. Veio o Padre Dienstmacher, de Novo Hamburgo. O representante de Deus estava muito bem inspirado ou, naquela manhã, o Senhor estava espiando os nossos pequenos vales, para ver se tudo estava em ordem! Como nos últimos trezentos anos só se ouviam gemidos na floresta, uma cantoria ondulando os ares, só podia causar estranheza. E promulgava o padre, inspirado, elevando sua voz:

- Bem que agora o coração do Senhor estará mais descansado, porque a inteligência de seus filhos não prevaricará, isto é, cumprirá o ofício da consciência. Nós podemos erguer, trêmulos de satisfação, as nossas mãos, que ninguém poderá estranhar, pois é justa a razão da alegria. As crianças de Hortêncio caminharão ainda pobres, mas solenes pelas estradas e ninguém poderá ludibriá-las. Deus seja louvado no meio desta floresta e que não somente o canto dos pássaros alegres sirva para a glória daquele que nos separou da terra antiga e nos concedeu uma nova. Se como gado os homens nos trataram, o Senhor nos tratou





afavelmente. Com certeza, esta escola é a maior dádiva que aqui já se ofereceu ao nosso Deus. Nela, Ele terá garantida a dignidade das almas.

Depois disso, comemos e bebemos juntos. Mais do que tudo, cantamos. Antes de partimos para as nossas casas, por causa de uma brincadeira, quase se gerou uma grande confusão. A senhora Sonnschein estava irada, porque o padre dissera que a Alemanha a tinha tratado como a uma vaca. A mulher do Fröhlich, por brincadeira, quis dizer-lhe que não tinha importância, mas por engano de expressão disse que não tinha diferença. Já exaltada, a Senhora Sonnschein falou, mas ainda sob controle, para um grupo maior de mulheres que, curiosas, voltaram-se para as duas:

- A senhora quer dizer que sou uma vaca?

E outro equívoco precipitou-se. O senhor Spassmann, distraído com a conversa dos homens, disse alto:

- Ninguém pode duvidar!

A descontrolada senhora, nada mais distinguindo, falou ao senhor Spassmann que a mãe dele é que era uma vaca. O alegre senhor não se perturbou e disse que a mãe era uma mulher que vivia em uma pequena aldeia, na Alemanha.

Houve uma risada, controlada pelo receio da ofensa. Um canto festivo elevou-se mais forte, muito mais que a emoção da senhora. Ela percebeu que ainda era tempo de integrar-se aos sentimentos bons da gente de Hortêncio.

Por um ano, aceitei ser professor de Hortêncio. Na verdade, queria preparar um professor que tivesse mais bondade do que eu, pois pensava que professor era aquele que media e fazia a forma humana, ou seja, o coração e o pensamento são à imagem das mãos do professor. Magdalena e eu fomos até Novo Hamburgo e falamos com o padre Dienstmacher a respeito da escola. Recebi o livro de alfabetização das mãos do sacerdote, enquanto ele me dizia solene:



- As crianças devem brincar juntas e aprender que devem ser agradáveis umas às outras. Não existe nada melhor que o jogo para o convívio alegre. Elas precisam ouvir muitas palavras, com indicação das coisas. Depois de ouvi-las em histórias, em fatos vivos, nos rios, nas montanhas que estão perto de suas casas, deverão escrevê-las.

Completo:

- Somente quando escrevem, com atenção, sobre os seus sentimentos e as suas coisas, como o forno e a casa de defumação, a roça e o riacho, a montanha distante e as estrelas é que as crianças aprenderão. Terão cuidado com os números e as medidas: é por aí que se faz um pensamento lógico da realidade. Pelos números, as nossas crianças devem adquirir segurança e se fazerem respeitar. Já no primeiro ano, mostrará os nossos costumes e os nossos costumes cristãos em primeiro lugar.

Apresentou-me um livro com gravuras sobre as principais histórias da Bíblia, cada uma delas para fortalecer um costume, tido como inabalável. Por fim, disse-me que os cantos devem ser entoados para alegria de Deus e dos homens. Achei seus cantos sem calor nenhum. Tive dúvidas se agradariam a Deus aqueles sons entristecidos. Penso, ainda, que Deus tem o rosto da natureza que pulsa na primavera e se aquieta no inverno, mas jamais se debruça sobre a morte.

Fui até a janela e cantei dois cantos como exemplo. Padre Dienstmacher disse que estavam bons e que poderia retirar o que considerasse impróprio para uma criança aprender.

Quando recordei ao padre que gostaria de ensinar sobre os fenômenos da natureza, como deveriam entender os reinos e suas leis, sua classificação e como manter o respeito entre si, ele afirmou que estava contente em poder confiar-me os filhos de Hortêncio. Até Magdalena ficou feliz por ver-me um pouco mais douto que nas conversas do dia-a-dia.



No domingo, após a palavra de Deus que me cabia dirigir, reuni a todos e ficou estabelecido que, para o primeiro ano, estava bom o que combinara com o padre Dienstmacher. Não pensei, porém, que houvesse tantas novas orientações que pudessem ser aproveitadas a partir daquela gente que, como eu, tinha no mato a sua primeira preocupação. Era verdade o que afirmava Pe. Hildebrand: “Quando muito se quer e muita dificuldade permeia o caminho, o pensamento brilha mais que a luz do sol”.

Dois anos após o erguimento da escola, erguemos a nossa igreja. Nada poupamos, nada mesmo. Nem o trabalho, nem o pouco dinheiro que nos sobrava das sementes que iam para Porto Alegre. Não fiz quase esforço nenhum. Julgava, sinceramente, no meu interior, que Deus, se tivesse mãos humanas, afastaria o que estava sendo oferecido, uma vez que precisávamos tanto daquele dinheiro. Ele, que tinha os astros todos nas mãos, não notaria uma pequena igreja de madeira, nem estaria ávido por vantagens sobre seus filhos quase impotentes. Mas de toda forma, devia aceitar que entendessem a Deus desta maneira. Para facilitar o meu esforço, pensava: “Afinal, é preciso um bonito lugar para se apanhar Deus para dentro da alma”. Desenhava, ouvindo as sugestões, pois aprendera com meu pai a representar, através do desenho, o que se imaginava.

Miguel II fez os retoques e lá estava uma catedral humilde, construída por gente humilde. O meu pequeno esforço foi recompensado, além da minha esperança. Empurravam-me para ver a catedral erguida. Pe. Dienstmacher sugeriu que se buscasse em São José a intermediação. Na inauguração, foi chamada Igreja de São José do Hortêncio. E aí de quem pensasse em não apreciar a sua beleza. Era o único palácio deste reino de gente abandonada, mas que sabia, por conta própria, tomar seu rumo. Eu, se fosse Deus, estaria orgulhoso por ter filhos tão cheios de vida.



Dez anos depois, veio um pequeno sino de Porto Alegre, mas o som dele não nos agradou. Não correspondia à vibração daqueles que haviam levantado a catedral. Mandamos de volta o sino. O Sr. Mittstein trouxe outro, cinco vezes mais caro e que mal podia ser transportado por uma carreta, especialmente feita pra ele. Ao ouvirmos o seu som, julgamos que tinha a vibração dos nossos sonhos o penduramos bem alto, para que o seu toque fosse bem distribuído três vezes ao dia.

Após um ano, veio morar conosco um senhor que, por causa de uma árvore mal caída, fraturara a perna. Não mais se recompôs. A família era composta por oito pessoas. Falou claro de saída:

- Herr Denkemann, gostaria de ser professor. A primeira razão é que minha perna enrijeceu-se toda e não posso mais trabalhar na roça, senão com extrema dificuldade.

A sorte Ihe estava favorável, pois logo mostrou-se tão capaz na condução do pensamento das crianças que mais parecia um tecelão, tal era a sua facilidade em dar forma à compreensão. Aliava uma poesia tão intensa à realidade das crianças, que essas saíam engrandecidas depois de três anos na escola. Muitos diziam que a Alemanha havia perdido um sábio. Um dia, o Sr. Spassmann brincou:

- Herr Gottlieb, todas as manhãs eu louvo a árvore que Ihe caiu na perna e nos revelou uma pessoa tão capaz.

A bondade, em Hortêncio, tinha passagem nas mãos de Gottlieb.

Nós nos unimos muito para a construção do clube, que foi concluído em 1861. Era bonito ver a gente saindo de suas estradinhas em direção ao centro de reuniões. Dançávamos alegres nos bailes. Um alemão da Alsácia havia trazido uma gaita de fole e animava as reuniões festivas. Por achar triste um cego tocando, meu coração nem se alegrava tanto quanto gostaria. Ao vê-lo retorcer o corpo, comovido com os sons que produzia, sentia piedade pela dificuldade humana. Por não ver, tirava



da vida, com o ouvido o que a cegueira lhe proibia. Por mais alegres que as músicas fossem, parecia que por seus dedos, ficavam nostálgicas.

De madrugada, a tristeza tomou conta do gaiteiro que, por não ver onde estava, deixava a imaginação se entregar às lembranças dos sons legítimos de sua alma os quais estavam muito distantes.

Bem, já que estou narrando sobre como se inaugurou, com certa tristeza, o nosso salão social, aproveito para falar sobre alguns sofrimentos. Se assim não o fizer, os meus descendente vão julgar que nós éramos tão fortes e sem defeitos que agíamos como gigantes, e isso pode gerar uma ideia falsa a respeito de nossa face humana. Olhando bem e medindo friamente, entendo que fizemos o que homens de grande decisão podem fazer: não desanimamos, apesar dos motivos que tínhamos para isso. Viemos substituir os escravos do imperador e, aqui em Hortêncio, e por todos estes vales, está nascendo uma raça capaz de ajeitar a alma e o corpo, fazendo-os melhores que a intenção primeira, para mostrar o quanto tivemos que enfrentar do limite do sofrimento e, por vezes, do fracasso, revelo dois acontecimentos:

Em 1848, faleceu a esposa de Miguel II. A tristeza passeou, de picada em picada, com sua lentidão e prostração. Anna, desde que saíra da Alemanha, trazia uma tristeza presa no corpo, na alma e nas roupas. Por isso, enfraqueceu-se a vida da mulher, como a uma vela que faltasse ar, foi fenecendo e, em janeiro, se apagou. Com o Pedro, parecia que tinha gerado o último ato de vida. Não suportou o transplante. Punha os olhos na direção de onde viera e, para chorar, volvia-os para o chão.

Alguns meses depois da sua partida, passada a dor e a tristeza, Miguel II brincou, com nostalgia, afirmando que a mulher, antes de seguir viagem para uma linha eterna, havia se guiado pela direção da Alemanha, mais precisamente, pela região de Trier. O abatimento foi geral, porque retornavam velhos sentimentos pátrios e notava-se uma mágoa incompreensível, presa no peito de cada imigrante. Os cantos entoados foram tão tristes, parecendo que a própria solidão pousava na voz do Sr.



Gottlieb. Sempre achei a nossa gente muito fria na exposição dos sentimentos e, tardiamente, diziam, quase em desespero, o quanto queriam o ente ausente.

O quadro da família ficara quebrado: Miguel II, três crianças e a irmã mais velha, cega, que lhe ensinara a pensar com muita clareza. Nesta situação não podia ficar por muito tempo. Miguel II conheceu Anna Elisabeth e, por sua necessidade e pela de seus filhos, casou-se com ela em nove de julho de 1849. Para evitar possíveis constrangimentos em referências anteriores, foi morar no Tannenwald, onde, na colônia 16, com dedicação, a sua vida. Miguel II e Anna Elisabeth tiveram mais oito filhos, que vieram ver e ouvir as gentes e as coisas dos pioneiros.

O segundo sofrimento atingiu a todos os moradores da região. Ocorreu cinco anos após a nossa vinda. Uma das cláusulas do contrato dizia que o valor da terra seria pago em 5 anos, sem juros. As dívidas foram se acumulando em função do parco rendimento. Pouco restava para a sobrevivência dos filhos. E o Governo, como geralmente sabe pouco a respeito dos verdadeiros desejos de sua gente, mandou cobrar os valores devidos. A inquietação se somou às inúmeras preocupações do dia-a-dia. A notícia correu assustadora e avassalou a serenidade das casas. Para aumentar o temor da original notícia, a fantasia construiu outras tantas notícias ameaçadoras. O clima das linhas e de seus moradores tornou-se insustentável. Formamos, em Hortêncio, uma Comissão, e fomos a São Leopoldo espantar os fantasmas que nos apavoravam. O Sr. Hillebrandt foi gentil em receber a assustada gente de Hortêncio e Tannenwald. Consolou-nos com as medidas que estavam sendo tomadas. Junto à província, acalmara os cobradores de impostos, através de solicitação de perdão para a dívida de todos no momento. Foi renegociado e rebaixado o valor que, a partir do próximo ano deverá ser pago. De fato, os benefícios concedidos foram apreciáveis e, feitas as contas, os valores poderiam ser pagos. Bendito o Sr. Hillebrandt! A todos agradou!



Fui visitar o Sr. Chaves que me recebeu efusivamente. Segredou-me que estavam sendo distribuídas algumas terras, apenas pelo valor da medida e que, se eu quisesse, poderia obter mais 90 hectares. Disse-me, ainda que, muito brevemente, esse benefício estaria findado, que sobre as terras devolutas seria cobrado um preço ponderável, e que estavam se formando algumas empresas de colonização particular e que, então, as terras teriam um preço exorbitante. Aceitei a proposta de Chaves, mesmo que as terras ficassem embrenhadas na direção de Nova Petrópolis. Trouxe-lhe um regalo em sementes de trigo e afirmei-lhe que se obtivesse o favor da nova colônia, mais regalos desceriam para o vale. De fato, um ano depois, obtinha o presente e pude convidar meus amigos de Deuselbach a virem comprar a metade delas e adquirir outra extensão anexa. Magdalena me fez ponderar sobre a honestidade do que estava fazendo. Pensei, inicialmente, em recusá-la, mas Pe. Dienstmacher orientou-me, dizendo que esta permissividade governamental seria estagnada brevemente e se assim outros tantos eram tratados, não havia razão para não aceitar o benefício. Não busquei outro consolo.

Durante uma noite, sonhei que era um Conde de um castelo e os vassalos, muito tristes com seu conde, murmuravam reclamações contra ele. Ao acordar, estava suado e afirmei determinado a Magdalena que enquanto não fizesse um bem razoável com as terras adquiridas, eu não viveria em paz. Aconteceu que a casa estava ficando transformada depois do negócio feito. Magdalena me aconselhou a fazer com as terras o que bem entendesse, mas não deixou de azedar-me naquela manhã ao dizer que minha consciência era mais estreita que o fundo de uma agulha e que minha honestidade havia desprezado a bênção do Pe. Dienstmacher.

Dividi a grande colônia em duas partes e escrevi para Heinrich, que fora um dos amigos a se despedir de mim no Campo de Centeio do Sr. Hoffmann. Outro amigo, o Egelbert, assentou-se um pouco além do Tannenwald. Assisti-os com sementes e trabalho, além das orientações sobre o campo. O outro, cujo nome era Johan, ficou na Alemanha. Sobrara Heinrich, que mal tinha os recursos para a viagem. Agora, podia atender o



desejo com relação às vantagens que conquistara com as terras oferecidas. Era o menor dos meus amigos e seu porte se espelhava em seu sobrenome: Klein\*. Nada mais poderia temer, pois do favor recebido, bem a metade, distribuí em igual favor. Em 1851, fui receber o pequeno amigo em São Leopoldo. Ele não cabia em si de tanta alegria. Trouxe-o para minha casa. O Sr. Chaves que recebera mel e sementes, achou a forma exata de providenciar as mesmas condições básicas dadas às outras famílias. Nem o machado e uma vaca lhe faltou. O seu tamanho mirrado contrariava a sua alma, que era larga, alta e generosa. Estava admirado por ver a natureza diferente, tão viva e irrequieta, que emitiu o seguinte comentário:

- Há no ar um clima alegre. Há nas pessoas cores vibrantes. As flores e as folhas têm cores carregadas. Não existe discricção na natureza.

- Viste bem – respondi-lhe. Somente o outono é calmo e tão irrequieto que corta a pele e corre com as nuvens para o norte.

No encontro de domingo, na escola, Heinrich afirmou nunca ter visto uma fé tão renovada. E tinha razão. Parece que quando estamos abandonados aos nossos costumes, eles brilham como se tivessem nascido há pouco. Entusiasmou-se o Klein com a união e outras virtudes que a todo momento lhe apareciam vivamente. Quando partimos cm tudo o que era necessário para erguer sua casa em Nova Petrópolis, disse que faria uma comunidade igual à nossa. Ficamos orgulhosos em Hortêncio, por saber que outras comunidades podiam servir-se de nosso exemplo.

### **Sobre alguns fatos que dignificam minha velhice**

Se estar com 65 anos pode significar uma boa idade para muitas pessoas e com ela podem esperar muitos dias pela frente, sinto, porém,

---

\* *Pequeno*





que o mesmo eu não posso afirmar. Meu espírito está contente, mas meu corpo se dobra envelhecido. É, então, que mais espero pelos filhos, para que retornem e eu possa vê-los. Deste consolo, não me imagino dispensar. Magdalena não disfarça e nos fins de semana não tira o olho da pequena estrada que sobe até nossa casa. Disfarço melhor com meus livros e vou até a varanda fingindo que leio. O que quero mesmo é que eles retornem. Envelheço, mas não dispenso o olhar bondoso que lhes dou. Que sentimento é esse, tão profundo e tão suave! Será a morte que se alça devagar sobre os dias e, por isso, a alma se nega a partir sozinha? Consola-me Magdalena, bem mais forte do que eu.

- Vou te dar o favo das pequenas abelhas e ficarás forte como quando me levavas para o rio.

Mas deixem que eu conte alguma coisa interessante, a fim de que os jovens, quando lerem os meus escritos possam se animar um pouco com aventuras e ideias maiores que essas de se ocupar com um velho.

Pois bem, corria o ano de 1875. Era agosto, bem me lembro. Olhava e media o terreno da mata derrubada, ouvi um ruído e, ao volver os olhos na direção do som, deparei-me com a figura de um índio envelhecido. Foi a figura mais triste que já vi. A compaixão tomou conta de mim. Entendi logo que o pobre ser humano já não sabia o que fazer da sua vida. Mais para o norte chegavam os imigrantes italianos. Não sabia mais para onde ir. Reconheci o homem que fora ferido em 1846. Fiz o gesto, apontando na direção do coração e ele começou a sorrir e o medo que havia em toda a extensão do corpo, sumiu. Levei-o até minha casa. Ofereci-lhe a primeira casa. Magdalena tinha medo, mas quando viu com seus próprios olhos o sofrimento do índio, afastou-se dela a resistência. Os filhos ficaram contentes pelo velho índio. Bonifácio, só de vez em quando, avistava-se conosco. Os mais velhos estavam cansados. Somente Francisco estava conosco. Entendeu que o índio era o maior presente que Deus lhe podia conceder. Poucas palavras proferia o índio, curiosamente,



em português. Francisco, todavia, entendia-opor meias palavras e os seus gestos largos eram entendidos sem esforço. Um mês após a sua chegada, falei a Francisco:

- Meu filho, é bom entender que tiramos a mata dessa pobre gente. Nada do que temos foi adquirido sem o prejuízo causado a eles. Não é uma homenagem de um mês que vamos conceder. Se ele quiser ficar até o último dos seus dias, a sua companhia nos alegrará.

Mal terminara as palavras, quando Francisco deu um pulo de contentamento.

- Que bom, meu pai! Vou agora dizer a ele que está livre para sempre.

Assim foi feito. Poucos dias depois, Francisco, à luz do lampião, contou a mim e a Magdalena uma história carregada de paixão.

- Ele é como uma criança arrancada do ventre de sua mãe. Nenhum filho desta raça vai suportar a invasão do homem branco, pois a mãe natureza está sendo enfraquecida e da mata, brevemente, não se terá o que esperar. O nosso índio, após o tiro, correu em direção contrária e na região dos campos abertos foi levado como escravo, preso a uma coleira de couro, até uma fazenda, onde trabalhou mais que um boi de canga. Não suportou o alimento, nem a gente, nem o campo aberto. A mata é que lhe dava confiança. O grande pai e os espíritos bons tinham ficado na floresta e dela não saíam. Trabalhou por dias e dias, em silêncio, enquanto enfraqueciam seus músculos, de pura tristeza. Falou para si:

- Não quero morrer sem meus espíritos. Não vou ter paz na grande noite. Quero a luz da madrugada trazida no coração de meus pais.

Uma noite, enquanto dormia, viu seu pai que lhe falava sobre o seu lugar.



- Meu coração vivo! Meu coração! Saia daqui, amor preso no campo. Busque a casa daquele que na morte te deu vida. Ele te dará um bosque para a caça e árvores para falar com teus espíritos.

No outro dia, fazendo o aparte de gado, foi nosso índio até os primeiros pinheiros e desapareceu na floresta. Ouvia os latidos dos cães que o perseguiam e o grito raivoso daqueles que o queriam de volta. Por muitos dias, andou, guiado pelo sol. Quando o viam, as gentes das montanhas corriam apavoradas. Falava com os espíritos para que dissessem à gente estranha que a mata era boa e poder-se-ia dividir as terras, porque havia o suficiente para todos.

Por cinco anos, Camilo ficou conosco. Assim o batizamos. Depois foi morar com Francisco nas terras virgens de Nova Petrópolis. Mas é impossível esquecer alguns de seus usos e costumes. Numa manhã, acompanhei-o, à distância, para ver a cerimônia dos espíritos. Camilo estava vestido com minhas velhas roupas e parecia um pobre sacerdote com aquelas vestes folgadas. O que eu vi foi de causar comoção. Ao chegar ao topo de uma pequena elevada na clareira, Camilo parou. Inclinou-se em direção ao sol e seus braços se estenderam suavemente, parecendo fazer pairar o corpo no ar. Estava quieto e reverente o corpo. Pude distinguir sons guturais e murmúrios infantis. Depois, dirigiu-se a uma árvore frondosa com tronco forte. Pôs-se na ponta dos pés, erguendo as mãos postas o mais que podia. Ficou por dois minutos, em rito, erguido como se fosse a própria árvore. Desvestiu-se calmamente, e entrou respeitosamente no poço de água límpida. Batia com a palma da mão sobre a superfície, com mais intimidade do que se bate sobre os ombros de um amigo. Murmurava como se fosse uma fonte. Entregou-se à água, como um filho aos braços da mãe. O mais estranho foi que, pelo fato de acompanhá-lo reverente, estava eu com a alma tão bem, que uma paz suave invadia meu ser. Fui ter com Camilo, participando, em silêncio, das águas. No espelho das águas, Deus tinha o seu rosto. Perguntei a mim mesmo se não seria Deus a abstração de todo bem e toda beleza que nos anima a alma e nos encanta o corpo. Mas afastei estes pensamentos,



temendo que minha filosófica não fosse a mais temente e afirmei a fé de meus pais, que considerava a mais verdadeira. Nas minhas dúvidas discutidas com Pe. Hildebrandt, ele dizia que as deixasse de lado e me guiasse pela sabedoria de Santo Tomás de Aquino, que era gordo e sabia tudo. Não seria demais um humilde agricultor querer, num poço de água limpa, entender com clareza os mistérios de Deus? Mas deixei que a ideia do meu Deus e do Deus de Camilo fosse a mesma. Nossos corpos soltavam o vapor da água, quando pus a mão no peito e indiquei o alto. Ele impôs as duas mãos e as ergueu como se quisesse segui-las.

Dei a Camilo um cavalo de presente. Ao vê-lo tão contente, pensei, no quanto ficaria feliz se tivesse dado antes. Curioso nos parecia, a mim e a Francisco, que o animal e o índio, por vezes, não se distinguiam. O índio murmurava e o animal obedecia, no andar e em tudo o que tinha que fazer. Em vão quis mostrar como encilhar o animal. Ele se dava melhor com o animal, por deixá-lo sem amarras. Andava orgulhoso no seu cavalo. As mais tenras folhas eram para o animal. Nunca pude clarear para ele, o suficiente, para que entendesse que as folhas de centeio e as de trigo eram para o alimento dos homens. Na verdade, não distinguia, o ser humano de um cavalo e muito menos distinguia as propriedades que tinha, das propriedades do Vento. Este era o nome de seu cavalo. Quem, das árvores solenes, faz deusas, porque não daria alimento humano a um animal tão amável?

Quando íamos caçar ou pescar, causava grande admiração a forma de o índio andar na floresta, caminhava com tal desenvoltura, que mais parecia andar numa estrada aberta. Não aprendera a lidar com armas de fogo e fugia, irrequieto, quando perto delas, o arco e as flechas lhe davam suficiente caça. Na pesca, via os peixes que ninguém via e sua arma era certa. Na ponta da flecha mal se rendia o peixe ferido. Os laços bons da amizade formaram nossas vidas a ponto de não se poder imaginá-las sem a presença confortante daquele que nos livrou da culpa de participar da morte de sua raça. Ao menos um eu auxiliei, para que não sossobrasse. Bem que tinha razão o Pe. Hildebrandt: A Europa não teve



nenhuma elegância com a América. Na verdade, não tivera nem com seus filhos. Como haveria de ter com os filhos dos outros?

Por mais que reclame Magdalena, não vou deixar de me entregar a algumas causas com tempo e destemor. A inteligência de nossas crianças deve ser elevada às alturas. Onde houver uma pequeníssima aldeia, aí deverá haver uma escola. Ninguém poderá nos vender ou trocar por meia dúzia de palavras. O valor de tudo o que temos deverá ser bem medido e se ajustar, com igual valor, àquilo que os outros oferecem, e o que dizer de nossa saúde e de nosso alimento? De nossa estrada e do cuidado da terra?

Se o índio causou surpresa, não menor foi aquela de 1860. Era uma tarde muito fria de junho... Faltava brasa, por mais que o fogo esquentasse o grande fogão de barro. Estavam as crianças fazendo rapadura na frigideira de ferro. O cheiro do amendoim torrado era agradável. Fazíamos os temas das crianças. Lembro-me da história do profeta e das crianças irreverentes que o desprezavam. Um toque na porta fez as crianças se afastarem para ver quem estava lá. Quando vi o Pe. Hildebrand, muito envelhecido, gritei, e os garotos começaram a gritar por causa da minha alegria. O abraço nos envolveu. Todos conheciam o padre, ou pelas histórias contadas ou pelas cartas. O alvoroço tomou conta da casa. Levou um tempo até se pôr ordem em tudo. Ofereci-lhe um chimarrão.

- Pe. Hildebrand, toma, a bebida é amarga, mas anima uma conversa.

Quando tudo estava em ordem, nós nos sentamos para a conversa sustada há 23 anos atrás. Queríamos saber, em primeiro lugar, sobre as notícias da casa de meus pais. Houve alegria ao sabermos do bem-estar de Lina, Greta e Franciscus e de seus filhos. O padre comentou que, com tanta gente saindo em levadas, começou a sobrar espaço de trabalho e este a ter a respectiva valorização. Afirmou, porém,



que papai estava muito triste. Ao falar, percebeu-se que havia uma péssima notícia. A forte senhora havia partido duas semanas antes da saída dele. O fato deixou-me no meio de meus pequenos, sem proteção. Abateu-se o meu espírito e pedi licença para ir ao interior da casa. Como se ela tivesse aí, junto a mim, orei por ela e por mim mesmo, para que seus dias e o seu exemplo me servissem de luz. A luz se fez, pois nada mais podia fazer que tomar seu testemunho e desejar que a face do Senhor lhe fosse benigna e que seu olhar generoso não medisse as suas falhas, mas as suas virtudes, que eram tantas. Ao voltar para junto de meus filhos, eles me rodearam, como se pudessem cuidar da fatalidade. Falei sem nenhum constrangimento:

- Bem, minha gente querida, não fiquem tristes. Esta é mais uma dificuldade que devemos suportar de cabeça erguida. Espero que em pouco tempo, possamos afastar o limite da distância que nos tira o afeto de quem amamos. Basta que vocês saibam, minhas crianças, que a mulher que faleceu era aquele que fazia as minhas vestes para o inverno e que cuidava da casa como se fosse o seu reino. De sua boca só ouvia o bem e de suas mãos, gestos de proteção. Se o pai de vocês tem força na alma e no corpo é porque essa mulher, a querida Anna, nutriu todos os filhos com esperança. Que seja mais uma luz em nosso caminho.

Acrescentou Pe. Hildebrand:

- A bondade de Deus só tem desvelos para quem depositar nele a sua confiança. “Quia apud Dominum misericórdia: et copiosa apud eum redemptio”.\*

Logo anoiteceu. O padre, Magdalena e eu ficamos conversando até a meia-noite sobre a pequena aldeia de Deuselbach e como estávamos erguendo a nossa de Hortêncio. Fiquei contente ao saber que Anna havia recebido as cartas e, principalmente, a última, na qual, sem receios, avaliava a extensão da minha felicidade e como eu punha em

---

\* *Porque a misericórdia está com o Senhor e copiosa é sua redenção.*



prática as lições de meus pais. Por que será que se prende em mim o pensamento de que o espírito parte com alívio, quando lhe são tiradas as profundas preocupações?

No outro dia, quando a manhã ia iniciando, discutiam junto aos grunhidos dos porcos, Leopoldina, Pedro e Bonifácio, sobre a sorte da avó. Entre os porcos, viam a questão da alma humana. As opiniões eram diversas: Bonifácio dizia que o céu é um lugar de lindos cavalos, onde se pode andar pelos vales, sem preocupações, a não ser a de viver com alegria. Leopoldina afirmava que a face de Deus é uma luz, pela qual tudo toma vida e as almas sentem mais conforto que no inverno, quando estamos agasalhados com os cobertores de pena de pato. Pedro, o mais exigente, julgava que a avó não merecia estar quieta olhando a face de Deus onipotente por uma eternidade. Isto seria muito cansativo para quem vive uma vida trabalhando com ardor e torcendo para estar viva no dia de amanhã. Quando cheguei, perguntaram sobre a minha opinião a respeito da eternidade de minha mãe. Brinquei, dizendo que sobre a alma humana não se discute junto aos porcos. Bonifácio insistiu que a cabeça funciona sempre. É como uma máquina que fabrica ideias e mais ideias e nem pergunta onde é o melhor lugar para expandi-las. Falei que a ressurreição é um mistério e que ninguém sabe como é a vida eterna. Apenas a fé nos diz que Deus, generosamente, toma nas mãos os seus filhos, sem deixar que se apaguem como os lampiões, antes de dormir. Os porcos se assustaram sem razão e acabou-se a conversa sobre os mistérios da alma.

A vinda do Pe. Hildebrand foi de grande valia para as pequenas linhas. Eu sempre estava ao seu lado. No lombo de dois cavalos, percorríamos todas as pequenas igrejas de madeira. Extraordinária era a sua palavra e quase milagrosa. A pobre gente erguia a alma. Tento dizer algumas ideias sobre o sermão que fez na pequena igreja de Tannenwald. Foi a manhã de céu azul e o mato verde com suas estradinhas que inspiraram o Pe. Hildebrand?



“Minha querida gente! Meine liebe leute!\* Sei que já se dobra o vosso corpo cansado sobre o campo de onde vocês tinham o pão, a veste e a esperança. Mas o progresso que estão trazendo com as mãos, pode deixar Deus orgulhoso. Ele que foi generoso ao erguer as montanhas. Com a dedicação de vocês, as crianças já podem brincar. Pode-se descansar durante a noite. Pode-se saber que não se vai morrer com trinta ou quarenta anos. Os filhos que nascem já podem vestir uma roupa tão bonita, que faz o elogio ao templo do Senhor. Esta terra, que percebeu com alegria os filhos da gananciosa Europa, deve receber o respeito profundo. Tenho a certeza de que os homens se tornarão mais livres pelo aprendizado do trabalho e da cooperação. Não abandonéis a tradição da mãe igreja e nem aquela de seus pais”.

Ergue-se logo um canto forte. Todos tinham a alma elogiada e, se tivessem de morrer, apresentar-se-iam ao Senhor dizendo que eram aqueles que às montanhas e vales haviam trazido uma nova ordem. Que em suas mãos estava o destino, pois se entendiam como os filhos companheiros do Pai. Nenhum segredo estaria fora de seu alcance.

Longo silêncio se fez no caminho de volta a Hortêncio. Chovia muito, apesar de que, pela manhã, o azul parecesse duradouro.

- Confesso-lhe, Pe. Hildebrand, que às vezes estou no inferno, mas ainda bem que a redenção pela beleza me devolve o Senhor. Quando pingam as árvores ou quando as patas do cavalo rasgam a terra, a chuva apaga seus sinais, sinto minha alma se elevar. Quando subíamos o Sinos, na manhã de nossa viagem, via a bruma sobre o rio e dizia que esta era a minha terra. Quando ouvia os remos batendo na água eu dizia que esta era a minha água. E rezava: Bendito o Senhor, que ainda me concedeu um lugar para sonhar. Ninguém vai tirá-lo de mim e a ninguém vou deixar que tirem o pouco que tem.

---

\* *Minha querida gente.*





- Parece impossível, Albin, que um ser tão frágil como o nosso possa carregar tanta grandeza. Por isso eu acredito que o Senhor nos espregueira e, ao partimos, toma para si o sopro tão perfeito.

Ao chegarmos em casa já era noite e mesmo a janela, por onde saía a luz, me dizia que nossas vidas eram como uma casa iluminada por dentro. Magdalena nos entregou as toalhas secas e o agrado do corpo se fez quase perfeito. Pe. Hildebrand se recolheu quase em silêncio. Fui até meus filhos que dormiam. Beije-os, afastando um pouco as cobertas de pena. À luz do lampião, eles pareciam tão lindos, que duvidei que pudesse ter contribuído para que houvesse imagem tão bonita. Conversei baixinho com Magdalena. Temia que o Senhor fosse embora com algum ruído.

No outro dia, o tempo estava novamente limpo e agradável. Bem cedo, antes que se erguesse o sol sobre a mata, veio Pedro ter comigo, dizendo que podíamos preparar ao laços e outras armadilhas para caçar. Padre Hildebrand poderia conhecer o interior da mata. Ao acordar ele caminhava zengo e olhei-o, distraído, percebendo que a vida se encolhia em seu corpo. Meu Deus, o meu companheiro mais velho, o meu mestre estava esgotando a vida. No café falei-lhe que dos dois dias livres que reservava do seu tempo, um podia ter ocupado em conhecer a mata, realizando uma caçada. Ficou satisfeito. E lá fomos nós, os quatro. Bonifácio estava com apenas nove anos, mas para não vê-lo triste demais por ter de ficar em casa, foi com Pedro na garupa do cavalo Governo. Assim, chamaram-no Pedro e Leopoldina, porque era distraído e demorado. Fomos até o Caí, onde, em suas voltas, as pacas e as cutias tinham a morada. Pela picada chegamos até perto do rio e aí deixamos os cavalos. Depois entramos no vale fértil. Pela variedade de árvores, Pe. Hildebrand mostrava estar comovido.

- Isto aqui é mais bonito que o interior de uma catedral no dia de seu santo.

Caçamos cinco pombas e as assamos. Após o meio-dia, Pedro, a quem liberei a arma para caçar, saiu com o irmão, recebendo as devidas



recomendações. Alguns minutos depois ouviu-se um estampido e um forte alarido. Eu e o Pe. Hildebrand corremos e em poucos instantes estávamos no local. A cena era comovente. Pedro atirara num pequeno bugio e a comunidade toda, aos gritos, se revoltava, convulsivamente. Ficamos perplexos quando, presumidamente a mar desceu da árvore e aconchegou o pequeno animal morto. Nós nos retiramos e eu comentei com Pedro que não havia sentido em matar o animal, sem finalidade. Ele respondeu que assim o fizera para proteger o milharal. Em parte tinha razão. Mas percebi que o padre estava muito abatido com a cena do animal morto.

Preparamos as armadilhas que se constituíam em laços de pequenas árvores, cujos troncos se vergavam, de sacos emborcados nas tocas e o mais comum eram as arapucas, como uma espécie de alçapão com uma espiga de milho. Depois voltamos para casa sem pressa para chegar. Ia dizendo o nome das árvores, dos arbustos e das heras e de todos os animais e pedras. Fiquei feliz por conhecer o meu redor. Ao chegar em casa, Pe. Hildebrand estava mais abatido e perguntou-me se sempre, ao cair da tarde, era tão frio. Ele estava febril. Sentado numa cadeira mal segurava o corpo.

Poucas horas se haviam passado e já delirava o pobre homem. Compreendi que era grave a situação. Chamei o Sr. Richtich, que avaliara melhor as situações graves. Escutou o peito do padre e disse que não havia nada de mais nele. Abriu-lhe a boca para ver os dentes e a garganta. Perguntou se não havia ferido em alguma coisa. Nada havia que pudesse causar-lhe o mal que apresentava. Mas o que murmurava parecia indicar a razão de sua doença:

- Mais parecia uma pequena criança que um animal. E não há ninguém que tenha piedade dos animais. A terra se constrange!

Depois passou a dizer palavras desconexas, dando a impressão de que realizara as exéquias do pequeno bugio.

Após uma semana de cuidados do Sr. Richtich, que demonstrava entender de doentes, o padre estava bom. Ele mesmo avaliou o seu



estado, como “choque muito forte”. Disse que não suportava ver o sofrimento tão grande da mãe do bugio e a saudade dos irmãos que nada puderam fazer contra a fatalidade. Contou a história do beduíno que dizia ter quebrado as costas do seu camelo com uma palha de centeio. Ria porque na realidade havia sobre o animal 300 quilos de tâmaras. A mãe bugia era ele mesmo. Não tinha aprendido uma vida toda a tomar a dor dos outros?

- Herr Denkemann, mas qual foi mesmo o resultado da caçada?

- Eu e o Pedro fomos ver o que havíamos apanhado. Foram quatro pacas e cinco cutias. Três pacas ainda estavam vivas, numa grande gaiola de bambu, no meio do mato.

Recebi por aqueles dias, final de outubro, o convite para ir a São Leopoldo a fim de participar da reunião referente aos conteúdos escolares e ao tempo necessário para serem ministrados. A minha igreja sabia da importância de seus filhos terem uma orientação humana e cristã segura. Convidei o Pe. Hildebrand a dar a sua contribuição. Disse-me que iria para ouvir as palavras e refletir sobre elas, pois acreditava que a direção de quem caminha é a de quem precisa caminhar.

Estávamos, um dia antes de partirmos a São Leopoldo, olhando a lavoura quando recebi ótimas explicações sobre o uso e a conservação da terra. Mas logo a conversação tomou rumo quase profético. O padre falava em tom quase triste, mas suave. Como o tempo impõe regras a cada período humano! Era quase um revolucionário e agora, um homem ponderado e generoso!

Ponderava Pe. Hildebrandt:

- A Europa vive um tumulto. A Igreja é contestada na sua forma de agir. Reuniões e mais reuniões são feitas, tentando-se descobrir qual é o novo caminho. Parece que a Igreja, que foi afastada do poder, deverá reencontrar o caminho do povo. Contesta-se a organização da sociedade em torno das grandes indústrias e dos bancos. Parece que a autonomia



das pessoas sofre uma crise, pois entre elas, algumas se encheram de vantagens e o sentido da igualdade foi perdido. A História, ao que tudo indica, não vai perdoar este exagero. O Estado poderá surgir e frear a liberdade humana, uma vez que ela está se negando a reciprocidade. Na medida em que se freia a livre iniciativa morre o desenvolvimento, mas do jeito que está construída a cidade dos homens não existem condições de vida. O equilíbrio vai custar muitos conflitos e mortes. Feliz é este tempo em que se consegue viver fartamente, pelo esforço próprio.

Depois calou-se o homem de Deus... e eu não estava mais habituado com suas conversas. Meu pensamento já havia se acostumado às preocupações com minha casa e com as de Hortêncio. Fomos até São Leopoldo, mas parecia que havia uma dor sobre os meus quarenta anos. Gostaria de ter ficado na Europa para resolver as questões que estavam à frente do Ocidente. Estava ali, num pequeno lugar dividindo as preocupações com os animais do mato. Minha cabeça estava aí, mal e mal ajestando uma pequena escola para a região. Pus em dúvida o valor de meu próprio destino. Nem que o Sr. Spassmann tinha razão ao dizer: O Sr. Denkemann quer um mel que não se encontra nesta floresta. E depois, mal chegara o meu amigo e já partia. Afinal, o que é que eu tinha lhe mostrado? Um monte de sofrimentos. Nem da terra sabíamos cuidar. Mas havíamos chegado e em alguns lugares a terra se rasgava toda em valetas profundas, parecendo até as costelas de um cachorro faminto.

Ao menos em São Leopoldo o meu amargor serviu para alguma coisa. Desabafei sobre o descuido da Igreja para com seus filhos pobres que chegavam quando disse que não ficaria bem se aqui também a humilde gente tivesse que duvidar da existência de Deus e afastar-se dos costumes cristãos. O que a Europa está fazendo pode acontecer nas casas de São Leopoldo e Novo Hamburgo. Precisamos de mais pastores. Precisamos de mais livros para as nossas escolas paroquiais. Precisamos que o governo olhe um pouco para os nossos filhos do interior. Depois da minha conversa, veio um padre jesuíta dizendo que me tinha escutado com atenção. Afirmou que levaria a minha angústia até o padre superior.



Pela tarde daquele dia falou Pe. Hildebrandt, o que me alegrou muito. Deu sugestões que foram de decisiva valia. Talvez as escolas possam chegar a quatro anos e a divisão dos livros possa levar em conta as orientações do meu amigo Albin.

Depois destes dias de reuniões, chegou a despedida. O velho vigário de minha aldeia dificilmente me faria outra visita e o meu dinheiro mal sustentava meus filhos. Mande abraços à minha gente, dizendo que os humildes não sobra muito mais que um carinho à distância. O que se tem demais é saudade. Pe. Hildebrandt me consolou, dizendo que depois da minha dor viriam dias tão bons que eu novamente voltaria a cantar tão alto que os bugios voltariam a roncar na floresta.

Voltei a sós para Hortêncio. Havia apenas um cavalo que troteava, conduzindo-me de volta a casa. Do alto do animal avalei minha vida e, na conta final, pouco mais sobrara além de meus cinco filhos e da doce Magdalena. Sempre pensei que ao chegar aos quarenta anos seria um homem forte, quase inquebrável, e me via agora, tentando fazer minha vida com poucas condições e não sendo muito mais que um estrangeiro.

Ao chegar em casa, Magdalena percebeu que eu estava como um bando de urus num capão: me sentia sem saída e tão frágil. Então falou:

- Meu Albin está como um pássaro com a asa quebrada. Em que galho ofendeu sua alma?

Tirou de mim, com presteza, a solidão e a fraqueza.

Numa sexta-feira ela encheu a carreta com os filhos e os levou até a casa dos avós, em Tannenwald. Voltou no sábado, ainda muito cedo, ditando palavras claras:

- O velho urso mandou dizer que os morangos já foram plantados e que o trigo já verga com espigas cheias. A terra que você conseguiu

para ele dá para sustentar uma tribo. É bela e fértil. No caminho encontrei o Sr. Gottlieb. Ele está contente por reunir os professores das linhas novas para ouvi-lo sobre o que há de novo por se fazer. Bem, agora deixe-me por um instante só tomar conta de ti, já que tão bem tomaste conta de um monte de aldeias.

Abri-lhe o vestido e ternamente beijei seus seios. Ela se sentou em meus joelhos. Um silêncio longo e quente nos envolveu. Fomos ao rio naquela manhã. Ela tomou minha mão e para lá me conduziu. Tirou a roupa, como que dizendo: “Te segura, homem, neste corpo que te ama”.

Despiu-se e me abraçou como uma amante. Entramos na água e nunca pensei que Magdalena tivesse tanta imaginação na sua boca e na ponta de seus dedos. O sol de novembro nos enxugou. Alegres passamos pela plantação. No jardim as flores tinham o esplendor do meio-dia. Como sobremesa havia um favo de pequenas abelhas e como bebida, um suco de maracujá que me fez dormir como um inocente. Antes de dormir, pousou o seio, suavemente, na palma da minha mão.

No domingo, fomos à igreja como namorados e oramos. Um milagre igual ao da natureza se operava em mim. Floresceu-me a alma e, se desse fruto, como um caquizeiro, teria alimento durante o outono e parte do inverno.

## **Mas Principalmente da Simplicidade dos Dias se Faz a Minha Casa**

Vou com minha pena pondo no papel velhas lembranças e acontecimentos novos. São pedaços de vida, como um pedaço de pano, faz o tecido que nos veste. Não obedecerei ao tempo com rigidez, já que importa o movimento da minha casa e da minha aldeia. São também observações que poderão ter algum proveito aos meus descendentes.

Parece que ninguém está dando muita atenção aos últimos momentos deste século. Todos dizem que o próximo é que vai ter novidade. O homem já ensaia andar com maior velocidade. Já não lhe serve tomar como empréstimo as costas dos animais. E nem lhe é suficiente o vento que empurra suas embarcações. Não lhe basta a voz natural. Quer falar sem a barreira da distância. Em tudo quer ampliar a oportunidade. Nada lhe é dado como limite. Se tudo é ampliado, como vai ficar a vida humana? Quando chegará o homem aos 150 anos, cheio de vitalidade? Quando falará com as estrelas? Bem, a mim não caberá esse tempo. Os quase setenta anos que me dobram pelo meio, não alcançarão os oitenta. Uma paz tão elevada me possui que um dia a julguei impossível. Sinto que é tempo de partir. Quando surgem os bisnetos, já se está partindo tarde. Entretanto, bruxuleia a luz dentro de mim e a protejo com cuidado extremo. Forte ainda está Magdalena. Entregou-se um pouco, somente quando o velho urso partiu. E partiu feliz... como um urso lambuzado de mel.

Enfim, estou aqui. Ainda bem que os pensamentos me obedecem e com eles tenho com que me distrair. Há poucos dias chegou o Spassmann e perguntou o que estávamos esperando nós, que já têm bisnetos que nem sabem quem nós somos. Parece que somos uma lousa velha, dizia ele, cheia de palavras que a ninguém interessa mais ler. Mas palavra por palavra, leio a cada instante, a hora e a imagem, e leve está a minha alma, como um pássaro ao qual não agrada vôo baixo. Tenho dó de mim quando jovem e também dos jovens que passam por mim. Devoram a vida sem poesia. Tocam tudo como se nada ouvissem. Não troco um segundo de minha velhice por duas horas da minha juventude. Julgava que aos 50 minha vida começaria a perder o vigor e pouco mais teria que a morte por esperar. Nada disso aconteceu. Palpita em meu peito todo o meu ser e resiste em partir. Surge a primeira lição que, de graça, ofereço: nada se perde. São os velhos vinhos que se saboreiam. Dói-me o corpo, é verdade, mas carrego nele insuspeitados sonhos que me elevam, basta de querer consolar-me.



Não se podia negar que Albin tinha uma casa razoavelmente especial. Nem punha ele a sua mão sobre as coisas, da mesma forma que outros o fazem. Pode-se dizer que havia uma espécie de intenção maior, mesmo quando auxiliava Magdalena a fazer o pão. Quando, junto às cercas plantava sementes de esponjas, de porongos ou de morangas, ele via à frente a serventia e o quanto os filhos poderiam estar servidos por elas. Quando viajava e trazia novas sementes, mais que todos os da região, tinha prazer em dividi-las. Apreciava ideias novas, como se fossem frutos após a chuva.

Um dia, discutindo com Gottlieb, afirmava que deveria passar pelas roças com as crianças e pelo mato, apontando o nome e a serventia das plantas. O professor disse que cuidasse das suas preocupações. Albin perdeu o estribo e montou no cavalo de qualquer jeito. A conversa engrossou quando Albin lhe disse que se pensasse com a cabeça, poderia perceber que as crianças aprendem mais com os olhos, ouvidos e mãos do que ouvindo apenas a voz do mestre.

Gottlieb, rancoroso, perguntou-lhe:

- Em que você acha que estou pensando?

Anbin retrucou-o, dizendo que sentava sobre as ideias, e por isso, estavam mofadas.

Quando Gottlieb percebeu a ofensa, houve início de tumulto. A maioria da população dormiu contente, porque viu que os dois renomados e reputados homens carregavam os mesmos demônios que todos carregavam. A respeito, dizia Spassmann:

- Se os homens que pensam perdem a cabeça, então não somos tão miseráveis. Vai ver que Deus esfrega, por vezes, o nariz de todos no chão, para ninguém achar que não é feito de barro. E ria uma gargalhada sem ofensa.

Em todo o universo o homem das aldeias teve algumas vantagens e outras tantas desvantagens sobre o homem das grandes cidades. As





novidades, a arte e a ciência sempre privilegiaram os homens da capital. O dia-a-dia de uma aldeia não é revolucionário. Albin tinha em mente que, não necessariamente, devia ser um homem de grandes oportunidades, mas bem que gostava de amá-las. Via a si mesmo com razoável tamanho quando meditava sobre a sua participação na melhoria das escolas e nas necessidades de seus amigos. Dizia que a única coisa da qual tinha um pouco de orgulho era seu constante esforço para acompanhar as reuniões em São Leopoldo e opinar sobre o tempo necessário para uma criança aprender o essencial sobre o conhecimento humano.

Não muito mais fazia Albin em sua aldeia. Cantava na igreja... às vezes não sabia se cantava para agradar a Deus ou se para agradar a si mesmo. Mais ainda o agradava cantar na Sociedade do Canto. Como não tinham dinheiro para pagar grandes artistas, eles mesmos tinham que compor a arte e apreciá-la. À noite, parecia que a voz do coral tinha mais veludo. Assim como o mato, após a chuva, fica lustroso, assim ficam as vozes dos homens, na aldeia, quando chega a noite.

A música era, nestes anos, comuns e tensos, uma boa companheira. Poucas vezes se cantou tanto assim como nos perigos dos anos 50. Parecia que, pelo canto, punham a cabeça na Alemanha, invocando-a como proteção contra o governo daqui. Se não ajudava, ao menos aliviava. Cantou-se também nos anos 80, quando a região soube que a cabeça do imperador estava seriamente ameaçada. O senhor Wuttberg, pouco antes de morrer, queria promover uma guerra para salvar o imperador. O Sr. Spassmann lhe disse que seu trabuco não funcionava mais e que o tempo dos imperadores já havia passado. A república seria coisa de todos.

O Sr. Wuttberg endireitou o peito, pois as costas estavam curvadas e afirmou que na casa onde todo mundo manda nem os cachorros respeitam mais.



Albin tentou explicar que haveria respeito pelas leis escritas por cidadãos reunidos em assembléia e que a autoridade do presidente faria cumprir o que havia escrito.

Saiu o Sr. Wuttberg arrastando os tamancos e disfarçando os remendos da calça. Pensava ele que os remendos lhe tiravam a dignidade. Resmungou ainda que um estado sem nobreza não tinha grandeza e que os presidentes eram chefes de meia pataca. Falou mais alto, enquanto se distanciava:

- Bonito era o tempo em que a Igreja e os reis recebiam o dom de Deus para governar com sabedoria.

Além do canto Albin apreciava a criação da novidade. Foi assim com a história da construção de um moinho. O Sr. Mühlhoff veio de São Leopoldo, dizendo que sabia como fazer farinha. A ideia foi aceita e lá se foi Albin auxiliar nos meios para se erguer o moinho. Valeu o esforço. Quando, no primeiro sábado, foi feito o pão do Moinho do Mühlhoff, todos na casa de Albin diziam que o cheiro do pão e a sua aparência estavam para o nariz de um príncipe. E não havia exagero nenhum no encantamento, ainda mais quando a cesta cheia de pães foi posta sobre a mesa, junto às flores. Havia frutos do mato e as laranjas estavam maduras. Magdalena, que não era de muita poesia, foi quem falou:

- Sou como uma rainha que pode dar de comer ao seu povo.

Olhava para os filhos. Graças ao Moinho do Mühlhoff, tornou-se costume ter o cheiro de pão novo. Até este ano viviam de uma broa grosseira, resultado de um farelo batido no pilão. O Sr. Brod tornou-se especialista em fazer fornos de barro. E o homem tinha razão em se orgulhar. O pão saía tão bonito e gostoso que até parecia que o Senhor é que o enviava.

Além de fazer os fornos, todos da região tinham prazer em ouvi-lo quando explicava como se devia usar um forno de barro.

Tudo na aldeia, se fazia com grande tenacidade. Na educação dos filhos nada escapava sem o devido aproveitamento. A austeridade rodeava as casas de Hortêncio e a constante atenção e a tenacidade deviam construir a fortaleza no interior dos filhos.

Num dia de primavera, caíram nas arapucas três urus e uma gralha. Pedro e Bonifácio pediram ao pai para acompanhá-los no exame dos resultados do que haviam colhido. Os três urus presos não haviam feito nenhum esforço e aguardavam, sem revolta, que fossem retirados. Ao contrário, a gralha se debatia, desesperadamente, e se esperassem mais alguns minutos, destruiria a armação feita de taquara e cipó. Fácil foi reter as pequenas aves, gordas e inofensivas, a gralha, porém, resistiu, ferindo profundamente o dedo de Pedro que, aos gritos, deixou-a escapar. As suas penas amarelas e pretas voaram em todas as direções. Albin mostrou-lhe a importância da luta dizendo:

- A gralha está viva e não se entregou, ferindo quem lhe obstruía a liberdade.

Assim, quase todos os dias havia motivos para instruir os filhos sobre a arte de vencer a duras penas. Mas nem sempre os habitantes do pequeno lugar conseguiam superar as dores. Por saudades, por solidão, ou por sentirem vacilar o espírito diante do desespero, alguns buscavam no suicídio o último recurso para eliminar a avassaladora angústia. Poucas eram as linhas que não tinham uma árvore onde a vida tivesse sido abandonada por alguém. Doía, em todos, a triste visão. Entre lágrimas era recebido o corpo e depositado em terra separada daquela reservada àqueles que tivessem morrido em paz. A comunidade não perdoava alguém que partisse, fraco. O peso de cada um devia ser suportado, sem que a ninguém coubesse o direito de suspender o corpo como alívio. Em Hortêncio, o Sr. Richtich achou que a vida lhe pertencia e foi até uma árvore. Na chegada do Pe. Dienstmacher, temia-se que o sermão colocasse o pobre homem no inferno. Ao contrário, falou de tal maneira que o consolo chegou aos corações dos filhos e da viúva:



- A bondade do Senhor é suprema, acima de tudo para com os filhos que sofrem. Não se ponha mais angústia sobre aquela que já devemos suportar. A profunda tristeza tomou conta do coração do Sr. Richtich que sempre viveu com retidão. O Senhor tomou para si a sua alma aflita e a consolou, como a um filho que chora.

O Sr. Passmann cochichou:

- O padre está pondo o Richtich no céu. Os servos do Senhor terão trabalho estafante. Deverão podar todas as árvores do reino dos céus. – Riu consigo mesmo, controlando-se.

Além desses sofrimentos, outros invadiam as pequenas estradas e iam dar, sem muita cerimônia, na casa da humilde gente. Os primeiros natais, ao invés de se tornarem motivo de alegria, muitas vezes, deixavam os corações acabrunhados. Um deles, especialmente, deixou muita amargura ao Albin. Parece que foi no Natal próximo ao nascimento de Juliana. Albin lembrava os seus e a neve nos pinheiros. Os cantos dos conhecidos. Enfim, um tempo é um lugar sem retorno. Era meia tarde. Tomou a flauta de bambu e foi até o rio tirar dela os sons da sua infância. Tinha como conforto os sons da flauta e o murmúrio da água nas pedras. Não resistiu a um banho na água limpa. Ao vestir-se, pensou que não tinha porque ficar triste, pois de nada adiantaria o Natal num lugar que não lhe dava nenhuma segurança. Melhor que todos era o seu lugar que lhe dava até um pequeno lago, fundo e limpo.

Saiu dali e foi ter com seus filhos pequenos que tinham o direito de ter um companheiro alegre.

Em 1870 já eram conhecidas as estratégias para encaminhar os imigrantes. Faltava uma boa ferraria no Hortêncio. Novamente Albin foi designado, juntamente com o Sr. Mittstein, para verificar em Porto Alegre, se não vinham algum homem que entendesse de ferro. No caminho os dois estavam felizes por saírem um pouco da monotonia de Hortêncio.



Notaram emocionados a transformação da paisagem. As linhas se transformavam em aldeias, as aldeias em vilas e as vilas em cidades. Na vida social já se tinha a disciplina e até a rotina havia conferido um pouco de tranquilidade à paisagem, que estava mudada. Nas terras, homens brancos suavam com naturalidade. A igualdade se fazia presente. O mérito das gentes estava em suas próprias mãos e não na sorte que o Senhor pudesse conferir. O tempo dos feudos e dos castelos foi a primeira forma dos homens desta terra entenderem a sua organização. O imigrante trouxe o tempo da liberdade, isto é, com sua própria intenção podia voltar-se para seus próprios sonhos. Tinha o poder e a glória em sua despesa.

Mittstein observava como todos eram apressados na realização dos afazeres. Queriam ver, o quanto antes, o defumador cheio de salame e as postas de carne de porco conservadas na banha. Albin, que pensava que só ele na linha Hortêncio entendia de poesia, surpreendeu-se ao perceber que Mittstein falava com perfeito domínio da língua, buscava nos livros a exatidão do pensamento e tomava o que via com reverência, a ponto de parecer citar salmos.

- Veja, Herr Denkemann, como são belas as nossas filhas. O sol do Brasil as deixa morenas. Não se aprecem mais com a brancura da coalhada.

Entretanto, a finalidade da viagem não era olhar as moças nem apreciar a paisagem. Era encontrar um homem rude que quisesse trabalhar com fogo e ferro. E encontraram. Com dois dias de estrada, numa espécie de albergue, conversaram com todos os que chegavam em pequenas embarcações. Entre estes, estava Albert Feuerbaum. Era muito forte e seu peito parecia uma rocha. Disse que até desconfiava da oferta, pois o que gostava de fazer vinha ao encontro dele. Vinha de Trier e sua família sempre lidara com ferraria. “Só de olhar, o ferro dobra-se para tomar a forma de uma foice ou de um encho”.

- É claro, acrescentava sereno, é preciso um pouco de fogo, uma bigorna e o meu braço forte.



Trouxeram uma bigorna e um martelo. Durante o caminho de volta, admirava-se da quantidade de terra que os amigos tinham:

Kinna, seid ia reich!\*

Mittstein estava admirado com o homem que estavam trazendo para Hortêncio. Tão robusto e grande e, contraditoriamente, tão delicado e ingênuo. O que o corpo tinha de fortaleza, tinha o seu espírito de leveza. Contava pequenas histórias alegres. Dizia que seu bisavô é que fabricava as espadas dos heróis de Frederico II. Mal tinha cinco anos, quando ia ter com o avô a bater ferro.

- Eu tenho sorte com o ferro. Ele me obedece como uma criança, dizia o Sr. Feuerbaum. Mas agora o fornecimento de todos os equipamentos fabricados pelas mãos são deixados de lado, em favor daqueles que vêm das grandes fábricas.

Às vezes Albert se entregava ao silêncio e seus olhos se fixavam tão longe, que pareciam alcançar o tempo das lendas. Em três meses estava pronta a ferraria. Principalmente os homens gostavam de fazer seus pedidos para terem em dia os seus instrumentos de trabalho. Iam até a ferraria para assistir a destreza do Sr. Feuerbaum. Ajudavam a puxar o fole feito de couro de boi. Olhavam admirados a disposição de todas as peças. O homem conseguia dispor a sua ferraria de tal forma que dava a impressão de se estar em um ambiente mágico. Causava admiração ver o ferro bruto transformar-se, como se fosse barro, em belos instrumentos. Como é que aquele homem criava os objetos, deixando-os como uma obra de arte que se vê nos livros, ninguém conseguia entender. Depois do expediente, os homens da linha gostavam de se reunir para fazer um churrasco e ouvir os causos de Feuerbaum. De sua saíam cavaleiros e cavalos, que corriam pelas vilas pobres, pondo ordem na desordem e devolvendo o respeito a quem o tivesse perdido.

---

\* *Crianças, como vocês são ricos!*



Bonifácio, que escolhera ser mascate, tinha preferência de passar os dias na ferraria. E este filho de Albin, cada dia mais, aumentava seus sonhos com as histórias do ferreiro.

Os sentimentos de segurança aumentavam a cada conquista. Se uma ferraria ou o moinho não eram grandes empreendimentos, não era o que pensavam os moradores de Hortêncio. Em todos brotava uma alegria imensa. Pelo ânimo que havia em cada palavra podia-se pensar o quanto eram capazes de erguer uma aldeia. Com gritos e tiros buscava-se alardear a conquista. Uns visitavam os outros pelo prazer de ouvir que agora haviam afastado o temos de morrer sem glória. A sensação de liberdade era proporcional às oportunidades que se davam com suas decisões. Aprendiam que não tinham que esperar os favores dos chefes políticos. Os filhos aprendiam a ouvir dos pais que deviam estar sempre atentos e juntos. Os benefícios não podiam ser esperados. Muito mais davam ao governo do que dele recebiam. Na verdade, não receberam nada de graça. Nem as terras foram adquiridas como fruto da generosidade política. Havia razão em cantar quando conseguiam tocar para longe o abandono. Ao menos assim estavam livres de submeter-se aos favores recebidos.

A gente de Hortêncio podia ter seus pequenos pecados, afinal, o ser humano nem sempre oferece sua melhor parte. O Sr. Spassmann brincava com Denkemann quando alguém perdia a elegância:

- No batismo, o pouco da água não retira todo o mal da gente. Fica-se como um gavião. Aprende-se a voar, mas não se perde o bico voraz. – Ria com um pouco de piedade e continuava: O homem pode ajudar, até passarem as suas forças. Mas no final, pergunta ou ao menos assim pensa: Qual é a minha vantagem nisso tudo? Nem que seja ouvir: Você é importante para todos nós que sofremos nesta aldeia.



## **Só Mais um Pouco da Casa de Herr Denkemann**

Quando se iluminava o navio pela luz do dia, podia-se ver o estado de pobreza a que estavam entregues os que vinham. Talvez, como animais, mas era pior, bem pior. As bestas quando deitam no chão, sem proteção, têm o corpo disposto pelos séculos para que o descanso não lhes seja pesado. Não é o que acontece com o homem. As mulheres e as meninas sofriam com a sujeira e pela inconveniência das situações: Não tinham privacidade. A intimidade exposta causava profundos constrangimentos. Era preciso jogar a dignidade no mar. Foi num destes dias, lá pelo septuagésimo, que Albin foi atingido pela seguinte inspiração: com tanta profanação a humilde gente vai perdendo a própria estima. Vai se tornando embrutecida a ponto de ninguém mais poder elevar-lhe o espírito. As palavras se tornam obtusas e o sentimento fechado. Albin pensou: Quando tiver meus filhos, vou olhá-los com respeito. Prestarei atenção às suas palavras. Trabalharei como um cavalo para vestir minhas crianças. Uma boa veste fala da importância do corpo. A mesa será posta com alegria. Farei questão de trazer as sementes e todo produto até a cozinha. Plantarei um jardim com todas as flores para os meus sentirem que o enfeite em torno de casa é para eles. Mesmo a casa será bonita. Quem olhar para ela ficará confuso, pois pensará que aí mora um rico. Não saberá que ela é a única coisa que possuo. Mas o que dentro dela existir será de grande valor. As minhas crianças andarão de cabeça erguida e não deverão sentir nem um pouco de vergonha. Nos meus gestos e palavras, ensinarei tanto respeito que apagarei toda ferida feita sobre a humilde gente. Irei com meus filhos até o campo no tempo da colheita e acariciarei as sementes maduras. Minhas palavras sairão da minha boca como morangos silvestres. Eles ficarão contentes porque não serão ameaçados pela fome. É verdade que não permitirei que alguma fúria tome conta deles. A preguiça afugentarei com tarefas boas. O orgulho, com a igualdade. A tristeza, com o bom-humor. Assim, nenhuma fúria terá vez.





Pensou ainda na mulher que viria cair na sua rede: não importa quem seja, desde que tome o meu coração. Basta uma mulher, se houver desvelo, tudo se arranjará melhor que as pequenas flores protegidas na floresta. As grandes aventuras são para os cegos. A melhor revolução está encostada na gente. Raríssimo o homem preparado que perde uma mulher. Deverei tomar seu pensamento, seu coração, com o cuidado dos pássaros que nutrem seus filhotes.

Foi desta forma que veio a inspiração a Albin e para ela, hoje com 75 anos, tudo saiu ao sonho. Ele mesmo dizia que sobre muitas coisas se sonha e geralmente o sonho perde para a realidade, “como no caso da minha casa, a realidade superou o sonho”. Talvez por isso, o coração de Albin, de tanto palpitar, já se enfraquecia. Tinha certeza, o velho, que não resistiria por mais muitos anos. Em tudo nele se encolhia ou se recolhia ao devido descanso. Ainda bem que as mãos calejadas, os invernos mal passados e o desafortunado navio não lhe roubaram a ternura. Sentia uma pequena luz dentro de si que podia iluminar até uma pedra. E isto aconteceu mesmo.

No dia em que viajava com o filho Pedro, para ajeitar-lhe a casa nova, antes de casar, viu uma rocha e disse:

- Olha a pedra, meu filho.

O rapaz olhou-o surpreso. Era uma enorme pedra preta molhada pelo orvalho. Desta forma, a casa e a sua gente deixavam-no transtornado, como se fosse um poeta bêbado. Nos dias de angústia, uma cinta comprimia-lhe o peito e parecia que o sufocava. Isto acontecia principalmente quando um dos seus se entregava a uma doença. A sua doce Juliana tinha o costume de abatê-lo, por causa do pulmão. Nos primeiros dias de inverno, a menina se entregava e o peito chiava a ponto de o rosto ficar roxo. Mesmo casada e morando para lá de Nova Petrópolis, ficava o Albin se perguntando: Como estará o peito de Juliana?

Magdalena consolava o homem, dizendo que o ar de lá era bem melhor que o ar de Hortêncio. Só com a vinda do índio Camilo é que foi



possível aliviar as dificuldades de respiração de Juliana. Mel de mirim e folhas maceradas, das quais Albin não tinha o nome, foram os meios para afastar o medo do inverno.

Depois das correrias para buscar os benefícios para Hortêncio e depois dos trabalhos pesados, o Albin chegava em casa e bastava-lhe a sombra das grandes árvores, em torno dela para sentir uma gostosa sensação de alívio. Às vezes pensava que era a certeza de que ao encontrar os seus, encontraria o amor frente a frente. Em outros dias, vinha-lhe a ideia de que ali era o único lugar onde a solidão não se aproximava. O que sabia era que ali na casa erguida estava seguro.

O dia-a-dia, a rotina das estações, e nelas os gestos adequados e costumeiros não mais o cansavam. Dizia Albin:

- Aos cinquenta anos quem não for capaz de apreciar todo o minuto, está perdendo o principal. É claro, o tempo deve estar carregado de alguma razão. Aí até a rotina fica interessante como a orquídea no alto da grápia. O verdadeiro prazer sempre está contido no meio das dificuldades. Ninguém consegue encontrá-lo sozinho. Nunca, meu filho, você vai ver a beleza ou a verdade fora da gente. Tudo é aparência. O que vale é o que está dentro. A guerra e a maldade que a Europa fez com seus filhos, deixando-os sem proteção, está dentro de cada um. O que está fora é uma representação do que vai no pensamento e no coração. O estilo de cada um se relacionar com as pedras ou com os vizinhos, depende como andam as pedras e os vizinhos dentro de nós. A alma das coisas depende da nossa alma.

Somente o Bonifácio contrapunha-se à conversa do pai, dizendo que as coisas também tinham alma e que ele conheceria muito pouco sobre elas, se ficasse preso no Hortêncio.

Cada uma das minhas crianças foi tomada com ternura e, por isso mesmo, quando vejo uma delas subindo a estradinha da casa, não vejo senão, uma terna criança a subir, mesmo que a Leopoldina e o Pedro já apresentem alguns cabelos brancos.



## **AS CARTAS**

Das várias cartas escritas aos meus familiares, amigos e ao Pe. Hildebrandt, selecionei aquelas que, no meu entendimento, são as mais importantes e animadoras. Deixo de lado aquelas que representam o meu sofrimento, todas elas dirigidas ao Pe. Hildebrandt. Embora não tenha manifestado meu desalento ou inconformidade de forma expressiva, tanto um como a outra, por vezes, pareciam intransponíveis. Nos meus escritos para meus filhos ou descendentes, apenas uma vez demonstrei meu desânimo. Nas cartas, julguei que não deveria demonstrar a dor aos meus irmãos menores. Por mais que se sofra, acredito que aos menores se deve poupar o sofrimento dos mais velhos. Basta aqueles que não se pode esconder. Terão suficiente peso a carregar sozinho no devido tempo. Que os adultos tenham força para suportar o que lhes verga os ombros. Basta de lástima! Na verdade, bem mais elevados foram os pequenos triunfos e alegrias que a tristeza. Por isso, tive a pretensão de selecionar três cartas que pudessem animar os meus que virão. Bem mais se gera o espírito que a carne!



**Hortêncio, 21 de janeiro de 1870.**

Estimado Padre Hildebrandt

Sou agradecido por fazer tão farta reflexão em torno dos últimos acontecimentos da Europa. Brevemente, eles terão decisiva influência sobre nós, aqui do outro lado do mar. Espero que um dia possamos, daqui, exportar nossos sentimentos e ideias. Acredito também que a Igreja, que nos últimos séculos tem andado tão devagar, consiga sair dos palácios antes que corram com ela de dentro deles. O que me parece, já está acontecendo. A gente sofrida merece mais atenção. Não sei o que aconteceu com tantos papas, que assumiram, sem razão nenhuma, a obstinação. É tempo de se ter as raízes do Cristianismo. Uma vez já lhe apresentei meu entendimento sobre o que se diz no Cristianismo. Muitas ideias e convicções nunca foram de Cristo. A metade das receitas sobre as atitudes humanas vem dos preceitos gregos. Bem na verdade, nem sempre é fácil perceber a face do Senhor, transparentemente. Mesmo o dia-a-dia apresenta dificuldades severas. Há poucos dias o Sr. Spassmann (aquele da casa que em uma árvore dentro da varanda) disse-me que, por vezes, o Senhor escreve com linhas tão tortas que a gente perde a direção. Não se sabe por onde continuar a ler.

Veja Pe. Hildebrandt, estou muitas vezes confuso. O que deu na Igreja para se atrasar tanto assim nas questões humanas? Os rumores sobre o socialismo, no qual Deus será banido como um inimigo, tornam-se fortes. Não quererá a Igreja, por que agora abandona seus pobres filhos, chegar atrasada? Quando o mundo estiver discutindo o abandono do socialismo, não virá a Santa Madre Igreja querer obrigar seus filhos a seguirem o que já passou?



Mas quem sou eu para meditar sobre o mundo, aqui no meio do mato? Às minhas meditações responde o inhambu. Às minhas reflexões responde o cheiro da terra após a chuva. Por isso, esta arte de sonhar com outras construções, eu tenho como companheira a solidão. Com certeza, há mais interesse que coloque nas notícias concretas, a minha preocupação. Assim vou fazer:

Sobre os filhos, tenho a dizer que estão começando a levantar voo. Leopoldina e Pedro já preparam suas casas com entusiasmo. Olho-os seguidamente, à distância e percebo que sonham. Os dois são movidos pelo futuro. Bonifácio está sempre inquieto. Diz, sem parar, que a vida de Hortêncio é enfadonha. Quer conhecer o pampa e as gentes do campo. Quer conhecer as gentes de outras colônias. Magdalena quer segurá-lo e digo para ela então: Escuta, Magdalena, é preferível ter um filho voando solto a tê-lo preso e amargurado. Bonifácio é como os pássaros. Juliana e Francisco buscam, com alegria, entender o que está em torno de si e escutam, curiosamente, as histórias dos avós. Magdalena está bem. Queixa-se apenas de o tempo ser tão curto. O velho urso, que fomos conhecer no Tannenwald, é generoso. Um velho bom ficou o homem. Impressiona bem vê-lo pôr sua alegria na alegria de Magdalena e dos netos. Um dia destes, surpreendi-o cantando na roça e rindo, ao ouvir o eco da voz, na mata. Em pouco tempo, cantávamos os dois na direção da floresta.

Coça-me a mão de vontade de escrever sobre ideias que estão martelando em minha cabeça. Parece que o mundo a ser tocado, está hoje, pequeno para mim. Aprendi muito a analisar as paixões humanas e as formas de o homem entender-se em seu governo. Discute-se, no Hortêncio, sobre os movimentos republicanos. O Sr. Spassmann diz que este governo é como mijada de porco. Nada de bom e contínuo acontece, mas acho que se houver uma lei forte, é capaz de haver alguma ordem. O Sr. Gottlieb que tem uma boa biblioteca, gosta de me ouvir a respeito do socialismo que o senhor me ensinou. Diz ele que essa história de o povo ter um governo que dominaria todos, procurando dar a cada um o que é



seu, providenciando a igualdade, é puro blábláblá. A natureza busca a diferença, a liberdade e a vantagem. A bondade existe no coração humano, mas não a ponto de negar a iniciativa e o sonho individual. Só a pauladas pode-se aquietar a vontade de cada um. O estado deve providenciar para que as vantagens não se excedam a ponto de muitos não terem vantagem nenhuma. É isso o que aconteceu conosco na Alemanha. Não é justo que os polidores de cristal tenham apenas 30 anos de vida, enquanto os donos dos cristais podem viver, fartamente, até os 70 anos. Por isso, eu repito que a Igreja deve fazer, aos gritos, a oportunidade mais igual.

Também veio-me o pensamento, enquanto o suor me fazia arder as vistas, ao meio-dia: Por que a mão que assiste as casas na Alemanha, torna a habitação, o jeito de andar, os cantos e a organização social tão diferentes?

Aqui o clima e a natureza exuberante, provocam a lassidão e o prazer. Aqui a palavra é farta e absoluta. Pode-se afirmar e desafirmar com facilidade. Olha-se com certa naturalidade a vida e a morte. Aqui, no meio do inverno, pode haver dias de calor. Em tudo nos assistiam, na Alemanha, a austeridade dos costumes. Aqui, o homem tem sua esposa e pode andar se alegrando com outras mulheres. Não se vê com reprovação a infidelidade do homem. Há, em tudo, uma indisciplina generosa. Essa devoradora exuberância e vagar descontraído não pode agravar a incapacidade da decisão e do ordenamento disciplinado? Pergunto-me, então, o que estamos fazendo aqui. De que forma meu engenho poderá contribuir para uma maior justiça nos negócios do Estado? De que forma minha dedicação poderá ensinar um pouco de austeridade no meio dessa volúpia? Não será impotente a minha incipiente vontade de pôr costume onde se anda sem preocupação? Tudo é mais ou menos extravagante. O certo é motivo de parlamentação. Depois, a amizade e uma conversa coloquial podem fazer mais que a lei parlamentada. Temo que aqui, por ensinamento português, seja lugar para se ter pouco respeito. Afinal, uma colônia não precisa ser tratada com devoção...



Mas tanta beleza existe por aqui! No meio da improvisação, a alegria é expansiva. Como o dia de amanhã, pela fartura da natureza, não importa em demasia, insinua-se a espontaneidade. As razões não precisam ser profundas para se viver, nem para se morrer. A vida tem seus dons sem muitas exigências. Por isso mesmo, pode-se perde-la por um copo de bebida. A bondade, entretanto, anda bem à vontade. A amizade ajeita qualquer negócio. As pessoas, não tendo muita proteção na própria decisão e esforço, tendem a esperar da sorte ou de quem quer que as proteja, o bem-estar de si mesmas. A dedicação a quem se deve obedecer em troca de favores, são as leis fundamentais. E quem não tiver oportunidade de sorte ou da proteção de alguém, submerge na miséria. Assim acontece com os escravos. Parece que os alemães que chegaram, acreditam que poderão pôr uma nova ordem nisso tudo. E um imperador estará preocupado com alguns pobres estrangeiros jogados no mato?

Apesar de tudo, acredito que os filhos dos meus filhos poderão fazer uma nova ordem social, onde cada um poderá conter a esperança dentro de si, pela deliberação de seus propósitos e pelas mãos que levam a efeito o que foi propositado. Não vou ver nada disso, com certeza. Mas sou como o judeu que arrancava pedras com alegria. Ao lhe falarem sobre a mediocridade do seu trabalho, afirmava que preparava o alicerce de sua sinagoga. Enquanto refletia, com o suor molhado de seu rosto, dois pássaros cantavam com vozes diferentes. Embora tão diferentes, seu canto era belo e fazia parte da mesma natureza, ali junto de mim.

Outras ideias me avassalam o espírito. Hoje pela manhã, fazia a barba, vagarosamente. Uma brisa soprava suave em meu rosto e eu pensava: O que poderei fazer para que os dias futuros sejam suaves para os meus filhos? Qual é a maior garantia que lhes posso dar, para que não lhes suceda o que a mim sucedeu? O senhor dizia que as mãos humanas são tão boas quanto as asas dos anjos do Senhor, por isso alguma coisa pode ser feita. De tudo o que pensei que pudesse fazer, sobrou uma só: dar aos meus filhos um saber razoável, para que não sejam os últimos



deste lugar. A luta para que tenham reservas não lhes fará mal. Devem aprender como se ganha e como se perde. É nisso mesmo: eles devem estar despertos para a sorte. Como se planta, como se colhe, como se vende. A linguagem escrita deve ser bem ensinada. O pensamento exato, treinado nos cálculos, deixará meus filhos ágeis. Mais uma vez recaiu na escola a minha atenção. Graças a Deus e ao meu esforço, eles tomaram o gosto de ter mais saber, sem se tornarem presunçosos. São ágeis no pensamento e não recusam a ambição. Espero que não exagerem, pois não se pode perder, apesar de tudo, a generosidade. Mais esforço vou fazer, Pe. Hildebrandt, para que as nossas escolas saiam a contento na competência. Será que um dia teremos neste norte escolas tão boas, que farão inveja às melhores da Europa? Temo que faltarão recursos. O governo insiste em nos abandonar. Nem se quer apoia as nossas escolinhas. Apoiará outra escola de maior pretensão? Se as raízes que fazemos carregam a seiva desta preocupação, boa coisa sairá. Gostaria de ver os resultados desse esforço. Plantamos! Deus que regue!

Por fim, quero lhe dizer, Pe. Hildebrandt, sobre o acidente que houve com a nossa igrejinha. Enquanto todos construíam suas novas casas, pensava-se em construir uma nova igreja, pois o tempo já consumia a outra. Estava caindo o Templo do Senhor. Veio uma ventania no dia 26 de dezembro de 1869. O Sr. Spassmann falou que o sopro de Deus derrubara a sua casa. Também, dizia ele, enquanto todos erguiam suas casas, deixavam o Templo por último. Já organizamos uma comissão e estamos levantando recursos. O Senhor Deus precisará mais competir com a casa dos homens.

Exulto em poder, livremente, pôr papel, o que penso. Bem que dizia o senhor, Pe. Hildebrandt, que a felicidade humana só existe no saber. Quando minha consciência se abre para entender o que acontece, bem mais animada e certa se torna minha ação. Sinto-me ao contrário de um burro de carga que carrega seu peso sem saber por quê.

Se mais notícias poderia dar, espero que em outra hora tenha inspiração para elas. Mas garanto-lhe que os jardins estão muito bonitos e





as roças bem distribuídas. Temos carne e pão. Cantamos em nossas festas. Enfim, envelhecemos, os pioneiros, com alegria. Não foi em vão a instrução que me deu, padre, nem a travessia pelo mar.

Lembrando que sou apenas um filho de Deus, cheio de boa vontade, envio as saudações de Magdalena e dos filhos. Que guardam, na memória a sua fisionomia, como uma proteção.

Que o Senhor seja testemunha do amor que lhe devotamos.

Albin Denkemann



**Hortêncio, 24 de julho de 1848.**

Sempre lembrados amigos  
Hengelbert, Johan e Heinrich

Esta carta tem a finalidade de dar continuidade à nossa conversa que tivemos no campo de centeio do senhor Hoffmann.

Nada poderá obscurecer a lembrança do que foi dito. Deverei responder sobre as sementes: nenhuma delas negou seu fruto. Aquelas sementes de flores estão enfeitando a minha casa. Aquelas de centeio e trigo já se multiplicaram. Pena é que a farinha não está boa. É feita no pilão. Com os rios que temos por aqui, faremos ainda um moinho e então, sim, o nosso pão crescerá dourado em nossos fornos. Bem, posso mandar o sinal: “As flores crescem no jardim e o centeio balança na colina”. As terras, uma vez limpas, produzem bem. O vale é fértil e correm livres os animais no mato. Está afastado o maior temor: não nos faltará o alimento.

Quero descrever um pouco sobre a natureza daqui. Em tudo, ela é generosa e sem disciplina. As copas das árvores são largas e no mesmo dia se pode sentir frio e calor. O canto das aves é diferente. Acima de tudo, alegre. A fertilidade dos vales impressiona aqueles que chegam. As sementes que vocês me deram, plantei-as e o que colhi foi cinquenta por um. Estou em 50% das colheitas ótimas conferidas por Deus. Onde moro a serra inicia e, ao longe, as montanhas se desdobram, onduladas. As nuvens leves nela se encontram nos dias de inverno e são tocadas pelo vento frio que vem do sul. Quando chega a primavera, se comove mesmo o mais grosseiro dos homens. A mata destas montanhas mostra as árvores floridas, parecendo que Deus, nesse tempo, realiza uma festa



especial. Então eu penso: Quando Magdalena e eu tivermos as nossas crianças, que crescerão olhando esta natureza, elas poderão ter um coração cheio de bondade. Se elas copiarem um pouco desta generosidade e alegria, pularão de felicidade pela gentileza de terem nascido aqui.

No calor do verão quase se sufoca. Temo que, por esses dias, poderão ficar preguiçosos. Mas porque se tem tudo por fazer, acho que estarão longe deste problema. Mais que tudo, gostaria que vocês pudessem ver a forma de o outono se apresentar. Uma serena tristeza paira sobre as florestas. Uma beleza é tecida no dia-a-dia do outono. As horas são muito agradáveis, mas, como afirmava antes, se o vento do sul chegar, pode-se ter, em poucos instantes, a alteração brusca da temperatura. O cair da tarde destes dias parece convidar à reflexão e é então que, às vezes, toma conta de mim a saudade dos meus, dos amigos e, por incrível que pareça, das montanhas de Hunsrück. Entretanto, quando eu contraponho esta saudade ao jeito que a Alemanha cuidou de seus filhos, já não me entristeço mais. Amo então, este lugar, que me dá, de graça, uma exuberante paisagem.

Sobre vizinhos, vou fazer os seguintes comentários: são muito agradáveis porque estão entusiasmados com o que estão fazendo juntos. Não lhes pesa a dedicação de atender às preocupações de Hortêncio. São tão diferentes nas marcas de cada um! O Sr. Spassmann, por ser tão brincalhão, seria capaz de fazer florir uma árvore de algum enforcado. O Sr. Richtich é exigente ao extremo, até mesmo, quando se representam, na conversa, as ações do futuro. O rapaz não perdoa nada. Tem o Sr. Steinhaus, que é seguro nas opiniões. É bom ouvi-lo ponderar, quer seja sobre os costumes ou sobre a época devida do plantio. Parece-me que mais vale uma aldeia onde se tem um ao outro em razoável profundidade, que uma grande cidade, onde é revelado muito pouco de cada um. Se vocês pretenderem vir para cá, melhorarão ainda mais esta floresta humana.



Curioso é se notar como aumentou a convicção nos costumes. Ainda bem que as Igrejas, principalmente a católica e a evangélica, reforçam os costumes, até com austeridade. Parece que existe medo que se percam as instruções na solidão. Assim, não existe maior empolgação que quando pensamos em construir nossa escola, nossa igreja. Até as estradas são cuidadas mais do que se cuidavam aquelas da Alemanha. Vocês deverão ver como vão ficar, brevemente, as nossas estradinhas entre as montanhas. Por elas passaremos com belos cavalos. Acho que não é sonhar demais pretendemos andar em carruagens.

Posso falar também que estamos pensando em construir o nosso Hoff. A cidadela particular de cada uma vai nos dar muito conforto e segurança. Estou imaginando como será o meu primeiro galpão, o primeiro chiqueiro, o galinheiro e o defumador. Custa-nos muito serrar as nossas tábuas. As mãos estremecem ao entardecer do dia em que dois vizinhos serram durante o dia. Mas ninguém desanima. A terra sendo generosa, faz animar a qualquer um. Só de imaginar as casas dos animais e das sementes, católicos e evangélicos gritam de alegria, quando caem as grandes árvores: mais um pedaço de terra estará à nossa disposição. Por isso, só nós sabemos, a importância de um machado e de um serrote.

Há três dias, o Sr. Fröhlich quebrou o seu machado. A sua face estava tão abatida que parecia que ia morrer. O previdente Richtich lhe cedeu um machado, antes que aquele homem alegre chorasse, tanta era a falta que lhe fazia aquele objeto. No encontro que tivemos no último domingo, disse o Fröhlich: Se tivesse perdido também o meu serrote, deveria subir desesperado numa montanha e de lá jogar minhas bolas. O Sr. Spassmann lhe pediu que não fizesse isso, porque um serrote e um machado alguém empresta, e quem lhe emprestaria as bolas? Riram de Fröhlich que já havia se inscrito para ter outro machado. É assim, quando falta aquilo de que se tem precisão, alguém toma uma carreta ao final do mês e vai até Novo Hamburgo para trazer o necessário.

Não pretendo explicar muito sobre a convivência entre católicos e evangélicos, mas não posso deixar de tocar no assunto. O Sr.



Fukschwantz é um ótimo evangélico. Falou, há poucos dias, coisas verdadeiras: faltava que não nos ajudássemos porque fazemos gestos e dizemos algumas palavras diferentes diante de Deus, ou ainda porque temos algumas rugas por causa dos santos. É muita bobagem da nossa cabeça pensar que Deus esteja muito preocupado, em suas infinitas preocupações, com nossas divergências sem graça. Spassmann acrescentou que se podia dividir a mesma igreja. Cada crença teria a sua hora. Não se cansaria o Senhor de ouvir duas vezes a mesma coisa? Ou o Senhor não se retiraria para ser louvado pelas montanhas ao invés de estar aí ouvindo murmúrios de seus filhos que não se entendem? Não sei ao certo se por necessidade ou porque não tem importância mesmo, o certo é que ainda ninguém nos condenou por vivermos em paz. Talvez eu esteja escandalizando meus amigos, mas a verdade está nos seguinte: nestas terras, não se pode levar a sério as brigas de lá. Se souberem onde mais se agrada a Deus, aqui ou lá, me avisem.

Sobre minha casa posso dizer que é feita de barro e de galhos rijos. Pus argila no chão e sequei-a com fogo. Desenhei no barro mole sinais que me agradam e ficou bonito meu chão. É feita de dois quartos, uma sala e uma cozinha, a minha casa. Das árvores altas que a protegem, cuidei de podar todos os galhos que não fossem sãos. Foi aí debaixo destas árvores que, no verão passado, decidimos fazer a nossa aldeia com boas estradas, escola e igreja. Fico contente ao ver que no puxado das palmas dos coqueiros se discute com esperança. Já quase nos chegou a certeza. Parece termos razoável sorte. É aí junto à casa que fazemos nossas contas do feijão a ser vendido e falamos das carretas fortes tão necessárias para o transporte. Comove-me ver os papagaios lindos, de verde e vermelho, fazendo barulho na copa. Tão linda é a cena dos tucanos, com bico extraordinário, que Magdalena está impressionada com a maneira como conseguem carregar todo aquele tamanho. É minha casa. Das águas limpas que murmuram por perto, vou falar em outro momento. Quase tudo está ao alcance da mão.



Não posso negar que cada oportunidade, principalmente da habitação e do alimento, custa-nos um bom esforço. Porém, devo dizer que a caça e a pesca são fartas. Em breve os peixes e os animais diminuirão por causa do desmatamento, mas então teremos no pátio ou nos poteiros, os animais domésticos. deverei aumentar, daí, o espaço para minha casa. Será como uma fortaleza.

Espero uma resposta que diga sobre todos vocês, mas desejo, para breve, a presença de vocês debaixo das minhas árvores.

Envio a minha saudação aos meus pais e irmãos e a toda gente que pronunciar meu nome.

Albin Denkemann.



## **Picada do Hotêncio, 23 de dezembro de 1858.**

Minha gente queria

Faz um ano que recebi a última carta. Fiquei contente em saber que estão bem. Parece que, definitivamente, devo ficar sozinho. Tenho vontade de abraçar, ver com os olhos, os rostos de vocês. Há poucos dias tive um sonho, no qual eu chamava, no escuro, cada um de vocês e até a voz era ouvida com dificuldade. Mas não posso me queixar. É muito importante estar bem vivo e poder perceber que no dia de amanhã podemos esperar ainda mais sorte. Por mais humilde que fosse a minha casa em Deuselbach, ela guardava um coração contra o mal. Posso até cantar, mas não posso impedir, totalmente, a dor que falta de vocês me traz. Contudo, é preferível estar à distância, que juntos e cheios de angústia. Pretendo contar sobre os acontecimentos e sentimentos bons. Falar das dores não resolve. Pode causar alívio. O que resolve mesmo é afastar, decididamente, as preocupações.

Leopoldina está com nove anos quase completos. Nada a separa dos pequenos irmãos. Está sempre disposta a estender seu apoio. Pedro é gentil e cordato. Está sempre disposto a colaborar. Diferente é Bonifácio, que tem seis anos. Já nele se revela a vontade própria. Juliana tem três anos e não diferencia muito do irmão mais novo. É voluntariosa. Só sob pressão dobra-se diante das exigências. Magdalena está esperando mais um. Espero que este seja tão generoso em alegrias como os outros quatro.

Quando, aos domingos, com a carreta limpa, estão todos eles dentro dela, é de admirar a beleza. Vamos em direção à igreja. O Sr. Gottlieb lê a bíblia e faz os comentários. Depois cantamos. Até os



pássaros ficam em grande alarido no meio da floresta. Vale a pena, porque a nossa alma está contente. Gosto de ver meus companheiros erguendo a cabeça, com os olhos fechados. Parece que eles lembram algo especial que ficou em algum vale ou montanha. Não raras vezes, uma lágrima aparece no canto do olho. A voz, então, fica cheia de paixão.

Num domingo desses, houve até um momento de convulsão. Era como se, de repente, nos atingisse a tristeza, devido à falta de oportunidade em nossa terra. Spassmann nos tirou do embaraço, contando uma comprida história sobre um rei que matava sua gente para que todos virassem anjos. Apenas um se rebelou, dizendo que não podia se submeter às intenções do rei, pois havia tido um sonho, no qual Deus lhe revelara que deveria envelhecer com o rei, pois se assim não fosse, quem haveria de orar pela sua alma quando partisse? Ao perguntarem ao homem se de fato o Senhor lhe tinha aparecido em sonhos, disse que não, mas que, com certeza, o que afirma o rei, também não viera do Senhor. Como todos preferiam envelhecer a se transformarem em anjos, foram contar ao rei os seus próprios sonhos. Retirou-se o rei aos seus aposentos e pensou: O que deu no Senhor para conversar com todos eles, se nem comigo conversou? Ou será que chegou o tempo em que o povo tem os mesmos privilégios que o dono do império? Por aqueles dias, o rei baixou um decreto que estabeleceu que o povo também poderia envelhecer e morrer no devido tempo. A história de Spassmann, nem todos a entenderam muito bem, mas valeu, pois distraiu a todos que já não precisavam cantar como anjos chorosos.

Pelas 11 horas da manhã, voltamos para casa e conversamos bastante no caminho. Bonifácio pergunto aonde a gente vai chegar, se andar e andar pela estrada que vai na direção de Novo Hamburgo. Pedro quis cantar por que os homens pararam de repente de cantar. Expliquei que a garganta do pessoal estava sufocada de saudade. Magdalena pediu para irmos, no próximo sábado, à casa de seus pais, Leopoldina saltou de alegria dentro da carreta. A pequena aprecia demais o mel das pequenas abelhas, oferecido pelo avô.





Bem que eu poderia, neste Natal, sentir a presença de vocês. Mas é assim... a liberdade não chegou inteira. Cheguei a afastar-me da miséria vindo para cá, mas não consegui mais ter os meus. Vou fazer o possível para que ao mens os meus bisnetos possam retornar e ver como é Deuselbach.

Agora quero falar só para o meu querido pai e minha querida mãe. Fico contente quando penso que vocês me deram um coração tão forte. Aqui no meio da floresta, onde o cheiro de mel anda solto durante toda a primavera, até que se pode ter boas ideias. Eu as tive e com elas quero alegrá-los. Penso comigo mesmo que tudo o que faço hoje é carregado de emoção. Não perco nada do que a vida me oferece. Aprecio mais uma laranja, ou a fruta cuja semente é envolta em um favo banco parecido com neve. A qualidade de meus momentos é carregada de vida. Então continuo a pensar: Como deve ser rica a vida de meus pais. Eles que envelhecem fazendo o bem, devem ter uma carroça de bondade, com a qual apreciam a vida. Sinto falta de vocês, é verdade, mas carrego dentro de mim uma terna lembrança que me serve de luz. Tudo que toco tem uma carga de afeição, cujas raízes nasceram dentro da casinha de Deuselbach. Por isso, espero que vocês tenham um pouco mais de orgulho do tanto de bem que fizeram.

Meus filhos apreciam ouvir como íamos meu pai e eu, no meio da neve, trabalhar na casa dos Wolf. Quantos conselhos bons encheram a minha alma de boas razões para continuar, alegremente, seguindo meu caminho. Quando chegarem meus 75 anos, quero estar como uma carroça cheia de frutas, assim como meus pais. Vocês, sim, foram diligentes como pastores.

Estou construindo minha nova casa. Há dois anos as tábuas estão sendo cortadas. De tanto imaginá-la, tenho certeza de que se erguerá num instante.

Na última carta que recebi, o pai me perguntava como era o nosso alimento. Este é o mais farto que se pode imaginar. Desde 1848 tenho leite



em abundância tenho hoje quatro vacas. Um chiqueiro com mais de 70 porcos. Temos um moinho na nossa aldeia. A farinha é de qualidade. Comemos um pão gostoso. Não podemos nos queixar: os vales têm sementes apesar das montanhas. Apesar de tudo, posso dizer-lhe, meu pai, que esta luta contra o desespero, faz-me dobrar, com 32 anos, os meus ombros. Aprendi a vencer com a sua graça, meu pai. Lembra quando perdemos o pouco de terra que tínhamos? Às quatro horas da manhã o senhor já trabalhava em portas e janelas. Até quando perdurará sobre nós a dificuldade? Talvez a sorte reservada a toda essa gente que aqui chegou, seja a de ensinar o trabalho, a união e a igualdade. Afinal, o bem depende do homem e não se pode esperar milagres.

Minha querida mãe, a senhora me pergunta na última carta como é a Magdalena. Nos cuidados com os filhos é devotada como a senhora. É silenciosa até demais. O Bonifácio, que só tem seis anos, reclama que a mãe atrapalha com tanta vigilância. Ela é muito forte e bonita. Aliás, cada dia fica mais bela. As rugas que vêm chegando estão carregadas de preocupações e nelas também estão guardados todos os sonhos e dificuldades. Eu a amo mais que no início do casamento. Bendigo o navio que a trouxe. Em tudo, ela e eu nos entendemos muito bem.

Com o coração na mão, saúdo e beijo a todos.

Albin



## **OS ESCRITOS DE BONIFÁCIO DENKEMANN**

### **A ALDEIA EM CONSTRUÇÃO**





## **INTRODUÇÃO**

Nestes cinco anos de guarda, divisei nas leituras dos escritos de meu bisavô, uma sorte possível nas diferentes pessoas que chegavam. Bonifácio, mais que seu pai, tinha sonhos largos sem fronteiras. Patrícia me contou que do esforço de Genoveva e Bonifácio, infindas pessoas tiveram lucro. Não muito mais que seu navio, foi o lucro final: dividido entre as duas filhas e mais a sociedade, sobraram duas fazendas as quais, por lei, pertenciam a Prisca e Patrícia. Quando caiu para o lado sua cabeça, em novembro de 1920, pretendia tirar dos instantes com diligência, o viver. Sentiu a grande dor de ser ferido justo nos joelhos e de lhe queimarem o naviozinho. Da desilusão, tirou viva a oportunidade! Nenhuma gastura foi-lhe definitiva, pois amava a liberdade e nada esperava de um governo central. Embora fosse da capital do interior é que tirava a força. Mais valia tem seu escrito:



Auf hohem Berge sitz ich rastend nieder  
Und schau träumend still hinaus ins Land  
Verloren schweift mein Blick durch Flur und Auen,  
Bis zu der Serra dunkler Waldeswand.

Doch wer so schaffte, wer so mühevll kämpfte  
Mit einer übermächtigen Natur  
Der ist kein Fremdling hier in diesen Auen  
Der ist kein gast auch mehr auf dieser Flur.

Autor desconhecido

Descanso sentado em alto morro  
E olho, sonhador e silencioso, para a terra.  
Perdido o meu olhar passa por planícies e plantações  
Até as paredes escuras das matas da serra.

Mas quem assim trabalhou, assim lutou  
Com uma natureza toda poderosa,  
Não é mais estrangeiro nestas plagas,  
Não é mais visitante destas várzeas.



## **EM BUSCA DE UM LUGAR**

Levantei pensando que poderia fugir mais uma vez. Parece que tenho encontrado fantasmas dentro de mim. Enquanto não os acalmar através da escrita, vou andar inquieto como alma penada. Há tantas imagens querendo a vez de falar, que vou colocar de uma vez, os vivos e falecidos, a se esparramarem neste papel.

Tem índio e cavalo, touro e ternura, raiva e criança se pendurando na ponta do meu lápis. Rios e choros, festa e penúria, dor e manhãs: não têm mais jeito. Pareço um burro pinoteando, picado por marimbondos. Cinco anos enxotei, como se fossem galinhas, as ideias perdidas do passado. Dizia pra mim: “Vai se criá, Bonifácio! Tu não é nenhum mestre-escola para fazer escrita e tema de casa”. Não será meu pai que como piá não me domou e agora que envelheço toma um cangote e manda fazer a lição emanada na dele? Não pode ser. Brota dentro de mim como enxame de abelhas no meio da primavera, como pedaços de mim, o voo das garças na lagoa, as lutas feias, as gargantas sangrando dos chimangos e maragatos, as dores gerais dos homens, a raiva das estância, o porão do italiano. Tenho que pegar à unha esta vida oreleana. Tenho que pôr cabresto neste potro doido que anda dentro de mim. Parece que os demônios destes campos invadiram meu peito. Devo contar, como se fosse uma confissão, os pecados vistos e as paixões suadas. Enfim, bendigo meu pai que me ensinou a encolheirar os acontecimentos, não os deixando se perderem.

Vi a fraqueza e a fortaleza. Vi o forte Jesus, Maria e José e vi o negro apanhando como cuera e eu, devoto, espiando como piá de 12 anos, a filha do vizinho a tomar banho na cascata. Esta gente humilde como uma boiada em pleno meio-dia. O que vou fazer dela, se não pôr



ordem no meu rancho? Assim sou, como um touro ardendo ou vaca por dar à luz. Vou externar de vez, antes que voe para os ares, o meu coração. Mas que minha história, é a história de minha gente. Tão bonita e louca por liberdade! Quem acendeu este tição no ventre das mulatas? Quem é que deu uma criação tão bela ao homem do planalto? Quem é que disse que Deus não faz seu assento preferido em cima da serra? Assim começo sem demora. Não posso ficar sovando o meu mate sem saber o que fazer.

Desde piá queria andar. No bolicho do Hortêncio chegaram, quando tinha dez na, três gaúchos em seus cavalos lindos. Falavam de Porto Alegre e do campo. Um dizia pro outro que esse mundo não tinha porteira. Outro confirmava enquanto tomava o “Schanaps”\*. “Não dá pra ficar no mesmo canto como boi abichornado”. À noite sonhava: Andava num campo, em cima de um cavalo, coisa mais bonita. Algum tempo depois meu pai me levou para conhecer São Leopoldo. Tinha desejo de cantar quando vi o rio e os lanchões. Vida mesmo, achava eu, era a que morava nas bodegas.

Meu pai me pediu, enquanto tinha uma reunião na casa do padre, que fosse ver um pouco a cidade. Foi o maior presente que recebi. Ter visto um negro assustou-me. Não é que falava alemão? Vi outro cantando com um grupo de minha gente: “In die Heimat!”\*\*. O que tinha o negrão que cantar a minha terra? Mais tarde entendi por que cantava com tanta emoção. Meus olhos quase saltaram fora do bocó, quando um grupo de homens, quase bêbados, falavam contra o imperador e outro grupo defendia uma coisa chamada república. Quando se formou o entrevero, chegou o delegado. Foram fotos tocados dali e fiquei com raiva do jeito

---

\* *Cachaça*

\*\* *Na pátria!*





que andava a minha gente. Tinham perdido as estribeiras, andavam sujos. Era uma degradação. Diziam palavras misturadas, isto é, não falavam nem o português, nem o alemão. Eram miseráveis e murmuravam, amargamente. Um deles me chamou a atenção: era vermelho como a tarde em que o sol entra num saco e gritava, se babando “Das is’n Scheisstreck! \* . Pobre lá e pobre aqui. Me deram um monte de pedras para produzir. Prefiro morrer no rio. Não quero saber de Dom Pedro. Que esfregue sua real bunda nas urtigas!”. Estava desesperado o pobre homem. O que fizeram com ele para convencê-lo de que tão tinha mais jeito?

A seguir fui até a igreja de São Leopoldo e, como sempre, mil ideias invadiram a minha cabeça. Como será o Deus desta igreja que é tão grande? O Deus da minha igreja era tão familiar... Fiquei assustado ao entrar na misteriosa igreja. Da minha igreja eu conhecia tábuas por tábuas. Aliás, achei, desde logo, interessante a presença de Deus no bambuzal ou no sininho do Hortêncio, do que na baita igreja de São Leopoldo. Hoje, quando envelheço, vejo que o Deus que morava em São Leopoldo também preferia uma igreja.

Quando ainda olhava para o cimo da torre, meu pai me chamou, com voz tensa:

- Ô, Bonifácio! Ô, Bonifácio, andei em todas as direções e já estava preocupado! Já imaginou voltar pra casa? Magdalena me mataria se eu não trouxesse de volta seu pequeno revolucionário! O homem me abraçou com ternura. Ah! Isso ele tinha de sobra! Tinha uma poesia por dentro. Prefiro a minha por fora.

---

\* *Isto é uma merda!*



Com quinze anos, meu pai me levou a Porto Alegre. O velho ia ver, com o presidente da província e com um vereador de São Leopoldo, questões de terra. Ou seria que os produtos que sobravam da colônia não estavam com nada? Isto não importa. Mas que viagem! Andei dois dias de boca aberta pelas ruas. Aquilo sim é que era vida. Onde se olhasse, havia um intenso movimento. Parecia até era dia de marcação. Algumas ideias começaram a desenhar no meu coração as marcas do meu futuro. Estava no cais onde chegava gente em embarcações de grande porte. Eram as sumacas, explicou-se um caboclão. Veio um cabriole, com uma senhora que passou por mim com ar de desprezo e eu não gostei. Parou a senhora, e com o nariz empinado, dirigiu-se a uma construção. Parecia ser a casa dos escravos. De lá, a senhora veio com três negros arrasados. Foi aí que perdi, pela primeira vez, a minha cabeça. Muitas outras vezes eu a perdi, mas até hoje eu me pergunto se estas não foram as vezes em que eu a encontrei. Olhei para a casa e uma negra chorava na janela. E gritava: “Me deixe o meu home! Me deixe o meu bem!”. O negro virou-se, em desespero, quase parando. Vi que um chicote lhe bateu nas costas. Era a senhora que mandava que outro negro assim o fizesse. Me emputecei! Ouvi meu sangue pela primeira vez. Senti um sentimento de ira subir pela garganta. Vi uma touceira de urtiga e me devorou a maldita ideia. Não sei nem por que, mas me lembrei de uma história que meu pai contava: estava um verdadeiro “27 de agosto”. Ainda duvidava do que iria fazer, quando outra chicotada machucou os ombros do negro. A negra passava as costas das mãos nos olhos. Foi o suficiente. Quando a dona do cabriolé assentou-se nele, tomei a touceira de urtigas que me queimava as mãos. Corri até junto ao zaino que puxava aquela aranha de luxo, ergui-lhe a cola e enfiei o maço de urtiga. Foi um alvoroço. Na verdade não medi a proporção do que havia feito. Um longo relincho, uma desabalada corrida, um gesto de desespero da mulher, que me pareceu sem fim, foi tudo em minutos. Estabeleceu-se a confusão. A guarda não sabia a quem pegar. Não podia imaginar que um pobre alemãozinho espichado e desajeitado fizesse aquilo. Saí solene e controlado. Valiam as lições de meu pai: “Meu filho, ninguém considerará errado um homem que mantém



a linha. Todos julgarão que estará certo”. Assim, aconteceu. Enquanto ouvia os barulhos distantes do cavalo da nobre carrocinha e os gritos da empertigada mulher, vi que os três negros me seguiam. Nada como ser solene! Na verdade, estava me mijando de medo! Os negros corriam para mim. Julgavam-me um fidalgo, vestido estranhamente, mas um fidalgo. Sem perder a elegância, mas cada vez mais rápido, fui ter com meu pai onde ele estava em reunião. Atrás de mim, vinham os três negros, decididos. Disse para mim mesmo: Esses três não largam meu calcanhar. Já que me julgavam como um senhor, assumi uma pose mais condizente. Me empertiguei, solene. Eles me alcançaram. Voltei-me altivo e ouvi as vozes: “Salve a minha mulher! Salve a minha mãe!”. O outro dobrou o corpo e falou: “Obrigado, sinhozinho!”. Tive desejos de manda-los a merda, mas já que tinha assumido a farsa, que ela fosse até o final. Instruí-los: “Acompanhem-me à distância!”

Ao chegar na sala de reuniões, fiz-me anunciar por outro escravo, dizendo: “Preciso falar com o senhor Albin Denkemann!”

Meu pai apareceu, contendo a agitação. Expliquei-lhe o acontecido. Ele me disse que ficasse aí, foi ao interior e voltou. Ordenou a um dos negros que o acompanhasse. E que continuasse a manter-me como se eu fosse um nobre. Não era hora para diálogos. Percebi um alvoroço na porta de entrada. Entrou um senhor com jeito de feitor, aquele que de manhã, acompanhava a rica senhora. Mantivemo-nos a distância. Senti um grande alívio quando, minutos depois, saía o mulato dizendo aos guardas: “A busca aos negros começará amanhã de madrugada. Mas a minha diferença particular está com um alemãozinho de botas”.

Logo a seguir chegou meu pai. Separadamente caminhamos, meu pai com o negro mais velho e eu com o mais novo. Ao chegarmos ao Guaíba, a uma distância de quinhentos metros, estava atracada uma respeitável canoa. Dentro dela estava a negra, o negro que acompanhava meu pai e outro velho negro. A luz do sol se terminava. Deu pra sentir a emoção dos negros, que se abraçaram com o reencontro.



- Amanhã toda Porto Alegre estará se movimentando para capturar os negros e prender você, meu filho. Por isso é bom que ninguém esmoreça nos remos. Vou mostrar como remávamos no Mosela.

Meu pai e o negro mais velho remavam cadenciadamente. Uma hora depois a lua estava linda sobre o Sinos. Papai entregou os remos para o jovem negro, que agora sabia chamar-se Alexandre e era filho do casal de negros e primo do outro negrão, que dizia ser José. Sabia que o Seu Albin ia falar com envergadura. Ele sabia criar um clima que tornava importante as suas palavras e falou:

- Que todos se esqueçam do que aconteceu! O Cosme trabalha para a Igreja de São Leopoldo. Desejo que os padres não precisem hoje de sua canoa. A família não está salva ainda. Poderão pedir resgate e as cabeças terem seu preço. Cosme os levará a um quilombo, distante dez quilômetros de São Leopoldo. O que o meu filho fez não está dentro da lei. Seu coração foi corajoso demais e isso é temerário. Por três anos não poderá mais ir a Porto Alegre. A liberdade se perde por querer tê-la sofregamente. De toda forma, o que está feito não tem retorno. Não posso discordar de que a ação teve méritos, pois não se faz o que aquela senhora pretendia fazer.

O negro pai solicitou a palavra e falou:

- Bendito o menino que me concedeu os meus. O Deus desta noite, que cuida deste rio, silenciosamente, é o mesmo que habita a mata da terra de meus pais. Ele é testemunha do coração bondoso. Ele é testemunha de que seu filho tem o coração voltado para a justiça. Que o espírito das águas suavize seu caminho. Que o espírito da mata abençoe sua moradia.

Meu pai somente agradeceu.

Fez-me silêncio até São Leopoldo. Todos estavam exaustos. O Cosme chamou um amigo que tomou os três, e enquanto ainda era noite, sumiram. A mulher negra beijou a minha mão, murmurando:



- Sonhozinho bondoso! Contarei para todos os meus a história do sinhozinho!

De nossa parte, tomamos os cavalos e voltamos a Hortêncio. Pouco adiante de São Leopoldo, ouvia meu pai rir. Perguntei-lhe o que havia. Falou, bem controlado:

- Devia te punir por estragar a viagem. Menti para o presidente dizendo que recebera a notícias de que um dos meus não estava bem. Deixei sozinho o vereador. Gastei meu dinheiro na compra da negra.

Retorqui, gentilmente:

- Meu pai, o senhor sempre me ensinou que a dignidade deve ser praticada com tanta naturalidade, como se fosse a mesma coisa que estar lavando a nossa roupa suja no rio. Não suportei ver tanto sofrimento, praticado com orgulho.

Novamente meu pai ria e, em seguida, soltou uma gargalhada sonora e falou:

- Como é mesmo, meu filho, que corria o cavalo? Como é mesmo, meu filho, que gritava a senhora? Bem que acredito que o que importa é a densidade da intenção. Quem diria que um maço de urtigas, preso debaixo do rabo de um cavalo, poderia conquistar a liberdade de alguém? Ô, meu filho, mas quem é que garante que a senhora não terá quebrado o pescoço? Ou que o animal não terá aliviado a ardência entrando no Rio Guaíba?

Depois de andarmos por duas horas, deitamos nos pelegos. Disse meu pai que teria que fazer as suas anotações, o que fez com que endurecesse a voz:

- Ninguém saberá do acontecido. Nem tua mãe, nem teus irmãos. Fácil correrá a notícia, uma mulher enfurecida e cheia de poder não tem misericórdia. Ainda mais humilhada daquele jeito! Amanhã Porto Alegre



estará rindo desta história. Se quiseres salvar teu couro, guarde a tua língua.

Pior é que se cumpriu a palavra de meu pai. Somente com 20 anos voltei a Porto Alegre. Aí, com minha sonhada profissão. Mas antes de passar para a minha póstera gente (assim falava os livros de meu pai) os resultados da minha lautada (e por que não muito atrapalhada) vida, vou tecer alguns comentários sobre os últimos cinco anos em São José do Hortêncio.

Bem, sobre os negros salvos por urtigas no rabo de um cavalo, soube que corria a história, quase lenda, de um santo menino branco que andava sobre as águas do Sinos, devolvendo aos negros sua gente perdida. Um dia me encontro no meio do rio.

Sobre a mulher, meu pai tinha razão. De tanto rirem da história, ela foi além de Porto Alegre. Parece que o cavalo, desesperado, entrou no Guaíba e quase apagou a mulher. Contavam que o difícil foi tirar as urtigas do rabo. Maldosas línguas que não era o cavalo que deviam ter posto as urtigas. Por Deus, até aí não chegava a minha coragem. Tive sempre um enorme respeito pelas damas. Preferi calar a ter um pouco de glória. Dizia o velho que a liberdade e o couro também se perdem pela língua.

Estes acontecimentos e a fantasia deixaram o meu sótão em constante barulho. Não via a hora de partir. Achava a solidão do Hortêncio insuportável. Queria o barulho das carretas. O ritmo dos remos nas águas. Falava-se, em breve, os navios, bufando como cavalos, andariam sozinhos sobre os rios e o mar. Mal me continha em minha casa. Um dia depois do meu aniversário, a 21 de setembro de 1871, com 20 anos, cheguei em casa, vindo do trabalho. Vi minha mãe e meu pai na varanda. Pensei: “É hoje que falo tudo”. Minha querida Magdalena afastou-se. Adivinhava que tinha chegado a hora. Num dia de novembro, ao ver as pombas jovens



saírem de seus ninhos, comentou: “Será que as pombas sofrem quando os filhotes começam a voar?” Por quê? – Perguntei. “Eles partem e é possível que nunca mais se encontrem.”

Uns dois anos antes de meus 20 anos, um sabiá quebrou a asa contra uma vidraça. Estava arrepiado de tristeza. Aproveitei a ocasião e disse:

- Olha mãe, aquele sabiá que morre.

- Por quê?

- Está com a asa quebrada e não pode voar, respondi. Mas estava decidido que seria naquela tarde. Não adiantava prorrogar a hora que tinha que chegar.

- Pai, quero falar-lhe e também com a mãe.

Meu pai já esperava e sabia, com certeza, o golpe que viria. Ao menos fingia que estava contente. Chamou:

- Vem cá, minha Magdalena. O Bonifácio quer falar sobre uma decisão importante que tomou. Acho que chegou o momento de ele fazer a vida sozinho. Você lembra que ele subia nas árvores altas porque a vista de Hortêncio lhe cansava? Este rapaz é como um pato selvagem. A mesma lagoa lhe cansa. O voo vai fortalecer as suas asas. Ele vai vir, de tempos em tempos, para casa. E terá tantas histórias pra contar, que você vai dizer: “Que bom que meu filho teve o toque do campo e das estradas. Ele é tão cheio de vida!”

Que imagem de dor vi em seu rosto. Conteve-se e falou:

- Tinha que ter um que não se contentasse com a casa pequena. Tá certo, meu guri, vai feliz, que não será a tua mãe a estragar teu caminho. Mas quando cansar, pode voltar. Peixes e frutas sempre teremos. Sei que vencerás. Isto me alegra. Mas afinal, o que farás mesmo por aí agora?



- A toda hora estarei de volta, minha forte senhora, consolei-a com meu abraço terno. De duas maneiras vou ganhar a vida. Vou comprar e vou vender. Vou mascatear por aí. E negociar também. Entre os navios e a colônia tentarei encher o meu bolso e o dos colonos também. Os comerciantes tiram tudo da gente. Vou quebrar este mau costume. Aprendi a fazer carroças com o Senhor Feuerbaum. Delas eu tenho duas. Tenho quatro parselhas de cavalos que meu pai ajudou a comprar. Com elas eu levarei os produtos até as embarcações de São Leopoldo. Daí eles seguirão até Porto Alegre. Isto será no tempo das colheitas. Nas estações de inverno e primavera, vou vender roupas e outros produtos para as vendas. Terei muito o que fazer. Mas, entre um negócio e outro, quero ver o mundo.

- Caixeiro viajante! É isso meu filho?

- Mais do que isso. Serei um próspero negociante. Será exportador dos grãos do Vale dos Sinos e destes lugares do início da serra.

A bondosa senhora Magdalena começou a entregar os pontos. Uma nuvem toldou seu rosto. Não sei se é assim que falam os livros de meu pai. Houve um silêncio doído. Se rasgava algum sentimento. Foi assim que tudo sucedeu naquela primavera de 1871.

Dois dias depois eu partia, com uma carroça cheia de produtos. Eram os restos da safra anterior. Começou a peregrinação pelo mato e pelo campo. Começaram as minhas reflexões e aventuras. Vou por etapas descrevendo aquelas de maior importância.

Ouviam com agrado os meus causos, principalmente, as explicações. Aperfeiçoei minha palavra em longas conversas com meu pai. Os livros eram bons companheiros. Gostava de ouvir discurso em Porto Alegre. Os floreios do pessoal da capital quando falava na tribuna não diziam muito, mas engordavam a fantasia. Passei a entender os





acontecimentos e muita gente do comércio e da roça me ouvia. Aprendi, como bom aluno, a amar lindas mulheres. Daí que meu coração envelheceu ainda fracote. De tanto bater, cansou. Sem tréguas foram as noites das morenas. Meu Deus, são elas que têm vida! As nossas branquinhas não carregam a natureza vibrante. As morenas são irrequietas e ardosas. Seu olhar é esperto e provocante. Nos bailes de campanha, quando encostam o corpo, ele tem frêmitos de emoção.

Ingenuamente, como um peru, acreditava na generosidade de quem o engorda. Por horas duras, por horas alegres, fizeram-se as lições. Como potro xucro aprendi a não escamotear inutilmente. Por riba e por baixo de mil contratempos, aprendi a ter tenência e até a falar um largado portunhol. Aprendi a fazer poesia guasca e a fazer arrulhos com o vento nos vales dos meus descansos. Com um índio, aprendi a amar o Deus do campo. Depois dos vinte anos aprendi todas as contas iluminadas: pelas estrelas me guiava nas coxilhas. Meu tempo era imenso. E quanto mais andava, “mas Hermano quedó mi sentimento”. a tristeza pouco tinha a ver comigo, ao contrário da raiva. Medindo tudo muito bem medido, a raia me invadia quando via a humilde gente apagar seus sonhos. Ficava alucinado quando via alguém humilhado como um pobre cusco de ninguém. Quando via os navios chegarem e a dor balançar nos olhos das mães polonesas, “ai mi corazón pobrezito”. Quando via os pobres indiozinhos sem vontade própria, “ai mi corazón pobrezito”. Mas quando podia erguer a alma de alguém, tão alto como as montanhas de Hortêncio, “ai mi corazón de fiesta y campanas”. Quando, por ter meus demônios também, por causa justa, mostrava o pó a quem de exploração vivia, “ai mi corazón, no te olvide el galope de mi sangre”. Posso descansar, pois enchi meu tempo de paixão. Hoje, às vezes, fico humilde como o pio das codornas se escondendo na macega. Às vezes, largo se torna o pensamento, como as bombachas de Vacaria. Silêncio a alma como aquele que morre sem força. Ternos como os desejos de mãe a respeito dos filhos, ficam, por vezes, meus momentos. Toquei todas as cordas dos sentimentos e nenhum som é desprezível. Agora que envelheço, um minuto é precioso. Saco do passado tanta vida como do futuro que todo em frente com minhas mãos.



Mesmo hoje, com tanta perna imóvel, sempre uma parte de mim está inteira. Isto é o suficiente. Te acorda, chiru e basta de sermão. Conta de uma vez a tua história.

A viagem com meus dois carroções carregados foi uma festa. Fiquei de pagar os agricultores depois que vendesse o produto em São Leopoldo. Com os lanchões, os intermediários levariam a mercadoria a Porto Alegre. Nada lucrei, mas aprendi. Voltei uma semana depois a Hortêncio, com as carroças cheias de mercadorias. Queria voltar ao meu lugar para dar-lhes o prazer de fazer bons negócios para todos. Na segunda viagem, duas semanas após, já estava mais traquejado na negociação. Aprendi a correr o risco e demonstrar confiança nas minhas propostas. Viram logo que já não era mais o ingênuo da primeira viagem. Com as vendas dos produtos, dei entrada a um lanchão. Mande os filhos de Steinhaus e de Fröhlich, que transportavam comigo, voltar a Hortêncio com os produtos encomendados para os bolichos. Fui ver o negócio em Porto Alegre. Não tinha como escapar. Tive que me encostar em um judeu de nome Jacob Stein, que, ao sair, me disse:

- Herr Denkemann, gostei do senhor. Seu feijão vai ser comido na França.

Fiz os cálculos e vi que dava um razoável lucro o meu esforço. Ergui os olhos para ver o sol caindo no Guaíba. Era tão bonito enquanto descia, que pensei: Será que cai o sol em todos os rios, assim como cai no Guaíba? Alguém me observava e falou:

- Wer ein mo hia wo, der kommt imma zurück\*

Voltei-me assustado, mas descansou meu curacao, porque era o velho Cosme.

- O que é isso, negro velho? Deu agora pra assustar?

---

\* *Quem chega uma vez aqui, volta sempre*



Ria um riso da graça do Senhor. O rosto inteiro mostrava a alegria de um homem livre.

- Herr Bonifácio, meu menino salvador! Amanhã cedo vou a São Leopoldo. Tenho um padre jesuíta para pegar amanhã. Vou sair agora, com a canoa vazia.

- Sou teu companheiro, Herr Cosme. Fiquei contente em poder atravessar à noite, com a luz da lua.

Parecia um tacho de cobre sem zinabre. Lustrava o tacho limpo. Que som faria se fosse tocado? Aprendi tanta história naquela noite! Quando lhe falava sobre o exercício da humanidade nestes vales, o velho arregala os olhos, que brilhavam, dando a impressão de que a alma se enchia de paixão. É pouco falar que ele vibrava tanto a ponto de lhe rolarem lágrimas, por reconhecer o esforço desta gente ao tentar salvar-se. Ao ritmo dos remos cadenciava seu falar:

- Carreguei o primeiro imigrante. Há 47 anos e 2 meses, vejo a pobre gente subindo o rio. Apenas há oito anos diminuiu a exaustão. Mesmo trabalhando para o governo, tinha meu chefe o direito de me batê. A diferença entre os negros que transportei e os branco, com suas malas velhas, era que os branco tinham luz do oiá, enquanto que nos nego o oiá era turvo. Parecia que o horizonte não interessava. Minha raça, até hoje, o que fez? Sempre serviu de instrumento barato para o obstinado branco. Dói meu sê e só me alivia o espírito destas água, quando penso que nem a liberdade de que se fala tanto, vai ajuda muito. Não si pode afastá de uma vez a miséria de séculos. Me sufoca o peito quando vejo meus irmão chega no Guaíba. Metido de ferro muitos deles. O inferno queima as entranha dos negro e das negra. Humilhado estão os fio. Nem pensam que a sorte pode sê outra. Perderam o sonho das árvore da África. Os tambor apodreceram no meio da floresta. Vim de lá com seis ano e, por Deus desta imensidão, quando durmo, ouço os tambor me chamando para a caça ou para a dança. Me lembro de uma vez quando me erguia para dispará a lança; doeu-me forte a chibata no meu ombro. Por dois dia um



ódio fundo me alimentou. Somente a decisão de oiá com generosidade os gesto bom e a poesia solta nos pássaros, nas árvore e no vento, é que me deram conforto. Por exemplo, o dia em que teu pai e tu salvaram os meus irmão da dor, foi de grandeza para o velho Cosme. Conto a todos que transporto e mostro a eles, com clareza, qui tem fô bom, não suporta vê a mesma alma tê preferência tão desigual.

Já quase adormecia diante da lamentação. Pus-lhe a mão no ombro e disse-lhe:

- Meu velho Cosme, de hoje em diante, bem mais vezes vamos ver um ao outro. Quero ser teu amigo sobre estas águas. Te convido a transportar os alimentos que vêm de Porto Alegre. Nem sei se o meu negócio vai ser bom, mas lhe garanto que terá um justo salário e será livre.

O velho abriu a boca num riso farto. Via seus dentes perfeitamente.

- É uma oferta que vem de Deus.

- Não! Não! É de Bonifácio mesmo!

Pediu que aceitasse dois outros negros em seu lugar, que viviam no quilombo. Já tinham estado tempo suficiente afastados. Um deles Alexandre e o outro, o Faustino. Prometeu-me o velho deixa-los bons nos remos e que fariam bem o trabalho: “Não disfarço sua bondade, mas em troca te ofereço dois home dedicado. Já envelheço neste rio. Nem sei por quanto tempo le serei útil. Tô quase livre com os padres. O que mais amarra é o costume. Nem saberia o que fazê se estivesse solito no mundo. Faustino e Alexandre já têm no sangue a liberdade. Eles vão sabê o que fazê com ela.”

Perguntei-lhe ainda se já teria esquecido, a mulher do cavalo de rabo arido, a humilhação. Ponderei também que a zanga de um homem poderoso é quase onipotente. E que a raiva de uma mulher poderosa vai até onde estão as raias do seu poder.



- Cinco ano pode curá o orgulho ferido de muié humilhada. É tempo suficiente, consolou-me Cosme.

Para encurtar um pouco a história, vieram Alexandre e Faustino. Eles eram livres. Teriam o salário que saía do meu esforço e controle. Mantinha distância, sem perder o respeito pelos dois.

Alexandre se pôs a recolher a colheita de outono e levá-la a São Leopoldo e Faustino remava com outro chamado Tibério. Na cidade ergui um pequeno armazém. De tanto trabalhar, quase não suportava os dias. Vi que me tornava forte e respeitado. Comprei roupas dos gaúchos e dizia para quem quisesse ouvir, que ali estava um homem que aprendera a trabalhar e a respeitá-lo que recebera de seus pais.

Poucas vezes fui até a minha casa no Hortêncio. Um dia, em minha pequena casa em São Leopoldo, recebia a carta de mamãe Magdalena da qual ainda me lembro de algumas frases:

“A páscoa se aproxima. Eu penso que desta vez não vai ser como no Natal, quando fiquei olhando o dia inteiro para a estradinha que vem até a nossa casa. Só à noite, disse pro teu pai: os filhos parece que se esqueceram dos laços. Eu vivo por eles. Ao contrário, as minhas crianças se bastam. Se esta páscoa você não passar conosco, vou me entristecer muito neste tempo bonito de outono. ‘Bring nua dein Herz.’\* Deixe de lado os costumes que está adquirindo. Eu os respeito, mas volte um pouco como antigamente”.

Bem, com essa, voltei. Achei o mundo de Hortêncio e da minha pequeno. Podia ser comparado a uma ratoeira. Eu não era como o meu pai, que onde quer que olhasse via a grandeza. Até as pedras escuras no potreiro verde eram preciosas. Puxa vida! A mãe Magdalena me devolveu

---

\* *Traga somente teu coração*



o dom da alegria. Negocieei com meus pais as minhas ideias. Convenci-os assim:

- Olhem bem pra isso. O dinheiro não importa por ele mesmo. Quando eu tiver a minha pequena Companhia de Exportação, poderei passar melhor a gente das linhas. Quando tiver o meu navio, mais justiça poderei fazer para a gente de Taquara, de Feliz e de Hortêncio. A minha fome de crescer será sempre para defender a minha gente. É bobagem ter essa bondade ingênua guardada debaixo das árvores. É preciso ter poder, para dele tirar algum auxílio. É preciso ter domínio e entendimento, sem perder a paixão por esta gente. Não acho que o poder me arrepiava de prazer, mas é bom ser olhado com respeito. E acima de tudo, mamãe, tenho me honrado pelo respeito. É verdade que esta páscoa me renovou pelo cuidado que me foi dispensado. Trouxe meu coração e saio com ele gentil.

Vi o meu pai contente com o filho, quando confirmou:

- Você tem razão, meu guri. A gente, pelas picadas, está sem defesa, sem uma pessoa como você.

Fez-se silêncio, mas havia alegria intensa no ar. Concluí:

- Mamma, ich bring imma mein herz. Mach es gut.\*

Valeu a ida a minha casa nas montanhas. Se valeu! Antes de dormir houve uma curta meditação, evocada por meu pai:

- Pois bem, meu filho, se na fortuna não houver generosidade, a pobreza estará como ameaça à nossa volta. Então a liberte também estará sob ameaça. O comunismo poderá vir. Ele medra bem no meio do desespero. Virá como Estado que pode arrancar o encanto da conquista.

Voltei a São Leopoldo na manhã do outro dia. O banho dado ao potro que era eu, fez efeito: a vida estava se oferecendo sem rodeios.

---

\* *Mamãe eu trago sempre meu coração. Faça-o bom.*



O silêncio do outono me tomou. Estava como o gado alçado: por minha própria conta. A viagem de volta foi mais que perfeita. Uma puta vida escondida nas árvores que se amorteciam me fez elevar o espírito. Possuía a decisão de enfrentar o que fosse necessário para fazer fortuna e de concedê-la a toda a gente por quem passava no caminho. Todos me saudavam com respeito e eu retribuía a saudação, quase devoto. Era quase um piá, de corpo grande, que saudava toda a gente. Meu pai sempre dizia que uma cabeça cheia de ideias e de paixão pode salvar o mundo. Não queria tanto. Queria apenas que a gente dos Sinos tivesse amparo no seu esforço. Podia ficar rico e por que o resultado do esforço não podia ter melhor recompensa?

Há dias, me perseguia a ideia de ter, dentro de dez anos, o meu navio para vender o produto na Europa. E pensava: “Tomara que pegue uma guerra aquela gente! Aí sim vou calcar no preço! Vou largar ouro a rolar morro abaixo nas casas dos colonos. Comprarei mais navios e navegarei sem precisar mais me humilhar nos portos, pechinchando um preço melhor para o meu suor. Aliviarei o desespero do pessoal destas serras e destes vales e ninguém precisará entregar ao Estado a sua liberdade de obter chinelo, pão e rancho”.

Acho que fui até o Hortêncio para buscar forças, porque quando voltei, delas precisei muito.

Recebi o relatório de meus haveres junto à empresa de exportação de Jacob Stein. Havia uma diferença de 1/4 daquilo que me era devido. Exatamente o meu lucro. Para acrescentar um azar ao outro, vieram meus três negros, companheiros leais, Tibério, Alexandre e Faustino, dizer que Valdiva (assim se chamava a mulher do cavalo de rabo ardido) estava tentando conseguir o intento de apanhar os negros escravos que lhe haviam fugido há cinco anos, em Porto Alegre. Para complicar as coisas, estava ela aí, em São Leopoldo. Dizia que faria na bunda dos negros fujões, o que um alemãozinho desgraçado fizera com o rabo do seu cavalo



e falava ainda mais: “nem que gastasse toda a sua fortuna, não descansaria enquanto não pusesse as mãos nos negros que lhe pertenciam”.

Eu não sabia por onde atacar, mas era urgente a ação. Durante a noite me aconselhei com meu teto e, pela manhã, já estava disposto a cumprir o planejado. Vesti-me a rigor num traje de gaúcho. Parecia mais robusto e mais respeitável em bombachas e em meu chapéu tapeado. Pelo Cosme, mandei dizer à mulher que sabia do paradeiro dos negros que ela queria de volta. Marquei hora na praça, enfrente à igreja. Quando piá, pensava que o Deus daquela igreja era maior que o da minha de Hortêncio. Rezei para que de fato fosse grande e me fizesse sair dessa sem perder nenhum pedaço. À tarde, entre cinco e seis horas, estaria esperando a senhora para os negócios que a preocupavam. Aproveitei o resto do dia para conversar com a rapaziada que puxava as cargas dos produtos para o armazém em São Leopoldo. Os colonos estavam contentes e os carroceiros também. A colheita estava invejável e teríamos todos muito o que fazer. Entre as duas e quatro horas recebi mais informações sobre a caçadora de escravos. Cinco negros fortes e armados estavam rondando São Leopoldo a serviço de Valdiva. Até os nomes dos escravos da senhora estavam comigo. Ajeitei o chapéu e fui até a praça. Devia ser rude e decidido. Estava longe de ser o frágil menino de Porto Alegre. Vi entre as árvores, a mulher. Ao chegar perto dela, detonei:

- É a senhora que anda atrás dos negros do Quilombo? Nem a deixei expressar-se e continuei: “Dois deles estão comigo e o casal está em outras bandas”. Impressionei-me com a força da minha voz: “Em quatro dias quero a limpa dos seus negros caçando os meus. Se não se afastarem, vou fazer desaparecer o primeiro. Se assim mesmo continuarem a procurar os meus negros, mandarei que lhe passem urtigas no mesmo lugar do cavalo e outro dos seus desaparecerá”.

A mulher quis retrucar, mas afastei-me, dizendo: “Estamos combinados!”.





Quatro dias depois, andavam ainda seus negros rondando a cidade. Este foi o tempo suficiente para ir a Porto Alegre e voltar. Tive uma dura conversa com Jacob Stein. Disse a ele que me devolvesse o que me pertencia. Se assim não o fizesse, iria coloca-lo em maus lençóis junto aos seus fornecedores. Respondeu-me que não estava preocupado e que pelos seus cálculos, me devia a metade do reclamado. Provei-lhe, pelas notas assinadas por ele mesmo, que estava me enganando. Disse-me que pagaria 3/4 do que eu lhe pedia e que não o procurasse para mais nada. Ao sair, fui gentil na forma das palavras e não em seu conteúdo:

- De fato, Herr Stein, não me verá mais pela frente e farei o possível para que outros fornecedores não o vejam pela frente. O valor que o senhor me deve vai lhe custar mais que a carga inteira de um navio. Não serei um cristão em reação!

O velho estava vermelho e dizia imprecções em hebraico. Naquela mesma tarde fui ter com Herr Krist. Falou-me poderia se comprometer a comprar meus fornecedores até setembro. Concordei, mesmo que o preço não fosse mais convidativo. No rio encontrei o mais forte fornecedor, o jovem negociante Kauffmann. Concordeu que também estava descontente com o seu comprador. Ofereci-lhe a ideia de juntos construirmos uma firma com Sociedade Anônima para exportação. Combinamos que, em dois meses, isto é, no final de junho, juntaríamos os recursos para a construção de um depósito junto ao Guaíba. Seria difícil dispor da quantia necessária, mas vi que o Sr. Kauffmann também não fazia do medo um sério obstáculo.

Um pouco melhores vieram as notícias de Passo Fundo: podia ir até lá para buscar as mulas negociadas para os colonos dos vales. Bem que podia pegar tudo em Cruz Alta, mas do negócio das mulas, boa parte dele estava em Passo Fundo. A tropa devia ser juntada e não dava para negociar muito com a sorte. Entendi que podia levar um dos negros de Valdiva, se ela não tivesse se assustado com minhas palavras. Ainda não tinha coragem para ver a morte acontecer por minhas mãos. Estava irritado com os acontecimentos, mas meu coração não precisava ter



remorsos. Tomei um lanchão e me encolhi num canto. Subia o rio no mesmo barco, um índio cantador da fronteira. O chiru falava de seus tamancos:

Tu destino es igual qu'el de tu dueño:  
Un destin apag'ao y sin leyendas.  
Sos un calc'ao humilde y sin historia  
Lo mismo qu'el paisano que te yeva.\*

Parecia que todas as músicas eram carregadas bem mais de perdas que de conquistas. Os amores geralmente deixavam o índio em solidão no campo. Tinha na consciência que assim não dava para fazer um povo orgulhoso de si. As gentes daqui tinham o vício da autopiedade. Mas havia uma beleza xucra no rosto e na alma das pessoas de todo lugar. Olhei para minhas botas e fiquei contente, pois não eram humildes. Tinha apenas 21 anos e, ao que tudo indicava, não teria “un destino sin historia”.

Muito tarde da noite cheguei em São Leopoldo, mas ainda deu para dormir e sonhar que comprara um navio.

Ao findar o quarto dia, andavam espertos os negros de Valdiva, de um lado para outro. O rancor da mulher, com certeza, era maior que o medo que eu lhe pude transmitir. Não podia vacilar. Tinha que lhe aplicar, em regra, o que lhe havia dito. Assim se fez. Um dos negros de Valdiva se chamava Desidério. Este foi apanhado de madrugada apesar da guarda. Tudo já estava preparado para a viagem das mulas na direção de Passo Fundo. Disse a Alexandre que trouxesse o homem. Pedi que lhe soltassem o laço e fui falando:

---

*\* Teu destino é igual que o de teu dono  
Um destino apagado e sem legenda.  
És um calçado humilde e sem história  
O mesmo que o paisano que te leva*



- Não se incomode que nada de ruim vai acontecer. Em Passo Fundo terá liberdade e ninguém mais te dará ordens, só não invente de voltar. Pensava, sinceramente, que o negrão daria pulos de alegria. Nada disso aconteceu. Falou que Valdiva o tinha designado para pegar os negros no mato. Faria isso sem esmorecer, não deixaria de pensar em sua missão.

- Sou caçadô de gente que num presta.

Expliquei-lhe que tinha que pelear pela igualdade das raças. Afinal, tudo é gente e nasce igual diante dos olhos de Deus.

Falou, convincente:

- Devo meus favô pra senhora Valdiva e obediência le devo. Vou fazê pela intenção o que pelas mãos não tem jeito de fazê.

- Amarre bem e ponha venda nos olhos dele, falei para Alexandre.

Vi que o meu negro tremia de medo. Chamei-o depois e lhe perguntei qual era a razão do incontrolado temor.

Meu sinhô! Tá no sangue esse medo. É o medo do capitão do mato. Esse home de Valdiva tem a maleva força nos óio. Só matando o home é que se vai essa inquietança. Ele é como um bicho feróiz.

Naquela noite adormeci, pensando como os miseráveis se conformam com a sorte. Mandeí dizer à minha gente de Hortêncio que não iria para lá por um longo tempo. Falei ao meu pessoal:

- Vamos tomar tento. Tomemos o rumo de Passo Fundo!

Buscar 200 mulas e levar um negro de pouco respeito, esta era a missão. Sempre tive uma queda pelas mulas. O jeito humilde e serviçal me despertava um sentimento de querença por elas. No entanto, bem diferente delas, não me conformava com o destino. As mulas eram

resignadas com a sorte. E aquele olhar de piedade! Mi corazón pobrezito! Não suporto que batam nas mulinhas. Num baita cavalo forte, uma chicotada não me arrepia o pelo forte. Mas das mulas, que parecem tão frágeis, delas eu tenho misericórdia.

Quando eu tinha 14 anos, o filho do Gottlieb inventou de prender fogo no rabo de uma mula, só porque ela resolvera empacar. Mandei que pusesse fogo na bunda da sua irmã. A carga do animal era insuportável. O pobre bichinho não tinha como se defender, pois estava embaixo de um grande peso. A irmã do rapaz teria quem a socorresse. Meu pai, como sempre, conciliador, falou para o Sr. Gottlieb que não ligasse para os ferveores de minha juventude.

Agora que tenho 60 anos, percebo que não era emoção passageira. Ainda hoje queimaria a bunda da Gertrudes, se fosse necessário, para salvar a dor um humilde burrico.

la contente a Passo Fundo, porque teria muitas mulas como companhia. Meu dinheiro na guaiaca tinha de satisfação, porque seria gasto para uma boa razão. Mas tinha outra preocupação, que era o negro Desidério. Com ele, aprendi que a vida nunca me ofereceria coisa alguma, livre de algum desagradado. Me oferecia um carinho no rosto e uma paulada no lombo: se tinha as mulas tinindo na guaiaca, tinha também o negrão a me olhar com aquelas chispas incontidas. Via nos olhos dele que se largasse de mão, retornaria a São Leopoldo e não descansaria enquanto não reencontrasse a oportunidade de caçar a sua gente. Falou-me com raiva e frustração que a única coisa pela qual tinha querer era o capitão do mato. Aprendera a ter prazer em ver a negrada em disparada com os olhos saltando do bocó. Mi corazón pobrezito! Falou até isso.

- Negro fujão tem que voltá pra senzala. Ou o ferro ou o pelourinho, aí é que é lugá pra desobediência!

Via que estava cego pela ideia de querer a morte dos seus. Alexandre não desviava os olhos do Desidério. Ao meio-dia da metade do tempo da viagem, chegou para mim, reverente:



- Permita, sinhô Bonifácio, que le teça um comentário? O Desidério tem feitiço de mulé branca. Ele vai fugir assim que chegá a Passo Fundo. O home é cheradô de Quilombo! Num dianta nóis soltá nas banda distante. Ele tá co pensamento malevo. Aprendi, seu Bonifácio, a lê dentro dos óio. Ali tá escrito que ele qué matá a gente. Qué os nego da Valdiva preso e de sangue esvaído.

Assim que falou, senti que morriam meus bons sentimentos, mas decidi que devia levar a questão como havia pensado. Perto da Vila do Carazinho, no descanso da noite, sumiu o negrão Desidério. O Alexandre preferiu enfrentar de vez o medo e confiar nas suas forças. Uma certeza me possui: firmou-se mal o laço que prendia o Desidério. Mais tarde entendi que aquilo era coisa arranjada. Saíram os dois contentes a camperear. Tinha certeza que fariam Desidério voar para as serras do além. Ao anoitecer retornaram. Perguntei se o haviam encontrado. Enigmático, respondeu o Faustino:

- Encontremo e desencontremo, sinhô!

Ouvi, mais tarde, Alexandre comentando com o companheiro:

- Precisemo dizê pro patrão mudá de rumo quando a gente vortá. Num quero me encontra com alma condenada!

Somando e descontando, senti, no fim, um alívio no peito. Pelo resto da viagem teria na retina minhas amáveis mulinhas, que ia pegar no Passinho. Lá chegando, fomos direto ao negócio. Estavam apartadas numa fazenda perto do Boqueirão. Fui ver a gente do lugar e tirar um dedo de prosa. Era uma boa razão para descansar. Me admirei da grande e larga avenida. Benditas são minas mulas! Dos negócios das mulas, saiu aquela estrada. As casinhas de estilo português emendavam-se na Avenida. Poucas independentes. Apreciam com brilho, aquelas dos imigrantes alemães.

Vi que a metade da gente do comércio e do serviço da pequena indústria era de origem que escapava à portuguesa. Com certeza, da



mistura que aí se fazia, nasceria uma raça da gente interessante. E parecia cheia de vida a alma do pessoal. Queria ter meu pai para inspirar o meu ouvido com suas explicações.

Três eram as brigas que por lá se peleava. A população do centro estava irritada com o presidente da província, pela desconsideração que havia com as escolas. Estava de pé uma escolinha que mal funcionava. Fundaram até um Clube Literário Amor à Instituição para exigir das autoridades o que era necessário para o saber das crianças. Conversei com a gente que liderava o movimento e disse que o nosso estado não estava preocupado e levaria muito tempo para ficar com vontade de ajudar o norte. Os estrangeiros do sul tinham mais força que os pelados colonos do norte. Se quisessem ter escolas, que fizessem como em Hortêncio se fez. E aqui havia dinheiro da Intendência.

- O governo mais serve para humilhar, que para servir à gente que trabalha, foi assim que me pronunciei.

Outra briga bonita estava dentro e fora da cidade. Todos os brancos se desfaziam de seus negros. Quando cheguei, havia mais de 500 cartas de alforria na região. Tantos eram os cuidados que dispensavam aos negros, que já andavam eles revelando, com a cabeça erguida, a sua importância. Notei que aqui o imperador também estava com pouco prestígio. Uns falavam em República e outros em Federação. O Império estava findado. Era o que se falava nas bodegas. Ouvi, de improviso, uma frase da conversa de dois negros no balcão de um bolicho.

- Pois é, Quitério, meus fio ainda vão prá escola. Vão ri da cara de imperadô e vão governá nas capitá!

A las pitoca, pensei. Mais que tudo, apreciei o lugar pela sua paisagem. Os pinheiros altos enfeitam as suaves ondulações dos campos. Logo adiante estaria a serra com suas matas, aguardando outros imigrantes. Com o ar puro dos pinhais ainda vibrando nos pulmões, votei com minhas 70 mulas. As outras pegaria em Cruz Alta. Assim foi.



Ouvia o quero-quero reclamando a posse do campo. Imaginava que cada lugar tem seus sons. A pequena ave preta e cinza cantava e, por ela, o campo falava. Sereno como São Francisco estava eu no meio dos meus pequenos animais. Nem sei ao certo por que vibrei tanto quando me toquei em Cruz Alta com minhas 200 mulas.

Ao chegar aos morros de Santa Maria da Boca do Monte, me comoveu, do alto, a planície sem fim. Puxei um Jodeln\* do Tirol, que fez estremecer os vales. Os negros pediram, por favor, que eu fizesse de novo aquele som que se perdia nos vales.

Voltei rápido, tocando as minhas mulas. Cheguei a São Leopoldo em setembro. Vendi-as aos colonos dos quais comprava os produtos. Cada mula vendida era acompanhada de uma recomendação.

Fui logo saber se Valdiva ainda estava rondante por aí. O velho Cosme que ouvia o rio e todas as conversas, falou:

- A mulé foi embora. Disse apenas que os nego não importava mais. Quero o Bonifácio! Quero o Bonifácio! Alguém brincou com ela, dizendo que as urtiga do home são ardida.

Estava cansado e de guaiaca cheia. Revirei todos os setores do meu negócio: as duas embarcações novas funcionavam, os puxadores de sementes estavam contentes e os mantimentos para as vendas eram entregues sem demora. Apenas os resultados de Porto Alegre não eram os esperados. Mas fiquei contente quando soube que Herr Krist pagava sem desvio. Pela primeira vez senti saudades de casa e fui às montanhas de Hortêncio. Não pensei que pudesse causar tanta alegria ao subir a pequena estrada.

---

\* *Entoação alegre que os tiroleses costumam cantar.*



- To komm meins Bub,\* gritava ela entre as flores.

Levara comigo uma carroça cheia de cerveja. Eu e meu pai pusemos uma parte no fundo do poço. Depois fomos ao rio tomar um banho. Magdalena não deixou de dizer:

- Passu ff, mit de tief Pach.\*\*

Ri, alegre e comovido, para o senhor Albin. Mi corazón pobresito!

Melhor que tudo foi a conversa à noite. Meu pai ouvia minas histórias como se fosse um faminto com seu prato de comida. Alertava-me, sem muita convicção, sobre os meus ardores. Ao falar sobre as mulas, ele me explicou de onde vinham e por que sobravam tantas delas. Pe. Hildebrandt falava que, no Peru e em outros lugares, a prata era transportada por estes animais. Depois que terminou a prata e os índios, mortos pelo trabalho escravo, as mulas se multiplicaram muito ao norte da Argentina. Daí eram levadas pelo corredor que passava em Passo Fundo e ia a São Paulo. Era o transporte português e espanhol a serviço dos reis, que sugavam a vida e a riqueza como mosquitos enormes. Será que não vão sugar os nossos alimentos, não levando de graça, mas pagando um preço vil? O velho estava discutindo como se em sua frente houvesse um homem mau a ser destruído.

Expliquei a razão do meu esforço em organizar-me para comprar um navio, o meu navio.

- Fa was vills ti ein Schiff?\*\*\* - perguntou a minha mãe.

Expliquei que dominando o transporte, poderia obter melhor preço e no Mercado europeu poderia negociar diretamente. Isso favorecia o preço dos produtos aos colonos. Disse também que agora já fabricavam

---

\* *Aí vem meu guri*

\*\* *Te cuida rapaz, com o poço fundo!*

\*\*\* *Pra que queres um navio?*





navio a vapor e o tempo que esses navios levavam era menos que a metade que levavam os navios à vela.

Outro dia e mais outro dia fiquei ao lado de minha mamãe, como se fosse a sua criança. Ela estava tão feliz! Pensei que assim pudesse passar a ela a impressão de que continuava a ser um bom menino. Para a surpresa minha, no final da terceira tarde de visita, ela olhou em meus olhos e falou:

- Temo por sua vida, meu filho. Ninguém tem o poder de andar perto da morte. Se você não tiver o devido cuidado, pode quebrar as pernas.

As mães leem com o coração. Elas parecem ingênuas, mas veem claramente, como se veem as pedras no fundo do rio nos dias de verão.

Fui ver os meus irmãos casados e, no final da segunda semana, não suportava mais o fastio do cotidiano. Apenas as palavras de meu pai e o olhar de minha mãe me atraíam, mas não o suficiente para ficar por mais um dia.

Voltei a São Leopoldo e, por dois anos, trabalhei para firmar meus empreendimentos. Quis trazer meu irmão Francisco, mas o rapaz preferiu as montanhas ao vale dos Sinos.



## **OS FATOS SE SUCEDEM E NELES DISTRAÍDOS GASTAMOS NOSSAS**

### **VIDAS**

Em torno de um rebolo, debaixo de um pé de laranjeira, os vizinhos se reúnem para afiar seus instrumentos de trabalho que se gastam. Da mesma maneira, reuni gente que se gastava no ofício de sobreviver. Estou eu, como rebolo velho e, aos poucos, me dispensam, mas não definho inutilmente. Fraquejado de uma perna, sustendo meu corpo, animado por duras lembranças. Preciso ordenar as minhas coisas para que outros possam usá-las, pois um rebolo velho pode afiar instrumentos novos. Poderão as foices novas abrir estradas por onde iniciei minha picada. Ô, Bonifácio, trate logo de falar...

Sentia, em 1873, que Jacob Stein não me saudava quando passava por mim em Porto Alegre. Não suportava que eu fora rebelde e lhe escapara das mãos. Na verdade, eu era um piá perto dele. Pensei: “O homem está achando que pode me assustar”. Ao passar por ele, um dia, fiz que não o vi. Uma tarde, de dedo em riste, veio em minha direção, chiando entre os dentes.

- O que tem você que meter-se no negócio da gente? Já não basta que tenhas tanto nos transportes do Sinos? Quer agora pôr um armazém de exportação?

Fui duro e seco como o estalo dos galhos do guamirim quando quebram.

- Herr Jacob Stein – falei-lhe como se fosse ele um velho inválido – não tenha o senhor preocupação. Ainda vou ter meu navio e darei preferência à exportação dos seus produtos. Pagarei a vista e honestamente.



O homem estava com o rosto como um Blutwoscht.\*

- Que o senhor tenha melhores pensamentos – falei-lhe sério e aconselhador.

O Jacob, assim sentia, me largava raios pelas costas. De fato, estava comprando minha casa de exportação. Assim podia fazer o fluxo ter menos intermediários, ficar mais rico e pagar melhor os meus colonos. Tinha grane orgulho por poder compensá-los bem pelo esforço que faziam. Tenho dificuldade em explicar a fina e funda alegria que se aprofundava em meu peito como chuva suave e duradoura. Gostava de comer das suas laranjas e eles, agradecidos, me escolhiam as melhores. Preferia esperar cinco anos a mais para ter o meu navio, a perder todos esses momentos de reconhecimento de reconhecimento. Como podia deixar de vibrar ao ver os homens bem vestidos aos domingos e as senhoras contentes por terem a casa pintada e poderem espalhar sementes de todas as flores junto ao riozinho?

Ao me saudarem, as senhoras o faziam com tanta emoção assim:

- Bom dia, senhor Bonifácio. Queremos dizer-lhe o quanto estamos faceiras com a sua bondade. Desta maneira, sobra dinheiro para enfeitarmos nosso corpo!

Não deixariam, por preço nenhum, de viver com esse respeito. Quando saía de Porto Alegre com destino a Hortêncio, batia-me o coração mais ligeiro, só de pensar no prazer de ver a minha gente. No Hoff ou na roça, andavam atarefados como formigas. Surgiram lágrimas em meus olhos, quando os pequenos presentes que eu trazia faziam as crianças do caminho pularem como terneiros livres no campo. Minha mãe perguntava se eu não tinha um modo mais interessante de gastar meu dinheiro. Abraçava a querida Magdalena e dizia que não.

---

\* *Linguiça de sangue.*



Quando ia visitar os filhos do Sr. Steinhaus, contava-lhes o quanto chiavam os filhotes das andorinhas na nova casa. E, no caminho, ouvi o assovio de um pássaro, mais parecendo o som de uma flauta, e via os canários amarelos, contrastando com a terra vermelha. Bem que meu pai dizia que é difícil expressar o encanto. As palavras são pálidas perto da alma que escuta a cor e a voz das coisas. Mas quero sempre me dar a liberdade de afastar o limite da dificuldade no uso da palavra. Estou tomando gosto pelas leituras de meu pai e vejo que as ideias se desprendem de dentro de mim, permitindo-me a capacidade de medir melhor tudo o que devi fazer. Além do mais, escuto melhor quem fala bem. Penso que a harmonia das palavras que se somam, representam, bem ou mal, tudo o que está ao meu redor.

Ainda hoje me esforço para me afastar da obscuridade, isto é, gosto de pensar claramente. Mas não sei por que estou com estes devaneios sobre a palavra se estou me propondo a escrever a minha história.

Bem, eram assim, então, os dias que passava no Hortêncio. Me sentia alegre por poder ser visto como alguém, de quem a minha gente tinha honra. Fazia o maior esforço para animar o Nicolau e o Vesceslau sobre a grandeza de cada trabalho. Dizia que estava pagando pelo suor deles, por isso procurava não ser mesquinho nos negócios. Me agradava muito vê-los fazerem se o meu sonho. Falavam no navio que eu iria comprar um dia, como se ele fosse seu próprio “Schiff”\*\*. É claro, sabiam que com o navio poderiam ter melhores vantagens nos resultados dos trabalhos.

Em 1875, quando inaugurei o meu armazém de exportação, foram me ver em Porto Alegre. Tinha uns dez colonos da boa cepa que foram festejar comigo. Bebemos tanta cerveja, que tivemos que dormir no armazém, entre as sementes. Cantamos canções do Mosela. Diziam para mim que, na primeira viagem, iriam com o meu navio, mostrar como é que

---

\*\* *Navio*



eles estavam se saindo do abandono. Podiam provar que aquilo que se lhes dera como apróbio, se convertera em bênção. Essa era a minha gente: sonhadora. Pena que lhes assistia, por vezes, tão grande sofrimento. No inverno, não tinham suficiente proteção e, nos costumes, eram austeros demais para o meu gosto.

Já que estou falando em sofrimento, vou falar do maior de todos: o do morro do Ferrabraz. Conheci pessoalmente o povo de Jacobina. Antes de contar como morreu, vou falar de suas vidas. Todos que chegavam da desgastada Europa, traziam seus costumes. E quando aqui chegavam retomavam seus hábitos com devoção. Poderiam se perder em terra estranha. Agarravam-se, apaixonados, às antigas instruções. Cantavam e rezavam, quase com desespero. A pobre gente precisava de um milagre para sobreviver. E ninguém pode duvidar de que uma infinita misericórdia devia auxiliá-los, para poderem suportar a perda da pátria e a insegurança. No meio desta angústia, Jacobina começou a ter visões. Quebrou-se, em sua cabeça, a fabricação das ideias normais. Ouvia Deus falar em seu ouvido. Seus olhos tinham visões. Porque tudo era adverso a esta gente, esperava que Deus, diretamente, poderia confortar ou afastar de vez as suas misérias. Na bagagem velha vieram sonhos novinhos, mas o sofrimento em si não era diminuído apenas pela esperança. Caiu bem, no coração desta gente, um contato direito com Deus. Os santarrões, como eram chamados os de Ferrabraz, começaram a ser vistos como estranhos, isto é, tinham abandonado os antigos costumes. Era isso que lhes dava a garantia de estarem inteiros. Agora, bem na frente dos narizes da maioria, uma mulher ameaçava apresentar ações que não eram dos seus costumes.

A animosidade começou a acontecer. Como extrema proteção, começaram a se guardar. A santa falava que seriam perseguidos e então, para se protegerem, compraram armas. Os outros colonos de várias seitas não podiam aceitar aquilo, impassíveis. Foram buscar auxílio do governo. De intriga em intriga, chegaram ao que chegaram. Foram trucidados os



Muckers e seus contínuos cantos tristes foram suspensos, até que outras formas de aliviar a dor pudessem aparecer. Contudo, não era o sofrimento da nossa gente o maior. Nenhum governante preocupou-se com a sorte da indiada, que ficou errante como boiada sem direção. No meio das colônias surgiu a história de Luiz, o bugre. Um pobre índio temido, que perseguia a fantasia da minha gente. A gente humilde assustava a pobre gente que chegava.

Cercado de cachorros, vivia o índio. Como viam os índios que a mata se dobrava à vontade dos brancos, resolveram capturar um branco para que pudesse dirigi-los. Um menino foi levado para o interior da floresta e fizeram de tudo para torná-lo cacique. Luiz era bugre que andava pelos vales e se movimentava, querendo para os seus iguais condições que tinham os brancos, principalmente, o poder do tiro. No meio da floresta, ficou o rapaz, sem se esquecer da sua casa. Aprendeu a andar sem ruído pelas taquaras e a se esconder como o inhambu. Acima de tudo, aprendeu a ser veloz. A velocidade lhe foi de muita valia na fuga. Mal havia saído da mata, com a pequena tribo ao seu encalço, quando encontrou os caçadores na clareira. Os índios voltaram decepcionados e, à sua frente, ia Luiz com sua matilha. Não seria desta vez que teriam um rei capaz de tirá-los da impotência.

Mesmo assistindo a tais acontecimentos, não desanimei nem um pouco. Ao contrário, meditava, imitando a forma de ver de meu pai: se nessa América toda espécie de gente veio esfaimada e sem dignidade, devo tomar tento para fazer de tudo para sair desta predestinação.

Fiz duas viagens muito interessantes. Na primeira, encontrei um inimigo de morte. Tinha que ir a Camaquã comprar gado e ver o porto de Rio Grande. Passei por Pelotas. Fui buscar uma boiada naqueles campos. Teria uma distração com que ocupar a minha cabeça, cansado com o ano que havia passado. Era 1879. Com os seus dias, não me dei bem desde o primeiro. Queria ver se ao menos no final ele seria generoso. Vai ver, pensei comigo, não são os dias que estão pesados, sou eu mesmo que estou tisonado de urubu. Vai ver que são as minhas horas que pegaram um



vento mal encanado... talvez indo ver o mar em Rio Grande, elas voltem a ter um andamento normal. Lá me fui e o trotear do meu cavalo era o mesmo que pegar com a mão as minhas dores. Foi justo naquele ano que comecei a desconfiar de Jacob Stein. Belos negócios me escapavam das mãos como um peixe à beira do rio. Falei para o Krist:

- Este judeu está me fodendo.

Krist disse que não, mas que quando, do outro lado do negócio está um judeu, é preciso preparar-se para o anuíço.

Um dia fui direto ter com o filho da mãe.

- Escuta aqui, desta vez o senhor Baumann abriu a boca e contou como você botou a boca invejosa na minha sopa. Na última reunião dos exportadores, ficou claro que nenhum de nós transgrediria as orientações. O senhor feriu a principal. O senhor é um homem desprezível.

Riu da minha cara. Riu com prazer porque estava me machucando. Ao sair, ainda lhe disse que se me infligisse mais um prejuízo, eu bateria em seu rosto até ele se desfigurar. E contaria aos seus sócios, qual a razão de sua cara estar assim.

Por estas e outras razões, a brisa do campo e a companhia dos peões me faziam tanto bem. Tinha a sensação de me afastar dos problemas, na medida em que me afastava de Porto Alegre. Pousei na casa de um amigo meu, numa estância distante um dia de lombo no meu cavalo. Mateamos e colocamos nossas conversas em dia. Vimos, principalmente, a maneira como se findava o império e os costumes. Conte-lhe que ia ver um navio a vapor em Rio Grande. Era o Coronel Leôncio Algarve. Havia lutado pelas fronteiras do Rio Grande do Sul e, como prêmio, ganhara uma estância. Assim, outras estâncias surgiram. Como em caserna não se fala baixo, aprenderam a falar de laranjas e ameixas, como se estivessem lutando. Leôncio, de modo especial, parecia que trovejava quando impostava a voz.



Não só nas terras teve benefício a coronelada toda. Fiquei admirado de força que tinham em Pelotas. Depois disso achei que seria difícil as gentes das montanhas e dos vales terem vez. Esses homens de voz alta e bico enfiado nos governos pelariam os cofres em favor dos seus. Poderiam rolar alguns réis para o norte do estado. Os aperos dos cavalos eram de prata, a escravatura por aí andava solta e os apoios da presidência da província apresentava-se para ninguém botar defeito.

Argumentei com o estanceiro Fidêncio de Andrade, em Pelotas, que devia mudar esta situação de desconforto da minha gente da serra. Disse-me ele que nós, alemães de origem, nos daríamos mal, porque devíamos favores ao imperador. Não levaria muito tempo para a república surgir e, por isso, quis saber de que lado ficaríamos. Riu das minhas intenções de querer ter uma oportunidade ou mesmo assento perto do dinheiro público. Como sempre acontece, senti meu coração bombear sangue e raiva para a cabeça. Disse-lhe ainda, tentando ser delicado:

- Olha Sr. Fidêncio, quero ver ainda as bandas do norte a crescer pelo seu trabalho. Vamos erguer tudo o que for preciso às nossas custas. Vamos fazer fortuna na indústria e nas empresas de negócios.

Saí da casa do Andrade, jurando que não queria vê-lo mais. Se quisesse vender o seu gado, que o vendesse para Jacob Stein, pois eram parecidos.

Passei intrigado com as charqueadas que vi. Os ombros dos negros fortes se vergavam e o trato era rude. Pior que animais eram tratados. Os feitores dos estanceiros eram impiedosos. Se aos animais era proibida a liberdade, pelos negros ela só poderia ser desejada. Que tirassem do espírito tal pensamento! Não sei por que, mas a irritação me avassala quando vejo uma cena de submissão. Todos assistiam aos mesmos fatos e, serenamente, iam adiante. Em mim, trancava o pé e vinham o gesto brusco, e a tempestade. Foi assim numa charqueada. O feitor erguia, o braço, e o negro, exangue, ficava deitado. Saiu-me da voz:

- Ô do chicote, sé é bom com um pobre negro?



Olhou-me, perplexo, o covarde. Olhando-o, quase rindo, irreverente, perguntei:

- Essa bravura é sempre ou é só com um homem ferido?

Mal ergui a voz e já ouvi um estampido.

- O marica usa trabuco! É claro que não sabe usar! – gritei.

Quando se afastava para ir buscar outra arma de fogo, meu laço enrodilhou o seu tronco. Sem dó, saí em desabalada corrida. Exausto e esfolado, o feitor estava no chão. Pedi ao negro que o libertasse. Nada mais disse e nada mais fiz. Saí em direção a Rio Grande. Bem que minha mãe dizia: “Ô filho, mal chegamos aqui e nem conhecemos os costumes, você quer pôr remédio em tudo. Nem pergunta se eles querem tomar”.

Sabia que minha ação não receberia elogios. Ainda quebrariam minhas pernas, se não suportasse a dor que se dava nas canhadas. Ouvi, entretanto, elogios, através dos olhos dos meus peões, mas mesmo assim, sabia que neles não encontraria socorro se necessitasse.

Apenar de tudo, tive um consolo aragano perto de Rio Grande. Um estanceiro também amava a liberdade da peonada. Negros fortes trabalhavam livremente. Como por estas bandas se levantava a fala, não deixou de erguê-la:

- Bueno, arriba do homem não tem ninguém. Meu pai me mandou estudar na França. Apenas aprendi a gostar das francesas e a ter o sentimento de igualdade.

Ali fiquei por cinco dias, andando com o homem e aprendendo com ele algumas lições que me deram a impressão de que a minha cabeça ia encostar-se nas estrelas. Meus peões ficaram por ali ajudando na marcação e na castração e fui ver sozinho o meu navio. O senhor da estância, Lourenço Mostardeiros, disse-me que não queria ir junto para não atrapalhar meu entusiasmo. Se quisesse gritar, que gritasse de



satisfação por ver o baita bicho no mar. Fui solito. Andei por vários dias, sentindo a pradaria solta. O voo dos pássaros se erguia por riba da minha cabeça. As ideias tinham que buscar a ordem, mas com a cena vista e mais o seguinte acontecimento nestes dias, quase enlouqueço no meio do campo.

Os uruguaianos recolhiam os últimos índios que sobravam. Bem que o Mostadeiros havia me avisado que o respeito em relação aos índios era pior do que se podia imaginar. Nas guerras, para guardar fronteiras, quem levava o chumbo grosso? A indiada. Sempre a indiada. A grama verde, desde 1700, já estava acostumada a beber sangue de índio. Em todas as curvas dos rios havia um índio, morto por arma portuguesa ou espanhola. Essa pobre gente ainda tinha na boca as últimas canções e danças em homenagem aos reis da Espanha. Perdida a dignidade, buscavam um pouco de honra no elogio ao rei. Quando vi aquela procissão de pobre descendo a coxilha, não pude acreditar. Uma raça toda prostrada na minha frente. Mulheres sem um pingão de luz nos olhos, via-se que estavam doentes. Meu Deus do Céu, que escrita mal feita nestas linhas tortas! Como é possível que a mão cristã tenha este tipo de impiedade?

Fui ao encontro do grupo e senti que novamente ficava “27 de agosto”. Aquietei-me e fui ter uma conversa com aquele que estava à frente. O único que tinha um cavalo. “Buenas”! – saudei. O homem não estava com bom humor mas respondeu: “Buenas”.

Precisava ser gentil para saber o que acontecia. A cena poderia ser vista num dos livros de meu pai: “A Divina Comédia”. Só não sei em que inferno enfiaria aquela humilde gente.

- Já se achega o meio-dia, meu digno senhor. Elogiei-o e convidei-o para comer um carreteiro de qualidade. Aceitou. Quando ia pôr o arroz e o charque na panela maior que era a dele, falou:



- Não carece tudo isso. Explicou-me que essa comida de luxo não tinha que ser dada à indiada. Falava um espanhol brabo de ser entendido. Metade do que dizia era da língua guarani.

Disse-lhe que a minha viagem estava no fim e que gostaria de prestar um regalo a tão prestigiada companhia. Fui até a pobre gente e mal continha o choro em meu rosto. Falei-lhes do almoço farto e que desejava uma sorte especial para eles e seus filhos. As mulheres definhavam de doença. O índio mau de pensamento, mistura braba acontecida no meio da ventania entre castelhano xucro e uma índia indefesa, disse-me, sem constrangimento, que os índios morriam de doença braba. Contou-me que cada uma delas tinha dado umas três ou quatro crias, que serviam para miúdas tarefas, enquanto pequenas, e para pegar a gadaria, depois de grandes. Não tinha índio melhor que o misturado para pamperear, e falou: “poco a poco aprendi que para los pobres no sirve'l janto. El laço y la boliadora les sirven mejor que todo pá el rodeo de una tropiya. Poco importa se mueren las viejas indias.” Mi corazón pobresito!

Tive vontade de pegar todas elas que murchavam pela síflis e levá-las a Porto Alegre. Sobraria outro destino às gentes dos vales e das montanhas! Mais desejei o meu navio. Mais desejei camperear por todos os lados e, de alma cheia, fugir do desespero que se movimentava diante de meus olhos. Iam a Montevidéu servir aos trabalhos braçais das estâncias, mas não durariam mais que 10 anos, que lhes apodreceria o ventre. Me despedi do estanceiro em pedaços. Não havia visto nem sonhado que a morte de uma raça livre pudesse ser assim. À noite, preferi os meus baixeiros para aliviar meu corpo do cansaço, mas a sós. Tive medo de mim mesmo, porque era gente e podia trazer a mesma maldade no coração. Meu pai, sabiamente, dizia que todo o mal que é visto pode andar preso no coração de cada um.

Naquela noite sonhei que uma bruxa queria devorar meus culhões. Meu pai gritava: Fuja da Europa, meu filho! Fuja! Acordei com o relincho do meu potro, que se arrepiava com o passeio da jaguatirica. Medos

profundos tem o coração dos animais. Tive de volta um pouco de paz, somente quando cheguei em Rio Grande. Nada mais me interessava, senão ver o navio e pegar o gado em Camaquã.

Cantava um índio melenudo. O que tem essa indiada de cantar em sins melancólicos? Mais parecia uma cerimônia triste. Somente depois da janta um caboclo decidido pegou da viola e começou a cantar valentias:

Tropero soy de los campos potros  
Tengo mis sueños y el canto de los rios,  
El silbo de los vientos en las tacuaras  
Es mi compañero que los hombres.

Havia altivez no seu porte e na voz. Talvez um povo assim possa perdoar seu passado, e do abandono, tirar uma sorte razoável.

Noutro dia, fui até o porto e falei que queria ver o navio a vapor que estava atracado. Me explicaram que, pela calagem, tinha que ficar em alto mar. Alguns diziam que o navio era tão grande que podia transportar sozinho o sebo e o pêlo de todo Rio Grande. Contratei uma embarcação para vê-lo. Queria conversar com o capitão. A bruma enchia o mar. Estava mais curioso que uma criança em véspera de Natal. Ria sozinho ao sonhar com meu navio. Como uma montanha, lá estava a embarcação. Dispersou-se o nevoeiro e um som profundo e solene rompeu no mar. Era o navio que me saudava. As golfadas de som pareciam um vulcão nervoso. Ele se preparava para partir. Procurei logo o capitão, que tinha a solenidade de um rei. Tirei todas as informações. Avaliei rapidamente as condições práticas do meu sonho. Meus cálculos estavam errados em dois anos. Disse-me o capitão que se quisesse um navio menor, encontraria muitos nos grandes estaleiros. Falei que queria um navio que se impunha ao mar. As sementes das encostas e o esforço mereciam um belo navio.



Tomei os endereços e depois fui jantar com o capitão. Ele gostou da minha decisão. Ficou solidário com a intenção. Admirou-se por eu poder avançar tão rápido pelas terras daqui. Expressou-se solidário:

- Em quarenta dias direi no estaleiro da fabricação do meu navio, que tem um homem chamado Bonifácio Denkemann que quer um navio para mostrar a sua honra e a de sua gente.

- Assim será por minha determinação e apoio dos meus amigos – completei.

Fui dormir convencido: “Preciso de um navio. Este será meu instrumento para afastar um pouco o sofrimento. Minha gente não vai, de jeito nenhum, rastejar pelos campos em busca da morte. Às oito horas do outro dia, o capitão mostrou-me a casa das máquinas. Não pude evitar o meu olhar ingênuo de espanto. Foram postas em funcionamento as máquinas que tocariam o barco enorme por sobre as águas. Assustou-me a ideia de aqueles blocos maciços se movimentarem, como se tivessem vida. Por fim, fui convencido a dar o último sinal da partida. Ao puxar o comando da voz, senti, num frêmito fundo, o animal estremecer. Parecia que chorava. Pensei: vou buscar teu irmão. Me despedi às pressas, pois já não era mais hora de andar pelos campos. Precisava do som do aboiado imenso para mim e para a minha gente das montanhas”.

Entre a bruma da manhã, visualizei a grandeza de um raio de sol que iludiu a chaminé pintada de cinza, azul e branco. Era elegante o meu herói. Não mais perdi tempo em parte alguma e jurei que só andaria a esmo pelo campo afora, na semana em que tivesse o meu navio. Renunciei ao que mais gostava.

Retornando a Camaquã para pegar o meu gado, andava gineteando rápido o meu bagual. Parei na casa do meu amigo Lourenço Mostardeiros. Os índios que morriam no campo e os negros que sofriam na charqueada, foram acalmados pelo meu navio. Estava feliz como pato



na lagoa. Havia um fandango de marca maior na fazenda. Queria comemorar o início dos dias fartos do ano 79. Disse a Lourenço que os dias estavam encrocados comigo, mas parecia que os anos 80 seriam sem brabeza.

Poucas vezes fui aos bailes no meu Hortêncio. Gostava de dançar algumas polca ou valsa com as filhas da vizinha. Mas confesso que me atraíam as de cor morena. Tudo nelas pareciam mais firme e cheio de graça. Um lume se acendia no peito e esquentava as entranhas. Pensei comigo enquanto tomava um banho no rio: estou com o coração serenado e quero ver tudo de perto, de preferência encostado nas chinocas daqui. Lourenço me disse, precavido, que todas eram de família. Entendi a preleção. O Lourenço podia ficar sossegado, que não ia pôr a mão onde não devia. Mas que estava animado, estava. Fui até o grande e enfeitado salão. Estava limpo e os lampiões iluminavam bem o salão. Era uma noite com estrelas e brisa cheirando a campo. Eu estava que era uma gaita, novinha, para ser tocada. Fui apresentado como negociante e comprador de navio. Era de estranhar a minha cor diante dos outros convidados. Ainda bem que me queimara e estava moreno-claro. Era um queimado mais puxado para vermelho. De toda forma, sabia que, mesmo estranho, não faria efeito.

A música começou alegre. Meu coração estremeceu. Vi entrar no salão uma morena coisa mais linda. Que faz Deus com um coração assim em pedaços? Não desconhecia meu corpo um gosto de mulher, porque em Porto Alegre tinha delas e de boa qualidade. Mas aquilo foi demais. Num suspiro ouvi meu corpo e um Espírito Alegre pôs a mão no meu ombro direito. E não é que seu olhar topou com o meu? Foi choque de água grande, foi bênção da mãe natura, foi choque das palpitações... Ai, ai, aim mein lieba Herr. Das is süss wie Zukaschode.\*

O filho de Mostardeiros, índio xucro, viu a minha perturbação. Foi me avisando quem era a moça.

---

\* *Meu estimado senhor. Isto é doce como ingá.*



- Bonifácio, vê se toma jeito! Se te gusta la chica, mira arriba o abajo. Su padre es rabioso. No la mire así!

E ria o índio faceiro. O baile ia belo e eu, com o rabo do olho, não perdia de vista minha morena. Assim que deu no jeito, pedi licença, com respeito:

- Considera, menina, este pedido. Vamos dançar?

Com gosto, vi que aceitou. Perguntei seu nome e ela me respondeu:

- Genoveva.

- Por favor, a graça toda, completei com serenidade.

- Genoveva Liberais.

Suave era seu corpo e sua palavra bem dita. Depois de três marcas tocadas, ela disse que era filha de Clemente Pascoal Liberais e de Efigênia Trindade de Deus Liberais. O pai, um prezado brasileiro, filho de açoriano, casado com açoriana. A mãe, uma mulart ligeira, que trazia no sangue o resultado final de índio, negro e português.

Com coração não tem acerto nem erro, deixei que, naquela noite, fosse direto atrás do cheiro que lhe agradasse. Agradou-se de Genoveva. Depois da quarta dança, ela me chamou para o lado do pai:

- Não se incomoda, seu moço, que lhe mostre meu pai?

Pensei logo nas gentes dos Açores, dos quais meu pai falava com toda contemplação. Dizia o querido velho: Gente de primeira, esta dos Açores. Não despreza trabalho. Tem paixão por terra e por todo fruto que ela traz. Faz da casa um lugar sagrado. Não é de aventura fácil. Se distingue do embrutecido explorador. Esta gente veio para ficar. Nas pobres ilhas labutaram e das mãos tiraram sustento. Suas casinhas brancas e bonitas traduzem paz e respeito. Com estas palavras preparei



minhas gentilezas. Nos cuidados cresceram flores e nos mesmos a afeição. Decidida, a menina Genoveva falou:

- Pai, aqui está o Bonifácio. Bonifácio, aqui está meu pai. Minha mãe. Lembra o nome? Efigênia.

Fui logo falando, para não deixar o mal estar tomar conta:

- Meus respeitos, senhor Clemente. Estou agradecido, senhora Efigênia. Estou de passagem pelas estradas de Pelotas, em direção a Camaquã. Aqui estou pela primeira vez. Curioso, fui ver um navio em Rio Grande, mas já volto para onde trabalho: Porto Alegre. Sou de um pequeno lugar chamado São José do Hortêncio. Saí de lá porque, mesmo pequeno, já me sentia apertado. Quero ver se me arrancho ao lado do Guaíba, que bom alemão vive de bico na água.

Este foi o meu discurso. Não sabia qual a impressão que tinha causado. Queria dizer tanto e acabei não dizendo nada. O açoriano-brasileiro parecia forte como as rochas de suas ilhas. Falo assim, porque não existe ilha sem sua rocha. Lá estava ele. Queria ouvir sua voz austera mas aprovadora. Quando pensei que fosse mudo, falou:

- Gostei dos respeitos por sua terrinha. Quem não se peja de sua terrinha tem bom destino. Sou Clemente Pascoal, nascido perto do mar. Por ser pequena e inútil a minha herança. Vim morar do lado de cá. Não tinha mais nem eira. Aqui, da terra perdi a vista. A ver sementes de toda espécie me acostumei e plantei muitas delas. Quero que você se sinta bem conosco, meu filho. Que tua raça não decepcione a minha. Que ela se torne melhor neste chão de esperança.

Tive desejos de gritar: Aí, homem, assim é que se fala! Mas ponderei o verbo. Não podia dar muitos ares à graça que se expandia por dentro, querendo estourar no gogó. Falei manso sobre as pretensões e sobre o trabalho já realizado. Tinha consciência de onde vinha. O que pretendia da minha gente. Mas sabia também que, para escravo, não





dava. Uma doce música então se aprumou no canto do salão. Parecia o espírito do pampa que punha flauta e poesia na garganta do cantor:

Cansada, a lua iluminava a noite  
Não deixava a solidão escura  
Tomar conta do rancho das estradas  
E as estrelas, candeeiros dos sonhos,  
Tinham pressa de iluminar poetas.

Uma violinha chorava notas como gotas de som e eu não fiz muito esforço para sentir os seios de Genoveva em meu peito. Afastou-me, como que dizendo que ainda não era tempo. Olhou-me terna, nos olhos. Vi que de todo o mundo, se compuseram os seus olhos iguais aos da América do Sul. se recompôs, pondo sobre si austeridade.

- Então, teu sonho maior é um navio, moço? – riu intimamente.

- Agora já não mais tanto, senhorita.

- Posso saber por que já outro se fez sobre o anterior?

- Agora não. Mas bem em breve saberá.

Espero que seja assim.

Depois Genoveva me falou de sua ia a Rio Grande. O pai a levara quando menina, para ver a primeira chegada de um navio a vapor.

- Desde que ouvi o grande navio deixar seu túrgido som cair sobre as águas, é que sonho com navios. O som profundo que nasce deles é a própria voz da saudade. É um pedaço de casa que anda de lugar em lugar, trazendo notícias e levando despedidas.

Os lábios de Genoveva estavam carregados de prazer. Quando vi, o baile estava no fim. Sem ser pegajoso, comedido, perguntei ao Clemente Pascoal se poderia ver a filha depois de feita a missa do gado.



Um mês depois, retornava ao pampa de Pelotas. Brincaram os chefes dos postos principais da pequena rede de comércio:

- Que gado valente o de Camaquã. Se reponta desde Pelotas.

Reuni aquele gado. Foi difícil de trazer. Se perde nas canhadas. Solito no más, que repontear amor se faz sozinho. Fui ver Genoveva. Buenas! Que coisa mais linda estar de coração estalando! Que paixão soberba é capaz de exultar dentro do peito. Tudo o que é de fora se transforma e vira imagem do peito. Desta viagem eu não vou me esquecer de jeito nenhum. Se o paraíso é ter a alma assim encantada, cheia dos lumes das candeias... “ni la muerte se tendrá acaecida en mi corazón”. Por isso, não posso deixar de dizer tudo o que vi. Pequenas coisas, pequenos fatos se costuravam, velozes e buenos. Estavam suspensas as dores e as ânsias xucas. Uma paz inspirada reunia ideias. Momento não se perde. Nenhum toco de instante se pode desprezar. O renovar das lembranças se tornava grandioso quando a paisagem do pampa era igual. Vinham os homens das roças de Hortêncio, vinham as mulheres de chapéu de palha. Como suavam! Nem toda a água dos Sinos poderá refrescar os gastos com o esforço. O rosto da minha gente queimava e o suor salgava os olhos. Tinham que tirar de seu caminho algum alívio para o futuro. Nervosos, iam de cima para baixo, plantando semente e criando animal. Podia ver diante de meus olhos, os seus olhos molhados de sonhos e dor. Mi corazón pobresito!

Ali no campo, que diferença! O homem do pampa era em tudo mais paciente. Talvez não lhe picasse, como motuca, o desespero. Na serra escondida pelas taipas, o governo fazia que não via minha gente. Na capital, Rio Grande, Pelotas e em tantos outros lugares havia a bênção dos privilegiados. Que cidadão é o meu povo! Tão lutadora a alma! Se se forja um pouco melhor esta alma e a casa brasileira, voará, cheia de glórias, a nação. Assim se fará, assim se fará, repedia a certeza insistente, na garupa do meu pinga. Me dava honra estar aí galopando lembranças fortes. Puta que los pariu, ainda mandarei a Europa à merda, muito



brevemente. Não suportei estar quieto. Vou ficar à revelia da lei imposta. Terei culhão e coração para resistir. Botou-me no mato, viro bicho!

la ver Genoveva, filha de Clemente Pascoal. O eterno feito carne à minha espera. Que gente a dos Açores: purificada no trabalho. Bendita a mão de minha amada que não renega o seu sofrer, que suficiente se faz para merecer seus dias. O café da manhã não se come à custa de escravos. Cada mão é suficiente para amassar o seu pão. E sobre as paisagens, que se fale com o peito inflamado de sonhos. Pois digo, afetuoso, o que vi: a várzea gorda louçã, frutuosa de dar na vista. Tão verde-escuro o espraído caído. Que frutos não dará? E se via perto das casas dos açorianos a plantação esbelta. Os cachos do arroz que maduravam, indicavam a fartura das tulhas. As melancias estufadas se escondiam, mas vistosas não se ocultam o suficiente, nos milhos de tala grossa. Ao passar por uma casa da várzea grande, não resisti, parei com meu cavalo castanho e apero prateado.

- Boa tarde, fui falando. Não posso continuar minha viagem sem fazer meu elogio aos cuidados dados a esta plantação. Que mal eu pergunto: É de mão escrava ou livre que se produz toda esta fartura elegante?

O homem, elegantemente ergueu a voz, que não assiste baixa ao gaúcho:

- É de mão livre, senhor. Bombeando bem neste horizonte, dá para se ver a alegria solta da plantação. Repugna um eito um homem sem liberdade. A planta estima o trabalho de suor voluntário. Cresce verde no vale extenso. Esta é a várzea do rincão, da pampa nossa e terra livre.

Fui adiante, sem negar uma espiga de milho verde fumegante de calor. As lagoas, espelho fiel do céu, roubam, de tempo em tempo, o verde das plagas. Ô meu chão suave! Em torno delas, pato grande, patinho, garça e marreco. O Biguá comilão, o João Grande e o Socozinho, meus companheiros. E aquele patinho que chia e se caga todo ao levantar voo. Para que, bichinho, todo este esforço? Vê se segura este estorvo sem



elegância! O mais bonito são os velhos cinamomos, protetores das casas. Um pouco de sombra benigna ao açoriano do fruto. Um galho verde para o canarinho cantar, o chimarrão e a sombra da lerda tarde. E onde enfiar toda prosa comprida sem os cinamomos? Eles que, serenos, sustentam conversa de guerra e de paz. Foi assim, cheio de ardor, que caminhei meus dias, de campo em campo, de cerca em cerca, onde as tesourinhas namoram. Com o mesmo ânimo de índio vencedor, cheguei à casa de Geneveva, seguindo o rumo da afeição. O seu Clemente Pascoal fez festa. Não ocultava a estima do coração. Que controle danado foi aquele dos dedos se tocando e do abraço gentil. Me inconformei com as coisas da tradição. Disse, emocionado, no ouvido da minha paixão:

- Oi que vontade mais doida de te erguer nos ares, de te juntar toda e lavar este amor na lagoa!

Riu feliz a Geneveva.

A tarde apanhou comovida, o olhar de minha amada. A minha estada foi de quatro dias de comoventes olhares, de beijos cuidadosos e de promessas. Ai, como se prende com intenções sinceras o que se teme perder! Gostei dos costumes cheios de carinho que envolviam as palavras e gestos. Pelo visto, ternura não me faltaria e nem para a posteridade. A disciplina faria tanto bem para mim! Enquanto voava e, com dificuldades, punha os olhos na realidade, teria alguém que seria a razão de meus sonhos. Descartaria o que havia de sobejo. Poria ordem no tumulto das ideias. De nada vale a liberdade de um índio sem a devida proteção.

Falei para maio o casamento. A morena dos olhos de tantas terras, amável e austera, estava aí, virgem, para mim. Um baita galego, pronto para a colheita. Valeriam as dores causadas à liberdade em troca da ausência de solidão?

Voltei a Porto Alegre, radiante e meio sufocado. Vim selvagem, orelhano no mas, voltei marcado. Costurava apenas as bordas da minha inconsútil liberdade. Fora buscar, em Pelotas, uma mulher feito América Latina: mistura bela e geral. Tinha alma a minha amada. Não tinha



sossego, se via. Não se conformava em ser mulher de cozinha. Bem assim que queria. Mulher pessoa, gente maior tem que ser livre. Só no amor e no ventre uma troca profunda, indivisa. No resto, corpo livre, pensamento e sentimento soltos. Uma alma gaviona, sem submissão. Fulgurosa, de cor morena, como pão bem tostado, cheirando a sol e campo. Não queria uma mulher cochichenta, estreitada, de pequeníssima obrigação. Dever que teria ela escolhido, principalmente, amável e dividido. Nas horas de amor, só o amor, encantado como as lagoas: pura na terra e na superfície, o céu. Orgulhosa de si como o Hino Brasileiro.

Troteava meu zaino pelo campo e eu, pelos meus pensamentos: lhe digo, minha descendência, quem tiver ouvidos para escutar: felicidade é a minha, dividida com Genoveva. Temores havia de perder um pouco do que era, sem saber ao certo o que será. Falei claro à Genoveva:

- Tu, Genoveva, se eu te fizer estrago da dor ou da tristeza, não te aflija em voltar. Que homem nenhum é dono do sacramento. Que sinal sagrada é esse, que faz chorar uma mulher? O fim dos desejos de Deus, assim entendo, é a felicidade de seus filhos. Por isso, Deus anda por onde anda a boa natureza das coisas e dos homens.

Sozinho, o tutano começa a inventar reflexão profunda. Por isso, parei para botar vista e tento na superfície de tudo. Como era bonito o Rio Grande! Cantei nos galpões, pois era assim que se fazia. Sempre tinha um canto para alguém mais estender seus baixeiros. Corria a cuia e havia sempre o conforto de uma gaitinha sonhadora.

Outro dia, de estrada afora, que esse mundo não tem porteira, cheguei a Porto Alegre. Tinha tempo até maio para mais uma viagem. Queria ver as bandas dos italianos. Um mês, bem certo, era o tempo de lá ficar. Ainda queria, pelas serras, chegar às Vacarias. Discuti a próxima safra e o transporte que estava carente de reparo. Comprei uma lancha nova e as carroças das colônias foram melhoradas em número e ajeitos.



Reuni o pessoal em Porto Alegre. O encontro foi com churrasco. Abri a conversa franca com o grupo dos graduados chefes:

- Pois bem, minha gente, em abril vem a safra. Com esta e mais outra teremos nosso navio. Precisarei ver, para o ano que vem, a melhor organização da empresa. Vou ver outros negócios para o Campo dos Bugres. Quero ser o primeiro a exportar o vinho dos italianos. Quero também exportar o charque de Vacaria. Até maio, quero acertar estes dois campos de trabalho.

Dos saldos e soldos foi feita a revisão. O filho do velho Fröhlich, o Edgar, responsável pela compra dos produtos e pelo pagamento, sugeriu que se alargasse o lucro da empresa, para se ter logo um navio e assim, depois, daríamos o troco no sacrifício exigido aos agricultores. Os outros dois chefes de setores, o do transporte pluvial e o da exportação, não concordaram. Argumentaram que os colonos ganhavam tão pouco e que tirar o pouco das sobras do sustento da sua gente não seria agradável. Afinal, sabiam os colonos que não tinham nenhum benefício do governo e agora saber que seus filhos, os quais estavam em melhores condições, lhes exigirem maiores dores, seria demais. No final, a compra do navio ficou para 1881.

Falei sobre o meu casamento e cantamos após a reunião. Tinha uma raça que queria melhorar.

Quando chegava um navio de italianos, ia-lhes ao encontro, para aprender a dizer as suas palavras e confortá-los na esperança. Dizia quem era. Consolavam-se ao saber que meu pai também viera com uma mão na frente e outra atrás.

A Itália devotava o mesmo “respeito” que a Alemanha aos seus filhos. Era bonito ver o jeito de falar. Tão cantantes, falavam como um sino. Ia ter com eles, para vê-los contentes. Com vinte dias de conversa, dizia que, em breve, buscaria o vinho que estaria sobrando no porão de pedra.

Fazia cinco anos, neste início de 1880, que a humilde gente, forrada de vozes e vigor, subira o Rio Caí. No dia 15 de fevereiro, subi com alguns deles, com seus velhos baús, suas mulheres falantes e com a vontade. Mandeí uma carta para a querida Geneveva, dizendo que até o fim de abril estaria fechando meus negócios com a gente italiano e com os birivas\* de Vacaria. Estava bonita a minha carta cheia de paixão “caliente”. Só uma coisa tocava adiante todos os meus dias, os tempos de final de maio.

Que caminho alegre o dos italianos! Enquanto os alemães desciam as suas estradas esburacadas, com caras desconfortadas, os italianos as desciam, esbravejando. Assim que uma árvore ou um pássaro como o rabo de palha marrom surgia suave contra o verde, lá estavam os italianos, gesticulando, alegres, esfuziantes, gritantes “Varda que bello! Piu bello que le hirondine de Itália!”\*\*

Meu Deus, que festival primoroso de gente vem chegando! Que gente bonita há de vir! No mais embrutecido cansaço, cantavam. As gralhas azuis gritavam irritadas no alto da grápia, pois teriam seu espaço reduzido e a voz em competição. Do grupo, uns louvavam a Deus, sinceramente, sem constrangimento, mais abriam a boca, julgando que com aquele volume, Deus teria audição. Outros, ao contrário, diziam que se a santa madre igreja fosse movida pelo vento divino, eles não estariam embrenhados em floresta desconhecida. Murmuravam alguns contra “i pretti”. Outros, deles faziam grande elogio. Para acabar com as inúmeras vozes discordantes, disse que ficassem quietos e que esta discórdia faria mal a quem tinha o que fazer. Eles ainda estariam gratos à santa madre igreja. Cuidava dos alemães, porque não se preocuparia com os italianos. Falei a verdade. Anos depois, vinham, em penca, os capuchinhos e os carlistas, levando a sabedoria a esta gente. Mas não estavam silenciosos

---

\* *Apelido dado ao gaúcho que veio de São Paulo para morar ao norte do estado, nas estâncias serranas que iam de Cruz Alta até Vacaria.*

\*\* *Veja que belo! Mais belo que as andorinhas da Itália!*



ou descontentes. Vi que não podia forçar o entendimento a respeito dos homens e, muito menos aquele, a respeito de Deus. Para aliviar, cantavam seus cantos, que falavam coisas assim:

Vós outros Senhores da Itália  
Pegai na enxada se quereis comer.

América! América! América!  
Que coisa será esta América?

Andamos dormindo “sul nudo terreno”  
Como os animais da mata.

Alimentamos com pão a nossa esperança  
E com vinho das montanhas a nossa fé.

Na Itália mal vivíamos até os 40 anos  
Aqui viveremos até os 80, sobrando forças.

Perguntavam se eram formes as pedras das montanhas e, se com elas, poderia fazer porões frescos. Consolava-os, dizendo que se não tivessem vergonha de trabalhar, teriam o porão cheio de queijo e salame. As pipas transbordariam de vinho. As sobras, eu as compraria por razoável preço. Parecia que se para os alemães o Deus absoluto era o ponto de união e fraternidade, para os italianos a absoluta vontade de viver é que os tornava solidários.

Depois de andar Caí acima por uns 60 quilômetros, foi feita a divisão das famílias. Algumas iriam para Conde D’Edu e outras, para o Campo dos Bugres. Mais tarde chamariam de Garibaldi e Caxias, respectivamente.





A despedida, para o meu gosto, foi escandalosa, mas aprendi com eles a soltar os sentimentos ao sabor da vida. Não havia pudor nos abraços e no choro. Lá se foram novamente as carretas e gaiotas, buscando as montanhas e os vales, reservados ou não. Os italianos agiam com menos temor que os alemães. Se os italianos não encontrassem as terras medidas, mediam-nas eles mesmos.

Conheci um agrimensor ágil, de nome Liberali, que devorava, disciplinadamente, lugar por lugar, dando terra aos seus, como se desse pão aos filhos famintos. E experimente tirar um pedaço de terra a um italiano!

Ao chegarem ao Campo dos Bugres foi aquela festa! Parecia que o Deus Menino estava chegando. Falavam com os olhos, a boca, as mãos, todos ao mesmo tempo e se entendiam. E eu, ao lado de tudo, sem saber sequer o que fazer com minha boca. Queriam saber, os que aqui estavam, sobre os montes em Trento, Bérgamo e outros pedaços mais. Em cada novidade boa, vinha um elogio ao Senhor ou a seus servos. Em cada novidade má, blasfêmia por parte de algum homem. Ria, ao imaginar um casal, um italiano papudo e uma alemoa sizuda. Que casas se construirão para esta gente tão diferente? Mas coragem é que não faltava a ninguém. Este norte do meu estado é feito só de heróis. Tinham uma vontade de potro xucro! Nem que fosse das pedras, mas fariam brotar o trigo! Pareciam formigas carregando um peso maior que o seu tamanho. Aprendi, ao vê-los falarem tanto e com tanta volúpia, a falar a sua língua. Que gente amável! Ao vê-los assim, apressados, erguendo suas casas e pondo nos morros as suas vinhas, ardia-me o coração. Apontavam para todos os lados da serra e diziam: “Mamma mia! O solo mio! A vida assim, nós a levaremos sem paura.”\*

Os sonhos poderiam ser entendidos nos movimentos amplos das mãos. Duvido que com esta charla se enforque algum italiano! De toda

---

\* *Medo.*



forma, porém, aquela pobreza em desalinho, carregando esperança em velhas malas, me comovia. Mi corazón pobresito!

As parreiras começavam a cobrir os morros de verde-claro. Gostaria que toda a minha gente pudesse ver o olhar orgulhoso dessa gente que recém chegara. Ouvi uma senhora, gritando do morro para o rancho de palha:

- Ainda ontem olhei as cepas e nada! Agora todas as pontas estão carregadas. Madona! Nossos filhos terão sustento!

A palha de trigo ainda dourava o chão vermelho e as árvores altas faziam fundo às cores bem latinas. Em tudo havia exuberância. Do forno, saía um cheiro generoso de pão. A primeira cantina era preparada em pedras grandes. A umidade e o frescor já esperavam o descanso do vinho. Encomendei todo vinho da primeira safra. É claro, traria de Porto Alegre um bom experimentador. Me fio na minha gente, mas não exagero na fé. Pago bem por um bom produto. Com dificuldade, dizia ao gordo italiano de bigodes fartos:

- Voglio il vostro Vino. Se buono per molti i molti anil o comprero tutto. Ma se nol ze mia bom i o parleró per tutto le montagne que il vin dei italiani ze uma porcaria.\*\*

- Ensinarei a quem não sabe como se faz o vinho. Será de boa qualidade. Quero que minha gente se farte com dinheiro e não viva como escrava.

Fizemos um contrato com documento passado. Subi para Vacaria e não imaginava que a brava gente italiana já tivesse penetrado tanto assim na floresta. Quando cheguei ao campo dos pinheiros, que separavam as serras das ondulações suaves, pensei que entrava no paraíso. Verdes campos em volta com forte vegetação. Sabia, pelas

---

\*\* *Quero o vosso vinho. Se for bom eu o comprarei por muitos anos. Mas se não for bom eu vou falar por todas as montanhas que o vinho dos italianos é uma porcaria.*



histórias de meu pai, alguma coisa sobre os índios e suas criações sob a orientação dos jesuítas. Agora, o silêncio absoluto, uma nação fora roubada para trabalhar em São Paulo. Esperava e tudo faria para que aos restantes não sobrasse a mesma sorte.

Desde o Campo dos Bugres estava comigo um italiano de nome Francesco Fumegalli. Quando lhe contei sobre o meu negócio, disse-me, convicto:

- Vou contigo para conhecer esta terra. Quero ser teu sócio na compra e no transporte do alimento desta região.

Era uma festa a vida de Francesco. Tão sincero nos sentimentos e firme nos propósitos, que lhe disse:

- Negócio feito e acertado!

Teria um pequeno salário, mas do lucro teria percentagem, o que o deixou contente. Três produtos seriam as bases das compras futuras: charque, queijo e vinho. Explicava a Francesco o que meu pai me ensinara:

- Grandes matos protegiam a criação de gado nestas vacarias, da cobiça espanhola. A gadaria sobrava, desde o rio Pelotas até Passo Fundo. Não faltaria alimento ao reduzido número de índios. Mas a sanha desta história foi tanta que, não bastando os castelhanos para roubar e matar, vieram os portugueses de São Paulo e não houve mato que os segurasse. A partir de 1800 vinham os tropeiros e logo depois os estanceiros, para cuidar da gadaria. Daí a charqueada da Vacaria. Primeiro ia apenas o couro, mas agora a carne também tem preço. É desta carne salgada e seca que vais levar, em mantas largas, a Porto Alegre.

Das explicações e comentários de minha aula, o melhor era a paisagem. O verde pampa ondulado se dobrava aos pés da serra e mais ondulações e outras se seguiam, as quais transmitiam uma ideia de mar.



Não pode haver desenho igual às pinturas do campo, expressas com vários verdes. Francesco acompanhava tudo como um menino intrigado com tanta novidade. Faltavam sair à frente dos pinheiros duendes tocando gaitinhas alegres.

Uma vez Francesco apontava para os coelhos, outra vez para os cervos lindos. Uma vez para as pombas carijós graúdas a voar, outra vez para as garças brancas. “Dio mio! Dio mio!, festava ele!

Na primeira noite, estava a imaginar que feras ferozes viriam devorá-lo. Expliquei-lhe que à luz do lume não haveria perigo algum. Assustou-se apenas com um lobo do campo que veio espiar nossa fogueira. Pareceu-me uma poesia a sua declaração antes de dormir. Vejo se me lembro:

- Estou agradecido por me ter aceito como seu trabalhador. Não persigo muito mais que este prazer do campo. Se se acende a luz das estrelas nesta abertura do céu, se se pinta a terra dessas cores verdes, belas cores, se se emoldura a terra, dobrando-se em suaves seios, que quero mais do que sentir a vida a esbanjar-se no vento e na luz destas estradas. Dio mio! Caro Dio!

Avisei-lhe que São Francisco tinha só um e que ele devia pensar numa bela ragazza, pois sozinho é que se morre. Viver, por beleza ou por perigo, é preciso repartir. É bom que pense como São Francisco, mas que seu “trabalho” precisa ter recompensa, precisa. Disse-lhe que a rotina e a atenção no lucro do seu serviço devem ter preferência e o encanto pela mata e pelo campo viriam como suplemento.

Discordou de mim, falando:

- A razão tem os cuidados necessários e o coração terá os seus. Solidariedade no corpo!

Está sábio o gringo! Dormimos, olhando para as estrelas e assistindo ao bruxulear do fogo nos galhos cinzas dos pinheiros que se estendiam acima de nós.



Com igual encanto, fomos até Vacaria. O dono dos charques era o senhor Indalécio Vieira, homem destemido. Há pouco pusera o benefício e, com dificuldade, levava o seu ofício de charqueador. Conheci o negócio da carne em Pelotas e por lá o lugar estava ocupado. Havia de encontrar meu espaço neste pé-de-serra. Resolvi aceitar por Vacaria. Foi difícil lidar com o tal Vieira. Contava o seu trabalho com grande valia. Estava com os seus índios vindos da fronteira e que lhe mostravam as tradições das lides da criação. Êta lugar pra dar gente diferente! Vinha de São Paulo a maioria dos estancieiros e se detinha em costumes desiguais aos daqueles hermanos da estância da fronteira. A conversa não era tão alta. Em bom tom, sem gritaria, punham a palavra à disposição. Preferiam as ações pensadas às estrepolias da indiada da fronteira. Por isso, vinham da fronteira, homens com valentia para derrubar animal, fazer marcação e castração. Não se pode comprar um biriva a um fronteiroço na doma de potro xucro. Mas de outras qualidades se vestia o Indalécio, homem que representava todos os seus vizinhos. Com naturalidade, misturava-se aos escravos que, na maioria, tinham em carta, a sua liberdade. No corte e na salga da carne, Indalécio punha as mãos com igual vigor dos negros e falava-lhes com respeito.

Bem dizia meu pai que a Revolução Francesa já fazia seus efeitos por aqui. Igualdade, Fraternidade e Liberdade já andavam soltas como senhoras pelas terra da Vacaria.

Indalécio ainda mais se prazera em falar da escola, que construía alegre. Era um verdadeiro cidadão. O governo, para ele, era sem valia, puxando mais pra estorvo. Não fazia nada e vivia de cobrança. O dinheiro grosso ia para o império, o fino para o sul e para o norte do estado ia só promessas ou nem isso. Tinha razão seu Albin, quando dizia que o interior pobre só serve de instrumento.

Tomei chimarrão, com o Indalécio e me acheguei contente às suas conversas. Em conteúdo, suas ideias topavam com as minhas. Não era só lorota. Dentro de casa era um homem de palavra, igual à de sua patroa Longuinha. Morena bonita, meu Deus. Media os negócios de compra e



venda com Longuinha. Na decisão, tudo igual. “Chê”, disse ele uma hora, “tudo conforme a dignidade de Deus”.

Fiz as reservas dos charques para a próxima safra. Só depois do inverno, Francesco traria o charque da Vacaria. Com papel escrito, os quilos e o valor. Com o termo lavrado e assinado, ficamos contentes. Fomos rezar que no outro dia era domingo e haveria missa. A devoção dos homens estava tão desmazelada que Deus, com certeza, estava perdendo a sua divina cabeça. Eu, um pobre cristão, me confesso pecador, mas nem tanto, porque faço muito esforço para ter uma bondade razoavelmetne medida. Entretanto, o que vi, lastimei.

Um velho padre disse ligeiro uma missa, com raso devotamento. Dos gestos devotos, só sobrou um rito sem ardor. Ficou um movimento sem sentido. Me senti malecho dos bofes ao ver o mistério bom de Deus recebendo trato igual ao concedido a um pelego velho. Malecho também me senti por ser todo diferente. Sozinho, quase ocupava a metade da igreja. Me olhavam como se fosse feito de cera de abelha. Deus devia estar soprando na campina, os primeiros frios, por isso, com certeza, teria gosto maior que este, de ter esta gente nada suspendida para o alto.

Fui ter com o padre. Na porta da igreja, Indalécio, que ficara de prosa numa esquina, me segurou:

- Aonde vai o galego tão nervoso?

- Vou perguntar ao padre onde foi que ele perdeu o seu Deus.

Riu de mim, Indalécio. Já estava ficando “27 de agosto”, como dizia meu pai.

- Não se moleste, homem. Este aí tem sua fazenda e seus filhos na alegria da criação. Tá vendo aqueles rapazes? São filhos do Padre Branco. Tá vendo aquela senhora? É a mulher do padre Branco.

Me sufocava a situação. O sol morno deste outono não conhecia os verões do Pe. Branco, dizia Indalécio. E olha, Bonifácio, continuava:

- Não se avexe com este desalinho. Dá graças ao teu Deus, que ele é trazido, bem ou mal, para os ranchos, por estas mãos encardidas. Deus anda devagar nas estâncias. Faz tudo conforme a natureza. Nada é temperado aqui sem o gosto do sol e do vento. Pe. Branco é um homem de bem. Seus filhos possuem e estima geral. “Mui hombres”, como diz a indiada da fronteira. Isso eu te garanto, meu baita alemão, que, por aqui, o Senhor anda devagar e sem pressa. Seus filhos não estão em faina doida para tomar as rédeas do governo divino. E Deus estará preocupado ou assustado com uma trepada sagrada? Não achará o Senhor interessante ver que seus filhos mais íntimos também apreciam a sua natureza? Não será a mãe natura doce como o mel? Por que desprezá-la? Não elogio a desordem, mas a graça que habita a intimidade. Por que tirar dos homens a bondade de Deus?

Buenas, fiquei perplexo com o seu Indalécio. Disse-lhe que as coisas não são simples como o escorrer da água de uma fonte ao pé do monte. Para completar, deu uma gargalhada tão alegre, tão distraída como a dizer que, acima de tudo, está a alegria e não o deslevo contraído pelas ordens formais.

Na segunda-feira, voltei com o Francesco. Antes de partir, pedi ao Indalécio que tivesse a precaução de colher o pasto grande para o inverno. Porque mesmo seco tem substância e pode ficar amontoado feito uma maloca. Isto se faz para que a gadaria, no final do inverno, não fique aquele monte de pelanca e osso. Porque, no final de tudo, com esta proteção ao gado, o charque seria uma manta gostosa. Se ontem Indalécio me ensinara a não condenar ninguém pela natureza que tem, hoje eu lhe ensinava que a mão humana pode estar como vero auxílio. Um bom tempo de viagem foi preciso para o Francesco pôr em ordem o entendimento.

Era silêncio no campo. Não tem tempo melhor que o do outono para deixar as ideias prontas. Depois cantamos e cantamos alto:



Mérica! Mérica! Mérica!  
Cossa sará-lo sta Mérica!

Poderia eu ir bem mais fundo na minha meditação, para pôr ordem neste mundo tão bagunçado, mas Francesco Fumegalli não podia ficar quieto. Falava alto e gesticulava, a ponto de assustar seu cavalo. A gadaria ouvira assustada aquela voz alta no meio do campo. Por me lembrar de uma ideia, ri. Francesco me perguntou por que ria. Disse-lhe que um pensamento tonto voara como um bando de periquitos. Contei-lhe uma história de tropeada:

Numa noite fria de ronda ao gado tropeiro, saiu o gaúcho para cuidar que não se lhe estragasse o serviço na espalhação do gado. Mostrou seu burro-chor, sossegado. No passito leve do animal, saiu a cuidar do extraviado. Juntar era preciso. Viu-lhe a intenção um velho índio já bem ciscado pela vida e lhe falou:

- Sai de riba deste bicho, chiru! Se o bicho pegá de orniá vai assustá a gadaria. Que coisa feia é a bicharada doida disparada na campina! Pega animal cavalar que se vai mais sossegado.

- Não entendi nada, Bonifácio, falou Francesco, trocando orelha.

- Pois te disse que era pensamento tonto, coisa atravessada. Ainda bem que o gringo não ligou o zurrado do jerico à sua voz alta que assustava touro velho.

Nas taipas de musgo e limo, enchemos nosso olhar.

- Olhe aí, Francesco, como as pedras velhas são mais bonitas que as novas. Quanta “storia sul la pietra vecchia”.

No final da viagem, perto do Campo dos Bugres, Francesco falou intrigado:

- Ma me dá uma explocaçon! Por que comprá o charque de uma tão “picola” charqueada?





Expliquei-lhe que as pastagens boas das estâncias serranas dariam um charque de qualidade e lá havia um campo de exploração. Deve-se ter um faro longo para fazer negócio de sustância, brinquei. É como com o vinho. Tem também que reconhecer a pepita, mesmo que se pareça com a pedra de estrada. E depois não tem graça pôr a mão onde todos põem. A novidade, fabricada com carinho, é como um filho que nasce. Por isso, todo cuidado é pouco.

Ao anoitecer, fui à casa dos velhos pais de Francesco. A velha Pierina exultava de contentamento. Serviu uma mesa com radice, polenta, cu-de-guin e carne de porco. Depois o velho Fumegalli falou sobre a morte de seu amigo Bellotti.

- Bellotti foi um velho sementeiro. Veio da Itália, sem roupa, mas carregado de sementes e de ramas de uvas. Vivia do honesto transporte de variadas espécies. Queria que vocês vissem os canteiros de seleção. O Francesco viu como o velho tinha amor às sementes. Vendia-as em pequenos sacos de pano, dizendo que aquilo é que era vida e que ela tinha um bom preço. Morreu como veio: com malas, galpão e carroça cheia. As picadas conheceram o respeitado velho. Cantava sozinho entre as sementes loiras e voltava para casa, satisfeito, com as vendas das sementes de boa qualidade. As sementes de Bellotti é que eram sementes! Estou triste como um boi doente – Xingou Deus o velho Fumegalli – Ele tem a eternidade toda para colher amigos. Podia deixar o amigo Bellotti por mais um tempo. Mas não posso blasfemar. Ma quero contar sobre sua morte. Estou fazendo tanta volta, parecida com estradinha de morro. Na última semana, me disse o velho: Va male! Va male! Fumegalli! Depois de dois dias perdeu o pensamento com a febre alta. Só falava em sementes dos seus saquinhos de pano. Uma noite, nenhum dos seus filhos viu como. Saiu de casa com a cabeça ruim, com febre. Ma tinha a ideia decidida, com certeza. Encontramos o velho morto, na estrada que vai aos Brunetto, na direção de Conde D'Edu. Suas malas de viagem, da Itália, carregadas de sementes! Com um saquinho de pano na mão, oferecendo semente, mesmo sem alma. Talvez, em seus sonhos,



o homem oferecia pra Deus, semente de rúcula. Nem fiquei tão triste, por ver que o italiano morrera contente. Estava de “facia” alegre o amigo Bellotti.

Em respeito, fiquei quieto como que buscando um sentido em não sei qual pensamento. Ri, ao pensar que quem gosta de viver, tira prazer até da morte. Va male! Va male, Fumegalli!

A noite na floresta era silenciosa, apesar das clareiras abertas. Animais e índios, a vida natural se retirava, dando lugar às gentes da Itália. Aquela gente que tinha passado, de montanha em montanha, ao largo das colinas e palácios. Os cantos líricos e os teatros, as salas de arte, tudo ficava ao largo. Aqui, novamente, ao lado de tudo. Os recursos que tinham não seriam os da ciência nem os do poder, e o pouco prazer do corpo, dispunham às custas de muita vigília.

As crianças carregavam lembranças dos cirquinhos de aldeia...

Domingo, após a chegada com Francesco, estava descansando, quando ouvi os gritos de um menino na rua. Com voz estridente, ao pai explicava a tragédia. Buenas! Foi assim: Um monte de piá, todos gringinhos falantes, resolveram montar uma barraca igual aos circos de aldeia, com Senhoras e Senhores! A rigor. Pano velho e lona antiga compunham a grande casa. Até candeeiro havia, de dia, aceso, para ser tudo igual às lembranças guardadas. O cirquinho estava cheio para se ver palhaço, doma de fera e salto mortal. Foi na doma de fera que o circo pegou fogo. Salvador, um guri com chicotinho gritava enérgico:

- Sou o maior domador de Bérghamo! Podem soltar as feras do Brasil!

O chicote fazia plec e plec no ar. O dono da fera era o Queco, guri moreno, filho do seu Baldissera. Um cachorro brasino, de nome Pituco, era a fera domável. Obediente a tudo era o animal. Que venha a fera brasina! Pela última vez, o seu relho fez pléqui. Queco soltou a fera, gritando:

- Pega, Pituco!



O animal saltou no Salvador. Começou a estrepolia! Saltou o candeeiro, e a gurizada saltou, aos gritos. O cirquinho caiu, e apagou-se o candeeiro. O sol iluminava o sonho desfeito no chão. Salvador, o domador de fera, quase perdera a mão. Queco, cheio de culpa, xingava o cusco, mas não negava, pelo brilho dos olhos, que se orgulhava da sua fera indomável.

De todo lado ocorreu o povo, para ver a mão de Salvador. Mas era tanta a gritaria, que levaram a tarde toda para explicar o que acontecera. Esse sabor que lhes sai da boca é que é quase indomável. Nada lhes fica no coração que não seja despejado, com franquia, boca afora.

A mãe de Francesco, a Pierina, quando preparava a radice, tocava nela, folha por folha, levando-a, limpa e saborosa à mesa. Queria oferecer à boca um gosto especial. Tudo, enfim, que lhe sai da boca é “molto bello”. A voz sai, soberba e aberta, como um metal que soa na montanha. Surumbenta e gutural é a fala do alemão. Soa séria no fundo da garganta.

Chega de prosa extravagante. Mas se lembro do barulho do cirquinho, por que não lembrar dos acontecimentos da missa da manhã? Católicos todos, mas uma parte tinha encrenca com os padres. Briga intestina, da feia. A maioria da pequena vila do Campo dos Bugres ia à missa para manter a fé e a garantia de alguma coisa em comum, além da alegria de viver.

Simonetti e o Bertucci passeavam a cavalo na hora do sermão. Por que costume inexplicável apelavam os pregadores para a face cáustica do Senhor? Simonetti e o Bertucci, estimulados por viajantes daqui e por diferenças da Itália, diziam aos outros, no mesmo tom de voz do pregador, palavras, em declarado italiano: “Os padres espantam Deus com essa gritaria. Cuidado com a batina, filhas de Deus! Ela esconde o perigo!” Disseram mais algumas blasfêmias e soltaram alguns panfletos de má-fé, vindos da capital.

Saíram cinco italianos parrudos a dar uma lição de respeito. Scarpelli sai bruto e, mal dera Serraglio cinco passos, já aquelas



boquinhas começaram a tropejar impropérios. Desde “bruta bestia” até “porco zio” se fizeram altos. Simonetti e Bertucci também gritavam “papa-hostia” e “figlioli di pretti” e os ares estavam repletos de uma nomenclatura pouco sacrossanta. Voltaram à igreja depois do mal esconjurado. Pegaram dos seus ramos bentos, pois se festejava o domingo das palmas. Me comovia este dia em que começava a paixão. Toda paixão devia ser posta em purificação. Mas toda consternação possuía meu coração, pelo burrinho do Senhor. Humilde, o bichinho levava o grande homem, sem ostentação. Queria ver se o jerico fosse um italiano, o barulho que faria sobre os pastos de Jerusalém. Não teria janela de vizinho que não ouvisse a proeza daquele dia.

Eram a jumenta e o jumentinho as duas mais adoráveis criaturas que, sem alarido, levavam mais uma vez o sonho eterno dos homens. Lá estavam os italianos, intrépidos, erguendo, barulhentos, os galhos e, em alto vozerio, erguiam a louvação.

Naquela manhã, dos últimos calores de outono, a igreja, do lado das mulheres estava cheia de humildade e, do lado dos homens nem tanto. Apenas vinha o cheiro de burrico cansado.

Segunda-feira fui ver se podia ter esperança com a cantina. Nas duas semanas em que estivera fora, haviam terminado um enorme porão, e acima caberia uma venda, onde caberiam os melhores produtos de Porto Alegre. Mais ainda: um excelente artesão estava tirando, de madeiras selecionadas, as ripas grandes para as pipas. Segui sozinho para São José do Hortêncio, para ver a minha gente silenciosa, principalmente, nesta semana da Páscoa. Até a recepção efusiva por parte do seu Albin e dona Magdalena foi compenetrada e feita do doce silêncio de vozes amorosas assopradas no ar. comovidas foram as horas daquela semana.

Meu pai estava orgulhoso de mim porque deixara um sócio nas colônias italianas e meu negócio se estendia até Vacaria. Pensei que estivesse assim, ufano, ao ver seu filho com prestígio e riqueza, mas não.



Num momento, escapou-lhe a razão de sua larga alegria.

- Quanta gente terá, desta forma, reconhecido seu esforço. Não precisará o homem desta região ter sua paixão gasta na revolta. Tenho um grande orgulho, meu filho quando dizem para mim que você é um homem bom.

No olhar brilhante, havia uma lágrima que lavava o canto dos olhos, discretamente. Vieram também meus irmãos e minhas irmãs e, com eles, o barulho dos sobrinhos. Mas se conteve até sábado de aleluia, a circunspeção exigia pela semana. Mas que euforia houve na casa de meu pai naquele sábado e no dia da Ressurreição! Nunca mais na vida senti sabor igual ao daquela cerveja tirada do fundo do poço naquele dia de páscoa. Apesar da seca, a safra seria razoável. As minhas carroças andavam quase vazias pela região, mas o peso carregado tinha o seu valor.

Na segunda-feira, encheu-se de tristeza a casa do Hortêncio. Mas tive a garantia de que meus pais iriam até Pelotas para o meu casamento. Apenas quatro semanas dele me separavam. Agora teria, na minha Genoveva, toda a concentração.

Voltei a Porto Alegre e aquele ano de 1880 ia devagar. Meu dinheiro não crescia e, desse jeito, em que porto estaria meu navio? Sentia que faltava mais determinação, rapidez e controle nos meus negócios. Se continuasse assim, o meu navio não passaria de uma embarcação do Sinos.

Uma noite, entre as preocupações do meu casamento e a fragilidade dos meus negócios, tive o seguinte sonho:

Velho, eu andava de mãos toscas e erguidas. Um peso se fazia nelas, vindo dos ombros e indo até os punhos, derramando-se depois, entre os dedos. Um italiano alegre e uma italiana de seios fartos, generosos e suaves, mas não excitantes, me convenciam a perder minhas mãos e trocá-las por asas, que eram bonitas e grandes, e estavam



penduradas em dois pregos, como num bolicho. Eu dizia que não queria, pois me bastavam os braços e as mãos, como sempre me bastaram.

- Varda, varda, figlioli, persuasiva, sussurrava a senhora, só uma experimentadinha com esse par de asas não fará mal. Va bene! Va bene!

Doeram-me no coração, as saudades das mãos. E sobre mim, partindo dos ombros, estavam solenes as duas asas brancas. Reclamei:

- Quero as minhas mãos! Quero tocar nas coisas de barro! Quero o carinho no rosto de minha mãe! Quero empurrar o carrinho na coxilha!

Todos os meus companheiros de infância olhavam, sem expressão as enormes asas.

- Não ligue para estes rostos comuns! Bata as asas! Força! Bati forte como um pato e logo me senti no ar como um pássaro. Voei livre, mas a cada instante as minhas mãos protetoras me faltavam. Retornei num voo veloz, mas cadê minhas mãos? O suor começou a penetrar meus olhos e cadê minhas mãos? Acordei suando, com o som de um navio que entrava no Guaíba. Bendito barulho que se fez sobre Porto Alegre e me devolveu as mãos.

Ainda naquela manhã fui ver os negócios que estavam sendo feitos. A sensação de que havia água em meu empreendimento, em algum lugar, passou a ser obsessão. Só de um lugar, e próximo de mim, podia vir a sujeira. Comigo trabalhara um tal descarado Airaf. Nem sei de que Arábias viera. Era capaz de destruir a alma de alguém, sorrindo. Seu despudor me revoltava, por isso o tinha afastado. Este era amigo de Winkieg, que atualmente era o responsável pela graúda função. Sua graduação era a maior de todo o serviço. Daí vinha a fortuna da minha pequena instituição. Aí a coisa andava mal. Este, por sua vez, era amigo de Ganz, aparentemente ingênuo, mas futricador de primeira, como descobrira logo. Fui ver nota por nota e descobri a trapaceada toda. Quem eu tinha na mais alta consideração, estava me espoliando, fazendo tudo ao contrário do que manda a confiança. Fui duro, fui certo. Mandei que



se afastassem e não ficassem nem mais um minuto. Meus afetos se minguraram em um só. Estava o próprio “27 de agosto”. Mi corazón pobresito!

Airaf falou em público sobre a perseguição a ele infligida. E eu lhe disse que ele tinha menos consciência e vergonha que um monte de bosta.

Trabalhei três dias na remodelação do setor principal. Tudo voltou à paz. Airaf, Winkieg, e o Ganz passaram a ser funcionários públicos.

Quem não é capaz de proteger deve ser protegido. Me doeu todo aquele despropósito de emoção voando por tudo que era lado. Chamei o Sr. Steinhaus, de São Leopoldo, para que, por um mês, controlasse o setor principal, enquanto pensava em alguém que entendia de moral e a quisesse cumprir. Na verdade, Airaf ensinara a todos eles que tirar era necessário, trabalhar nem tanto. Felizmente agora tudo estava bem. Gente amiga é preciso ter. como Sr. Steinhaus se podia comprar um navio e crescer em fértil companheirismo.

Retorno ao meu orgulho principal: minha amável Genoveva. Com meus pais, de navio a vapor, fui a Rio Grande. Se todos pudessem ter as horas que eu tive no curso a Pelotas, com os pais, antes de casar, com certeza poderiam ter uma casa melhor construída. Fiquei disponível de alma, como coivara, a receber semente. E fez discurso bom o velho Albin, que a sabedoria provada estava com ele. Tinha eu andado pelo mundo do Rio Grande, ouvido demais e tirado conclusões mas ele meditara o verbo debaixo das sombras e no fogo diário do fogão. No mate amargo e na leitura tirava um tamanho de mundo respeitável. E, em colóquio, foi falando com Magdalena, a mulher que punha em luz a alma e eu, nada mais era que um ouvidor. Contavam eles em simbologia, em alegoria, em palavra real.

- Filho Bonifácio, temos medo eu e tua mãe.



- É verdade, guri, replicava Magdalena, como um sino suave da aldeia, você é o único que conhece o mundo, mas não pode afastar o principal. Não é na extravagância e no excesso que se faz boa combinação de melhor luxo para o coração.

- Acho que Magdalena quer dizer o que uma lenda de Trier pode dizer também – continuava meu pai – Na igreja de Trier, junto ao Mosela, morava um pescador, bom remador. De família em família, as gerações se sucediam na responsabilidade de enfeitar o templo. Mesmo no inverno, quando floresce apenas o Edelweis, a igreja, com toscos enfeites, tinha lá o seu esplendor. Com ramos secos e raízes, conseguia pôr evidência no enfeite. O que tinha a mão do pescador? Era a pura ciência de pôr em obra perfeita o simples enfeite. A paciência dos tempos, a informação passada no exemplo e a palavra tinha dado aquele efeito final. A mão respeitosa, a ideia, fixa no vaso davam o devido louvor àquele altar.

Parecia um discurso a dois, era a voz de Magdalena:

- Pois assim, filho, pode fazer você. Uma mulher não é muito mais que uma mulher. Genoveva só precisa de alguém que se concentre nela e então receberá filhos belos, sentimento, afeição, força, milagre, uma paixão constante. Ela brotará todos os dias, renovada, e mesmo no inverno, sobrarão dela muito mais que ramos secos. Aí está a arte eterna de um homem e de uma mulher que não precisam de forja nova, mas de inspiração que renasce todos os dias. Se assim não for, se faz a morte, lentamente e se morre até sufocar.

As ondas se repetiam incansáveis no mar. Ouvi tudo, bem quieto e depois lhes disse:

- E vocês, como estão? É verdade que posso pensar que o calor da juventude não se apaga quando bem assoprado, mesmo que seja a mesma forja?

Meu pai aquieceu, sorrindo:



- Perde um pouco em quantidade, mas a qualidade compensa. Todo gesto é de antigas doçuras, sonhos e lutas. Tem sabor temperado, é seguro como casa de rocha e é novo feito arranjo de Trier.

Estávamos chegando em Rio Grande. Dona Magdalena levantou-se eufórica e meu pai, resoluto, tomou o dia como um prêmio. Ainda era cedo. Compramos as passagens para o próximo navio que sairia em duas semanas. Não havia percebido, mas o sensível velho viu tudo. Ao lado do cais, dormia gente pobre.

- Pelo rosto, são poloneses – falou sentido – não podem ficar assim sem destino, nesta pátria enorme.

Enquanto comentava impotente, veio um senhor dos mais pobres vistos nestes lugares, ter conosco, que estávamos alinhados, vestindo a melhor farda. De fala aberta, mal dizia sua palavra. O rosto estava em desespero.

- Gente nossa Polônia. Cámpa ir. Móra en Pelotas.

Meu pai olhou para aquele amontoado disforme de gente que se confundia com baús de madeira e roupas velhas de cama. Começava o frio do Rio Grande do Sul. Olhou o homem abatido e angustiado, que não sabia o que fazer com sua gente caindo aos pedaços. Vi que meu pai estava decidido como pedra que rola da montanha. A generosidade havia brotado como fermento. A mãe, conformada, me chamou.

- Escuta meu filho, dá força para o teu pai, que não vai largar esta gente, enquanto não enxergar melhores condições para eles.

- Mas a senhora não pode ficar aí neste porto, querida Magdalena!

- Pode deixar Bonifácio, os marinheiros vão passar ao largo de mim. Riu tão alto, que espantou uma gaivota.



- Uma rainha não se despreza no mar. Ti, envolvendo-a, carinhoso.

- Vi alguém se aproximando. Era o vizinho de Clemente Pascoal, filho do Mostardeiros. Finos tratos o assistiam. Trouxe consigo dois cavalos, além de uma pequena carruagem. Seriam para ele e eu voltarmos. Rapidamente fiz com que entendesse que era melhor ir na frente com minha mãe, pois tinha um velho generoso que não podia suportar o sofrimento alheio em demasia. Agradei-lhe pela gentileza. Disse que à noite seria possível estarmos na casa de Clemente Pascoal. Sabia onde ficava a casa de Genoveva e, por isso, devia acompanhar a decisão de meu pai, para depois mostrar-lhe o caminho certo.

Assim se fez. Minha mãe olhou bondosa para seu Albin, xingando-o sem convicção.

- Então, nem as bodas de teu filho, é capas de deixar, por um instante sequer, esta oprimida pobreza? Bem que de aventura gostava mais que dos pobres que se acordavam sem esperança.

- Porca pipa, diria o velho Fumegalli.

Como é triste quando um velho se acorda. Não sei como conseguira arrancar do pobre Venceslau Dolinski tanta notícia. Como se fossem velhos companheiros, conversavam. Viera primeiro o Venceslau e sentia tanta compaixão de sua gente, que de todos os imigrantes, era o povo que mais pobre vinha. Não se acalmaria o Dolinski, sem antes prestar cuidado. Por dificuldade de palavra e por falta de esperteza e carência de agressão, não encontrara a saída para dar uma boa solução aos seus, que já pensavam sem esperança.

Quando se ergueram os pobres poloneses, se erguera a própria miséria. Meu pai pediu, através de Venceslau, que alguns o acompanhassem, mas antes falou:

- Sou da Comissão de Imigração do Estado do Rio Grande do Sul.



Pois não é que o homem era outro e não o bom Albin que eu conhecia? Falava com a autoridade de um Kaiser. Vi o primeiro milagre de minha vida. Confesso que vi: Aquelas mulheres, aqueles homens, as crianças ressuscitavam, com os olhos brilhosos. Em tudo neles se avivava o espírito. Num instante, coradas ficaram as faces. Esperta a boca, sorridente. Os cabelos alinhados, loiros, ao sol se tornavam. As palavras quentes de meu pai punham-lhes os ossos em estado corajoso. Eram uma armadura pronta para a guerra. Quando nos afastamos, rumo à Intendência, para buscar urgente medida, ouvi uma voz clara, que com certeza dizia:

- Que a fortaleza sirva pra que a missão seja proveitosa.

Vi meu pai como um herói entre gente estranha. Por uma pátria se luta, mas ao meu pai bastava uma boa causa. Na Intendência, ele entrou como um furor de grandeza. Tinha tamanha altivez o homem, que não havia quem não se curvasse à sua passagem. Tomou ares de presidente da província do Estado de São Pedro do Rio Grande do Sul. curiosa, porém, era sua comitiva, que não tinha como ocultar o estado de pobreza. Quando veio o intendente, meu pai falou com reverência e classe:

- Senhor intendente desta cidade de Rio Grande. Venho, em nome da Comissão de Imigração do Estado e da parte do Senhor Presidente da Província, pedir-lhe o que segue: “às famílias polonesas não se está sendo oferecida a menor consideração. Tenho certeza, porém, que Vossa Senhoria não conhece o problema, pois se assim fosse, já teria dado a ele o trato público. A Comissão, na capital do estado, me outorgou poderes para resolver a questão, diretamente com Vossa Senhoria. Aqui estou, pois, para ouvir a sua sugestão de como afastar o mal que sufoca a gente polonesa. Garanto-lhe, senhor intendente, que o presidente saberá de seus bons ofícios”.

Rápida foi a solução. Na divisa com Pelotas, foram designadas as terras devolutas que poderiam ser trabalhadas. Eram próximas àquelas dos primeiros poloneses. Chamou-se o agrimensor da intendência. O



transporte foi ofertado pela coletividade. Disse, para completar, que falava também em nome dos exportadores. No final do inverno, enviaria as boas sementes vindas das colônias alemãs.

Os poloneses olhavam de um lado para outro, buscando compreender o que era decidido sobre eles. Em duas horas, não mais, se tinha dado mudança. Três carroças cheias de mulheres e crianças e duas com seus pertences, formavam a caravana. Os homens orgulhosos iam à frente das pessoas, que novamente sonhavam. Meu pai e eu íamos à frente com nossos cavalos, que mal se controlavam por causa da lentidão da caminhada. O agrimensor falou-nos sobre a localização das terras a serem medidas. Pedi-lhe que lhes fosse concedida a várzea. Enquanto costurávamos um comentário ao outro, sobre os acontecimentos do dia, ouvi um canto que tão alto se levantava do meio da procissão. Seria o Hino Nacional da Polônia ou seria o próprio desejo emocionado que clamava por dignidade?

- Meu filho, brincou meu pai, como poderás esquecer o séquito de tuas bodas?

Respondi-lhe, com a voz embargada:

- Não esquecerei a homenagem.

- Preferia que fosse diferente. Não seria mais fácil ver a várzea cheia de trigo verde e as louras crianças polonesas nos saudando no caminho? Temia, meu filho, que não conseguíssemos o que foi feito. Vi, porém, com clareza, o que devia ser feito, quando pensei que se a justiça andasse mais desenvolta em torno da importância de cada um, não se veria o que se presenciou naquela imunda visão. Está por demais enaltecida a vantagem pessoal de quem governa. Se aí se põe ameaça, pode-se esperar alguma ação útil. Foi o que fiz. Quem poderia pôr em ameaça o conforto do intendente? Não seria, com certeza, a miséria da pobre gente. Apenas uma autoridade maior que pudesse pôr cobro a um pedido seu, é que poderia comover o intendente. Apenas quando lhe disse “venho da parte do senhor presidente”, é que a certeza de que algo se



faria, apareceu. Só de nós mesmos poderá surgir outro desvelo. Não será do poder constituído que nos virá qualquer bem. Mas de toda maneira, estamos aqui, utilizando todo o recurso para sobreviver. Isso nos deve das orgulho.

Após duas horas de caminho, conhecendo-se os caminhos a seguir, serenados os temores e cada mulher carregando um sonho no colo, como se fora um menino nascido de seu ventre, falou Herr Albin Denkemann:

- Estamos agradecidos por vossa companhia. – o senhor Venceslau repassava ao povo como podia – a Comissão dos Imigrantes está agradecida pela bondade de vocês e acredita que, do nosso próprio gesto, pode-nos advir uma boa sorte. Não agradeçam, porque o sorriso que vi no rosto de vocês me bastou para hoje. Amanhã talvez venha cobrar a exigência de uma escola e uma festa que se faz entre amigos.

Entrei no sermão, entre cardos e barbas-de-bode:

- Ô, gente, este é meu pai, mas é muito conversador. Sei que vocês querem chegar logo em vossa terra e erguer a vossa casa sem demora.

E o velho concluiu:

- Muito obrigado. Rumemos mais rápido, pois já é meia tarde.

Agora sim, ninguém mais tiraria meu pensamento da minha doce Genoveva, nem que aparecesse uma alma penada de Hunsrück. Chegamos altas horas da noite. Genoveva estava em alvoroço. Trêmula me recebeu. Que bom que a noite ocultou nosso beijo à luz de uma lua simples e acostuada a arroubos maiores.

- Viestes então buscar tua coisa preferida no Rio Grande, o teu navio?



- Coisa melhor e preciosa demais. Vale mais que um enorme navio com seu som sobre o mar. É você, Geneveva.

Um lufar de vento correu-me do peito ao ventre abaixo. Um prazer de segurar suspiro. Que doce luz esta dos amantes? Candeeiros e candeias pequenas iluminavam a casa e Efigênia se desmanchava para servir meu pai e minha mãe. Ficamos, os visitantes, numa casa à parte, com quartos para hóspedes: simples construção de madeira, limpo lugar. Dormi feliz naquela noite, não se deixar de ouvir os comentários de meu pai à sua doce Magdalena:

- Lembra, Magdalena, da nossa grande cesta de pão? Me senti hoje como o colecionador de gente carregando meu balaio. Preciso carregar com generosidade o peso que assiste os que chegam. Um pouco de paz faz bem aos poloneses, aos alemães, aos negros e aos índios, que sobram como pedaços de coisas de uma casa que queimou. A todos um pouco de consideração será um bom remédio, que poderão voltar a ter a alma boa de seres humanos. Será que os italianos chegam tão mal como chegam os poloneses? Quero ir até Conde D'Edu, para ver como chega a humilde gente. Terei que lhes falar sobre os usos da terra, porque um pouco de atenção não faz mal a ninguém. Posso orientar-lhes sobre as madeiras, os tempos de plantio e aprender com eles sobre as videiras.

Com certeza já dormia minha mãe, deixando o meu pai a tarefa das palavras suaves como um sonho bom. Buenas! Quando quis fazer a avaliação das generosidades de meu dia, senti sobre os olhos o peso amoroso do sono.

Acordei com o barulho de tantas aves. O barulho dos patos, dos marrecos e, principalmente, dos gansos, bem debaixo de minha janela e uma réstia de sol sobre a franha branca foram razões suficientes para me porem de pé. Senti-me comovido ao ver o lavatório com uma bacia linda e jarra grande de porcelana. Dava dignidade ao rosto, começar o dia com aquela consideração. Esta atenção tão forte fez-me debruçar os tratos que devia dar a Geneveva. "Toda mulher de origem portuguesa tem uma



rainha dentro de si”. Valeu-me o pensamento. Somente assim fui descobrindo a grandeza de Geneveva.

Foram bons aqueles dois dias que se seguiram. Não desprezo nenhuma quinta-feira e nenhuma sexta-feira, em respeito ao que me deram aqueles dias. No fundo, no fundo, as duas famílias tinham o dom da grandeza, ainda encolhida pelos sofrimentos e constrangimentos dados como normais, dos lados deste continente, àqueles que querem erguer-se. E aí zás! Se ascende a lâmpada, brilha a palavra e o sentimento. Alimenta-se o trabalho com alegria, pois retorna em casa, alimento veste e outros sonhos mais. E o que dizer da manhã das bodas?

Ouvi um toque na janela. Era tão leve, que fui ver, ainda pensando que fosse a brisa da manhã. Era a minha doce Geneveva. Envolveu, suave, meu rosto nas suas mãos, dizendo:

- Que sejam bons os nossos dias, como esse momento. Que eu possa te fazer feliz, meu homem. Não peço muito mais em minha vida, que te suspender nos teus dias, como se tivesse asas. Se o ferro da dor nos ferir, tenhamos-nos nas mãos, que é aí que se prova o gosto do querer.

Beijou-me, ternamente, e, ao tocar seus seios, saiu-me a palavra:

- Se mereço este momento, não farei por menos. Quero-te inteira, sem nada de tirar, que tuas horas estejam cheias de prazer. Mas, acima de tudo, te prometo trazer-te o cotidiano carregado de sentido, como uma cesta cheia de pão.

- Hoje não me verás mais a não ser na igreja. O anoitecer traz sonhos e aí me verás novamente. Se foi, entre as poucas flores de maio.

Nunca pensei que os costumes dos Açores fossem tão bonitos nos casamentos. Durante a festa, meu pai tomou o bom vinho do Porto e estava contente. Por fim, cantou sozinho uma canção alemã, própria para a hora. Agradeceu, bem falante, pelos pródigos dias que conheceu a bondade feita nas várzeas.



- Longos dias aos nossos filhos e aos filhos dos nossos filhos! – Naquela noite, meu pai estava possuído pelas fundas alegrias que se entonteiam nas danças.

No outro dia, bem cedo, fomos tomar uma embarcação em Rio Grande: Genoveva e eu, numa charrete, medindo o caminho que parecia nascer com glória. Foram fartos de emoção os primeiros e íntimos momentos; melhores os posteriores se fizeram. A nossa casa em Porto Alegre era o nosso destino. Palavras boas foram ditas: “não gostaria de perder meu sobrenome no dia do meu casamento”. Disse para Genoveva que não gostaria que ela perdesse o seu. Liberais caía bem nela. Por que esconjurá-lo? Nada ganharia com a perda do nome e ela poderia ter saudade de sal parte perdida. Assim, o casamento seria o complemento de nós dois.





## **COM FATOS FORTES TAMBÉM FAZEMOS NOSSAS VIDAS**

Uma grande mulher forte e amável, cada dia mais se manifestava em Geneveva. A instituição familiar, temia que transformasse a minha vida como se fosse eu um touro capado. Temia o brete que pudesse me estreitar os lados e a corrida livre pela frente. Nada disso aconteceu. Apenas tinha concentração no amor profundo e arrumado de uma só mulher e vi que era possível. Nada se torna igual quando se dá atenção sincera. Tentei e deu certo. Detesto o absoluto, o irreversível. Prefiro a força das estações que se alteram sem desproteger o campo.

Geneveva me instruiu nos ofícios de homem e eu a instruí no ofício de ser ela mesma, tendo o gosto de si mais do que se lhe desse morangos ou amoras. Não punha fora nenhum sentimento como inútil. Nenhum pensamento como vão. E é interessante como são férteis as coisas da alma, quando não depreciadas. Geneveva, uma simples camponesa, filha humilde de açoriano e de cabocla bela das várzeas de Pelotas, tornou-se mais que uma senhora feliz com sua casa. É fazedora de história de mão decidida e suave. De horizonte amplo chamava o dom que se convertia em obra clara e bem feita. Assim aconteceu com meu navio. Por pouco tempo, ficou o Edgar tomando conta das contas de Porto Alegre. Enquanto procurava alguém que o substituísse, Geneveva, numa manhã, falou:

- Quero aprender sobre a exportação, sobre o recebimento dos produtos e entrega nos navios. Nenhum dinheiro ficará sem meu controle.

Assim o Fröhlich foi acompanhar melhor os produtos que vinham das colônias ampliadas e aqueles dos italianos com seus vinhos melhorados. Não se faz um homem, nem tampouco uma mulher, sem riscos medidos, sem temor e sem medos. A forja para fazer um cidadão é a experiência. Por aí passou Geneveva Liberais.



Depois de dois meses, era uma alegre empresária a minha amada. Tinha exatidão nas contas e não confundia a ciência dos negócios com a arte do amor elevado. Ao final dos seis meses, estava tão sábia com às entradas e saídas e onde elas adoeciam, que a empresa tinha de tão bem que andava. Genoveva tomava conta da saúde interna de nossa iniciativa e eu, dos encontros e desencontros com os fornecedores de matéria a ser exportada.

Agora que envelheço, posso falar seguro a quem dos meus quiser me ouvir. Podia ter levado uma vida solitária e vaqueana, orelhana, fazendo amor dos amores sem continência, como fiz nas esquinas de Porto Alegre, mas preferi levar a tento meus cuidados e ver se meu tino de despertar insuspeitadas divisas de um amor remoçado pela atenção do dia-a-dia podia ser melhor. E aprendi que, na simplicidade diária, se tiram festas. Não é preciso devoração de índias frenéticas, que por paga se dão. Mais se tira do pouco bem feito, que do muito em distração. Assim fiz e aprendi. De um mesmo violino se tiram sons para os séculos e do mesmo cavalo, viagens de não se esquecer. Assim fiz e aprendi.

Aos setenta anos, findo, com a perna estaqueada, não renego o coração que ainda sente paixão de juventude. Amor envelhecido se torna lento, porque não se tem sobra. Talvez tudo isso me tenha feito terno como o choro da juriti e tenha dado força a Genoveva, como dizem as gentes dos Açores. Mas a quem vem depois de mim, pode não interessar o caso de um amor praticado nas loucuras e conformes. Sempre tive água fresca do meu poço fundo. Chega de louvação!

Buenas! Os negócios, a partir de 1880, começaram a render e podia falar claro e positivo a quem me perguntasse. “Está encomendado o navio?” Vinha a resposta: que entre abril a junho de 1882, seria entregue o grande trem das águas.

Fui para a Alemanha em julho de 1880. Expus todas as necessidades e diversificação de produtos. Era o grande navio de

“Companhia Liberais e Denkemann Exportações.” Quando voltei, trouxe nas malas o grande projeto. Os sonhos podem ser guardados em malas, ficou provado. Trouxe também, com tristeza, a última conversa, por escrito, do Pe. Hildebrandt, que estendeu para o alto a alma de seu pai, que, por sua vez, fez crescer, em razoável tamanho, a alma de seus filhos. Foi pelos dias de julho de 1880 que o santo homem foi recolhido ao lugar de sua fé.

Os dinheiros guardados durante dez anos dariam pra pagar 1/3 do navio. Pelos contatos mantidos com os compradores da Alemanha, vi o quanto ganhavam as Companhias dos navios no transporte. Poderia ter sido menos ingênuo, ao esperar que o evento de uma Companhia Latina, por minúscula que fosse, pudesse ser bem recebido. A pequena empresa de embarcações dos Sinos teria uma fortaleza no mar. Vi que se Genoveva continuasse a ter pulso tão eficiente, poderíamos, com esforço tenaz, chegar a ter 2/3 do capital em junho de 1882.

O armazém de Porto Alegre estava bem com a safra de 1880. Haveria duas safras que poderiam ser aproveitadas: 81 e 82. Mas devo contas das alegrias do projeto na mala e da poesia da última conversa com Pe. Hildebrandt. Se observar bem, tenho o mesmo carinho pelo navio e pela conversa do padre. Os dois têm sabor de liberdade para as gentes dos Sinos. Fazem parte do mesmo quadro, sem dúvida nenhuma.

Então, depois de seis meses, tirei quinze dias para mostrar o Sinos a Genoveva. Há cinco anos já podia ir de trem a São Leopoldo, mas, preferimos ir com a nossa embarcação. Toda a região sabia da compra do navio. Era muito importante que um deles fosse elevar duas pretensões e as tivesse entre as mãos, para que pudesse também tê-las como a esperança para seus filhos. Sabiam que, no resultado final, teriam a renda familiar melhorada. Para todos os colonos era uma pequena glória a minha conquista, pois a Europa poderia saber que, se vieram pra cá, em pouco tempo já estavam voltando em grandes navios, sem deverem favor algum. Diziam eufóricos uns para os outros que em breve o Estaleiro Só de Porto Alegre, não só consertaria, mas construiria grandes navios e quem sabe



seus filhos poderiam comprar alguns deles com seus esforços. Eles não estavam muito convencidos, porém, de que eu estivesse em boa companhia ao lado de Geneveva. Olhavam desconfiados para a cor morena e pensavam aflitos que poderia perder seus costumes nesta mistura de gente. Apesar disso, sentiam-se felizes quando viam que Geneveva amava o mesmo Deus que eles amavam. Ficavam eufóricos quando a viam dançar e quando ela ouvia seus cantos com prazerosa descontração.

Geneveva percebia que poderia dar “sustância” e realza às minhas preleções sobre as novidades. Não suportava usar o mesmo sapato que tiveram os pobres para calçar. No fundo, queria provar, com meu navio, que pobre tinha pensar, que pobre tinha querer e, como resultado de tudo isso, um pouco de poder. Estava inquieto como cavalo chucro perseguido por motuca. As conversas do Pe. Hildebrandt, quando punha alma nos últimos sopros no pulmão, me convenciam de que não dava para deixar assim.

- Meu filho, diga a teu pai que o que a Europa escreve deve ser lido e está escrito que o mal é que o poder prescreve, indomável aos pobres, a redução do pensar, a redução do respeito: a profanação. Deus deve desfalecer nos pobres, é assim que a Europa aprendeu a ensinar. E de tal forma, que nenhum tenha graça em outro. Bem assim se dá no comércio. Na América do Sul, quem negocia com quem?

Tinha razão o santo que morria. Nem Uruguai nem Argentina mantinham ligações firmes de comércio. Não havia vontade oficial de oferta e procura da riqueza latina. A preço vil, embarcávamos tudo para a Europa. Aqui o que acontecia? Veja o contrabando. Um pobre roubando de outro, é isso o que acontece na fronteira. Não existe nenhuma altivez em trocar riquezas. Há, como que uma desconfiança, imposta às nações do Prata. Prevalece a pequenez miserável. Foi esta a lição do Pe. Hildebrandt, que me fez ver que estava negociando com a Europa, por desprezo imposto à América.



- Gastem tudo o que vocês têm para aprender, senão vão pagar caro pela ignorância propositada. Façam um mercado latino e não desfaleçam no esforço de juntar a ciência. Busquem a Europa sempre, mas para iluminar o vosso saber. Não entrem neste desencanto do extremo socialismo. O estado nunca foi bom gestor. E além do mais, a liberdade deve prevalecer, afastando-se, porém, este abuso extremo de organizações particulares sugando a vida das populações. Você, com teu navio, crie leis para um empreendimento que dê benefício comum. Que todos nele possam sentir-se honrados. Não adianta pôr no Estado o que o cidadão não aprende. Ao Estado a lei, ao cidadão liberdade. Assim terminava a última conversa Pe. Hildebrandt: Pensem com amor e com os pés no chão.

Genoveva aprendia com tudo isso, que sua empresa tinha uma missão. Ficou suficientemente satisfeita ao ver que nas colônias as mulheres e os homens saudavam reverentes quem tinha respeito pelo suor, concedendo fatiota nova para os domingos e sonhos para o outro dia.

Genoveva questionou a ideia de realizar uma rede protetora entre os latinos, uma vez que os laços oficiais estavam tão débeis.

- Vamos provocar esta novidade com decisão e prudência, brincou com meu pai, Genoveva. As iniciativas dos pobres são sempre frágeis. É preciso precaução.

Sugeri, para início, contado com Buenos Aires e Montevideú. Haveria por lá gente com a mesma precaução? Podia atender à vontade as minhas perspectivas, pois tinha em casa alguém que punha em ação e em ordem as minhas fantasias, às vezes descabidas.

De fato, em 1882 chegou o nosso navio. Tão bonito estava quando entrou em Porto Alegre, que estouravam de alegria os convidados vindo de Hortêncio, Feliz, São Leopoldo e de toda a região. A “Liberais e Denkemann” dava um passo para a Independência, a igualdade, conquista e tudo mais que foi dito em discurso. Teve bênção e oração, teve festa.



Entre todos os convidados só não estive o senhor Jacob Stein, que se entrelaçara com uma Companhia Internacional de Exportações. Os seus navios sim, é que tinham calado, faziam seus ruídos profundos sobre todos os mares. O meu faria um com intenso apenas sobre o Atlântico. O dinheiro, a empresa não teve todo, mas os cálculos de Geneveva estavam corretos. O Banco da Província liberou  $\frac{1}{4}$  do necessário. O bichão tinha o nome de Phênix: aquele que saiu do nada e carece estar segurado. Por confiança na sorte e na pobreza de caixa, asseguramos, exatamente pela metade, o seu valor. Não foi fácil aprender sobre os costumes do mar. Uma tripulação? O comércio internacional? Aprendemos com gente de Montevidéu, que tinha o mesmo orgulho que nós. Valeu muito o encontro das empresas que nasciam no Prata. Mal dormíamos por um ano. Eu e Geneveva tínhamos um nauta, um filho do grande mar, um pássaro seguro que cantava um canto longo e profundo, enternecido, em casa porto que chegava. Aprendemos a distinguir seu som entre os outros, quando entrava no Guaíba. Gostávamos de vê-lo ao entardecer. O sol que caía em Porto Alegre, brincava com suas cores, contracenando com as cores do Phênix.

Na páscoa de 83, fomos descansar em Hortêncio. Vi que meu pai definhava, mas quando via da varanda um de seus filhos subir a estradinha, ele se erguia, agitando-se de contentamento.

Não tinha passado nem cem metros da casa, no dia da despedida, quando chorei. Estava com a alma em pedaços e nem era de tristeza. Um sentimento indizível me avassalava. Via meu pai um homem tão grande, tinha um orgulho tão grande de ser seu filho, que não imaginava que ali podia estar ele tão frágil. Como lhe tinha causado a dignidade! Para matar a fome dos seus filhos, afastou, sem queixa, as árvores da floresta e para nutrir a consciência do Hortêncio não dosou as preocupações. Assim frágil, tinha cada vez maior sua alma. Não se preparava, por ser tão sábio e feliz, seu espaço final? Minha mãe ainda estava forte, como se tivesse saído de uma destas montanhas de Hortêncio. E dizer que logo em seguida viriam, os dois, a ser minha proteção!



Chegamos a São Leopoldo. Edgar nos avisou que estava na cidade uma comissão do Governo Alemão, com a finalidade de verificar o tratamento que o Governo Brasileiro dispensava os imigrantes vindos daquelas terras. Ira justa ferveu meu peito. Seria realizada uma reunião no dia 14 de abril deste ano de 1893, para avaliar junto aos estabelecidos, tão relevante questão. Dois representantes com pose onipotente com ar penalizado, estavam na frente de um monte de alemães ou filhos destes.

Ouvi o discurso fajuto próprio de um cônsul ou coisa que o valha: “O governo alemão está sumamente preocupado com o destino de seus filhos. Deseja saber qual a sua atual situação.”

Se debatiam em minha testa ideias e sentimentos. Se queixavam alguns de que o governo brasileiro era moroso na condução de suas promessas. Lembraram outros o triste fato da desconsideração havida anos atrás, com os imigrantes, na ilha do Desterro. Levantei-me e falei:

- Desejo, em nome da maioria, enviar uma mensagem ao governo alemão. Bem ou mal, 95% ou mais dos filhos da Alemanha encontraram suficiente atenção, a ponto de ter agora boa esperança. Não posso dizer que a Alemanha tenha dado igual oportunidade aos seus filhos. Esta terra, com dificuldades, nos recebeu e o que fez a Alemanha por nós, quando gemíamos de fome? Esteve o governo alemão preocupado em apoiar seus filhos na viagem? Qual foi o esforço alemão para melhorar o sistema dos benefícios do trabalho durante a instalação das grandes e pequenas indústrias? Qual foi a intervenção feito no abuso das propriedades rurais? Por que deixaram os falsos artesões da Boêmia, quase todos morrerem em pó cristal sem a mínima atenção? Tinham mais fibras de vidro no pulmão que batatas no estômago. Por que deixaram ir com tanta facilidade os mantanheses de Hunsrück e da Silésia? Nunca pedimos nada, mas achamos que agora vir até aqui para cobrar do Brasil um digno tratamento é uma ofensa. Nós vamos fazer de tudo para não envergonhar nossos filhos. Isto é quase impossível, tais foram as míseras condições que nos legaram. Diga ao vosso governo, o qual já não é mais nosso, que não temos nenhum agradecimento a fazer, que temos alguns direitos na



Alemanha e que lá ficou o melhor dinheiro e a melhor inteligência. Peço isso, mas não estou certo de que um pedido dos filhos deserdados possa convencer alguém. O governo preferirá gastar em guerras e bravatas o seu dinheiro. Quererá nos ver à distância. Peço desculpas aos senhores que chegaram com boa vontade. E, talvez, tenham até se admirado de como fomos capazes, apesar dos infortúnios, de erguer nossas cabeças. Não é o meu feitio faltar com o respeito e, a vocês dois, pessoalmente, devoto minha consideração. Para não esquecer de dizer apenas o que disse, entrego, por escrito, minhas afirmações. Completo o que não está escrito. Admiro-me de que esta minha pátria, tão jovem e pobre, ainda tão desorganizada, tenha oferecido tanta terra aos seus filhos. Nem sei de onde tiraram os primeiros instrumentos. É verdade, foi pouco, muito pouco, merecíamos muito mais em troca de nosso esforço, mas somos gratos, e ensinaremos nossos filhos a amarem este chão, com devotamento.

Não sabia como finalizar, tentando tirar enorme mal-estar que pedia no ar. Para alívio, a reunião terminou por aí mesmo. Os dois representantes saíram sem querer apanhar o papel onde havia lavrado meu pequeno discurso. Na despedida, fui incisivo:

- Talvez daqui a 100 anos, o governo da Alemanha reconheça o mal que fez em não reconhecer como um bem os seus filhos e venha a reparar, como uma obrigação, as dificuldades impostas.

Disse-me Genoveva que alguma coisa de muito grave havia ocorrido na reunião, ao ver toda aquela gente saindo tão constrangida. Contei-lhe o que havia falado. Avaliou ela que devia gerir com mais prudência as minhas inconformidades.

O resultado do navio teve dois benefícios: o pagamento dos agricultores estava sendo melhor e já podia pensar em outro navio. No meio de novo esforço particular, tive que acalmar as viagens. Me irritava ficar por aí sem meus contatos no interior. Aproveitei e fiz uma viagem para a Alemanha, vendo de perto os procedimentos comerciais. Fui ver os





estaleiros novos, pensando num novo navio. O mundo, na verdade, estava rodopiando, de tão rápido que ia.

Buenas! Não ia contar, para não precisar citar a droga que foi a revolução de 1893, mas não tem jeito de saltar por “riba” dela, como se nada tivesse acontecido. Estava louco para me meter na briga, mas Genoveva dizia que a revolução nunca deu camisa a ninguém e quem tem, que cuide a sua. Mas, gente, que é da minha descendência! Eu vi com estes olhos cansados o que foi aquela barbaridade. Bem dentro de mim, torci, e muito, pelos maragatos que eram os federalistas. Os republicanos tinham à frente Júlio de Castilhos. Na verdade, o que ganharam as províncias com a república? Nada, de coisa alguma. Apenas o presidente deste lugar e mais os coronéis de campanha tiravam alguma vantagem. Mais se dava pelo imposto que se recebia pelo benefício. O único bem foram as estradas de ferro e as outras vantagens ficavam mesmo para os grandes da campanha. Se não fosse a livre iniciativa e o esforço pessoal dos colonos, minha gente teria morrido no abandono.

Quando vieram com as primeiras ideias, em 1892, os federalistas, com Silveira Martins, vieram nova esperança. A briga foi bruta. Assisti, de corpo presente, ao que não queria ver, mas vi. Dos chimangos republicanos, de um bando deles, no Rio Grande, eu vi saltar sangue grosso das gargantas cortadas. Quase me anojei da espécie humana, ao ver aquela degola. Para se ganhar uma ideia é preciso tudo isso? Talvez, sim. Os maragatos cortavam, pondo por trás, entre os joelhos, a cabeça do chimanguedo e zás!!: o sangue esguichava e a vida sumia do branco rosto. Esta porcaria de luta só terminou em 1895. Não tive medo, em instante algum, nas comprar que fazia entre Camaquã e Rio Grande, mas ficava em compasso de espera. Não me meti por causa de Genoveva e depois de assistir a toda aquela mortandade, me anojei de qualquer lutador. Burro é quem faz guerra, pois não lhe assiste melhor competência para dizer de outra forma. Afirmo, apenas, que torcia pela ideia federalista, que o estado centralizador é injusto por natureza.



A república, do jeito que ia, estava pior que o império, faminta por impostos e sem magnitude. Melhor seria, pelo federalismo, dar-se a cada província a sua alma e o seu recurso. Mas perderam os coitados sonhadores que queriam ver o Rio Grande tamanho. E fazer o que com todo dinheiro no Rio de Janeiro? Júlio de Castilhos continuou a dar os mesmos privilégios aos grandes da fronteira e de nada valeu a briga. O estancieiro, sem esforço, tirou vantagem maior. Me deu um mal estar os grandes ver a luta inglória. E, quando pobre mata pobre, sempre encontra uma forma feia de fazê-lo. Pode haver jeito mais desagradável que a degola? Tem forma mais humilhante do que se ter a cabeça enfiada pelas pernas de alguém? Meio dobrado, mal ajoelhado, mirando o coturno ou tendo a melena nas mãos brutas do inimigo?

Nem bem havia terminado aquele entrevero fratricida, quando veio uma bruta vilania. Apreendi a ver a face perversa do homem. Até agora tinha sonhado e lutado pelos sonhos. Vi, de perto, a vingança e a maldade maior feita às escondidas, com vergonha de aparecer. Queimaram meu navio! Sobrou um pouco mais que a carcaça. A minha gente se salvou, lutando até apagar tudo. Mas sobrou o que sobrou: o esqueleto de fora. O resto virou cinza.

Pensei que Genoveva sossobrasse diante do fato. Chorou um pranto de cabeça erguida. Tomou as nossas pequenas filhas, pondo-as sobre seus joelhos, e falou:

- Sobrou um pouco de dinheiro. O suficiente para comprar outro, em prestação. Abriremos nossa empresa para outro capital e mostraremos como é que se enfrenta o mar. Você aceita, Bonifácio?

Respondi-lhe que aceitaria, contanto que fizesse os devidos cálculos, aponto de não minguardos se ocorresse outro acidente. Agora era eu o nauta prudente buscando farol. A sua voz estava firme e suas palavras eram duras e decididas:



- Sei que mais uma vez seremos companheiros. Você me ensinou, Bonifácio, a sonhar e a servir. Aprendi os dois! Quero que minhas filhas tenham ao menos a certeza de que nessa casa se lutou bravamente.

No meio da descrição desta grande tragédia, vou amenizar a lembrança falando sobre nossas filhinhas, que são conforto e horizonte.

Buenas! Prisca Antônia foi a primeira, vinda no dia 06 de novembro de 1985. Patrícia foi a segunda, vinda no dia 18 de novembro de 1890. Que visão dói aquela de vê-las, ao nascer, tão parecidas com a minha mãe! Que emoção sentida, como se fora a natureza sorridente, escondida no melhor pedaço do coração! Com Prisca, fui mais austero e pouco natural nos primeiros anos. Nem sei ao certo que perfeição queria tirar de um pequenino ser. Devia tê-la amado sem fronteiras, mas as tive, cheio de limites. Ainda bem que cedo deixei que o dom da vida lhe transcorresse igual a uma fonte, tendo um delicado leito por direção.

Com Patrícia havia mais liberdade, tinha perdido a inibição dos costumes. Já tinha tomado, por mim e por Genoveva, um rumo menos rígido. Bastava a obrigação do saber e da cooperação para ter como limite. Um pouco mais de alegria não faria mal, desde que sentissem o valor da dignidade. Aprendi a conferir um trato bom e generoso, buscando ouvir a voz e a palavra, sem, com nada mais, me distrair. A atenção à voz e ao sentimento, entendi que fosse um bom alimento para a felicidade.

Prisca ficou sisuda e com um pouco temor na falam, quando se dirigia aos pais. Não sabia que caminho encontrar para ter como companheira a alma da filhinha. Ô Prisca, ô Prisca, ainda iremos perder o medo do encontro. Que medo é esse que faz perder a troca de um ponto de vida? Patrícia, ao contrário, grita e estufa peito na falta do menor sentimento que não for atendido. Às vezes, por buscar a intimidade juvenil de Prisca, reclama que se lhe dá pouca atenção. Mas de toda forma, Genoveva e eu buscamos, todas as noites, e nos fins de semana, entregar boa parte de nós à vida das filhas.



A Deus, nunca tiveram como um castigo, mas como oportunidade para colocar, generosamente, a fraternidade e o cotidiano. Não lhes negamos a esperança da Ressurreição. Sobre belas cenas dos Sinos e sobre as montanhas de Hortêncio, falávamos incansavelmente. Tinham muito orgulho delas o senhor Albin e a vovó Magdalena. Com eles, soltavam com mais facilidade a palavra e o sentimento. Ouviam, nos caminhos, o quanto éramos importantes e, por isso, se envaideciam de ser importantes também. Pensava, então, como seria importante conferir valor aos pais das crianças, quando estas pudessem ouvir: as crianças florescem com alma brilhante, se brilharem seus pais. Era um ingênuo educador que pensava: Os pais que têm orgulho de sua casa e de suas roupas, conferem aos filhos um espírito de justo direito.

Era por isso que eu também tinha a convicção de dar a quem trabalhasse na “Liberais e Denkemann,” uma medida de lucro que pudesse alegrar as crianças de meus sócios.

Sobre Prisca e Patrícia, tenho a dizer que não gostaria que estivessem dentro de uma família convencional. E parece que assim aconteceu. Não teriam um modelo de mãe tradicional. Uma mulher empresária, dona do seu nariz, companheira e não esposa sem história, esta era a mãe que elas tinham. Cheia de graça feminina, doçura na intimidade, mas líder social de seu espaço: tinha tudo isso a mãe delas. Me sentia orgulhoso por fazer uma casa diferente. A revolução francesa, dizia meu pai, é pôr todo mundo em pé de igualdade. Assim falava o velho discípulo do Pe. Hildebrandt. Obedeci a meu pai e não me arrependo. E se desse pra inventar outra maneira diferente de elevar o tamanho das meninas, faria todo esforço. A instituição natural de um homem e uma mulher é o caminho natural das coisas. Não há invenção sobre as leis da natureza. A vida também tem suas regras.

Sobre a poesia e a criação, sobre o espírito de humor e brincadeiras, sobre os medos e tristezas não vou me debruçar, porque da particular originalidade cada um deve gastar seu tempo em prestar atenção em si mesmo. Assim como todo ser humano tem seus dons



originais, assim também tiveram minhas filhas. Ninguém pode viver sem seus encantos pessoais. Prisca tinha a harmonia do corpo e Patrícia, a da alma. Como esquecer os escritos de Patrícia sobre a liberdade dos cavalos no campo e sobre o vôo das nuvens? “Quem é que soprava o andar das nuvens?” Assim escrevia ela aos oito anos. Em alguma parte deve ficar a marca de cada uma. Contava-lhes a lenda de que Deus, ao tomar a alma humana, depois de seu tempo, mandava colher os sinais deixados, conforme os dons especiais de cada um. Se nada encontrassem seus anjos, da originalidade oferecida, que nada mais lhe fosse dado. O senhor não podia dar além da graça de cada um. Ao contrário, Deus ofertava à alma crescida na graça de si mesmo, novas oportunidades.

Dizia-lhes que, conforme a lenda, tinha alma que quase se confundia com Deus. Às almas, às quais tinha sido roubada a oportunidade, Deus dava também uma nova chance.

- Não se perca a graça sem cuidado, nem o talento se joga no Guaíba, concluía.

Uma noite, Prisca, e em outro tempo, Patrícia, tiveram preocupação com a morte e o destino final. Disse-lhes que a vida é como um sopro: quem a dá, a retira com o mesmo desvelo.

- E o inferno, papai?

Respondi que Deus não seria tão mesquinho para precisar castigar, por uma eternidade, a quem fora fraco. Ou pensavam que Deus fosse tão miserável a ponto de estar cobrando pecados, se faz tantos milagres?

Nestas noites, dormiam encostadas ao meu peito. Estava entristecido por pensar naqueles que, tão sem respeito, retiravam das mãos do Senhor a sua graça e apagavam, sem cuidado, a sua dulcíssima luz. Preferia explicar assim, que impor um trágico fim em tudo. Não faz meu gênero e nem é o de Genoveva pôr amargor, nem na vida, nem na



morte. Entendíamos os dois que deveríamos contar, com orgulho, as histórias de nossas gentes. Disse um dia Genoveva:

- Da terra e do tempo de cada um se tece a veste que cobre a alma. Quero que minhas pequenas tenham as suas vistas claras a respeito dos rios, planuras e montanhas e dos pequenos heróis que não se deixaram vencer. Desde o vento e a forma das estações, desde as estrelas e as madrugadas com seus sons, tudo isso vai ter lugar no coração das meninas.

Aos poucos, nas conversas que as duas tinham, estavam verdades iguais às ditas por mim e por Genoveva.

Era setembro, no cair da tarde, quando veio o caboclo gritando:

- Meu Deus, seu Bonifício, dona Vivinha está de tristeza funda. Prenderam fogo no navio!

Foi bem assim que a maior tristeza começou a surgir. Em 1895 começou a má sorte soprar. Oiga, que foi judiaria saber sobre a queima grande no mar. Me emputecei de brabeza, quase estraguei minha vida. Ainda bem que tinha as pequenas, com o olhar mais que perfeito. Ainda bem que tinha Genoveva! Quando ela disse que sempre se enfrenta o mar de cabeça erguida, me aliviou a dor por dentro. Na dor violenta, vagalhenta, são só duas saídas que existem: ou se cresce ainda mais, ou se morre de vez.

A notícia voou o Sinos pra cima, com vento norte. Abateu-se, doída, na alma dos colonos. Jururus ficaram eles, com o orgulho ferido, pois viam no navio uma conquista sua. Subi o rio atrás da notícia, levando outra melhor. Assim dizia a quem tivesse prazer em me ouvir:

- A Companhia Liberais e Denkemann ficou sociedade. O Krist, de Porto Alegre, e outros chefes de Companhia entraram como sócios e mais: a forma de operar vai ser para todos os fornecedores e servidores com



participação no resultado final. Além das pagas e salários, haverá retorno conforme o desempenho anual. Quanto melhor saúde tiver a empresa, saúde melhor oferecerá aos que a servem.

Com os novos sócios de capital, com o seguro e com o novo empréstimo do Banco da Província, poderiam ter de volta o Phênix remodelado, saído das cinzas.

Foram oferecidos louvores à coragem e à bondade, principalmente, de Dona Vivinha, que assim chamavam por força de sua graça e pela sua esperteza.

- Ô mulher forte, dizia todo o pessoal.

O pessoal não entendia que Dona Vivinha também mandasse no mesmo pedaço do marido. Estava a gente na estreiteza de mulher submissa desde o dia do casamento. Na Bíblia estava escrito e a lei dizia que devia, eu, ser a cabeça de tudo. Assim estava escrito, assim devia ser.

Um dia, um caboclo chegou-se ao meu lado e, por me achar um cuera decidido, perguntou:

- Se tu é home desse jeito, baita bagual de relincho e tudo, como é que Dona Vivinha canta daquele jeito?

Expliquei que tudo era bobagem criada e feita por obra humana. E que na minha casa mulher era gente, filha de Deus, importante. Ficou dito pelo não dito, porque isso era demais para o caboclão entender. A mudança era muito grande!

O propósito da nossa empresa mudou, ampliou-se, criaram-se novas funções, mais gente no pedaço, mais responsabilidade. Depois de muita meditação em comum, acertos e desacertos, decisões e indecisões, formou-se a empresa com projeto muito claro, sem pelanca nenhuma. Visto e posto nas regras das leis escritas, conforme o escrivão pedia, firmamos a palavra. Estava tudo de caso pensado, costumado, não tinha



por que não dar certo. Além da coordenação geral, me pediam que continuasse, por enquanto, a ver a compra do navio e o proveito que ainda havia, de Phênis, pois dele eu entendia demais. Acertei, sem duvidar de que queria me encontrar com Jacob Stein, que se mudara para a Alemanha. Estava em alta esfera na “Companhia Internacional de Transporte Germânia”. O homem tinha até o comando dos Armazéns de Novo Hamburgo. No final de outubro eu iria para a Alemanha, para um novo contato com relação ao Phênix. Mas ia uma pergunta particular: O que aconteceria com o Phênix? Não acreditava que pudesse haver incêndio espontâneo, se o maquinista que, como todos, sobrevivera, afirmava que houve um estouro bem ao lado das máquinas. Se lá não tinha o que estourar e menos ainda o que queimar, o que acontecera então? No meu interior havia uma certeza: Quem fizera a sujeira fora o seu Jacob Stein. Toda a tripulação ainda estava em Hamburgo. Pedi uma semana a mais para tirar as minhas dúvidas e que a minha viagem fosse cercada de discrição. Fiz, propositalmente, chegar aos ouvidos de Jacob Stein, que a “Liberais e Denkmann” estava em liquidação e fazia oferta para venda dos restos do Phênix. Ao chegar em Hamburgo, em segredo, fiz ter comigo o maquinista. Para minha sorte, o homem se apaixonara pelo Phênix. Tinha orgulho de sua velocidade e me dizia que as máquinas lhe obedeciam como um exército a seu serviço. Ainda tinha saudade do som que o pássaro fazia ao chegar aos portos da América do Sul. A minha prosa foi descontraída e disse-lhe que precisava muito dele para saber quem tinha posto fogo em seu pássaro veloz e quem apagara seu canto. O pobre homem nem desconfiava que o fogo podia ser maldade das grandes. Fiz com que ele percebesse que um navio novo não sai assim, queimando, e logo por um fogo iniciado num compartimento isento de perigo. Queria ouvir a sua história e ouvi:

- Ao chegar em Hamburgo, com o Phênix estava tudo em ordem e, desde o Brasil até aqui, só a tripulação havia entrado no navio. Em Hamburgo, sucedeu apenas um fato que merece atenção. Um senhor de vila, estranho, chegou a falar com o capitão e disse ser da “Hamburg Schiff”, onde havia sido fabricado o navio. Precisava ver como funcionava





as máquinas, e, de modo especial, as caldeiras. Trazia sua representação por escrito. No final do segundo dia, já tinha feito amizade com ele e lhe falava sobre as minhas alegrias de marinheiro-maquinista. Até saímos, certa noite, e fomos a uma casa de cerveja e cantamos juntos. Naquela noite, vi que o tal representante tinha vontade de contar uma história que ficou trancada na garganta. Disse apenas que nas casas de cerveja se esconde toda a dor da Europa. Completei a ideia dele, dizendo que as alegrias também se escondiam lá. Ficou mais triste quando disse que destacava perder amigos nas docas. Pensei comigo que um especialista não perde amigos nas docas. Tomamos “bier” até a meia-noite e no outro dia íamos levantar âncora. O navio iria vazio até a Inglaterra, onde carregaríamos as primeiras máquinas a vapor para serrarias do Brasil. Cantamos pelas máquinas do mundo. Já então estávamos vendo a casa rodar. Ia inda embora, quando Eugen, assim dizia ser seu nome, me falou:

- Noch ein Bier zu den Engeln\* - e riu, tristemente.

No outro dia, antes de partir, veio tão triste e eu estava alegre por soltar meu pássaro e fazê-lo cantar em Hamburgo. Disse que veio fazer a última verificação, para mandar o relatório para o grande estaleiro, no qual trabalhava. Perguntei a Ignatius Feuerbach, tendo os pés em brasa:

- Alguém esteve com ele na verificação das máquinas?

- Nein, nur alein.\*\*

Foi o suficiente para eu ter certeza. Eu mesmo completei a história:

- Algumas horas depois ouviu-se um estouro na sala das ferramentas e se viu fogo por todos os lados, não foi, Ignatius?

- Duas horas depois – Melhorou o tempo do desastre. Disse a Ignatius o que concluía a respeito do acontecido. O fato tinha ligação clara

---

\* *Mais uma cerveja para os anjos*

\*\* *Não somente sozinho.*



entre Jacob Stein, o senhor Eugen e o fogo em nosso pássaro veloz. E tudo mais relacionado com o comportamento de Eugen, se ligavam como as contas de um rosário.

Devíamos procurá-lo à noite e seria até possível encontrá-lo numa casa de cerveja nas docas. Temo que o tenham mandado tomar cerveja com os anjos. Aí, sim, não poderemos vingar o canto apagado do Phênix.

Sáímos à noite e andamos por todas as casas. Já sentia o gosto dos pecados das docas. Cantávamos e eu contava as minhas histórias ao maquinista. Estávamos à procura de um incendiário.

No final da segunda noite, no lugar onde eu desconfiava que Eugen pudesse estar, encontramos o bastante ausente e procurado homem. Não se precisava alargar o julgamento para avaliar que estava devorado pela dor. Quando Ignatius falou baixo “Dot is der Man”\*\*\*, eu já sabia que era ele. Fui chegando para o lado dele, cantando... Tirol, Tirol, Tirol, du bist mein Heimat Land\*\*\*\* ... Sentei-me, ingenuamente.

- Aqui tem um lugar e um amigo. Tenho minha cerveja. De que preciso mais?

- Um pobre estivador! Olhou-me como se falasse.

- Naiá dann, Bruder!\* Meu alemão sofrido indicava a minha origem. Estava bem escondido em minha conversa de pobre. Disse-lhe que iria fundar um movimento comunista em Hamburgo, que assim não dava para tirar nem uma batata por dia. A Europa já tinha mandado às favas mais de oito milhões de miseráveis e ainda não tinha tomado jeito para pagar melhor a sua gente. Nos estaleiros e nas docas, a coisa estava dura. Tinha que mudar no grito e na pancadaria.

---

\*\*\* *Lá está o homem.*

\*\*\*\* *Tirol tu és minha pátria.*

\* *Então irmão.*



Foi o suficiente para mostrar a sua inconformidade. Com certeza, tinham-lhe dado uns miseráveis marcos e, por piedade, alguns Pfennigs pelo incêndio no Phênix. Falou, enfim, o companheiro:

- Estou contigo, irmão! Nos últimos meses, trabalhei no perigo de fogo e o que me restou? Ameaça de morte e um dinheirinho que está no fim.

Mostrei-me solidário: um bom companheiro. Ai! Ai! Ai! Das mach mall nicht! Das ist so shweer! – Un wie!\*\* – Continuou.

Arrisquei:

- Tenho ajudado a um monte de gente que estava “Mi’m Arsch im Stecken!”\*\*\*

- Mas nenhum dos teus amigos teve uma estaca cravada tão funda. Tenho mandado amigos livres para a América e hoje eles prosperam com seu suor. Bandidos aqui, e lá, alegres cidadãos. Posso fazer isso a meu amigo?

-Ô mein Bruder... Isto estaria além do meu merecimento!, exclamou ele, indômito. Aí desabafou fundo. Vomitou o remorso que estava trancado como um vulcão sem saída. Era um mineiro. Bom na detonação. Quando os pulmões lhe doerem pela primeira vez, resolveu ir para a beira do mar. Trabalhava para os Transportes Germânica. Um dia... foi em setembro, um dos chefes da Companhia o chamou em particular para ver se podia fazer dentro de um navio, o mesmo que fazia nas minas de carvão. Disse que não era de confusão e que não tinha esperteza para barulho grande. Perguntei-lhe o nome do chefe e, como já esperava, respondeu que era Jacob Stein. Tremeu o meu coração, que começou a corcovear como potro de primeira encilhada. Pensei à toa: “So ein’m man

---

\*\* *Isto não se faz. Isto é pesado demais! E como!*

\*\*\* *Com o rabo na estaca.*



muss man auf die Schniss hauen, fa Kaputt!”\*\*\*\* Então estimei a conversa. O seu Eugen Engelmann continuou:

- O filho da puta do Stein só me pagou a metade do serviço, dizendo que não pagaria mais, porque não fizera estrondo, não partira o navio em dois. Na verdade, armei o foguetório para queimar e não matar.

Perguntei-lhe por que tivera esta bondade. Aí o homem me comoveu. Ele tinha um baita coração.

- Acho que se não tivesse visto o rosto do maquinista, até que teria coragem de botar um petardo pra jogar a chaminé em cima de Londres. O que eu tinha de tomar cerveja com ele?

Falou-me sobre o som do cuco. Era assim que chamava o navio. – Cantou comigo neste mesmo lugar. Daria hoje o resto dos meus Pfennigs para ver o seu rosto e acabar, de uma vez por todas, com esta sensação de tê-lo assado vivo como um pato.

Começamos a brincar e eu lhe disse que conhecia um lugar onde os patos gordos voavam sobre os pântanos férteis durante o verão. Que neste lugar não precisaria contar os Pfennigs durante o ano todo para comer uma pomba recheada no dia dos Reis. Perguntou-me se neste lugar havia cerveja. Falei-lhe que tinha a “Ritter Bier” e também havia um porto chamado Porto Alegre, onde havia mulheres lindas com seios firmes. Que sua cor era como a do pão tostado, sovado, passado do ponto. Cantamos mais um pouco e aí eu fiquei sério. Era tudo ou nada:

- Herr Engelmann, se você ficar por aqui mais alguns dias, não verá as mulheres de Porto Alegre e nem tomará sua cerveja. É certo que tomará cerveja com os anjos. E a coisa estava para ele mais para suar eternamente. Disse-lhe que fora usado para acabar com a minha pequena empresa e com todo o esforço que eu havia dispendido. Falei com clareza:

---

\*\*\*\* *Num homem assim, deve-se bater no fucinho até morrer!*



- Não vim para tirar desforra, viu, mein Freund\*\*\*\*\*? Vim para pegar o dinheiro do meu navio e convidá-lo para sair dessa. Vim para dar um navio novo para seu amigo Ignatius Feuerbach, para que ele possa ouvir o som que o navio faz.

Perguntou-me sobre o que deveria fazer para obter esse benefício. Apresentei-lhe o meu plano: - se você tiver a coragem de me dar por escrito o documento assinado, acredito que seu Stein, na sua Companhia, não quererá se expor sua fama, a um escândalo de polícia! Saberei agir como uma serpente e terei a violência de um touro, falei.

Concordou com o plano e pediu que o enviasse logo, num porão de navio, para o Brasil.

Chamei Ignatius Feuerbach que, de longe, assistia, torcendo por um bom termo. Em bons termos, tudo foi acertado. Enquanto os dois amigos se abraçavam, decidiram tomar cerveja em Porto Alegre. Bem mais difícil que este momento, foi convencer as chefias da Companhia Internacional Germânia a se reunir para negociar, às dez da manhã, com um representante de exploração do Brasil.

Exatamente a essa hora, entrei na sala de reuniões do Conselho maior da Companhia. Fui breve:

- Apresento-lhes uma cópia, envolvendo esta Companhia no crime ocorrido no navio Phênix, no dia 10 de setembro. A testemunha está viva e afastada de vossas mãos. Venho propor que paguem, imediatamente, a quantia devia a meu navio afundado.

Dei-lhes o valor e me calei. Fiquei surpreso ao comprovar que o crime não fora deliberação isolada de Jacob Stein. A questão transcendia a uma vingança pessoal.

O chefe riu no início, dizendo que nada temiam. E eu lhe disse que vinha da parte de meus companheiros da América. Que estava bem

---

\*\*\*\*\* *Meu amigo.*



acompanhado e que se saísse sem o valor exigido, igual ao documento daria entrada, como queixa sobre o crime, à polícia da Alemanha.

- Se acontecer qualquer coisa a mim, em Hamburgo, tem gente suficiente para declarar, além do crime, este que agora estão com desejo de praticar. Apenas não fui ter com a polícia, porque preciso dos marcos logo e o negócio assim será mais limpo. Espero pela solução durante duas horas, isto é, quero ter nesta mala o dinheiro do meu navio.

Emudeci. Apenas vi que os olhares se dirigiam para Herr Jacob Stein, que estava tão branco como as geadas nos vales da serra. Indiscreto, um dos chefes falou, dirigindo-se ao meu inimigo:

- Você disse que estavam mortos!

“Sempre tem alguém com boca de jacaré”, pensei Aliviei-me um pouco quando o chefe maior falou:

- Para aonde levaram o casco?

- Isto é para depois, retruquei.

Entregaram o dinheiro duas horas depois. Conteio-o. Estava certo o valor. Falei calmo, mas me segurando para não sair aos pinotes, como potro livre no campo:

- Vocês foram compreensivos comigo e eu serei com vocês. O casco foi avaliado e está em torno de 1/4 do valor do meu Phênix quando novo. Se conseguir que volte a ser como era, apresentando um som igual ao do meu pássaro original, devolverei mais 8% do valor existente nesta maleta. Senhores! É verdade, poderíamos estar mortos, se não fosse a união dos transportes do cone sul da América. Não mais temos um navio que entra sozinho nos portos do mundo. Somos mais, muito mais. É bom que nos tratemos com respeito mútuo. Em nome da “Liberais e Denkemann”, agradeço o respeito que teremos, de hoje em diante, uns pelos outros. A Europa não pode desprezar os filhos pobres. O orgulho



ferido de um homem pode levá-lo por caminhos insuspeitos, completei, emocionado. “Auf Wieder sehn.”\*

Com mais três dias em Hamburgo, tinha completado minha missão. Em meio ano teria meu navio Phênix. A tripulação faria curso sobre o novo navio e gastaria o resto do tempo em estágios nos navios da “Hamburg Schiff”, à exceção do maquinista, que, com Eugen Engelmann, iria conhecer Porto Alegre.

Retornei a Trier, mais precisamente a Deuselbach, mein Klein Platz\*\*. Fui rir com meus tios a passear nos campos de centeio da infância de meu pai. Queria os vales e uma pequena floresta. Um poço velho e alguns pardais. Tios bondosos, sem inquisição. Queria sentir uma montanha.

Pedi licença e fui sozinho até o lugar por onde passavam os peregrinos de 46. Entre eles, meu pai. Nada mais queria que apenas estar aí. O frio começava nas montanhas. Queria ver alguma cegonha perdida indo para o Mosela. Abracei tia Greta e tia Lina, que envelheciam, e voltei para Hamburgo. Tomei meu navio, porque a serra e a campina me esperavam. Tinha saudade de Genoveva, Prisca e Patrícia. Estava me cansando da gente certinha da Europa. Ufa! Que diferença entre as almas! Preferiria aquela América do Sul. Antes, porém, de embarcar, mandei uma carta a Companhia Internacional de Transportes Germânia, dizendo que podiam esquecer o ressarcimento dos 8%, porque havia esquecido, no atropelo dos cálculos, que devia pagar, durante meio ano, à minha tripulação. E a gente do mar é muito exigente. Na verdade, as despesas todas somavam mais 2%. A companhia teria a sua honra totalmente recuperada se me devolvessem, pelos meus cálculos, o que ainda me deviam. Os senhores chefes poderiam estar melhor, se não tivessem

---

\* *Até logo.*

\*\* *Meu pequeno lugar.*



metido no meio o mesquinho Jacob Stein, que, por sinal, paga mal os seus funcionários nos armazéns de Hamburgo.

Entrei no navio e poderia chegar a Porto Alegre para celebrar a festa dos Reis. Buenas! Não tinha o que fazer no navio, a não ser cantar com alguns imigrantes, contar histórias, animar a gente eu vinha e pôr meus pensamentos em dia. Estava sendo perigoso viver nos últimos tempos. Avaliei que tinha no sangue o gosto pelo perigo e pela invenção. O mar também tem a prioridade de pôr na cabeça ideias de conquistas. As vagas do pensamento, ao balanço do mar, também são incertas. Prendi algumas delas como definitivas e gostaria de, sem constrangimento, pôr sem rodeios, à contemplação de minha descendência. Nada é definitivo e absoluto, a não ser aquilo que queremos que seja. Podemos criar, que o mundo é feito de barro. Se queremos podemos fazer uma Associação Latina de interesse comum. Ela me valeu sem existir, imaginam se existisse.

A história de Deus é feita por seus filhos. Não acho que devemos deixar tudo à sorte, porque o Senhor pensaria que seus filhos são “tutti bauchi”.\* Uns estúpidos que não puxaram ao Pai. É bom viver na alegria e no destemor. Já nos é difícil lutar para impor o dom da valia pessoal e por que fazê-lo cheios de rumor. Por exemplo, os comunistas. Estão sempre enchendo, cheios de lástima e descontentamento. Amarguram-se a ponto de querer destruir tudo em nome de Marx. Querem entregar o dom da vida ao Estado. Que lutem com galhardia e que ponha sérios limites naqueles que sempre têm o demônio da exploração. Rezo a Deus para que me afaste dos comunistas, só pelo medo de ser fascista e amargo. Que afastem os reis poderosos, mas não entreguem a ninguém a liberdade, como a da alegria de estar pensando e de poder ter, nem que seja uma pequena horta, para pôr em dia a invenção. Que cantem nas calçadas! Que deixem as marchas do Estado! Que tenham a reciprocidade: aquele gosto infinito de experimentar tudo na alegria e dor dos outros.

---

\* *Todos estúpidos.*





A dignidade de um homem eleva-se na oportunidade dos outros. Se assim for, se tem o dom da vida expressa em todo o canto. E chega de tomar esse mar como inspiração, que cada um tem o seu.

Para colocar-me em dúvida sobre a minha própria grandeza, havia no navio uma mulher espanhola, com os olhos de muçulmana, escuros, fundos como uma noite ardente. Ui, ui, ui! Este veludo negro-doce, fundo como abismo, tinha tudo de terno e eterno. Olhavam-me estes “ojos negros de mirada chirusa com sons de guitarras”. E seria eu o violeiro? Chê! Barbaridade! A natura pura dava-me bordoação de cheio, igualzinho ao lagarto, doidinho o bicho, pelo mel de lichiguana. Quisera ser mouro-muçulmano de cepa, morando em barracão, ao sol do deserto, sendo obrigação ofertar filhos ao Maomé, com quantas mulheres quisesse! Mas não! Tinha casamento cristão, rude, austero. “Mi corazón pobresito! Que se vá o casamiento! Díos há hecho el hombre con flancos nudos e nerviosos”. E o bichão estava valente que nem bombacha esconderia! Um pecadinho no navio, nesse imenso oceano, nem seria levado em conta. Diante do Juízo, teria tanta desculpa! O calor do Equador quem é que fez? E a indômita natura? E aquela cor morena? Quem ensinou o coração a ter frêmitos de João-de-barro no seu canto depois da chuva? Era judiaria não tomar-se de surpresa e, sem nenhuma duvida, ir lá e cumprir os mandos naturais! Mas enfim, olhando na direção de Porto Alegre, vi-me no mar em força parelha com um cavalo crioulo. Pensando ter convencido a Deus e aos costumes cruéis, já soltando as velas, pensei: Só tu, Genoveva! Poderia enfrentar o olhar do infinito, mas não o de Genoveva. Ela, que me perguntava seguidamente, na brincadeira:

- Escucha, mi bagualito! Se em lugar distante estiveres, sem que ninguém saiba, e sem que ninguém venha a saber, solito no mas, e te vier entre brumas, uma morena maleva da cor que tu gostas, daria pra ela ou deixaria pra mim?

Respondia sincero e convencido:

- Nem em pensamento eu te deixo por outra qualquer, nem que seja índia mais que perfeita!

Tá dito! Tá falado! Buenas! Tomada a solene decisão, à noite, no salão, vi seus olhos de mil guerras vencidas. Ofereci-lhe um vinho.

- Não é como os de Andaluzia, mas é das terras de meus pais.

Nas colinas do Mosela, os bagos eram fartos... Fomos conversando, sem arredios. Lá pelas tantas, a sua mão suave tocou a minha mão rude e o coração galopito... Expliquei-lhe a minha terra... e diacho!!! a boca estava com palavras de poesia, saía livre a prosa, dizendo a impressão da serra, do vale e da cercania. Falou-me, amena, que ia ver o “novio en Buenos Ayres”. Disse-me que eu fazia lembrar-se dele e que “me hace gracia por tal mirar-te. No pienso sino em Albertito...” Falei-lhe que não tinha estampa de ninguém, “sino la mia mismo”. Desanimou o lagarto e a lichiguana podia ficar em paz na macega. Falei com ela debaixo das estrelas, com o orgulho ferido e sem a maior tentação.

Os candelabros transformam-se em candeias e a música ficou triste. Falou-me:

-“Sin embargo legustaba hacer cariño em lanoche tibia” , e tocou minha mão, olhando-me com os olhos fundos e de lume feito. Pensei: “Que soque, seu Albertito, onde ela quiser, que não sou nenhum rufião”. Acabei dizendo que estava muito cansado e que tinha uma mulher tão bonita quanto ela me aguardando em Porto Alegre. Que tinha duas filhas, que carregavam a alma toda da América Latina. Para completar a dose, falhei-lhe que, que não teria outra igual. “Igual que el, solo el”, brinquei.

Reconheceu Amparo de las Gracias seus brios. Agradeceu-me pela companhia e pelo vinho e se afastou com dignidade. Tentei inventar uma canção no meu sofrido portunhol.

Lejano estan las ventanas

De mi pequeno hogar.  
No mas se bacen los ventos  
Ni los sueños p´a calmar  
El deseo de mi rancho.

Sem mais nenhuma grave tentação, cheguei a Porto Alegre. Nada queria além de Genoveva e de minhas pequenas.

No Porto, estavam contentes por me ver os dois heróis: Engemann e Feuerbach. Brinquei com eles:

- Olha essa amizade de marinheiros !!!

Trabalhavam no armazém da nossa Companhia. No outro dia, Engemann estava a caminho de Santa Cruz, pois o buscariam, sem descanso, até nas docas de Conchinchina . Duas coisas eu queria: estar em casa por alguns dias e tomar meu pingo para camperear trabalho no pago, fosse onde fosse. Solito na mas!

Alegres foram os dias dos Reis, quando chegaram amigos de todas as partes das colônias. Pareciam os magos, desejando que nos fosse gentil a sorte que também queriam. Outro dia, peguei a minha amada Genoveva e mais Prisca e Patrícia, e fomos contentes passear na casa de meu pai. Era 09 de janeiro de 1895. Já corria solta pelos caminhos, a história de um alemãozinho das picadas, que tinha enfrentado meia dúzia de bandidos internacionais e levado luz e meia. A indiada que merecia ouvir uma história na qual tivessem vez e pudessem, de peito aberto, dizer: “Se metam, gringaiada, que vão levar pialo”.

la esquecendo. Nesta viagem, fomos de trem a São Leopoldo. Buenas, por esta época, no Rio Grande do Sul, o apito da maria-fumaça já se ouvia em quase todos os rincões. Foi então que eu contei para a Genoveva como tinha enfrentado a tentação da espanhola. Volta e meia,



malandrona, me dizia: “Albertito, mira mis ojos negros”. Ríamos os dois, á toa.

Falei com meu pai, animando-o em sua fraqueza. O homem estava sereno, o que me deixou contente, por pensar que também podia esperar a morte chegar, sem angústia. Meu pai falava nela tendo os olhos de Deus. Donde tirara tanta certeza, não sabia. Até a voz dele já era um sussurro. Ai, minha esperança pequena perto da sua fé. Dizia que não tinha tempo a perder, que estava vestindo a roupa nova, pois em tudo que via, fazia ou tocava, encontrava um conforto.

- Queria ter o tempo da minha juventude e o gosto que tenho por viver. Parece que o mundo se debruça nas horas que eu ocupo. Assim se pronunciou.

Olhava para as minhas pequenas como se elas fosse regalo. Me ensinou a viver, me ensinava a morrer. Mais ainda aprendi: as crianças ficavam encantadas ao ouvi-lo. Estimei que estivessem falando uma linguagem que, na minha estultície, não podia entender.

Voltamos, Genoveva e eu. As crianças queriam ficar com o silêncio das árvores, na casa dos avós. Fui fazer minha viagem, como aquela de tamanduá-mundéu: nada mais por companhia que a surpresa do dia nos caminhos abertos de Cachoeira. Fui a cavalo, pois precisava de solidão, um pouquinho só. Como desculpa para uma viagem assim, pois tinha trem, afirmei que devia ver as produções daquelas bandas, como quem especula, cuidadoso, para deixar o que não presta. Nem cavalo esbelto eu quis. Fui com um matungo mesmo e na volta deixaria o animal encilhado, de presente, para um paisano. Voltaria de trem se alguma notícia houvesse sobre alguém precisar de mim.

Já tinha o Morse passando sinal pelas coxilhas. A modernidade tinha chegado. Encomenda o meu telefone para o próximo ano. O inverno chegara cedo naquele ano de 95. Levei meu bichará\* na garupa, pois

---

\* *Capa grosseira de lã.*



queria sentir em tudo, m o tempo que se ia. Dava para sentir que ele era um fujão. Estava vindo o automóvel. Tinha encomenda de muitos em Porto Alegre. Havia aqueles que já se assustavam os jericos. A luz elétrica tiraria o brilho das estrelas em pouco tempo. Gostava desse tempo ligeiro, mas não desprezava o que se perdia. Queria tê-lo, sem incômodos. Parecia que o tempo das árvores e dos animais estava com pouco prestígio. A conversa amena perdia para o grito “Sai da frente!”. O tempo dos costumes novos não se dava em nada com aquele das taquaras e dos sonhos das noites calmas. Se os dois eram bons, na “substância”, um dia se encontrariam na curva de qualquer rio ou numa estradinha qualquer.

la assim meditando sem pretensões maiores quando vi que estava indo mais para o tempo novo que para o velho que se afastava. Buscava. Cachoeira para tratar das máquinas a vapor que seriam montadas por lá. Vinham, aos pedaços, de England Company. Eu mesmo trazia a morte dos velhos troncos que pouco caíram na serra, no campo e em todo o vale do Uruguai. E agora que se hace? Tinha que cumprir o meu tempo e ver o melhor jeito de não botar fogo na casa. Mi corazón pobrecito!

Não mais se buscaria as mulas em Passo Fundo. Os ornijados tristes dos jericos, ao entardecer, quem faria? O som dos motores dariam conta, com tanta simpatia, dos barulhos da vida? Quando ficasse tudo cheio de fumaça e nenhum duende se escondesse mais na floresta, talvez plantassem as sementes escondidas nas fendas das rochas e chamassem os duendes de volta. Os motores a lenha, os de eletricidade, os de óleo, os de gás, os de água e todos mais que nascessem, roncaria ao entardecer, dando conta dos sapos e das cigarras?

Reclamação justa foi a do velho Alexandre, que levava um tempo subindo o rio. Quando lhe pedi que fosse de trem para poupar seu tempo, perguntou:

- O que vou fazê com o tempo que sobrar?

Respondi que sobraria mais tempo para trabalhar em São Leopoldo. Ficou triste o bom negro murmurou decepcionado:

- Quem vai cuidá das taquara da beira rio? Quem vai ouvi as saracura dos riacho que dão Sinos? Quem vai fazê o chuá das águas na madeira da canoa: E o meu tempo de imaginá, onde vou encontrá? A mãe das água quem vai saudá quando vai embora de manhã?

Com piedade, compaixão e julgando que tinha um eito de razão, disse-lhe que uma vez por mês poderia trazer a carga pelo rio, no seu lanchão preferido. Os outros eu vendi, quase de graça; ficou apenas o lanchão do Alexandre, mas não me arrependi. Por falar no Alexandre, me lembro como se fosse agora, do dia em que recebeu o primeiro salário, depois de liberto. Era dia do pagamento de todos. Eram cinco. Ao pagar-lhe, como se fosse rotina, o meu filósofo negro chegou-se, com ar diferente. Quando recebeu, vi que chorava.

- Escuta aqui, postei a voz fraternalmente, se achar que é muito, pode devolver.

- Meu sinhô, to com ar de socó doente, verdade. Nem é de melancolia nem de banzo as lágrima do rosto. Desdi manhã que acordei com uma alegria tamanha, comovida. Igual que se tivesse alma sem governo. Si não fô de mau agrado, quero le falá dois dedo de prosa.

Apressei-me a atender a sua intimidade, oferecendo-lhe um chimarrão. Quando o Grossmann entrou e viu que conversava com aquele ar reverente com o negro, olhou-me com reprovação. Saiu-se, despeitado, o comprido alemão. Aí continuou a falação mansa do Alexandre, provando o quanto estava certo:

- Pois óia, sinhô Bonifácio, hoje to livre. Falô minha mãe, aquela que sinhô seu pai e vosmecê aliviô de grande dô: “Fio do coração! Conto a história de teus pai. Teu avô veio da Bahia, comendo raiz e mel de abelha no sertão, fugindo pro Rio de Janeiro. Prenderam o Fabião, teu avô, como se amarra cachorro. O pai do teu avô veio da África, mãe de nós todos. Morreu cedo, choroso, de um banzo só dos irmão, das água e bicho que tinha por lá em fartura. Perdida a livração do corpo e da alma, só le sobrou a tristeza, vexame que rebento o peito dele. Fio do coração! Hoje teu suo



tem preço. Livre como um pássaro livre, vai, fio, traiz os teus luxo e te faça inteiro o livramento. Igual tão livre seja os teus fio, como o teu patrão sinhô Bonifácio.” De acalanto vou fazê meus fio. Quero uma casa branca e uma escolinha igual que tem os galeguinho. Sonho demais, sinhô, me diga vosmecê.

Buenas! Foi então que tomei meus propósitos que me fizeram respeitado e mesmo muito amado. Fiz meus cálculos e criei um conjunto de mecanismos no pagamento, que permitissem alimentar boas expectativas para os seus. Naturalmente, isso implicou a diminuição do capital. Mas Alexandre foi quem me inspirou na política de salário. E nestas alturas, soprando o vento do final de maio nas terras de Cachoeira, estava eu meditando do alto do meu Rocinante, como meu pai chamava o cavalo de um grande herói espanhol. Saía solto o verbo do interior. Se todos fizessem assim, não teria carência a chatura dos lambanceiros do comunismo, que se não fosse o despotismo, estavam encobertos de razão, tirante ainda a voz do Estado, tirante o papo grosso e o pouco trabalho, tirante o bruto da matéria. Buenas, ficava o que mesmo? O desejo de ver uma distribuição justa da riqueza. Mas para isso era necessário tanta coisa maleva? Por que a minha santa madre igreja estava tão convicta contra a comunistariada? Por que não aproveitou sua força e avançou na justiça que já tinha mesmo perdido a vez? Vai ver que um dia vai querer tornar favorável o partido deste tal de comunismo, porque quem muito desdenha, quer comprar.

E falo mais sobre o seu saber. Assim penso e digo: o Governo deve se meter nas questões essenciais, nos direitos principais, deve cortar a riqueza provocante e fazer entrar dinheiro na casa da pobreza. Não pode se omitir, mas também não pode tirar do peito do cidadão a invenção própria e de interesse pessoal. Adoro uma cidadezinha onde todo mundo labuta. Adoro um burgozinho onde pelo suor e engenho particular se reconhece o bom vivente. O emprego público é, na maioria das vezes, favorecimento. Neste Brasil, então, nem se cogita que seja diferente. Veja o Júlio de Castilhos, com sua republiqueta. Faz e desfaz, nomeia os



delegados, os juizes, conforme o cuidado que tem pelas urnas e distribui outros favores aos mandos dos coronéis. Quando virá o tempo em que cada estado tem o controle de sua gente, cada município o seu cuidado, sem precisar pedir bênção onde estiver único patrão chamado presidente? Não se pode acalmar os maragatos, pois é justo o seu querer. No alto do meu generoso matungo, terminei a viagem. Que linda cachoeira!

Fiz um farto negócio para a primeira carga do meu Phênix: vinte e cinco máquinas a vapor. Em vez de me entristecer pelas árvores mortas, me alegrei pelas casas. Quando fui dor o meu pingo, que vendê-lo eu não queria, fizeram de menos, dizendo que dele só queriam os pelegos e os arreios. Peguei o animalzinho, coloquei-o no trem e fomos negociá-lo no Rio Pardo. Tratei de bons negócios, oi se tratei, que terra boa mora lá. Os açorianos de respeito tiraram grãos e mais grãos do vale do Jacuí. Também ali fizeram de menos do meu Rocinante. Quando o coloquei no trem, rumo a Porto Alegre, parecia que falava o meu bichinho mil cruza “Tá difícil de se ver livre de mim!” O seu olhar intrigante me convenceu a adotá-lo como herói, meu companheiro fiel.

Até o ano de 1897, não mais saí dos arredores de minha casa. O caminho mais longo que fiz foi até meu pequeno lugar, São José do Hortêncio. Neste ano, compramos uma pequena embarcação, para iniciar ligações de compra e venda com o pessoal do Prata. Deu apenas para o gasto.

Em 1898, disse para mim mesmo e aos meus:

-Vou ver toda a serra; quero vinho de outras pipas. Deixei meu Rocinante em dia. Fino alimento te dei. Montado, estava em São Leopoldo, rumando a Hortêncio, quando começou o meu desânimo. Era de manhã e meu fracasso era mortal. Desci aos infernos, lamento não mais sair. Cercado pela minha gente, tive a morte a dois palmos. D mal acontecido, descrevo que foi dor demais. Estava começando a poetar como era bonita a estrada e o meu pensamento não continha. Lembro-me de um tiro e de





outro mais. Uma dor no joelho, o relincho do cavalinho. Um baque sem dor e outro tiro ainda mais e o meu joelho ferido de dor. Sumia no meio do caminho. Pensei ainda: “É assim que me vou”. Retomei o pensar sem saber nada sobre o tempo. Ouvi apenas: “Este não vai mais usar urtigas!” Me julguei morto apesar da dor. Devia ficar imóvel, pois deduzi que era assim que um morto ficava. Ai fiquei, em plena confusão, mas ao pôr meu vago olhar na estrada, vi: balançou-se um pé de capoeira. Fixei o olhar aberto. Era um homem com um sinal largo na face direita e um nego que me pareceu conhecido. Depois desapareci por instantes e acordei ao lado de uma carroça. Falei que meus joelhos estavam quebrados e pedi que me levassem dali.

Ressuscitei em São Leopoldo e ordenei que me conduzissem a Porto Alegre. Fui transportado em um barco e quatro dos meus sócios, negros taludos, me levaram rapidamente. Uma ferroada funda eu sentia as ligações e só era aliviada pelos respingos dos remos. Uma solidariedade benigna me cercava e Alexandre ficava comovido. Rijos estavam seus braços pela rapidez com que remava.

Buenas, vou apenas resumir que dores fortes me foram companheiras; de desânimo, caí. Com os esforços médicos me sobrou uma perna inteira e com boa movimentação e outra rija como um poste. Emperrou-se a minha dobradiça. Chorei pela minha liberdade e pelos meus joelhos feridos.

Aos poucos andei, mas tinha a certeza de que um pedaço de mim se fora. Perdi a direção dos meus sonhos, perdi o apetite do vento, tanto fazia o encanto da montanha ou a dolência dos vales. De nada adiantou o discurso de Genoveva, sobre o quanto eu era bravo. Havia perdido. O Bonifácio tinha caído da árvore e quebradas estavam as pernas do guri. Via apenas os galhos podres no chão. Dizia: “Levanta homem, assim não se resolve... Quem tem que rir da tua astenia é dona Valdiva!” Fiquei frio por dentro, como geada em tabatinga. “Eis mulher de frieza!” Há quase trinta anos a cascavel armando o bote.



Pedi conversa reservada ao Steinhaus, o homem das horas de vicissitude, e falei:

- Herr Steinhaus, tenho certeza, foi Valdiva quem mandou fazer os serviços em meus joelhos. Quero uma conversa com esta mulher. Me localize a tanajura e um monte de urtiga braba.

Veio o recado, alguns dias depois:

- Pode vir, Herr Bonifácio, que achei a toca da formiga.

Era abril de 98 e fui ver meu irmão de confiança. Me satisfez completamente, dizendo o nome e sobrenome dos dois que fizeram tocaia. Por fim o Steinhaus concluiu:

- Toma este maço de urtiga. Ela vai te encontrar no bolicho de Lutzmann. Pensa que vai ser negócios de alta representação.

Veio uma senhora quase dobrada sobre si mesma, mas com um olhar altivo. Sentou-se ao meu lado e já ia falar sobre as revendas, quando a fiz ver quem eu era. Estava amargo por causa da perna direita que era dura como um palanque.

- Senhora Valdiva! – Ela tentou sair e eu soltei a palavra em tom convincente: Se não falar contigo, meus amigos vão falar. A casa está cercada. Os teus amigos cometeram duas imprudências. A primeira foi não me matar e a segunda foi abrir a boca sem prudência. Se tivesse a mesma volúpia de minha juventude, seria capaz de fazer uma indelicadeza com a senhora. Apensar de toda a dor de um aleijado, não perdi o pouco de grandeza que resta na minha despensa. Mas todos os sócios da empresa, que são todos meus trabalhadores, não tenham tanta compreensão. Eles estão sabendo de todo o acontecido e quem o fez acontecer. O bom juízo diz que é melhor sumir, que nem todo sentimento se governa. Senhora Valdiva, estou muito entristecido e o meu rumo é incerto, nem eu sei como retornarei desta aflição. Tudo é possível a um homem. Meus respeitos por seu trabalho, seus produtos são bons. Quem sabe outras cidades os aceitarão melhor?



Aí ela se voltou e olhou-me corajosa e decidida:

- Durante trinta anos engoli, sem reclamos, a humilhação, até achar a hora precisa. Você pagou pelo seu exagero!

Fiquei calado depois de dizer: É bom que te vás se não queres morrer.

Tinha perdido o meu rumo e meu prumo, principalmente porque caminhar daquele jeito não dava retidão. Voltei a Porto Alegre e não tinha maneira de encontrar a alegria que se tinha ido com o óleo do joelho. Genoveva estava atarefada em equilibrar a empresa, pois a safra estava pobre e a instituição feita na coragem, sempre vive por um fio. Via que o meu sofrimento não qualificava nada. Sofriam minhas pequenas. Fiquei mais de um mês naquele desânimo, até que resolvi: “Vou comer mel de abelha e tomar banho nos rios de Hortêncio. Vou sentar no chão que me fez.”

Subi ao pequeno lugar, no mês de maio, que tinha o seu calor especial. Valeu a palavra querida de Prisca e Patrícia.

- A vovó vai cuidar do joelho, que vai ficar bom. O vovô vai contar histórias de rir e de chorar.

Genoveva foi comigo, tão serena e confiante! Expliquei: Três meses neste inverno é o tempo perdido. Não é questão de você não poder resolver, meu bem, sou eu mesmo que estou desfolhando, como pé de caquizeiro. Vai chegar o tempo da brotação, vou pegar costumes das árvores.

Uma moleza modorrenta, sem propósito nenhum, mas que me possuía, estava aí no meu peito como neveiro. Meu pai, que estava só sentado e quase sem voz, olhou-me, cheio de vida e preocupação. Minha mãe saiu de casa, gritando:



- O que fizeram contigo, mein Jung?\* Lieber Jesus, helf uns all!\*\*

Ali estavam dois homens tão frágeis: um, depenado até nos sonhos e o outro quase mudo. Mas duas mulheres de pé, fortalecidas por causa de uma fraqueza.

Genoveva voltou dois dias depois. Falou que poderia dormir como uma criança. Enquanto eu estivesse assim, ela cuidaria das estradas e das mercadorias. Riu na minha frente e não voltou porque chorava. Eu aí, parecendo emburrado com a vida. Minha mãe perguntou-me:

- Wie wá das?\*\*\*

Pedi-me que fosse até o rio tomar um banho antes que viesse o inverno. A conversa saiu sem dor e sem entusiasmo.

- As árvores estão todas decaídas, mas o sol brilha, suavemente.

Respira fundo, mein sohn!\*\*\*\*

No final do mês de maio fui até o Caí. Via uma pequena balsa que ora funcionava, ora era dispensada, conforme a estação das águas. Foi pela manhã que uma luz se acendeu. Uma ideia me fez levantar. E se eu construísse uma ponte e cobrasse pedágio?

Os moradores, para os quais expus pela primeira vez a minha pretensão, julgaram a ideia útil, mas difícil de ser praticada. Quando expus ao meu pai a ideia, ele percebeu que retornava para mim o calor pelas coisas. O velho se queixou tomar por um último sopro. Levantou-se, dando a impressão de que voltava a seiva o tronco. Débil ainda a musculatura, mas enrijecida na vontade. Tinha uma paixão. Em uma semana a vizinhança estava em torno de uma mesa de angico, discutindo o projeto.

---

\* *Meu guri?*

\*\* *Amado Jesus, ajude-nos a todos!*

\*\*\* *Como foi isso?*

\*\*\*\* *Meu filho!*



A voz de um pai estava com a corda esticada. Eu, inquieto como uma criança, discutia sobre o madeirame e a estrutura. O seu Albin firmou o pulso sobre o papel e lá estava, bonita como uma árvore, a ponte que contemplava as melhores ideias. Dona Magdalena tinha remoçado por acreditar que os seus cuidados devolviam vida a quem parecia morto.

Tiramos do poço as cervejas Ritter e cantamos com os vizinhos para comemorar a ponte. Hortêncio já se tornara paróquia e o vigário veio assistir à algazarra que estavam fazendo na casa do Denkemann.

- Was is dann los im Denkemann sein Haus?\* – Foi falando quando entrou.

Gritou de alegria:

- Deus fez um milagre nesta casa! Um Du, mein Jung?\*\*\* Você também andava com a graça perdida.

Completei a brincadeira:

- E sem fazer um só pecado mortal! A mãe terra e a primeira casa sempre reservam novidade. Tinha esquecido um pedaço de minha alma e vim buscá-la. Um copo de cerveja para p senhor, padre.

O barulho das conversas e dos cantos tinha suficiente alma, pois afinal não é todos os dias que se pensa em construir uma obra deste tamanho!

Outro dia contratei a gente do lugar. Os que tinham maior interesse ofertaram, quase de graça as madeiras. Não aceitava nada de graça, dizendo que negócio era negócio. E depois não poderia haver pechincha.

Em um mês e meio de árduo serviço, com duas turmas de trabalho permanente, concluiu-se a obra. Nunca alguém tinha visto uma ponte de

---

\* *O que está acontecendo na casa do Denkemann?*

\*\* *E você, meu guri?*



madeira tão firme. Os melhores troncos estavam aí. Minha mãe veio e ajudou a plantar alguns ramos. Chamou-me à parte:

- Meu filho em setembro vou plantar as sementes. Escolhi as melhores para ti. Quero que todos tenham orgulho de ti assim como eu tenho. A ponte está tão bonita que me dá vontade de começar a usar.

Estendeu a mão tremula para acariciar meu rosto. Aí fui que segredei:

- Onde é que a senhora guarda tanta bondade? Tem algum pé para muda? De que semente se tira esta coragem?

Respondeu:

- Deus assopra o seu vento em mim todas as manhãs. – Riu, erguendo as mão para o céu, mirando o projeto de meu pai, pronto sobre as águas do Cai.

Deixamos para setembro a inauguração. Voltei a Porto Alegre. De tanto movimentar-me com ânimo forte, a perna adquiriu uma pequena folga e o andar tornou-se mais elegante. A alegria tornou-se tanta que gritei forte no jardim, tão alto que o cachorrinho das pequenas se jogava para o ar. Na verdade, retomei a minha vida em outra proporção. Dentro de mim passou a morar uma força que insistia em erguer-me nas dificuldades e tornava exultante a alegria dos bons momentos. Até fiquei pensando que Deus só fortalece e concede a paz às almas, através do sofrimento. Ao menos, é certo, não concede nenhum favor de valia sem o devido esforço.

Genoveva, as crianças e eu fomos à inauguração da ponte. Tinha uma bandinha e fita. O senhor Albin e a senhora Magdalena é que assistiram a uma bonita cerimônia pela primeira vez. A bandinha tocou uma música: o regente fez questão que todos ouvissem. Seguiu-se a cantoria dos ilatianos:



Mérica!, Mérica!, Mérica!  
Cossa sarálo sta Mérica?

Puxei o meu alemão e também no embalo, expus o meu verbo:

- Liebe Zuhörer!\*\*\*

Este é um meio de união entre as colônias. Eu vi e ninguém me disse o quanto se fez pela união. O nosso trabalho e o apoio mútuo é que nos salvaram na América. Aprendi na minha casa e na casa de todos a ter minhas mãos a confiança. Esta é a nossa terra amada que nos recebeu no infortúnio e dela recebemos nova sorte. Esta ponte é o sinal de que muito mais podemos fazer. Da Europa pobre, pudemos fazer uma rica e sábia América. Além das escolas, aprendemos a fazer nossas igrejas e nossas estradas. Devemos pensar que não nos agrada o Governo que mal sabe que nós existimos. Precisamos pensar em ter a nossa voz e ninguém vai ouvi-la se a escondermos na floresta. O homem do interior nunca foi visto, a não ser à distância. Devemos elevar a nossa voz em Porto Alegre ou no Rio de Janeiro. Precisamos de representantes que falem sobre as nossas necessidades, com voz tão alta, que ao menos por um pouco de tempo se faça calar a voz dos poderosos. Salvemo-nos por nossa decisão, que ninguém olhará por nós. Não vamos perder a alegria de fazer a nossa vida, onde for preciso que ela seja salva. Ofereço, por três meses, o resultado do pedágio, para a construção de nosso Hospital. E dessa vez não vamos ficar quietos e humilhados vendo nossos filhos morrerem sem auxílio. Ouvi um murmúrio desta urgência em São José do Hortêncio. Júlio de Catilhos não pode ficar surdo para as montanhas, orientando sua cabeça somente para o sul. Dos primeiros dias desta ponte, vou cuidar eu mesmo, com minhas crianças e meu pai, a quem pertence o projeto. Depois, iremos em Comissão ao Palácio do Governo, que é nosso lugar. E

---

\*\*\* *Caros ouvintes!*



deste já, peçamos aos nossos políticos que se distribua o bem a todos nós, que já somos brasileiros. Danke Schön.\*

Nunca me senti tão honrado assim como naquele dia. Todos estavam contentes por terem um filho que não se contentou com o amável lugar, mas que mesmo assim, o amava ternamente. Conversei com Genoveva e expliquei-lhe que nós merecíamos 30 dias no interior. As crianças perderiam apenas uma semana de suas aulas. Concordou em ficar, contanto que ela e minha mãe fossem até Nova Petrópolis e Campos dos Bugres. Prisca quis acompanhar a mãe, ficando Patrícia comigo e com meu pai.

As flores do caminho da ponte nasceram todas. A pequena casinha do pedágio ficou pronta junto às árvores altas. Patrícia, pela primeira vez, à noite, ouviria os barulhos e os sons da floresta. Nem eu imaginava que tantos tons e ruídos brotam em um mato. Ainda bem que meu pai era incansável na revelação da procedência dos mesmos. Quando o ruidoso lobinho do mato ergueu a voz na montanha, até me comovi por sua solidão. Patrícia comoveu-se com o canto do ouriço.

Disse-lhe o avô:

- Oh minha criança, ele não costuma soltar sua flauta nesta época do ano. Fez uma exceção para te agradar.

- Vô, quem lhe dá a flauta para tocar?

Sem um riso o velho explicou:

- A flauta se esconde na garganta dele.

O seu Albin ergueu a cabeça e tirou da boca um idêntico assovio ao do ouriço. Nem dos sons, nem das vozes, nem das cores e movimentos da natureza, Patrícia colheu a melhor aprendizagem e bem-querer: Gentes

---

\* *Muito obrigado.*





que passavam é que mais a encantavam. Mesmo a mim, admirava ver a imagem das gentes que iam pela frente. Bonita é a face da pobreza, quando não perde a dignidade. A riqueza, ao contrário, sofisticada, enverniza, deixando o belo escondido atrás dos artifícios. A miséria profana suja a face da beleza. É grotesca a figura da miséria. O italiano Tagliapietra vinha com seu jerico branco.

- Olha lá um burrinho, minha filha! – E ela acrescentava:

- Olha as cestas de taquara!

Até o barulho sobre as madeiras da ponte tinha um som diferente. O pequeno Tagliapietra ia até o moinho do Mühlhoff buscar a farinha para fazer o pão e a polenta. Passava no bolicho do Braun para pegar alguns mantimentos. Sua fala alegre e carregada de sotaque, fazia minha filha olhá-lo como se fosse uma miragem. Nenhum dia se passou sem um quadro original.

Por estes dias, veio nos visitar o irmão mais novo, o Francisco. Vinha de Nova Petrópolis. Em tudo se enquadrava nos encantos de Patrícia. Entendia tudo sobre a natureza e nada ficava sem resposta. Contou-me que o velho índio Camilo viria. Minha filha não dormiu bem à noite, pela emoção de que conheceria um índio.

No outro dia, ele apareceu montado num cavalo baio, mas velho. E veio em nossa direção. Risonho por me ver, mas completamente apagado, não sabendo se o cavalo ou Camilo fosse desmontar. Patrícia sumiu dentro da casinha da ponte. Encontrei-a chorando. Dizia que perdera o sono esperando um índio verdadeiro. Expliquei-lhe que Camilo nascera na floresta e a história dele já lhe era conhecida pelas vezes que eu a contara. Voltou-se e comentou, inconsolada:

- Não se parece com índio e nem se parece com a gente. Onde perdeu as penas pintadas? Onde perdeu a pintura? É triste demais estar tão só. Onde está a gente dele? Morreu?

- Morreu, minha filha. Morreu.



Depois foi até o velho, mostrando nos olhos uma compaixão sentida. Era uma piedade de oito anos.

Quando passou pela ponte, o velho índio não combinava com nada. Contrariamente, dava orgulho assistir ao passeio dos poloneses sobre a ponte. Suas carroças limpas e suas mulheres com lenços segurando o cabelo, suas parelhas de cavalos esbeltos indicavam que, definitivamente, a pobreza tinha sido afastada com a própria determinação. Iam até Flores da Cunha. Carregavam, porém, a má sorte dos que chegavam. As malas velhas, roupas gastas, um rosto de antigas dores seguiam as carroças. Minha pequena perguntou por que alguns estavam tão bonitos e outros tão feios.

- Os primeiros foi aqueles que a nossa terra recebeu, os outros são aqueles a quem a Polônia não deu atenção.

Depois vinham as intermináveis perguntas que seu entendimento lógico não podia abarcar. Com cuidado, mostrava a minha pequena que não tinha nexos tudo aquilo, mas que ela podia fazer do seu lugar, um lugar justo.

- Então por isso o vô não cobrou nada dos que estavam quase sem roupa?

Completei, dizendo que tinha entendido a lição. E mais. Provei-lhe que a generosidade estica a vida, como é no caso do vovô, que Deus ainda não levou pela sua bondade.

Sob a ponte, voava também o Martim-Pescador, com suas cores discretas, para buscar alimento nos peixes distraídos. Passavam ainda os mascates, com sua conversa alegre cheia de fantasias. Levavam as notícias de todos os lugares, acrescidas daquelas de seus sonhos. Vendiam suas roupas com uma convicção e encanto que quem as comprava, sentia o elogio afastar um pouco a rotina trivial.

Os primeiros moinhos já se tinham erguido junto aos rios da serra. Mais outros estavam se erguendo para enfeitar os rios e as árvores da



beira. De fato, a roda, maior, o barulho da água e a alegria de quem buscava o alimento dizia que a vida das casas tinha o seu sustento. Não sabia, entretanto, que custasse tanto e tão duras penas, o transporte da mó. Esta que eu via passar pela ponte era puxada por bois, auxiliados por dez italianos e alguns jovens brasileiros. As suas roupas humildes, a compenetração e o cuidado desenhavam uma cena nova sobre a ponte. Era a procissão de uma linha que não media o esforço para ter o seu pão. Passaram também pela ponte os fradaldões capuchinhos que cantavam no caminho. Iam abençoar a polenta dos gringos e perdoar seus pequenos pecados. Era preciso a bênção neste difícil viver.

Depois desta aventura, a família de Bonifácio Benkemann voltou a Porto Alegre, porque bem mais tinha que fazer para salvar uma Companhia de Comércio. Genoveva tinha em seu trabalho um orgulho particular: o sustento e o resto lhe vinha com importante complemento. Eu tinha orgulho de ver minhas filhas fazendo seus planos com igual independência. Depois daqueles dias difíceis, acalmei um pouco mais o meu espírito nômade. O sossego da casa me acelerava e as conversas no porto me bastavam. Aprendi a coordenar as partes da Companhia, sem estar fazendo o que os outros podiam fazer. Seria o outono que chegava carregado? Sentia meu espírito em paz e não necessitava de grandes arroubos para colher emoções alegres.

Subi a serra duas vezes em 1900. Em maio, para enterrar meu pai. Quando cheguei em Hortêncio, ele já estava entre as tábuas de grábia. Mas nada disso tinha importância. O seu corpo sem vida era apenas um sinal do homem que habitava em mim, como um herói. Ele conhecia a própria importância na salvação de sua gente. Não prendera nada além do possível. Fizera dos seus sonhos uma realidade do tamanho de Hortêncio. Poucas coisas havia em Hortêncio que não tinham um pedaço de sua alma. Havia nele uma necessidade de esclarecer e de melhorar a consciência. Não suportava a ignorância e, talvez a escola fosse o único valor do qual não abria mão. Tinha a felicidade do saber e do falar... Sei que quando queimei os seus alfarrábios, o velho quase chorou. O que



sobrou, vou guardar como se fosse sua alma que insistiu em ficar. O bem que fazia, me fazia bem. Não perdeu nenhum segundo da vida. Este homem, sim, pelo grande esforço, merece uma eternidade. Mas não fez nada esperando em troca algum prêmio ou louvor dos vizinhos. A vida que levava em Hortêncio lhe bastava como prêmio. Dizia que o milagre estava diante dos olhos.

Subi também em setembro para enterrar a minha mãe. Depois que se fora o seu homem de bem, fenecera Magdalena. Começou a parar no dia em que Albin parou. Foi amada por meu pai como nenhuma outra mulher foi amada. Nesta exuberância nasciam os filhos. Mulher forte aquela a quem só bastavam as horas que tinha. Não parecia possível que seus dedos, apenas tocadas as coisas, pudessem pôr tanta ordem ou vida, quer fossem sementes ou objetos do dia-a-dia.

Ficamos sozinhos com todas as ordens de meu pai, que na verdade eram um convite à alegria de tocar cada momento com consideração.

O Rio Grande estava efervescente e cheio de prestígio. Suas colônias se mostravam industriosas. Ninguém podia negar: se fazia um povo diferenciado, decidido e voluntarioso. Mas os governos estúpidos continuavam a ver as velhas estâncias com seus imponentes caudilhos. No entanto, lá nas colônias abandonadas, os artesões encontravam tempo para pensar nas pequenas indústrias e as criavam. Tomaram conta do Vale do Uruguai e, enquanto sobrava terra nos matos, lá estavam eles, lançando sementes que colhiam. Túrgida esteve a semente para se fazer maior estado. Lentos pelo abandono e com pouco saber e apoio erguiam suas casas para transformar os produtos decididos a não deixar morrer o sonho.

Andei pelas colônias por mais algum tempo, fazendo negócios rápidos, que agradava a casa. Pelo trabalho visto, podia-se pensar em uma nova ordem. Os vinhos eram de ótima qualidade. As escolas estavam em todas as linhas. Nas vilas e cidades, as famílias levantam prédios para

estudos de grau maior. As pequenas casas familiares de indústrias diversificadas se transformavam nas primeiras construções. Assim foi com as armas, assim foi na cutelaria, nos calçados, nos chapéus, e nos instrumentos, incluindo a música. Em nada se perderia para a Europa, se a real preocupação fosse o desenvolvimento e não o privilégio.

Termino aqui este primeiro relato, nesta tarde quente de dezembro de 1915. Genoveva e eu, alegres, preparamos as malas. Vamos ver o nosso mais novo neto, Guilherme Alberto Davoglio. Estou cansado e mereço o meu sono.

Pensei que me contentaria com minha alma caseira, mas não. Estava ali procurando o homem que perdi no campo. Talvez no fluido do joelho se foi o homem da floresta e do campo, que não tinha alma nele, mas nas coisas estava a sua alma. Elas sopravam dentro de mim. Era minha vida parceira que se enrolava no trigo maduro, no gado que passava ou nas folhas verdes das parreiras. Em que juventude fiquei? Os tiros tiraram o dom quente das mulheres e dos pinheiros? O que me invadiu foi a saudade das lembranças. Saúdo os fantasmas todos que, reverentes, me saúdam. Mi pátria! Mi pátria! Saluto mia pátria! Saluto Bonifácio com tutti sui cose. Mas não posso viver das ilusões. Tenho ainda a luz que se apaga de tarde e se acende de manhã. Todos os meus sonhos, paixões, amores lindos das minhas pequenas, o corpo de Genoveva, assistem comigo a hora que passa. O guarda-louça avisa o meu passo e os primeiros pingos fazem os meninos recolherem o feno para o inverno. Este é o cheiro da velhice: o cheiro do feno no paiol.

A velhice é como uma folha no outono. Tem a cor dourada e contempla, mesmo que caia ao chão. Não tem mais a volúpia dos ventos nem das folhas verdes. Não quero perder a última inspiração. Em que juventude me perdi? Se foi como o fumo de manhã. Se foi como a fartura do meio-dia e como a hora da tarde. É uma hora sem fortes impressões.



Por que o calor das coisas se eu as tenho dentro de mim, se as tomo e ponho no meu colo e digo para Geneveva:

- Me dá tua mão. Olha a rolinha se aconchegando junto à outra. É quase a paz que senta na mesa e toma café sem pressa. Olha nós aqui, Geneveva, vivendo como os passarinhos, separando a areia das migalhas de pão. Não temos pressa, minha querida, minha paixão que se tange devagar, mas minha paixão.



## **OS ESCRITOS DE PIPPO ELIAS DAVOGLIO**

### **A ALDEIA CONSTRUÍDA**





## **INTRODUÇÃO**

As razões do meu escrever objetivam guardar da vida o pouco que se pode guardar. A maior parte se queda entre as mãos. Tanto se esbanja, que quero de boa vontade guardar um pouquinho dela. Ora quero guardar a memória das abelhas do Estado do Piauí, ora o gesto próprio e a palavra generosa que sai daquele povo. Não muito mais tenho que o fervoso desejo de fazer parte de uma raça que apenas quer viver de seu suor e com elevada consideração. Quero estar entre todos, piedoso como um jumento carregado com brucas fartas de bons mantimentos. Vou ter voluntária atenção sobre os acontecimentos, sem perder nenhum deles. É preciso arranjar as idéias dispersas como ovelhas nas malhadas. Que sofrimento custa estar à frente de uma Pátria nova! Juntar dissabores, cuidar deles como gado estropiado, reunir belezas e ajustar o Norte e o Sul numa aldeia só, são tarefas possíveis. Senti que é possível e por isso escrevo. Não tenho a intenção de propor nada de definitivo. Minha charla não é mais que um estremecido méé de cabras, enquanto comem o capinzinho do brejo. Não mais fartura de alma tenho que um buriti entre outros, erguido. Apenasmente falo sem paúra, no dizer franco de meu pai, empurrado, ventado por empréstimos de vida. Por baixo lucro faço a minha lição que é apenas um serviço de prazer.



Und das Häulein wuchs zum Hausen,  
Wuchs empor zu reichem Volke,  
Dank den Stahlkraft seiner Glieder,  
Dank den Segen aus der Wolke.

Wo im Dickicht einst gekrochen  
Raubgezücht ind Giftgewürme,  
Blinken heut becaute Flächen,

Mathias Joseph Gansweidt.

E a casinha cresceu a casa  
Cresceu em rica descendência  
Graças à força de aço de seus membros,  
Graças à bênção das nuvens.

Onde outrora rastejavam  
Animais ferozes e vermes peçonhentos,  
Brilham hoje construções.



## **DE ANDANÇA E ALDEIA**

Estou em março de 1990. Um assomo de chuva cai aos cântaros em minha casa. Não sei se posso ou como devo tocar no meu curto passado vivido nesta empolgante terra do sul do Piauí. Estou cheio de ternura amável como o menino olhando o canário tomando água da fonte. Falava com o animalzinho:

- Não vai t'imbora, passarinho amarelinho cantor. Deixa eu te tocar com meu dedo.

Não posso, entretanto, ocultar minha opinião sincera sobre os fatos. Vou tocar meu dedo em mim e no meu derredor que também sou eu. Pardas horas, outras escuras, mais azuis ao final, assim foi o meu tempo zeloso de auscultar a natureza e a cultura.

Era dia 27 de dezembro de 1985, mal se havia posto o último termo de Patrícia, quando viajei para conhecer Barreiras na Bahia. Minha palavra, ao começar, tem jeito indeciso. Fica entre o Norte e o Sul. Ou será este o jeito da fala que se mistura? Não faço questão de manter a firme e alta fala gaúcha. Não que renegue no meu íntimo os dons daquela terra. Sou mais meu Brasil de todos os jeitos. Mantenho firme as virtudes de lá e as forças de cá, obtendo-as com franquia. Gosto e não me canso de ouvir a fonte murmurante das vozes nordestinas e como de um pássaro preto imito a voz, enquanto não disponho, em inteira valia, da minha. Talvez os meus escritos ajudem a encontrar a nova linguagem afável de um povo que não pode dispensar seu todo entender.

Buenas! (lembram?) Vamos ao desfrute gentil das lembranças. De São Paulo para cima, o rosto das pessoas ia amorenando e parecia que pela minha brancura eu tinha alguma doença. Ainda bem pra cá de Goiânia, eu tive a visão do cerrado. Solo pobre, dizia meu parco entendimento. Aquelas árvores sem rumo certo na direção de seus



galinhos, punham vezo de piedade. E aquela plaga infinda e os jericos no passito serenado botaram presilha em meus sentimentos. Pensei comigo: “este é o sertanejo. No pacífico abandono de si mesmo ao, destino apresentado. Paciente, vive feliz, sem brigar com a natureza”. Nas rodoviárias miúdas pensei ver o sofrimento. De onde vinha tanta gente resignada? Apequenada, a maioria, no corpo. Foi ali nas paredes sujas que aprendi a sentir um amor nunca antes sentido. Ali no fim de Minas Gerais, resolvi me assentar por um dia numa pequena aldeia do município de Araguari. Era aí que a própria vida se amoldava alegremente aos costumes. Tomara de propósito primeiro apascentar cuidados: com minha grande Araguaí. Fui ao interior desta cidade para ver um colega de curso, filho da região. Bondosa gente de conversa desamarrada, igualzinho a uma fonte. Inúmeras histórias, feitas de uma brisa que é uma só daquelas montanhas belas. Comecei a amar a Deus sobre todas as coisas, especialmente na gente miúda, que assim me disse aí no matão Raimundim de Goreti: “Não há carência de um enorme tamanhão. Basta a Deus um pequeno pedaço que a gente se regula na paixão”.

Quando me viu o Alécio Afonso Ramiro, colega da Universidade, saltou de riba dos pelegos e pôs quentura nova na expressão. Gritava, pondo em riste as mãos para o céu: “Meu menino Deus de Araguari, é um milagre ter amigos. Pippolin, amigo meu, que serena luz te traz para esta minha amada terra?” Foi um fuzuê na pequena “hacienda” do mano velho Alécio. E era só pra ver a mar de Alécio e seu pai Nicácio. Ficaram mortos de felicidade ao perceberem que alguém tivera saudade do filhote, a ponto de fazer uma viagem.

Uma vila pequena, um lugarejo qualquer, mas quanta paixão espalhada por ali entre os milhos e os feijões. O que se pode querer mais que uma noite em Minas Gerais, quando se tem as histórias contadas da boca de um Raimundim? Numa cachacinha depois da outra já sorvida, soltou-se a alma cabocla-morena numa celebração como Deus mandava. A língua ficou frouxa e brotou a linguagem pura-palavra, enfeitada tal e qual a formosura das coisas. Brincava na historieta, Raimundim:



- Dr. Pippo Elias, vou te contá sobre o meu amigo Araruta, que gostava de passarim e da água purinha feita de cana caiana. Dia desses, o pobrezinho enche o fole, saindo lerdo e inconstante, de passo sem curso reto. Foi o tempo de chegá na casinha que no sonho sonhou com seu falecimento. O São Pedro pescado apiedou-se de Araruta e confidencialmente segredô: Estô vendo que veio de luta brava. Foi tão boa a luta, que você é merecedô do seu agrado preferido.

Matutou sobre qual seria o desejo que poderia le dá maió sabô antes de vê a face do infinito. Com a mão em concha, cochichou no ouvido do santo:

- Não tem aí uma branquinha dos canaviá do Senhô?

- Oh, sim, tem para uma comemoração.

- Pode este humilde servo ser servido de dois dedos?

São Pedro lhe trouxe uma água feito cristal. Cheirô o divino cheiro e ia molhá o bico, quando São Pedro lhe fez mais uma surpresa:

- Meu rude irmão, deixa que eu te sirva completo o regalo. Há de sê maió minha última homenagem.

Babava quase Araruta e o pescadô emendô:

- Há de sê, há de sê, é que tem uns limãozinho dos limoeiro do Senhô! Quem pusé uma só rodelinha, vai estalá a língua molhada! Pois, toma esta medida e se fará o elogio completo.

Saiu-se São Pedro a realizar a plena alegria do capiau e se foi o sonho.

Acordou-se o Araruta! Quedo triste o pobrezinho, por não tê provado a eterna cachachinha.

Concluiu que se colhe o fruto na hora que dá. Daquele dia em diante, Araruta explica e trexplica que hora, sabor, coisa nenhuma de



agrado santo se perde não! Desde que o permitido seja divino. Tudo nos conformes da lei, sem malefício.

A pionada aplaudiu o dito dos verbos bonitos, pronunciados. Pediram que lhes trouxesse uma história do Sul.

Pedi uma violinha e disse que tinha preferência pelo canto. Puxei uns tons pacholas e frouxa rebatia a voz logo ali na mataria...

“Não me pergunte onde fica o Alegrete  
Segue o rumo do teu próprio coração...”

Empinei de um sorvo o canto e, ao final, cantavam todos com igual prazer...

“Ouve o canto gauchesco e brasileiro  
Desta terra que amei desde guri...”

E se reuniu a canção mineira mais suave e tristonha com a gaúcha mais gaviona. Foi bonita a noite! Ah, se foi! Desenhei, então, no meu espírito toda a beleza da minha pátria. Tão pobre, mas eu estava convencido de que bem ali ela tinha sua melhor e mais bela parte. Enveredei a contar as lendas. Naquela do Negrinho do Pastoreio teve um negrão mais rijo que um jatobá, que nas costas das mãos disfarçou uma lágrima.

Fomos até o sereno, para ver o céu antes de dormir. Que lua se escondia só para o sertão! Aproveitei para florear nas doze cordas “O Luar do Sertão”. Parecia eu a onça na verde capoeira, apreciando com outro querer, aquela luz de humilde dispor.



Só mais um dia fiquei observando tudo, tomando as palavras e olhando um mundo tão diferente do meu, mas com um valor tão grande e puro. Deus tem aqui sua definitiva morada.

Vi também os desmazelos que iam dentro de mim. Perdiam-se as vidas desta gente humilde, sem reclamação. Pensei em tomar uma forte decisão: tem que haver um modo de mostrar o sentido das coisas a este povo. Não que tenha um coração de anjo... apenas entendi o prazer que sentia o Bonifácio ao conceder preferência nos seus lucros às casas belas das montanhas de Hortêncio.

Dei um rumo para minha vida. Nesta comprida caminhada de povoados e vilas, vi sofrimento maior do que se poderia suportar. As casinhas caídas, meias-águas encardidas, emendadas que sozinhas não se agüentavam, ranchos de sapé ou de palmas cobertas, sozinhas, de boca aberta, que despejavam magros cuscos e gente mal vestida faziam soluçante o meu amassado ser. Vim sonhando riquezas: “Vou para o sertão desconhecido, terras boas e bonitas vou comprar. Ficarei de vez com os mistérios da pobreza. Farei chover onde não chove e irrigarei as plantas nos rios que se riem no meio do agreste”. Mas depois de melhor encaminhado o juízo, decidi com firmeza: “Não passarei desta para outra solito no más! Não poderei o meu serviço ao luxo da solidão. Um pouco de saúde, um pouquinho de limpeza, uma escolinha luxenta, um vestido de noiva, uma fatiota nova, uma casa com porta e janela, pintada, onde uma família possa guardar os íntimos segredos, uma planta colorida, uma bola de futebol, uma geladeira, um aviãozinho de Natal, uma chuteira nova, uma boneca de choro, um radinho-eletrola, será sonho demais este povo querer? É claro, tudinho nos modos da realidade e sem dolo áspero aos meus próprios sonhos”.

Acordei cedo, porque tinha uma missão. Disse a Alécio que voltaria para dar-lhe notícia dos idos e acontecidos levados em Barreiras. Fui dar em Brasília.



Agora vi porque o povo vai mal. Bem que tinha razão o Bonifácio, ao preferir os maragatos. Quando Brasília se manifestou em sua ostentação, pensei: Não dá para aceitar esta grandiloquência. Os Estados que se curvem! Abaixo o federalismo, grita, aos berros, a opulência. Não se pode duvidar de que aí se vislumbra toda a contradição, a injustiça do mundo.

Tive a impressão de que o Brasil era o feudo e Brasília o Castelo. Uma servidão pesarosa andava solta. O capiauzedo sem proteção esperava um milagre divino e o senhorio, no seu mando onipotente, ficava distante do estorvo popular. Uma república na forma, mas sem substância. Um federalismo vazio. Feito estava o castelo na grandeza. Um lugar criado para se pedir favor. Quem vê toda a faraonice descrê que do castelo possa sair uma vera entrega de mandos.

Vi, com clareza, o império brasileiro, tiradas as vozes das regiões com suas necessidades e adequado saber. Os interiores são massas mais ou menos colonizadas sem a aventura do poder e da invenção. Ah! O interior, é dele que se rouba o poder e a glória. O que lhe sobra então é o Raimundim, o Araruta e os milhões deles sem uma proteção sequer. O interior de Brasília... interior das capitais. Besta invenção portuguesa a de fazer feudos fortes e tantos servos. Uma república de desprotegidos. Vi, meninos, a maior cidade da região do Planalto: Passo Fundo dos abandonos. A saúde e a educação tinham só a honra às custas de seus filhos, que além de pagarem o preço dos privilégios de Porto Alegre, tinham que, com esforço particular, fazer expansão redobrada para ter o seu hospital de valor como o São Vicente e a sua Universidade. Garanto que vinham seus representantes chorar humilhados por algumas migalhas. Garanto que os privilegiados sortudos das universidades federais, onde na maioria só dá rico posudo, criticavam os poucos restinhos que sobravam para esta humilde gente do interior. E pior e mais amargamente, agora entendo que os estudantes do Diretório Central, por acreditarem na bandeira estúrdia dos estudantes da Capital, vinham para sua instituição querendo destruí-la, fazendo o jogo do colonizado.





Bem que dizia meu bisavô, conforme minha avó contava:

- A um pobresito no le gusta otro pobresito.

É claro, é claro, o verbo dos ricos é sempre transitivo para os pobres. Então acontece o pior. O maior mal não consiste no mal que os ricos fazem para os pobres, mas o que eles fazem para si mesmos. Vi isso com nitidez nos estudantes da minha juventude. Em vez de lograr melhor êxito à sua universidade tão cidadã, apareciam e encontravam formas de desonrá-la. É claro, tinham uma justa pretensão: queriam igualdade de condições com os ricos da capital. É claro que buscavam imitar o extravagante modelo dos monstros federais, insaciáveis nas vantagens. E o que sobrava para o meu empobrecido interior? O agreste amargoso, que pela vez primeira eu vejo e as montanhas de Hortêncio que dava a vida em quota pequena, bem do tamanho que a exclusiva mão podia conceder. Aprendi bem mais tarde a dor desta gente com o poeta maior Dobal, ao pronunciar a sua irônica Fazenda:

São trinta cabeças  
De gado cabrum.  
Criação miúda  
Sem qualquer ciência.  
Somente em chiqueiro  
Defesa noturna  
Que vem cedo aberto  
O dia lhes dá.

Rústicas a vida  
De qualquer maneira  
Sabem extrair.  
Mas vem da morte  
Sua serventia  
O couro e a carne para o homem  
Mais pobre do que elas.



Brasília! Brasília, vê se tento, boa foi a intenção de tua forma, afastando-se do Sul e aproximando-se de todas as gentes, mas de conteúdo errado: aumentou o preço do curso para chegar a ter poder. Tenha humilde este dizer: “Devolve poder ao povo miúdo, que ele tem farta ciência da sua precisão”. Se assim for, os lutões sofredores, plenos de poder, vão conceder saúde e inteligência sem desmerecer a si mesmos, porque terão a própria palavra declarada. Não é ingênuo o meu discurso em crer que as aldeias e os pequenos municípios tenham a sua honra, se têm em frente a devassa Brasília?

Quem vai ser o deputado enfraquecido, quem vai ser o senador sem fortuna, quem vai ser o presidente generoso? Quando sobrar ao poder central o dom de apenas permitir a intervenção, na qual se tenha que dar o justo e avançar para novas direções no consórcio das nações? Tenho muito mais que estas incômodas memórias.

Pensei, com a passagem na mão: tomara que no caminho para Barreiras eu possa sentar ao lado de uma morena que ponha, depois de duas horas, a mão no meu joelho e converse alegremente sobre sua terra, introduzindo-me na arte baiana. Hora marcada, chega a enorme diligência do Paraíso. De fato, havia na plataforma duas pimponas morenas. Torci para dizer a uma delas que ficaria feliz em viajar em sua companhia. Ensaiei uma discreta e pessoal apresentação. Tenho comigo que ninguém gosta de gente muito oferecida. A suave gentileza sem a charla grotesca tem a atração do perfume das pitangueiras. Mas também, suavidade demais poderia parecer outra coisa. A difícil arte do encontro se torna mais fácil, quando não se ameaça mais com nada. Notei também a figura de um homem austero. Tinha quase altivez o seu porte. Parecia que conhecia a figura de alguma história... Estava ali, é claro, Dom Quixote de La Mancha “con toda su vision”. Parecia ele mesmo esta figura, com seu cavanhaque pontiagudo. Dirigiu-se homem, ao motorista, e com ele falou castelhano. Olhei para o lado desconfiado, se não estaria em sua companhia o querido Sancho Panza. Mas não, o Dom Quixote que ia para Bahia, estava solito. E sentou-se ao meu lado. Pensei, conformado, que se não tivesse a graça



de ter alimento para o meu corpo, teria, no grande lutador, algum outro consolo. E tive. De todos que estavam buscando chegar a Barreiras, nós dois nos distinguíamos pela brancura. A cor de um bonito chocolate estava generosa no rosto dos demais. Mas se notava nas vestes puídas o esforço feito para fugir da pobreza. Não sabia o que me atraía mais: se era o mundo guardado daquela gente ou se o cerrado com suas árvores sofridas, retorcidas, mas verdes, verdes.

Era dezembro e havia chuva abundante. Naquele ano, estrondou o trovão com desejo farto. Pela janela imaginava os pássaros que viviam em árvores tão baixas. Esforçava-me para divisar algum naquela imensidão sozinho. Quem primeiro buscou a conversa foi o Dom Quixote de La Mancha, “el gran soñador” e aí nasceu uma amizade ligada nas simpatias de Deus. Quando chegamos em Flores de Goiás, a cidade se apresentou numa visão branca-encardida das pequenas casas se auxiliando mutuamente, parede com parede. Naquela altura da viagem o Dom Quixote já havia dito o seu nome: Pe. Estéban de las Casas. Espanhol de nascimento e latino-americano por opção. Já andara por quase todos os países da América do Sul fazendo a sua revolucionária, mas não estúpida luta. Havia pressionado governos e conversado com empresas, para que novas medidas pudessem ser tomadas, iniciando-se, assim, melhores costumes. Considerava tão doente o massivo socialismo como capitalismo ímpio. “No hay que hacer libertad con los gobiernos. No es posible dar a todos la misma libertad sin que se muera la creación en los individuos”. Então pensei que liberdade pudesse ser luz onde a noite é completa, que liberdade pudesse ser saúde, onde a doença impõe a morte, pudesse ser casa limpa onde há rancho de barbeiros, pudesse ser um vestido novo onde a roupa é um mulambo, pudesse ser escola e professora onde prevalece o feitiço e mandinga.

Não posso, entretanto, por pior que seja meu portunhol, deixar de escrever as palavras que mal guardei: Foi assim... Quando lhe contei a história de Albin, Bonifácio e a história de meu próprio pai, vi que até o homem Esteban estava comovido e, como num delírio, começou a



lembrar-se de suas intimidades... “Buenas, muchacho, también voy a decirle mis recuerdos latinos. Gracias a Dios y a todos que me han agraciado con sus cariños yo puedo adueñar-me de una vida llena de dolor y poesía y de otras impresiones que yo creo que hacen parte de la mejor intencion de Dios. Vi en el alto Machupichu con sus místicos aires a los índios muertos por la espada cristiana. Dios, no es posible que estuviera de hermano con la iglesia de Pizarro. Cuando mire las montañas, yo lloré como una hembra mirando su cria sin vida. Ay pérdidas dolores de la America Latina! Hay que hacer fuerza para tirar la verguenza de las ventanas. Hay que hacer honor donde se fué la sangre”.

Concordou comigo quando lhe afirmei que a luta não pode ser ideológica, pois está fazendo misérias em toda a Europa. Continuei:

- A mera fantasia de ideais unificados impõe o desrespeito à realidade e, principalmente, aos sonhos construídos com tanta dificuldade. Estão bem escritos os dizeres de Bonifácio, quando afirma que a Igreja desdenhou justas propostas de Marx e agora quer consagrá-las, tornando a igreja de Deus um lugar de justas lutas, mas de meios errados. De amargo fel figura a palavra em vez de ação e o trabalho bom ali onde o demônio se encontra. É uma só gritaria desarvorada contra tudo e contra todos, valendo nos seus festejos, só o que fizer bem às suas brilhantes e inconsistentes fantasias. Deus não mora nem à esquerda nem à direita, mas no coração do homem, em sua íntima natureza.

Expliquei-lhe sobre as brigas na Universidade e sobre as bestas em que se transformavam alguns alunos emocionados, tentando destruir uma obra que havia exigido tanto esforço. Um despotismo novo se desenvolvia na cabeça de alguns jovens. Não se distinguia mais nada. Devia morrer a pequena e digna instituição, em nome de um ideal escudado por alguns radicais da Santa Madre Igreja e pelos adultos doentes que, no fundo, buscavam vantagens políticas: aquelas que estavam nas mãos que não eram as suas. Na verdade, não era o interesse em construir ali bem forte, a melhor oportunidade. Devia-se destruir o esforço feito, só porque havia iniciativa cidadã dos tempos da burguesia.



Devia-se fazer um estado forte e um cidadão quieto. O povo devia mandar plenamente em seus sábios governantes. A sua sabedoria, porém, era movida por refrões destacados de panfletos inflamados. Aí continuou o homem, retilíneo:

- Pero ¡ hay que hacer justicia! Y ¿ qué es la justicia, sino cumplir la naturaleza humana en todo el pueblo? Y ahora ¿ qué pasa? Pasa que solamente los más prepotentes tienen eximias condiciones de hacer su inteligencia, su pan, su casa, su salud, su libertad de conocer hermanos de todas las calles. Es posible convivir con las diferencias pero no a punto de que unos se mueren en honor de los otros. Ni tampoco que algunos tengan en su vida las mejores condiciones y a los otros falte incluso la casa. Que se instigue la práctica de la individualidad a todo! No se hace generosa la nación que tiene complejos industriales de ventajas y se muera de hambre la población. Tiene que existir un gobierno que haga justicia, tirandola de unos e regalandola a otros. Hay que hacer igualdad. Así también la tierra con otros emprendimientos: deben de ser de quien esté trabajando.

Foi, então, que senti toda a poesia espanhola, de mouros e muçulmanos, de índios campeiros e campesinos. Percebi que era possível a alegria de Deus rondar um coração humano, um suave prazer de vôos e estrelas pude perceber no sertão da 120 km por hora. Em desabrido peito, continuou:

- Aunque la muerte, existia en nuestra querida vida mire lo que yo mire: Hombres fuertes en le Pampa del Uruguay, pero llenos de silencio que ronda amarguras escondidas y la mujeres llenas de ternura como las avispas al hacer s unido. Quiero ser para ellos todos un language en que se hable sin sospecha. ¡ no se murió la maniana! ¡ Es verdad hermano! Se convirtió el corazón. Mire hermanito lo que yo mire. Indiozitos mirando con las manos em sus ojos al condor en su vuelo alto. ¿ Qué miraban los indiozitos? En Peru con la negra melena bailaban su carnabalito. La flauta de caña era la misma de sus padres. ¿ Qué tiene la flauta de los indiozitos a sonar tan hondamente? Tan humildes en sus trajes bonitos más que los



de Salomon! Que no se pongan más las manos de fuego y los demonios del mar en sus aldeãs. I Mire, hombre, mire lo que yo mire! I La vida es algo que muchas veces duele!!! Cuando estuvo en Viallava, adonde se murió Zapata, escuché sus campanas. Fueram siempre tan dolentes. Lloran por los campesinos que se fueran por la justicia! Me dijo un paisanito que en su piedra nació uma azucena blanca como una ofenda de la calle. I Es verdad que la vida muchas veces duele! Conoci Pablo Antonio, el campesino mas amable que Dios pudo crear en su infinita inquietud. Trabajaba del sol a las estrellas y tência sus dias como una fiesta. Conocí también a sus hijos que pescaban los peces com las ramitas verdes y sus anzuelos. No más que um pájaro tência ciência del mundo. Como dice uma canción chilena:

En la tierra húmeda creció  
En la tierra húmeda se volvió

Pablo Antonio no tência más que la vida misma y tência amor por su pensar diciendo: Ay qué suemos saludan mis pensamientos! Muchas veces decia charlas tan llenas de luz al infinito, que su juicio devía estarse perdiendo. La America tan linda, Morena de Dios, la hija amada tiene hijos lucerosos. De verdad, temprano de mañanita le cantan:

Cuando se pone el traje  
Que le regalo el patrón  
Piensa que já no es más esclavo  
Y le cantan su canción...

Y la história, Pippo Elias, y la historia que juzgas tú ¿ qué es? Escucha Potosí y todos los índios muertos. Se estuvieran vivos solamente los jumentitos pequeños, que hicieran con los dueños de America? Que



hicieran con los negros? Qui hicieran con los pobresitos de toda la Europa? En America quedo una humilde esperança, chiquita como una gota de orvalho. Lo digo, sin duda! Em Corriente adonde me voy, existía también una raza de la pobre gente que se fué por las manos de fuego de Portugal. Yo me pregunto ¿ qué voy hacer? Qué es necessário hacer?

Fiz o meu discurso pensando de clareza meridiana. Afirmou-lhe que o meu pensamento estava vestido das decisões e ações feitas no Sul e as enumerei como se fosse um professor. Na verdade, tirava minhas conclusões, como quem tira suas roupas da sacola ou seu alimento do boral. Nas histórias de Albin e Bonifácio havia lições de sobra.

Não se faz um povo sem inteligência. Uma consciência auxiliadora e pronta é mais útil que pão fresco. Não se pode suportar que esta extensão sem fim fique aí no desamparo, sem as melhores escolas, sem uma universidade viva e não dos mortos. Uma universidade cidadã, respondendo e colocando poncho nos desatinos dolorosos. Um par de respeito por nós mesmos é tão importante como uma água limpa no desconforto da sujeira. O que mais nos fizeram foi impor gestos indignos! Mas veja que grandes obras se fazem por toda a parte. Do mal feito pela história, parece que por vezes dizemos: Veja como já conseguimos caminhar de cabeça erguida. Ponho vigilância na minha astúcia: Vamos ainda ter orgulho de vermos um povo renovado. Mas sozinho na América do Sul ninguém se salva!

Meu querido Bonifácio, já entre brumas, percebia que uma ação conjunta em todos os setores, podia nos trazer a libertação. Não será o gritado besta de “fora isto” ou “fora aquilo”, que nos vai ajudar! É o ocupar de toda forma o nosso lugar! Sou de negociar com decisão a dívida que, por mil vezes já pagamos. Importa cumprir o negócio feito! Mas os negócios que fizeram conosco, levando tudo que é bom sem pagar preço algum... Vão dizer que não têm nada por escrito. E os roubos que retornam à casa assaltada têm algo por escrito? Em outros níveis podem ser feitos bons negócios. Não se pode mais negociar dinheiro por dignidade.



- ¡Y te digo más! No se hace nada sin ternura, trabajo y honestidad. Si bien calificadas estas virtudes, es cierto tendremos una sociedad de calidad.

Nestas conversas só do agrado do espírito, disse-me Dom Estéban que iria até Corrente. Antes de chegar em Barreiras na Bahia, atinei no nome dos lugares, seu encanto, Flores de Goiás, Roda Velha e outras tantas aldeias de nomes decorados. Antes de ir à casa de meu tio Guilherme, fiquei conversando na rodoviária, para fazer tempo, com Don Estéban de Iás Casas. Mal podia ver, sem nojo, aquele lugar de chegar e de partir. Um lugar público fazer vergonha ao mais humilde empregado dos lavoureiros gaúchos da região. Um misto de piedade e raiva se assomou na conversa deposta. E se estendia a quieta prosa dos pensamentos: “Como se pode ter consciência sisuda e respeito na palma da mão no meio desta porcalhice? Ô Barreiras, vê se recebe melhor a tua gente que chega e que vai. Duas horas bastam ali na rodoviária para se duvidar da alma da gente. Qual o imundo animal que se poderia arranjar neste lugar?” Quando assim desenvolvia o juízo, Dom Quixote falou:

- Haí viene mi coche.

Era um carro da Paraíso, mas que fora, com certeza, perdido. Ajudei a carregar as malas de Don Quixote, que estavam pesadas. Sentindo que eu estava curioso sobre o que trazia naquelas bruacas enormes, me explicou:

- Estas son mi anotaciones, libros, recuerdos chicos de los países e sus pueblos. No puedo olvidar-me de mis sacramentos.

Entrou no ônibus que se dirigia a Corrente, com grande euforia. Da janela da diligência esticou a cabeça e segredou:

- Hay que tener una aguita fresca para limpiar los dolores e olores. Lo más triste es que todos sienten com naturalidad este oprobio. El tiempo dejó malas estas personas tan buenas.





Roncou o bichão com sua descarga quebrada. Fixei na retina aqueles rostos morenos de olhar distante, indicando a paciência que o tempo lhes concedera.

Tomei um táxi. Parecia que nesta terra tudo estava caindo. Quem anda por aqui – cogitei, não pode ter prazer. Assim não dá!

Qui é qui falô moço?

Notei que transmitia alto os meus sentimentos, tal era o meu desabono! – Nada, não homem! Num sol de rachar, cinco horas da tarde, cheguei à casa de meu tio, o Senhor Guilherme Davoglio. Uma casa bonita no setor dos sulistas.

Recebeu-me uma mocinha linda, de pele tostada. Ao nos cumprimentarmos, foram rápidos os abraços. Meu tio estava na lavoura, que ficava uns 15 quilômetros.

- Não quer ir logo até a sede da fazenda? Tenho que levar uns trens para o meu pai – falou meu primo Leonardo.

Aceitei, mesmo que minha tia insistisse para eu descansar.

- Terra arenosa? – perguntei.

- Apenas 80% de areia.

- Meu Deus, é fundo do mar, completei.

Em poucos minutos avistamos a fazenda. Nada de árvores. Apenas aquela chapada arenosa e o verde feijão soja. Leonardo era silencioso e parecia que eu estava sendo pra ele um primo desinteressante.

- Escuta, Leonardo – insisti. Como é mesmo? Te agrada o rico sertão?

- Uma bosta! – falou.



- Mas a lavoura promete!

- Promete o quê? Dinheiro, só! Veja, primo,... como é mesmo?

- Pippo. Pippo Elias.

- Pois é, Pippo. Nada mais se tem senão dinheiro. Aos outros basta este lucro. Mas eu estou louco para sair. Acho que vou. Estou murcho! Uma bola furada! Aqui, é certo, não encho de jeito nenhum.

Pensei comigo: “O rapaz está de vôo baixo.” Na fazenda terminou nosso curto diálogo.

Saudei meu tio, que parecia perdido com o trabalho. Não ligou muito para minha vinda. A máquina quebrada era tudo que tinha a fazer. Espantei-me com os ranchos de seus peões. Eles agüentavam viver assim? – perguntei ao Leonardo.

- O velho diz que não pode mudar. Se mudar, se acostumam com o melhor e depois ficam mal-agraçados.

- Mas esta senzala cativa não deixa os peões sem gosto pelo trabalho?

- Levam seu peso como sina – retrucou amargoso.

Em nome da bonita plantação, saí a ver sozinho o campo que se perdia. Na proporção do que percebi, pensei: “Falta alguma coisa a essa gente. O que será que perderam? Será que se fartam no recurso mas perderam o sonho?” Estava estúrdia a situação.

A las pitombas! Nem se alegram mais com a notícia de uma visita. Teria agrado em contar que eu vinha e trazia novidades na algibeira. Histórias passadas com um pouco de alegria, lembranças de família e aventuras de sonhos soltos em sua casa poderiam fazer uma prosa e tanto! Mas não! O fervor dos outros estava escasso. Amoitado estava o sentimento. O dinheiro parecia ter corroído qualquer outra precisão. Parecia que a minha visita era um estorvo real. Voltamos da fazenda sem



muita conversação. A palavra estava minguada. Inventei de falar sobre a morte da vovó Patrícia e Guilherme comentou:

- Tu precisa conhecer o pai dela! Um burrão de primeira! Era tão bondoso, que acabou com a fortuna!

Tive vontade de colocar os coturnos na estrada, mas apenas fiz meu comentário gratuito. Tentei conformar-me: “Não adianta entrar nesta agressão violenta, que o que é amargo pode virar fel.”

Um dia, Patrícia, estrela minha radiosa, disse-me no ouvido:

- Bichinho do coração, ouça tua avó que aprendeu de seu pai. Não te encafurne nas dores, tome a ferida nas mãos com desvelo e deixe a brisa do campo pentear a melena.

Da lição à prática foi só um tirão. Botei minha voz na melhor instrução.

- Pois é, meu tio, eu tenho os escritos do Bonifácio, que recebi de sua mãe Patrícia. Li as palavras deles, como se bebe na fonte e a água é de boa qualidade. Oi se é!

Tinha fortuna e mais outro tanto podia ter. Mas tinha consigo que conviver sozinho com tanta fartura lhe faria mal. E também que seu nome nos vales era guardado e dito com alegria na ponta da língua. Ninguém lembrava dele com murmúrios de insatisfação. Mais do que o senhor, meu tio, ninguém conheceu Patrícia. Tangeu com prazer os sonhos de seus filhos, ensinando em tudo a paixão, até nas pequenas coisas.

Os três filhos de Guilherme passaram aquela noite na varanda cheia de mosquitos e estrelas. No meio da conversa, o velho confessou com a voz estremeçada:

- Pois é verdade. Estou cansado e uma certa amargura está dentro de minha casa. Estamos ricos e temos um campo que promete. No entanto, o que ouço de meus filhos é só reclamação.



- Pára aí, pai – num aparte à sua prosa, estrilou Cecília, a filha menor – Dá para notar que as coisas estão fora do lugar, mas o senhor também tem culpa no cartório. Só vale a sua opinião. Quando falamos em construir as casas dos peões, o senhor diz que não tem dinheiro. Quando torcemos para o senhor ajudar na casa do Centro de Tradições Nativas, que tem o objetivo de reunir muita gente, o que tem dito? Um não que não valeu o apelido de munheca. O dinheiro passou a ser importante como um sujeito merecedor de atenção, como se ele fosse um deusinho. Os afetos se foram. Em bando, voaram pela janela, enxotados. Quatro palavras são o seu assunto principal: banco, máquina, óleo, soja. E nós, onde ficamos? Pai, pergunte ao menos como a Vó Patrícia teve seus últimos instantes!...

Fez-se um silêncio, de repente, pesado como um fardo. Daqueles silêncios que dão em briga feia ou levam a paz. Pensei: “Tomara que venha a paz.” Se não foi a inteira alegria, que ela esconde nas horas e nas feições, foi um passo à frente. E o senhor Guilherme Davoglio refogou o repolho e ficou bom.

- Então conta, Pippo Elias, conta sobre a minha mãe.

Contei tudo sem esquecer que a velhinha se fora com um fio que se apagou. E aproveitei para dizer algumas palavras, como se fossem dela, pois não faria mal uma mentira, mas sim um bem maior, que as sombras do pequizeiro. E fez. Que alma é essa na gente que apanha os sentimentos no ar. Notei um peso leve, parecendo igual ao revirar das palavras do buriti. Havia já um barulho de companheiros. Pensei quase alto: Miúda Dádiva de Barreiras é sentir o público bem em uma casa que já não se continha na solidão, se espraia como o loiro campo de trigo ou açafraão dos girassóis. Tudo o que é bom tem seu lucro. Só quem não tem é o próprio dinheiro. Estava tudo aí por instantes bonito, o peito de cada um feito florzinhas no chão, fraquinhas, fraquinhas... Tudo será no homem tão passageiro? Talvez não, porque outro dia, tomando café sem pressa, meu tio dirigiu-se a nós:



- Escuta, Pippo, você quer ir comigo ver o preço das terras? Quer vir com a gente Leonardo? Eu vou, porque tenho que pegar uns artigos que eu encomendei na EMBRAPA de Brasília.

Fiz e refiz minhas contas: davam apenas para comprar miudeza de terra. Agora estava muito cara, quando há um ano era vendida quase de graça. E também, que força essa aventura! Aí em Barreiras não tinha mais o que fazer. Bem ou mal estava feito. Não faria nem o hágá nem o a da história. Disse para meu tio:

- Pois vou diante! Dizem que no Piauí tem uma chapada das Mangabeiras que é florão de terra. Vou até Corrente e, se for do meu agrado, compro terra por lá, se der nos meus trocados. Assim o decidido ficou pronto, irretocável. No outro dia picava a mula e ia em frente.

À tarde, estava sozinho na varanda, olhando o ar reverberado nas ondas subidas do calor e assim, desse jeito, ficou o meu juízo. Não me agüentava quieto: - Olha, Pippo, preste atenção! Lembra do lagoão da Soledade! Tu sempre dizia que homem não é boi porque pensa. Tu sabes, Pippo. A gente até dividia a morte e dói pensar nela: só de pensar em perder o grito dos companheiros: Ô Pippo! Ô Pippo!

Foi ali num dos capões do Lagoão, que baixou um doce espírito conversador que dizia: - Não te mata a fazer tudo certinho. Ô Pippo, põe um pouco de ilusão, que o fato toma a nova proporção. E se a nova idéia tivesse bom trato? Tchunf!!! Estava aí um milagre do pensar. O bom pensar, depois aprendi, cheio de notícia, faz o científico milagre. Lembra, Pippo, de uma tarde, em que pensavas: Quero uma lagoa com peixe pulando ao entardecer, comendo cupim de asa. Vou vender na sexta-feira santa, no tempo mais silencioso! Falaste para o teu pai, e ele disse:

- A lagoa está aí.

À noite, falou o tio Giuseppino:

- Nem queira saber, Augusto, o peixe lindo que tem no meu açude! E tu, Pippo, prendendo fato com fato, falaste:



- Me dá uns deles.

Explicaste, voluntarioso, que querias criação igual à dele. Um ano depois, falou feliz, Dona Helena, tua mãe:

- Filho, já estão falando em comprar os teus peixes.

Tu tinhas uma lagoa cheia de gordos peixes. Te roubaram mais da metade no Domingo de Ramos, mas valeu a certeza convencida do valor da força de um só pensar. Assim como a fala às vezes desliza como jaboticaba no gogó, também o imaginado se solta como carrinho de lombo. E o mesmo espírito falou dentro de mim:

- Também ontem à noite, Pippo, esperaste que entre mosquitos e estrelas nascesse um pequeno milagre. Acreditaste, amaste, caprichaste no jeito certo e não deu outra. Zás! Uma alegria de Deus soltinha no ar. E prometia a ideia ter seqüência numa ação e outra palavra, chamando uma nova situação já crescia e frutificada dentro de casa, o que é o melhor para a graça. Uma semente plantada não deve mais ser mexida. Nas caladas horas se cerze a vida, como não.

Na melhor despedida havia graça feita nos rostos diferentes daqueles que molemente me saudaram.

O trenzinho do agreste roncou às seis da tarde, com destino a Corrente. O chão de terra fazia pó, acrescentando ao balanço indomável. Estava sentado ao lado de um negro simpático, já envelhecido. O tempo deixa, quando transportado com generosidade, uma ternura do gosto de um velho vinho depositado no porão. Por isso, o velho olhou-me sem temor, pondo confiança em uma prosa e meia.

- O moço veio do Sul?

- Vim, meu senhor, e vou até Corrente. Minha graça é Pippo Elias Davoglio.



- Atendo por Manuel de Oliveira, mas meu apelido é Mané. Sou de Formosa do Rio Preto. Minha terra assim se chama, porque por ela passa um rio escuro, da cor da minha gente.

- Como é que se povoou esse lugar? – Me agradou o íntimo ser do negro, manifesto em seus gestos lentos. Senti que a conversa ia ser boa e que ele se aprumou como um sábio, a divulgar o verbo acontecido:

- Não serão as mesmas histórias as do Norte e as do Sul? Da mesma intenção foram feitas. Não será o mesmo resultado? No início, o Piauí não existia e nem começou no litoral. No meio foi exercido. Da gente de gibão ardente e de perneira nervosa se fez a cavalgada em busca das fazendas. Entre Maranhão e Pernambuco, as províncias mães, vinha se passando a gentarada estrangeira, farejando aventura. A partir de 1700, o sul teve visitação. Até então, moço, a região era virgem da nossa civilização. Os índios Pimenteiras, os Gilbués e outros mais mirradinhos, sem a condição de romper nada, foram morrendo, se entregando sem vestígios, cruzando corpo e pouca alma. Um pouco do jeito vagaroso ficou na lerdeza espreguiçada e contemplativa e um pouco de cor ficou na pele, um pouco de tamanho e em todo corpo. Da casa da torre da Bahia, veio a ordem principal: fazer índio morto e ocupado o lugar. Dizimada, ou menos do que isso ficou a população inocente. A primeira ocupação do sul do Piauí foi no lugar de Parnaguá e daí esprou-se a maior posição, o fugido, o domesticado e o dito misturado. Os negros vieram como escravos. Mulatos, alguns livres, mas querer mesmo só era do branco. Nasceu grande fazenda, no esforço continuado. Uma generosa gente nasceu.

A partir de 1810, divulgou-se, de repente, a vontade de ser independente, a província. Assim aconteceu. Completou-se em 1870, a autonomia plena, até com direito a mar, que até então não havia. Entregou-se, por um tiquinho de praia, o Cratéus ao Ceará. Moço, ai esquecendo-me dos padres jesuítas. Tinham cuidado com os Índios, aos quais a portuguesa não dava uma pitomba sequer. Os padres receberam dezenas de fazendas. Extensão de medida boa, quase sem fim. Mas com a expulsão dos santos homens, deram de pau na indiada. Falem o que



falarem dos homens de sotaina, mas foram somente eles que deram alto elogio graúdo à pobre gente. No púlpito e no campo, os jesuítas foram os que, com tenaz vontade, prolongaram a sorte da indiada no Piauí.

Não pude deixar de falar e dei a minha opinião:

- Não foi diferente no Rio Grande do Sul.

Manuel continuou:

- Se acabou no tiro e no taco uma ingênua nação. Trabalho mesmo de pegar o gado no agreste, de roçado e semente era tudo com os negros e outro tanto com os mulatos. Os brancos, donos de estância, eram bons de negócio, palestra e viagem. Honra vera era da mulher branca, o resto mantinha um pouco de glória e altivez na cisma da dignidade. É a criatura humana. É a dificuldade sofrida manter um pobre de pé. Muito mais recentemente se trouxe escola de primeira na cidade de Corrente. Os batistas americanos fizeram missão de capricho para agrado da inteligência. Escola austera, danada de boa, trouxeram os gringos. Para não ficar para atrás, vieram os padres e as irmãs das Mercês, a fim de porem um católica graça. Ainda hoje, as igrejas batistas e a católica lutam pelo bem da gente do Sul do Piauí.

Pelo balanço do ônibus, tentou-se no silêncio, aprumar o corpo, porque já era noite no sertão. As tabocas batiam na lataria, parecendo o trenzinho um cavalo rancoroso.

Tinha já suficiente e rico material para meditar. Tiro agora, nesta tarde de maio de 1990, em que o sertão se esfria um pouco, umas horas para descobrir o tempo. Trago comigo algumas conclusões sobre os dizeres de Mané, o meu professor de boa conversa, rábula honesto de profissão. Também no meu Lagoão havia caboclos, usurpados no seu direito de querer e pensar. Havia estancieiros com imensas áreas de terra, que na providência da sorte tiravam real sustento. Mas do trabalho livre, ali no suor voluntário e sonhador, queriam certa distância. O alvitre português





falava mal do trabalho. Teriam, dos gregos, a opinião de que o trabalho é para gente de pouca valia? E como suportavam, sem corcovos, o peso de uma sina? Entendiam que Deus fizera o mundo e assim estava bom? De tanto sofrer no tempo, nas palavras, nos costumes, se negavam os direitos? Ou será que por questão de igualdade, quiseram, como o estancieiro, não trabalhar?

Seria a origem africana ou índia que dizia à maioria que o melhor era viver nos conformes da natureza, sem pôr nem tirar? Não se teriam no futuro assim como o imigrante se havia? Seriam também como o povo miúdo de Lagoão, em amizade alegre num instante e em ódio e morte logo depois? Num upaitá variava o sentimento desabrido: um grito de dor, um tiro, a morte com a maior naturalidade.

Os imigrantes não chegavam até a morte, a não ser por exceção. O sentimento tinha razão por governo. Mas o que havia no peito alegre e descontraído da gente cabocla? Uma linguagem brejeira e um corpo retesado, que movimento faceiro não faltava de jeito nenhum. O imigrante era rijo, era vero, de palavra dura e grosseira: o que tinha um fim. Ali, o combinado podia ser agora como depois “di manhã”. Era larga a boca do acaso. O povo nordestino tinha um grande feudo e um rei protetor, não havia diligência que ele não diligenciasse e os feudos tinham donos e eram tão poucos. O povo que vinha do sul tinha um burgo pequeno, que dependia apenas de seu próprio fazer. Não dependia nem de Deus e nem do rei: era um filho e um cidadão independente, mesmo de calças rasgadas. Tinha um burgo que era seu. Havia que salvar.

Em Riachão das Neves, aquela esgarçada miséria apareceu ao fim da tarde na rodoviária, nos bares sujos e nos lugares públicos. Onde acabará isso? Respondi eu mesmo: Na dignidade! Um pouquinho dela é suficiente, um pouquinho de raiva, um pouquinho de ilusão, um pouquinho de vergonha, de trabalho, de “meu irmão merece isso mais aquilo”, um pouquinho de exigência, um pouquinho de honestidade, um pouquinho de exemplo, o ponto final da exploração desavergonhada, um pouquinho de



tudo e sem perder o humor alegre destas almas morenas que se riam na poeira, ouvindo o bem-te-vi que vê de cima o problema.

E lá se parou o bichão do roncador Paraíso. Furado estava o pneu, o trenzinho resfolegado sem um macaquinho! O jeito foi descer. Eu vi o sertão! A mesma lua que pairou como o gaviãozinho para Bonifácio, brilhava o vasto sertão, que, silencioso me espreitava, astuciando mistério. “Vou te prender, enormidade! Vou te carregar no peito!”

Num triscado, a imensidão das estrelas palestrou conversa azul escura como um veludo carinhoso. Uma doce luz abençoava-me e ao pobre sertão. Chegou-me um grupo de pretos bons, pura juventude, olhando minha brancura no brilhado da lua. Garotões e gurias, com sua única e bela roupa, tive quase certeza. Expliquei sobra a natureza da minha estrada perseguida. Um caminho de gentileza passava na voz e no olhar, divisando na pouca luz.

Passavam os caminhões gementes, pesados de arroeira para as fazendas de São Paulo. Na bondade de um, aprumou-se o trenzinho. Ouvi claro:

- Oxên! Qui São Cristovão tome a frente!

Nas luzinhas do agreste, Mané me fazia conhecer os lugares. – Vou te dar um livro para entender as doçuras, agruras, os costumes todos dos Pés da Serra.

Me entregou, Mané, o livro de Raimundo Lustosa Louzeiro. Feliz, tomei o livro que contava a vida vibrante da choupana e do arraial. Oi, meu Deus, o que é um livro, senão a vida quase definida? Um pouco de eternidade colhida a esmo. Antes porém, perguntei ao Mané, meu mestre capital:

- Os sulistas estão chegando, vão se intrometendo, comprando terra e gado, vão logo plantando,... como o senhor vê essa invasão?



Aprumou-se o homem de rugas feitas no rosto nobre e tive a inspiração do quanto é bonito envelhecer no grande respeito. Olhando para a frente, como que querendo dizer: “Muito fiz, muito guardei e tenho um sendeiro para iluminar com suave luz de candeia.”

De lado, via o velho, iluminando o perfil, nas pratas da luz do céu, pronunciando a meia voz para não acordar a noite:

- Ô moço Pippo, não se avexe com esta preocupação. O encontro tinha que haver. Mas coletei vero falar. Na maioria se pronunciou – Que venha a gente do sul! Mas tem temor no ovo. Pobrememente se vige! Ninguém se garra na opulência. Tem o requeijão e o mel das oropa. Tem a jaboticaba e o caju. Tem boizinho pé-duro virado em chifre e culhão. Tem o forte burrinho. Tem a carne de sol. Tem mangueira e florada de jenipapo. Tem arroz de sequeiro. Tem a paz nas estradas. Tem milagre na Igreja e tanto santo no céu. Tem conversa suficiente boas-vindas à nossa conversa, lerda porque é tostada no sol, espriada nos tabuleiros, perdida na ilusão dos reis. Tem caminho suave e tem dor de ventre furado por peixeira. É conversa de pobre, mas nossa é, sem desamparo. E se vier o sulista, vai ter mais mel e mais voz nos tabuleiros. Não vão chegar ao desatino de mera força a governar sem olhar a alegria do miúdo povinho. Se vier o sulista para o trabalho e para a digna convivência, pode haver uma lindeza de vida. Se ficar um rancho tristinho no meio do sertão, derrubado, sem mais o zum-zum da vespinha, sem mais o ornejado do jumento, sem mais que uma ilusão, sem mais a matalotagem, então onde ficará o nordestino? Ficarà como escravo e para a mortandade. Mas também pode vir de liberdade. Da independência. De voluntária fé no traço da luz do pensar, do querer, da decisão augusta, feita cidadania. Se for assim na igualdade onde vige um fraterno som. Se o moleque puder pegar seu mel no jatobá, um surubin no rio, um caju nos domingos, e se puder chegar a uma coisinha de jardim florido, e se puder ter a sua escola de conta e be-a-bá, se assim se suceder a chegada do sulista, terá em família nossos filhos e de nova abastança será servido. Deus seja louvado na chegada do sulista. Na fraternidade universal! Vamos romper um futuro.



Estava eu comovido ainda, quando a tênue luz de Formosa se fez uma rua calçada. No respeito estendi a mão e na compostura final comentei:

- Espero que se afaste o mal que vem do Sul. É da criatura... Espero que nossas casas tenham distinção. Espero que venha o bem que tem no Sul. É da criatura... Em elevado nome se tenha nosso lugar.

Na fraca luz que vinha da rua, podia-se avaliar que tinha jeito o momento.

Escrevo neste agrado de maio de 90, para elogio e entendimento. Se colocadas por escrito nossas pequeninas coisas, elas ficam prosa na consideração. Não se pode perder a história de um povo que se encontra na troca de sua ponderada cultura. Nossa casa, nossa aldeia vão dizimar o ranço besta. Ficaré o necessário instrumento para viver com novas proporções. Tem-se que analisar, considerar, com bondosa finalidade. Ao menos aprendi que em nada se põe desprezo e tampouco se muda num dia o que o século fez. Mas é preciso, na inconformidade, ter um reto pensar, alegre sobre cada saber. Ninguém tem dentro de si a força à toa. Se aí está, faz parte da alma, mesmo sem uma só precisão. É preciso andar no vagar das feridas curadas. Não é no tapa que se tira a longitude e a forma de uma alma: só com vigência de outra coisa é que se muda a leu, no pacífico respeito. Boi tem muito de gente. Se respeita a estrada boi! Não se ponha gesto ou clamor estranho, porque então embesta. O aboio terno leva longe o gado. Mas sempre decidido. Escrevo no aboio para levar de mudanças nossas pequenas coisas.

Fica na boa nossa mão. Faz assim, faz acolá. Fica em ordem, indisciplina! Tome tento nesta lei que é a democracia. Não se mate inutilmente. Não fique aí parado, esperando a benção de Deus: Ela vige na competência. Vamos, gente humilde, não se tira um sonho intenso sem as mãos de um braço forte.



Enfim, Corrente ficou a minha estrada. Redescubro o meu tempo, amansando-o como um gato, fazendo dele um sopro sobre as cinzas e no fogo vou aquecendo. Tomo e retomo as horas primeiras, que num dom, se as tem passageiras como a um gole de água. Tive o dom de mim num lugar. Lá tudo sou eu. Desde o café do outro dia no pequenino Rose Hotel, numa área reservada em frente ao pé de coité. Ali meditei, é o sertanejo: igual ao coitizeiro. Não me negava o pé a minha filosofia. O homem de um lugar traz o lugar naquilo que figura. É um forte o coitizeiro. Verde e másculo, com suas bolas estúrdias. Bem daquelas da zona de alemão, com que jogam um bolão. Um peso descomunal num pezinho de espinheiro. Pouca beleza é maior que a do pé de coité nos meados de dezembro. Nele se inscreve o sertão e o sertanejo. É quase impossível existir, mas existe. Da bola faz a cabeça, que serve água e feijão. Mas de símbolo me serviu, meu pé de coité.

Mal se tinha o sol se erguido sobre a cidade, fui espreitar sozinho: queria ouvir os sons que se faziam no som dos pássaros. Ouvi o som do tico-tico e outros sons do Sul, mas havia sons de garganta molhada no sereno, em tons diferenciados. Espiei a cidade. Simples como as coisas humildes que dão encanto. Um pouco sem capricho para a gente sertaneja, mas respeito mereciam suas casas e caminhos. Havia palmeiras altas e casinhas iguais em tudo o que já tinha instrução. Sem pressa, se acordavam as vozes e a cidade inteira: era dia de feira. Fui ver como procediam as pessoas num dia desses. Onde estava o verdadeiro retrato vivo, falado e gesticulado das gentes, bóias e utensílios. Queria que o Bonifácio estivesse comigo, para ver os jumentos estacionados. Tinham trazido os mantimentos, as colheitas de venda e quietos aí estavam com as bruacas e caronas vazias, esperando sem zanga, o dono. Queria ouvir como falava o sertanejo moreno e o preto, mas não entendia o seu rápido e sussurado dizer. Eles se entendiam e eu, como um jumento desqualificado, querendo decifrar aqueles murmúrios tão claros para eles.



Vi um cachorro arrastando uma cabeça de porco. Disso não gostei. Havia ainda o desalinho, as patativas à venda, debatendo-se nas gaiolas, no meio do feijão. Tudo à vista do dono, um negrão ligeiro, tentando vender os seus pertences. De meia paixão que já se fazia no meu peito mais privei-me dela nas conversas que uns diziam, sertão feito pessoa. Transparente a irmanada gente, conversava, me recebendo. Parecia um banho de rio, tal qual eu tomava no lagoão. Estava nuzinho no meio da gentil humanidade. Me limpava das estranhezas e das vinganças, das pequenezas voltadas só na gente. Tinha um mundo para espreitar. Estreitei no meio do sol a gente. Que aldeia é essa que me possuiu às 11 horas da manhã? Vi outro Elias que dizia haver muito projeto no sertão. Fiz a amizade serena e ele mais me instruía humildemente.

Fui tomar com Elias uma cerveja. E, estranhamente, apreciei:

- Sabe Elias, por que esta bebida se chama cerveja? É a força dos cereais. O viço das sementes. E como é suave seu fermento! Rimos, alegres. Veio o José, amigo do Elias e mais algumas gurias. Senti no barzinho e no chão de puro cimento a liberdade soprar nos meus pés. Mais ouvia que falava. Tinha prazer no som das vozes e no dizer das palavras. Pensei, já com certeza no bolso: aqui é o meu lugar. Pippo Elias Davoglio tem seu lugar no sertão. Corrente é seu nome, escravo lhe sou.

Pus-me a andar e a auscultar os suspiros e dissabores e alviçarei para José, a primeira amizade:

- Rapaz do céu, tem demais sofrimento, mas sombra fresca tem o semblante dessa gente.

Fui ver se achava o meu herói De La Mancha, mas não o encontrei. Estava em missão nos Pés da Serra. Que pecados estaria perdoando, tão pequenos, com certeza os seus pecados? Raivas cegas, antigas nas dores velhas que se têm demais. Desejos de vida e morte, decididos como a testa de velhos boduns. Abençoava, com certeza, para ter a sua gente latina cheia de graça. Não seria louco, Pe. Esteban, de enchê-la de outras culpas, pois que, pobre é que têm o que perdoar, mas



ninguém aparecia para apanhar o seu perdão. “Eu te perdão, homem português, por tanta senvergonheira, eu te perdão, Dias, matador incansável de índio, eu te perdão, europeu branco, único senhor fazedor de miséria.” Mas ninguém tinha mais por costume buscar seu perdão. Estavam na Europa, em todo lugar, emprestando dinheiro, depois de haver levado todo o ouro e toda prata. Quem eram eles, que diziam que não tinha mais nada a fazer? Riam os homens com os jogadores de futebol latino-americanos no seu gingado festivo. Que faria Pe. Esteban com o humilde povo desamparado dos Pés de Serra de Corrente e Parnaguá? Era o povo tão desamparado, que precisava de poder e glória. Já havia firme, neste instante, em mim, um alto querer: “Não vou pôr nenhum Chico temor no rosto de ninguém. Basta o posto medo de chibatadas e caçadas, do desamparo armado a ponto de perder-se o dito sonho”. O máximo da pobreza é a perda dos sonhos. Resulta daí, então, qualquer coisa, seja o bem ou seja o mal: nada com distinção. Dizia para mim mesmo:

- Pippo, Pippo, tome cuidado, não tenha muita presunção, porque o simples e o devagar não são de aparecer, mas são sensíveis. Queira assim a convivência: primeiro tome, alegremente, os costumes do povo que te aceita sem resmungos, depois veja o que lhe possam livremente tomar. As ideias têm luz própria, tu sabe disso, piá.

À noite, Elias levou-me com José para o “Maria Fulô”, um lugar de lambada e chergança. Oigaletê que uma cervejinha gelada no meio do sertão tem lá seu valor! Combina bem. Se existe um lugar onde se aprecia a cerveja, este lugar é o sertão do sul do Piauí. O clima enxuga o que a boca molha.

As palmas dos coqueiros, na viração do vento, bulinam os cocos rechonchudos, de rica natureza. Não cansava de ver o alegre jeito dengoso de todos. Aprecio na palavra solidária, o que eu vi: Ver direito não dá. Não se tem imagem do principal. Boto a ver o invisível do declarado num gesto simples: a dança, por exemplo.



Quando José com Girusa se enroscaram no rodopio, aí que gingado espontâneo. As violas e os tons de voa cantavam dentro deles. Era uma soltura geral. Nada inibia o passo frouxo e o corpo leviano. Uma plumagem no ar. Não tinham nenhuma preocupação, nenhuma antevisão do futuro, era o momento consagrado. O mesmo na voz ardente:

- Pippo, me dá a ventura de te tomar nas mãos.

Senti no corpo a diferença de um mundo. Era um pau de taquara dançando com o buliço do vento. Estaqueado, o meu passo era extravagante, o dela era um chilreio de chupim num compasso vibrante, estremecido. Baita provocação! Quem tem gesto e movimento tão fácil, com certeza leva a vida simplesmente, como um som de planta. Tem a dança e na voz a oferta da ternura e o descompromisso suave das horas que acontecem sem a marcação fechada dos afazeres. Eles não têm uma consciência tão afeita a madrugada, no passo apressado do “faça isso, faça aquilo, e ligeiro!”

Mas estávamos todos ali nas diferenças profundas, alegres nos comentários de humor. Lá pelas tantas, me puseram uma viola nas mão e pediram: Canta, gaúcho, canta! Tive que cantar.

No outro dia mesmo, domingo, por indicação, fui falar com Hermógenes, senhor de respeito. Oh, se tinha respeito no gesto e na voz! Velho já de anos, mas de andar ereto, possuía altivez sem ofensa. Tinha dois mil hectares nas fontes do Gurguéia e do Urucuí, uma das nascentes do velho Monge: o Parnaíba. Quis ver a terra, que sabia muito arenosa na verde pastagem. Sonhei, na noite de domingo, no aboiado apascentador de um vaqueiro que soava: Éra boi, êra boi, era boizinho. Amansava a estrada na sua tonalidade.

Segunda-feira fui ver as terras que se estendiam no município de Barreiras do Piauí. José levou a gente até São Gonçalo, muito cedo da manhã, e montamos daí em frente em cansados cavalos estradeiros. Se





gostei desse lugar? Como gostei! Desfiz o valor por causa da areia. Chegamos a um preço razoável. Pareceu o senhor Hermógenes estar contente com o dinheiro, parecia eu contente com a terra.

Repasso as imagens vistas. Não que a terra tivesse substancial valor, mas comprei uma paisagem. Dei-me, por consolo, o seguinte parecer: “Olha, Pippo, a Serra Azul que se vai para Goiás. Terás a fonte protetora dos rios principais.” Me senti, no cavalgar, um pedaço de São Francisco e, no domado silêncio, controlava a vontade de apreciar tudo: - Olha a seriema veloz de curto vôo, o mutum esvoaçou mal distinguido do Jacu. Outros tantos desconhecidos voavam. Estes, me atraíam – E, no silêncio, meditei: O mistério sem nome tem atração. A realidade toda esclarecida é suficiente para se amar, mas tem a outra, a inventada, cheia de sonhos. Tem urdidura, tem enlevo, tem poesia que se põem na realidade conhecida por ficar mais bonita e para “mor” de suportá-la. Pior aquela que, geralmente, é a realidade da pobreza: um mistério escuro, azedo e conformado, tudo se explica no feitiço, no despacho e na esperança das migalhas.

No passito no mas, comia andança meu cavalim. Parecia um cavalo falecido de distante que andava. Pesaroso o movimento, mas num zás-trás me desapeou. Caí na areia, feito um socó novo caído do ninho. O que houve com o matungo, o que fez virar os arreios? Estava no chão todo o argumento: uma jaracuçu enrolada, que matei com valentia, para compensar o vexame de um tombo desbriado. Mais outros bichos de couro, quase todos conhecidos. Deles, só não conhecia o veado caatingueiro. Conclusivo, falou o Hemógenes:

- Está findando a bicharada!

Muito mais que um pedaço de terra me contentava um lugar de gente agradável. Aí terei que fazer meus dias no capricho. Acreditava que a salvação começaria pelas aldeias que trocavam seus costumes. Uma mentalidade de atitudes, de visões lampejas e mais independentes, feitas de ofício e igualdade. Uma cidadã mentalidade. Tomara que a ideologia



não estrague a Mão trabalhadora, mas que se ponha lição de dignidade! Invenção e justiça, iniciativa e fraternidade e que se ponha em lei de cumprimento. Um país aberto, para a frente, sem imitação, baseado em tudo nos princípios de fundamento capital: a natureza humana, que obedece a uma economia liberal e precisa, Hobbes tem razão, de uma política social. Pura meditação de um estrangeiro, viajor sem ideologias de suporte. Apenas o homem.

Feito o negócio, voltei para o sul. No ônibus, posto este perturbável, doutor de centígrada importância, teve um fundo diálogo com um meeiro pequenino, da importância de um pardal. Mas viu de tudo o mais precioso dom do sertão os todos miseráveis de rotas visões. Suas roupas mal guardavam um copinho moribundo, mas que não se desfalecia assim no mais. O capitau das divisas do Piauí e Bahia tinha que ser herói. Vê se não se toma por herói o forte, o bravo, o de sonhos rotos, o mal vestido, o catador de pau queimado, o que suspira silencioso, o que apenas vive, aquele que por poucos dias é lembrado apenasmente no falecimento. Vê se não se toma por herói. Este, a maioria, que anda desgovernada, sem costume de chegar, troteia, tendo seus filhinhos desprotegidos, outros andadores, ora aqui, ora acolá? Indisciplinada vida que tem, sobrevivendo com alguma estraviada caça. “Pippo Elias, tu estás na felicidade, essa gente te governa, a pena e o riso do miudinho têm a importância das infinitas virtudes, na reciprocidade contida. Eles são a superfície do lado, onde tiras teu retrato.”

Êta, ônibus rocinante, feito de corcovos! Ao passar por sobre o rio Preto, entendi o choro negro das águas. Perguntei a mim mesmo: Quem é o importante, o mais importante de todos? Os simples, os que andam sem medalha, igual a minha mãe. Não têm muita opinião para elevada decisão, mas são simples. Não passam seus desejos além do jardim. Aqui os simples acontecem no menino apascentador de cabra magra, na menina, que por pão abre as mirradas pernas, na mãe que enleia o filhote, que mais parece um gatinho morto, e reza: Senhora minha, erga o manto de Deus protetor, que nada mais se faz de proteção, para aquele que vai para



São Paulo, com saudades do rocinante gateado e da jandaia cantante, para aquele que nem o aguardo tem mais poder.”

Assim prometi, na minha solitária complacência: Em nome de Albin e Bonifácio, vou ampliar a casa e o jardim. Tem que haver uma vez para quem não tem nenhuma. Vou ter o braço na proteção, a criança será a protegida. Não tocarei o cavaleiro da vida numa só direção: só pra mim, só pra mim, só pra mim. Também cantarei, de voz amarela, na palmeira: Bem-te-vi. Farei uma fazenda com gente de viola na mão quando entardecer, aguardando a colheita do arroz dobrado nas longas espigas. Cada um terá a tulha de acordo com a colheita. Terei o meu gado e o vaqueiro falará “o nosso gado.” “De sua boiada, Senhor Pippo, o meu lote é tanto.” O colhedor de caju dirá “o nosso caju.” A pequena fábrica de sucos tropicais ostentará os pés de manga, sobre os quais um capiau dirá: “Nós somos o povo.” Numa reunião de sociedade entre os representantes dos diversos setores de produção, haverá alguém, com muito entusiasmo, que falará: “Compremos, então, nosso navio!” Todos os filhos de minha gente lerão em seus livrinhos limpos, a sua história e geografia. Ao menos um pequeno texto falará sobre os benefícios, muitos colhidos na integração da gente do Sul com a gente do Norte. Espero que ninguém tenha tão pouco tutano a ponto de dizer: “de nossa gente é que veio a melhor vantagem.” Não parei no caminho, porque tinha urgência de voltar.

Foram rápidas as despedidas e os acertos. Meu pai estava triste por não poder me segurar. Deu-me sua pequena fortuna em dinheiro, com o qual compramos e exato maquinário para o início de uma lavoura. Meu pai ponderou que o recurso teria ressarcimento em sacos de arroz, a serem descontados em favor de meus irmãos, quando chegasse o tempo de suas necessidades. Justa ponderação.

- Mil hectares dos comprados são de toda a família, eu disse. Não é bom que apenas o irmão mais velho possa sonhar em apascentar meu rebanho. Deverão sonhar a Anajalda, o Giuseppino e o Laudenir. Todos



terão a propriedade de esperar o futuro. Giuseppino, por exemplo, já tem seus olhos na alegria. Mede a realidade maior do que parece. Tem nas ideias uma paixão descosturada. A Anajalda já me falou: Mano, será que também pode ter uma terrinha naquela areia de tão boas floradas? O Laudenir é meio Troncoso, mas o silêncio é uma linguagem também. Poderá, com certeza, ter um incomensurável desejo. Assim terminei a minha conversa com meu pai e Dona Helena, a senhora minha mãe: “Os pais só estão bem na alegria dos filhos todos. Não adianta um andar ligeiro e os outros capengarem. Os corações dos pais enfrentam a vida familiar na igualdade. Tomara que se expanda esse dom. só existe paz na igualdade.” O seu Augusto concordou, contente, e a Helena disse-me: “Vai em paz, figliolo”. Disse mais a minha mãe, demonstrando que o necessário saber está na infinita bondade. “Figliolo Mio, mi GO bisogno di te e adesso tutti naltri gavemo bisogno di te”\*. Não sei por que na forte emoção, se diz as palavras na primeira língua aprendida. Falo assim meio distante que é para não chorar de saudade daquela amável, adorada, cuidadosa mulher. O sertão e sua gente têm as suas alegrias, mas não retira o que se houve. De duas despedidas além dessa emocionada dita familiar, que quero dizer. Só se dá adeus às importâncias, o resto some. Primeira minha professora:

- Oi, professora – falei-lhe.
- Oi, Pippo, continuou – no riscado.
- Vou-me embora nas aventuras portuguesas.
- Leve os conformes italianos.
- Vou para outras geografias, para completar a história.
- Bem que faz, meu eterno aluno. Nada se acaba definitivamente, ainda mais quando se tem tudo para fazer.
- Queria dizer, Professora! ...

---

\* *Filhinho meu, eu preciso de tu mas agora nós todos precisamos de ti.*



- Diga, logo, filião.

- Aprendi a amar as gentes na palavra sua.

- Fico contente por demais... assim como sabiá da laranjeira. Estou quase assobiando, Pippo!

- Vou praticar cidadania, vou praticar reciprocidade, vou praticar este chão, vou praticar a lei de todos.

- Chê, homem, sabe ainda de cor. Querido amigo, você está melhor que eu. Não é do lagoão que se vive, é da graça de Deus. É de toda geografia feita irmãzinha das gentes, é dos acontecimentos ternos que se faz uma nação. Continua, Pippo, lembra daquela aula de religião...

- Deixa que eu digo... É feição própria que se anda. Pois outra de forma igual não existe. Em nada mais se considere, senão num peito sincero. O que mais quero é um pouco de pão. O meu violão para a poesia. E a Maria livre da opressão do gratuito sofrer...

- Vai para o teu Piauí! Não envelheço mais, envergonhada com o meu salário. Ao menos sobrou você.

Buenas! Beije a testa que se enrugava num átimo de tempo. Mas ruga é vida e não lisura da ingenuidade.

- Da próxima vez, Pippo, quero que você dê aula para a gurizada: "O dia em que o Brasil começou a ser um só e inteiro."

- Assim será. Vou decorar a lição.

- Isto aí, Pippo. Visto e aprendido pelo coração.

A festa do adeus foi com meus amigos: os sócios do mesmo tempo e de igual troteado. Conversa fiada, aqueles de luxo, a melhor que tem, misturada com viola, "que numa noite não é nada", pouco mesmo para tanto desejo de "tudo de bom". A menina do Luiz sentenciou alto:

- Conta aquela do Quilá e Zé Raimundo, aquela dos dois mineirinhos!



Tentei modular o sotaque, puxei o violão e fiz o anunciado. Iniciando estava o teatro de improviso: “Vou les contá, ó meu Senhor, uma curta historieta daquelas apropriada com feitura do sertão.” E assim aconteceu:

“Tinha o Quilá mais o Zé Raimundo: dois vero companheiro de comemoração. Pegáro o viço da bebida, a desgracera demais. Volta e meia se ia o Quilé internado, se curá em Uberaba. Altos medicamentos. Pobrezinho, depois de um tempo, garrava pra variá, pedindo o companheiro, o mestre Zé Raimundo. Venha pro Sertão, feliz no vilarejo. Adispois de um pouco tempo, contava o Quilé pro Raimundim. Venci a bichinha, a branquinha da peste; vamo comemorá!”

Era pra ver! Quando se internava o Quilé, jejuava o Raimundim, que se metia a falante:

- Pobrezinho do Quilé, tomô só duas purinha e se entrevô por inteiro numa tal de coma.

Tinha mais que sobriedade! Era sapateiro o Raimundim. Punha as encomenda todas em dia. Sola num, meia sola em ôtro. Costura aqui, estica côro rasgado, escondido no solano. Sorria quando sabia da volta do companhêro: “Deus não quis o Quilezinho. Deixa o amigo pra mim, que careço das ventura contada pela boca do Quilé. Já tou cansado dos cheiro do solado. A dura realidade se amansa como carne de peru veio, num copinho e na fantasia do Quilé.”

Os dois compadre andavo demais de faceiro do reencontro. Muito divertido os dois! Onde houvesse reunião de festejo, se juntavo com o maior respeito. Era sagrada a presença dos dois minero. Não perdiam velório. Bebia um, bebia outro, choravam um, chorava outro, pra mor de mostrá a falta que fazia o exposto. Eram carpidero os dois, por poço custo. Olhava um, olhava outro, e rolava lágrima sentida. Mas nem todos gostavo dos carpidero fiel e assim comentavo:



- Não se compraz de seriedade um enterro com Quilé. Não tem tristeza no chorá de Raimundim. É pura purinha que sai do choro do Quilé e da lágrima de Raimundim.

Mesmo assim, eram uma espécie de mascote da morte, os dois, indispensável, com longa tradição no vilarejo sertanejo.

Um dia, teve o Honorino, filho mais veio da família, como exposto o pai, o veio Tenório, sisudo, conspícuo, com alta instrução. Nessa ocasião, seu Honorino falou:

- No velório de meu pai, que foi um homem de siso, não pisa nem Quilé nem Raimundim.

Mas nem bem entardecia, no vulto da tristeza, vinham se segurando Quilé e Raimundim no cocuruto do morro já cantando: “Desce a noite lenta e triste.”

A casa tava cheia no velório do home véio. E o Honorino nos casco:

- Não entra, por que não entra. A véia viúva, ponderada, tentava conciliá: Deixa os dois velá no choro!

- O exposto do meu pai não merece aquelas coisas pra depois todo o povo comentar: Tava lá o Raimundim, tava lá o Seu Quilé? Honorino puxou o negão Artêmio e ordenou:

- Avisa os dois que no exposto de meu pai eles não choram.

De nada adiantô aviso. Tava os home decidido, quando afirmou:

- Chorem por toda a gente, mesmo pros desconhecido, cume é que não vamo chora pelo conhecido Tenório?

E viero vin’o. O murmúrio aconteceu. Um olho do exposto, outro na estrada. Que o humano se quebra pra curiosidade. Toda a gente da aldeia estava na sala, soltando Ava-Maria e comentário miúdo. De um poço de devoção e de riscando alheio não tem quem não se veste.



Honorino, mandão, fechou as porta grande quando viu os dois entran'ô.

- Não quero os dois, ta acabado! O velório do véio é sério! A situação ficou estúrdia, mais pra riso que pra choro.

Batero os dois na porta: Ô de casa! Será aqui o lugar do falecido? Queremos dá o nosso lamento!

Honorino abriu de vez a grande porta e numa só maré jogou os dois, que mal se tinham, na valeta. Foi demais o esconjuro feito! Levantou-se Quilé e botou bico na fechadura da porta, mão posta na boca, falou na maior desproporção:

- Ô seu Honorino, enfia o exposto na bunda!

Ninguém mais governou a gaita. Foi só uma gaitada!

Ergueram todos meus amigos os copos de cerveja e gritaram: “Viva o compadre Quilé! Viva o compadre Raimundim! Em brincadeiras, uma atrás da outra, fomos fazendo a noite. Só um pouquinho de dor senti, ao perder de vez toda aquela gente.

## **DE ALGUÉM QUE BUSCOU SEU LUGAR E SUA CASA**

O Rio Grande me ensinou a ser gente, mas principalmente, o povo do norte daquela região. Me despedi, tendo na alma uma medida de alta estima, dignidade, responsabilidade, moderada altivez, independência, gosto de lágrima e suor, reciprocidade, o suficiente saber para o ofício de ser homem. E o que mais é preciso? Cada objeto ou viva alma tem sua prosperidade. Eu tenho a minha, não mais que a suficiente qualidade de oficiar a humanidade existente em mim, tendo apenas a mais a





manifestação particular, original, do meu específico nome, expressa na ideia, no sentimento, na ação e omissão, por mais que eu não queira. Tenho o ofício de ser gente, tenho o ofício de ser irmão e lá me fui tentar ser...

Cheguei em definitivo em Corrente no final de abril de 1986. Antes de apelar, porém, relato uma viagem boa, com razoáveis circunstâncias e acontecimentos. Fui ter, antes de vir, na Universidade de Passo Fundo, para avaliar análise, as terras que comprei: muito fracas, à exceção das areias pretas dos seculares baixios que reservavam o fraco húmus das montanhas. Mas de tanto juntar em anos, fortificou o solo para frutificar a semente. E eu aí, o sementeiro. Além dessa particular intenção, fui ter junto à alta direção, para assuntar o interesse daquela instituição em assessorar a implantação de um modelo similar de ensino superior, no sul do Piauí. Assuntei e obtive a humana compreensão. O coração das pessoas que fazem história tem sempre disposição. Não se ocultam nas desculpas. O governo que assume a cidadania de sua população perde a alma, sua substância capital.

Não deixei, também, de ficar um dia no interior de Araguari para ver Alécio e Raimundim de Goreti. Encontrei o Raimundim entristecido. Perdera por não ter urgido o atendimento a sua Goreti. Me tocou, quando falou:

- Povinho do interiô não carece vivê. Não se aperreie, não, doutô, é a sina da pobreza. Quem é a gente pra uma só ateição?

Tinha o filho mais velho. Não havia, para o rapaz, segredo na direção de um trator, nem em um plantio ou derrubada. Ofereci um trabalho de dureza, que era pra vir comigo para desbravar o sertão. Assentiram o Raimundim e seu filho Arquimedes. Segredou-me Alécio:

- Tu não vais te arrepender! Adiante vai se confirmar o valor deste rapaz. Meu Deus, neste Brasil, no meio da desilusão, tem tanta valentia!



Uma semana depois de chegar em Corrente já tinha cumprido diligências particulares, a saber: o Orozimbo havia sido contratado para as cercas e mais o Timóteo para motorista. Tinha comprado material para a cerca. Alto preço foi o arame. Tudo encarece nos transportes. Chegou a carga do caminhão com os implementos todos, os dois tratores, uma caminhoneta antiga, que logo passei a gás de cozinha. Pedi desculpas à minha consciência, dizendo que pobre deve ter um pouco de tretagem, senão morre sem delongar a vista. Mais uma plantadeira e a grande no final. Era a carga toda minha.

Louvei a Deus de alma inteira por ter chegado a minha muamba, sem nenhum desperdício. Subimos todos juntos a Serra de Santa Marta: a santa tarefeira. Enfim, chegamos ao lugar já indicado, junto ao Rio Gurguéia e ao Pé da Serra, no final das Mangabeiras. As araras coloridas, tucanos bicudos e outras aves que ainda não denominava, foram os únicos viventes a receber a mudança de ciganos. Nada de novo havia, tudo de sofrido andar eu tinha como companheiro. Expressou-se o Arquimedes:

- Beleza de lugar! Nunca vi lindeza maior. Pr'onde alcança a vista é a belezura de Deus Pai. É um sertão exuberante. Alteneia é a montanha que oferece o Gurguéia. O catulé e o buriti têm fama de imponência que se expande nos brejos. Brejeira é esta terra. Água não faltará. Cuidado há de se ter, para que os olhos não percam este luxo do Senhor. Vamos dar tudo o que esta terra merece. Vamos tirar o pão e o fermento sem praticar matança geral.

Avaliei: um menino de pensar para fora! Ainda bem que exhibe carga positiva. Mais uma vez destruí a velha opinião de que pobre não tem serventia. Concluí: Fica que é mais para nada, quando se tirar o restinho de sonho, ficando tão apenas o dissabor bicudo dos momentos. Reforcei ao Arquimedes: No início haverá trabalho sem quase esperança, mas te garanto, menino, tu ainda vais receber na tua casa com jardim, amáveis visitas. Terás uma família para exhibir ao meu protegido Raimundim. É o meu prometido.



Quando selamos a conversa, estavam o Orozimbo e o Timóteo só observando. Foram combinadas em reunião algumas condições para o negócio e a filosofia para a realização das tarefas e a distribuição dos lucros. O principal foi o seguinte:

1° - O salário devia ser pago semanalmente.

Deduzi que a razão deste pedido fosse a dificuldade de manter o controle do dinheiro, se ele fosse recebido de uma só vez. Só o Arquimedes pediu o salário todo final do mês. Prometi que teriam uma participação na produção do capital.

Arquimedes ainda se via no tino do futuro, para o Timóteo e o Orozimbo, o prometido não foi de repercussão. Ainda mais que fui de explícita clareza: Oi, gente, é assim: "Metade dos direitos na porcentagem será em dinheiro e a outra parte, em móveis e utensílios para o uso pessoal." Isto posto para a sensação da posse.

2° - Às crianças não faltaria escolinha, nem que fosse improvisada debaixo das folhas reunidas de catulé ou babaçu.

É dever essencial de sustentação. Este foi um pedido de Timóteo que, quando criança, estudava no Instituto Batista, sob orientação segura e sábia de Solano Severo, que terá constante vez nas narrações. Decidiram todos que não se deixa sem saber uma criança: "É assim que se manda na vida e se governa um cidadão", apoiou Orozimbo.

3° - As mulheres poderiam se administrar nas oportunidades. Aí ponderei, na minha juventude de fraco saber, mas zelante por ver com clareza os acontecimentos das pessoas: "Sabem por que os pobres vivem às turras em eira e nem beira, sem nenhuma leira?"

Aí vigiei dentro de uma filosofia:

- Desde criança, o pobre vive de improviso. Não tem casa, nem lar, nem coisa de valia guardada; então, muito menos um lugar. Aprende, por moda, campear. Andador apenas nas circunstâncias. Ora tem, ora não



têm. Sempre de pouquinho, que é para minguar de vez sua alminha carregada de visões-fantasmas.

Quero na minha propriedade gente de diferente qualidade. Mesmo pobre, mas com coisas e sonhos guardados. Num monte de paninho não se esconde proteção, nem nada duradouro.

- Vigiem, agora, Orozimbo, Timóteo e Arquimedes, vigiem princilamente: Que é que faz a pena maior de um pobre, de um pobrinho final, assim um miserável? É não ter onde chegar. Assim no mais, sem pai nem mãe. Não tem graça e sobrenome. O que teve em sua casa? Uma mãe por alguns tempos, com aflição feito treva. Seus pais, que pobre tem mais de um pai, se atravessam, na base do safanão, sem misericórdia. Não quero que aqui se crie uma criança sem pai definitivo. Porque não adianta um homem de passagem. Que se dê de vez, uma deveras proteção. Falei que as mulheres poderão administrar oportunidades: "Se delas se tiver um engrandecido respeito, poderá nascer das cuidados uma criança e não dos acasos e andanças. Não quero saber de junção, que me dói na minha roça ouvir gemido de mulher em doidos desconfortos. Mulher é gente, filho é gente. É necessário atenção da maior duração."

Parece que produzir efeito este papo solito e concluiu Timóteo: "Tudo na maior respeito!"

Já tinha trabalhado de mais de duas semanas e, por fim, aparecia um esqueleto de galpão grandalhão - um gaiolão protetor. Pusemos, na terceira semana, tudo debaixo. Em nenhum momento se perdeu a austeridade. As noites passavam amenas, numa fraterna conversação. Aprendi muito com seus mistérios e o saber da gente. Mais de tudo: respeito.

No fim do primeiro mês, voltei para Corrente. Dei notícias por carta, seguidamente, no curto caminho de São Gonçalo. Com os três capiaus, aprendi que não tinham vontade de voltar e nem previsão de futuro. Nada dentro deles estava garantido, tudo estava a esmo.



Orozimbo trouxe uma mulher e três filhos, todos na maior pobreza. O mesmo fez Timóteo com sua mulher verdadeira, que tinha um filhinho só. Arquimedes veio solito. Tirei, nestes dias, algumas conclusões: Podia treinar uma justiça social. Sempre mantive uma determinada distância, não para diminuir. É que toda gente é frágil e, no caso de austera exigência, devia ser um educador de última palavra, nem que fosse para dizer "chega!" E se igual eu fosse em tudo, não haveria convicção de que eu pudesse dar socorro em aflitivo momento.

Num dos sonhos havidos, vi que era um dos farias aproveitadores de particular oportunidade instigando os timóteos e orozimbos a matar o explorador em nome de uma luta dos oprimidos! Concebi ligeiro: "Ainda bem que o leste europeu tenha falecido e sobrou gloriosa, a natureza humana!"

Terminado o galpão, tinha mais o que fazer: a cerca que era longa e a derrubada indicada de 20 hectares. Era maio, o agradável mês do sertão, sem desprezo dos dois seguintes. Orozimbo era o capataz. Autorizei a elogiosa iniciativa de Timóteo, que queria suas casinhas separadas. Dimensionei: "O sábado todo é vosso." Da maneira melhor podem fazer escolha. A casa é vossa. Tinham muito que fazer.

A velha caminhoneta resfolegou brava na subida de Santa Marta, mas depois andou serena. Divisei Corrente e me aprazia interrogar: "já não vi lugar assim? Não se apresenta semelhante a Jerusalém? A aldeia do meu ser, por que ficou? Na quietude da África se faz outra cidade pareida? Ajuizei considerações: Quem poderá demovê-la de sua aparência? Deverá a minha cidade ter propósito próprio. Não poderá ficar desvanecida na sua forma casual de ser": se tem a metade da pobreza feita, sem completa instrução, outra metade não tem vez para continuar estudo superior, a maioria de parco recurso na saúde: não será oportuno um complemento cultural? Aperfeiçoei opiniões: "Se a cultura desmazela a natureza, proíbe a virtude, então se pode alterar, se houver vontade, o entendimento por



parte de quem se produziu neste modo de ser." Avaliei em seguida: "É tudo possível e sem ofensa. Não está o Instituto, não está aí a Escola Particular São José? Ah, pois... é deles uma iniciativa vigorosa. Com a mão deles foi espancado o mal escuro da mísera visão." Já havia decisão: "não se tira nem se invade quando se concede a liberdade. E o que ela é, senão o abandono dos limites? Onde está a morte aos 60, que esteja aos 80, onde a noite é o breu se fala luz, onde há dor sem esperança, que ela seja diminuída, onde se perde o caju que seja feito o suco, onde a débil percepção tenha uma luz na informação, onde o nada um pouco de tudo e do melhor." Nasceu da opinião o ardor de uma ideia: "Uma Universidade no sertão. Se Passo Fundo fez na extrema dificuldade a sua, com superior finalidade, por que não fará em Corrente?"

Roncava o meu rocinante barulhento. Não era de luxo mas me conduzia. Enquanto isso, meu pensamento sonhava com uma Universidade: "o interior terá vez. A fundação é uma bela obra. É a pura cidadania competente. Não se instala a dolente vantagem estatal, criação capitalista disfarçando o privilégio."

Fui ter com Solano Severo, o Comandante do Instituto que tinha um pátio que imitava pátios de Universidades americanas, mas com jeito latino. Não havia esquilos, mas pássaros com cores diversas, com pior e assovios ritmados. E a casa era igual a uma jesuítica missão. Havia um átrio de colunas sisudas e fortes, como que dizendo: "Ei você, menino, ponha vento na virtude, é ela que sustenta!" Em tudo se punha um ar de Deus. Era o instituto Batista austero, garantidor de melhor pensar para o sertão.

No dia seguinte, encontrei José, o amigo de outra vez e eu estava animado com o meu próprio dizer. Falou-me o rapaz:

- Este é um sonho antigo. Seus olhos brilhavam de felicidade. Potente, se redefinia para ele uma nova sorte. Falou claro e em bom tom: - Estou trabalhando no Projeto Piauí, que é dessa forma construído: um belo conho de passagem, mas morto nas distâncias e nos paternalismos. A



Universidade Federal pagava, pelo dinheiro do povo, às gentes de várias áreas do necessário saber para prestarem serviços ao povo. Era um botando saúde, outro mais na criação, mais ainda tinha agrônomo entendido em solo e semente. Intenção boa havia em tudo. Mas como tudo o que é do estado, feito em belo comunismo, morre na falta de alma e na desculpa de um esperar pelo outro. Se vai a idéia e o conseqüente trabalho. Fica a gente que recebe.

- Assim estou eu - denunciou José - mas não me serve o realizado.

O rapaz vibrou com a ideia de uma instituição de proporção regional, como autonomia em casa, sem escape nas distâncias.

- Eu assumo teu pensar. Vamos na frente.

Vi, com clareza meridional, que para o bem só falta a certa provocação e constante ação apropriada. Faltou falar com Pe. Estebán.

la pôr minha prosa, quando vi chegando aquele católico pátio o Orozimbo. É bela a entrada da casa canônica dos padres de Nossa Senhora das Mercês. Estava meio a meio Pe. Estebán. As almas não lhe caíam de maduras. A pobreza tem vícios feios. Êta América do Sul!

Já de ajeitava a fala espanhola àquele expressivo falar, suave como um aboiado humano. Nada mais se disse que "Buenas, como se va, padre?" "Bueno no mas, Martin Fierro", riu-se de mim, meio amargo. O homem estava mais para limoeiro que para caju.

- Padre, dê licença que meu capataz está aí.

- Ah si, ah si... que te vaia bien...

Havia sérias dificuldades no meu arraial, logo soube.

- O que sucedeu, Orozimbo?



- Três coisas demais de grave. O trabalho parô. Furô o peneu grande do tratô, quebrô mangueira e o Timóteo tá estropiado de zanga, foi quase de bufete no Arquimedes.

Vi, de cara, que o mar não estava para peixe. Paciente, falei:

- Fez bem, Orozimbo, em ter vindo logo com o problema na mão. Foi boa a iniciativa de vir de carona, trazendo o pneu e a mangueira estragada.

Falou-me ainda sobre os víveres que faltavam. Levei uma pinga taluda para o agrado dos bichanos zangados. Fomos e chegamos. Remendamos com sacrifício os estragos do maquinário. Mais difíceis foram os acertos na natureza aperreada do Timóteo e do Arquimedes. Timóteo estava embestado de raiva, porque Arquimedes lhe pusera vistas durante o amor mas pior que tudo foi o comentário caipira que o rapaz teceu.

- As intimidade fica no reservado de cada um. Não se põe na luz pública. Falou Timóteo criticamente.

- Ha pois... comentei, decidido - cada um terá a sua casinha.

O trabalho ia mais lento que poderia ir. Orozimbo terá mais um ajudante para adiantar a cerca. Autorizei o capataz a contratar por empreitada. Agora que os dois estão na paz, a derrubada vai deslizar melhor.

Não tinha visto ainda o cair da mata e não havia pensado que nela houvesse tanta brutalidade ao sentir a morte no estertor das árvores. Era desse jeito: os dois tratores, emparelhados, justamente a uma distância de 15 metros e a espia de aço terçada se encontrando nos dois e no ronco se via a copa das árvores em ligeira tremeção e depois, rasgadas no chão, com as raízes à mostra. "Mi corazón pobresito", diria meu bisavô. Na minha depressão, juntei um consolo: em cada árvore grande, dado o desconto às tabocas, vou plantar um cajueiro. Não deixarei o sertão na pior. Iria ter com a EMBRAPA de Teresina, vera possibilidade de um tiro





mais rendoso de caju. Ora pois, se vim para frutificar, não posso fazer a morte gratuitamente. Há que se ter bons costumes para com a senhora mãe natura. Oi que estava gentil. Afirmei, antes de voltar a Corrente, que iria a Teresina para dar início a respeito de meu Escritório"-Pro Natu: Projetos de Produção e Natureza."

No ronco do meu animal sertanejo, tirava da mente meus resultados. Gostava de companhia que bem entendemos, geralmente, agradáveis figuras humanas, melhoress, às vezes, que aquelas que a realidade nos pode conceder. Ou melhor pensando, é tudo a mesma coisa: a realidade tem cada pessoa humana e cada paisagem, que se podem confundir com o imaginário ser das coisas. Quem pode dizer que o cotidiano não pode lá ter seu milagre? Veja então a sabedoria de minha simples mãe Helena. Uma doce saudade me possuía naquele instante. Por ser maio no Piauí, a paisagem lembrava outono de Lagoão. Uma lembrança veio direto em mim:

"Era outono e mal haviam começado as aulas. Amortecia-se lagoão e todo o lugar. Mais tristes eram as segundas-feiras. Quase fatais. Um modorrento cotidiano sem graça. Era o momento das prosaicas horas: Charoponas. Um dia, porém, aconteceu em plena segunda-feira, no angustiante abrir dos olhos das segundas-feiras, um fato milagreiro: sobre as camas postas estavam chocolates, coelhos coloridos, pequenos e grandes, tudo se espalhando, cainda das cestinhas. As bondades da mãe Helena... Fomos para a escola transbordados de paixão. Foram alegres as horas de segunda-feira. Aprendi a amar ternamente as amáveis e pequenas horas de segunda-feira. Mudou-se o meu costume de ter horas detestáveis. Disse-me a querida senhora segunda-feira: A vida é tão curta! Não quero que meus filhos se dêem luxos de jogar fora algumas horas. Tempo não se perde nenhum!"

Um dia, quando eu contava a um colega esta história, por ser instruído, o rapaz comentou:



- Pois é, Pippo Elias, este teu caso tem tudo a ver com uma história de Proust. Havia uma senhora que morava em Paris e não conhecia a Catedral de Notre Dame. Gloriava-se de conhecer todas as igrejas da Itália. A sua catedral era o seu cotidiano. Não valia a pena.

Sei lá por que, veio-me outra idéia, que em outra hora me falava o amigo literato:

- Olhava, velhão, é efêmero o esforço da consciência na reformulação dos costumes.

Não acreditei. Assim como a santa senhora Helena do Lagoão fizera comigo seu milagre, não poderia eu, pôr melhores circunstâncias nas ações humanas de um pequeno lugar? Nunca se tem, na verdade, o total controle de uma ideia posta em prática. Pode sair de uma aldeia e desdobrar-se como um pé de melancia e alimentar a gente que passa.

A parte de trás de minha fubica vivia carregada desta gente que não prendia pé em lugar nenhum. Orozimbo comentava:

- Ij! Gente mais pelegrina!

Foi pelo tempo das chuvas de caju daquele 86, que me ri de um fato substancial:

Iniciava o preparo da terra para a plantação do arroz. Um caboclinho de vivo olhar, alegre como os capelães comendo manga, um bichinho de comentários estúrdios, poético menino, chamou-me a atenção por toda hora tomar assento na minha andante amarelinha. Perguntei-lhe, de sopetão:

- O que faz você andar, ora aqui, ora acolá?

Oi, doutor Pippo Elias, pro sinhô não resguardo segredo! Sou o menorzin da família acabada! O pai se escafedeu, minha mãe é falecida. Dois irmão que me recebe! Um aqui, outro acolá. Como vosmicê já sabe, de graça sou Mirigüi. Quando o mais véio, o que mora acolá, afirma "Oi Mirigüi, a comida tá cara, vamo trabaiá", eu digo "Oi, mano! Tô cum



saudade do Vardemá!" O outro mano que tenho é ali onde o sinhô cabô di vê o ranchin. Quando esse fala o mesmo, eu digo "Tô cum saudade do Teófilo! Inté na saudade o Mirigüi tem vantage! E é tum bom andá no amarelim do teu carro. A muié do Valdemá que explica:

- O Mirigüi tem vida de rei. Qui é qui si qué mais?

Ri do piá. Na verdade, ele carregava no bernal o peso de um sonho antigo: buscar a glória fácil! O português lhe ensinara bem. Então entendi melhor a extensão dos curtidos costumes feitos, guardados, experimentados, rançudos, já prontos, estabelecidos, no pensar de um menino. Eles vêm de antigas gerações passadas na imitação, nos gestos constantes. Será que vêm da muçulmana gente, de uma urdidura greco-paulista? Ou de uma mistura vivaz dos índios, dolentes, dos negros que se tinham em secular força ao costume de apenas viver da farta natura africana e do aventureiro português: se encontrava esta raça misturada no jeito profundo de ser do menino Mirigüi? Não seria fácil a conversação. Falar: ó gente! A glória humana está em suas mãos. Ó gente! Somos filhos companheiros de Deus no aperfeiçoamento do mundo! Ó gente! Dio a bisogno di nó!\* De que resolveria? Assim me fazia um desânimo ter que viver no meio desta conformada e empodrecida contemplação da mesmice. Aí voltei-me bravo e com feição carrancuda para o Mirigüi, que pondo a cabeça morena fora do carro, ria, solito, ao vento que lhe lambia o rosto:

- De hoje em diante, só vou te levar no amarelim do meu carro, se você ficar, definitivamente, ou no Valdemar ou no Teófilo, aindo á escola ou trabalhando, que nesta andança geral você não vai chegar a nenhum lugar.

- O sinhô, Pippo Elias, vai judiá do nenguin Mirigüi assim sem compaixão?

Quero você um homem feito, estudado, trabalhador, tendo casa e orgulho. Não quero ver Mirigüi como um cãozinho sarnento, sem lugar



onde chegar. Quero ver você como dono e senhor de um eito desse cerrado.

- Não posso ganhá de graça nada de nada?

Fechei o tempo e ao chegar no rancho do Teófilo falamos juntos, eu e o Mirigüi. Mais falei eu do que o guri. Triste estava o bichinho. Não é fácil ser gente. Mas para topa com este mundo inescrupuloso, não se deve de ter piedade de quem se quer bem, que ninguém ali no tacho tem piedade de nós. Muito menos terá do Mirigüi. Topei em ser o preceptor do menino. Não tinha vez que não parava e consolava o Mirigüi. Trazia um pouco de tudo para a maior necessidade. Via dos seus estudos, via dos seus trabalhos e sempre ele comentava:

- Quando chegá as férias, vou andá no amarelim do teu carro?

Mas como ia contando... Voltava para corrente com destino a Teresina. Antes, porém, de tudo, queria conversar com Dom Quixote de Corrente: distribuía seu tempo no cuidado com a escola e na distribuição da graça. Naquela manhã, estava com a escola. Convidou-me a jantar com ele. Na parte da tarde organizei os documentos a serem levados a Teresina e planejei com o carpinteiro a reforma da casinha de aluguel. Pensava constantemente na minha casa: não seria de luxo, mas o conforto e o espaço teriam sua vez. Não se faz um homem decente numa miséria de habilitação.

Don Estebán de las Casas estava conformado. As agruras não lhe moíam os ombros. Retomou, porém, a impaciente hora do dia passado e se explicou, já no seu melhorado portunhol:

- Estou num processo de transición. Não me suporto a ver esta jente tan sen fuerzas. Miran o futuro como se estuvieran ricos, e viven o presente como os miseráveis. I o passado está olvidado. As veces me voi a ficar como um cajorro ofendido, tan dañado. Estuvo asi otro dia que si murió una pequeña hija e los Pés de Serra mordida por una vibora.



Dejaron que se murisse, diciendo que debia permanecer isolada durante el tiempo de 24 horas. Dice les que esto costumbre era cosa de los diablos. El padre, o pai, afirmou que Diós levou su pequeña como se fuera un angelito. Hablé... falei que Diós tem precisón de seus hijos vivos e nó muertos. El hombre tuvo a coragen de decir-me... que te vaia a la mierda. Pegué o meu coche... o meu carro, batendo o pó de los calça'os. Estou ja em gracia.

Contei-lhe, alegre, sobre os meus consolos com a ideia de criar-se um Fundação Educacional de Ensino Superior de natureza comunitária. Contei-lhe o exemplo da Universidade de Passo Fundo e a disposição desta instituição de prestar uma assessoria, com professores dos cursos a serem implantados, inicialmente, não mais de dois, conforme a maior necessidade e disposição legal.

- Una idea de universidad comunitária es buena, pero impracticable por el costumbre. El pueblo não está acostumbrado a la practica de sua historia.

Afirmei-lhe, categórico, que esta que esta não era minha percepção, uma vez que tanto os padres como os batistas haviam conseguido erguer suas instituições com a contribuição da comunidade.

- En America do Sul, la universidad as para as elites.

Já me irritava com o Dom Quixote que puxava para trás. Seria daqueles que pensam que de ré também se anda? Ou seria daqueles que julgam necessário a peremptória destruição de tudo na espera de um céu marxista ou gramscista? Engoli em seco e novamente defendi:

- É injustamente aí a diferença. Esta instituição, pelo sustento que possui vindo da religião, deverá devolver os beneficios em favor dela. O ensino, a extensão e uma experimentação de oportunidades em busca da preservação da cultura deverão ter o perfil regional. Se uma universidade do estado deveria conceder excelência de progresso ao estado, uma



instituição universitária regional deve responder, com inteligência, aos reclamos agudos do lugar de sua inserção.

Parece que Ihe veio uma luz melhor, bem melhor que a minha. Se o meu juízo se iluminava à luz de candeia, o seu, de repente, iluminou-se ao lume alto de fogueiras.

- Si, si... estou a entender-te... Hai aí uma intención de consorciamiento. Entonces sera possible que las prefecturas ministren seos susídeos e preparación de sus maestros. Asi será possible la organización de servicios odontológicos por la secretaria de salud adonde estudian lós dentistas. A nadie resuelta em beneficio particular. Bueno! Por uma tan buena invención estoi a trabajar.

Quando Dom Quixote já estava me fazendo o que Ihe faziam nos Pés da Serra, retomei meus propósitos e pensei brincando: “Gracias a Diós que su presbítero se convertió!”

O jantar tinha um vinho estrangeiro e pensei: “Não posso desprezar esta oportunidade de degustar a mercê de ter uma dádiva desta empresa divina e multinacional obra da graça”. Graças à minha paciência, além do vinho, orientou-me Pe. Estéban sobre como conviver na adversidade.

Fui a Teresina, mas depois da volta, confesso ser um cidadão de sorte, por não ter ficado a testar a minha sorte na terra gaúcha. Explico que estimo a minha terra como se ela fosse as palmas das mãos de Deus que seguram suas criaturas. Apenas digo que não avaliada como são poéticas as paisagens deste lugar que me foi dado. Assim como o velho Albin tinha preocupações quando seu filho Bonifácio se expunha ao perigo em árvores altas, da mesma forma minha mãe temia quando Ihe falava sobre meus sonhos, que se alimentavam de extravagantes lugares. Para não dizer que estou exagerando, transmito algumas impressões que não mais em sonhos me apareciam: esta aí, sem tirar nem pôr. Estavam verdes as malhadas, mas podia adivinhá-las tão desnudas quando viesse a seca. Pastavam as cabras e um menino as tangia nos campos de



Gilbués. Não podia perceber em que horizonte se punha o olhar do guri. E não há como não suscitar ternos sentimentos com as cidadezinhas do sertão. Uma casa pede auxílio a outra, como já falei antes e isso é invariável. Ao parar numa rodoviária, onde foi mesmo? Mugia, uma vaquinha, em vários tons, a pobrezinha: as tetinhas miúdas já quase secas e um bezerrinho frajola tentava seu alimento, inutilmente. Lembrei-me, pelo somido de sua berraria, da vaca clarineta de Guimarães Rosa. Não vendo, por preço nenhum, estas duas cenas. Delas alimento, volta e meia, a minha pobre alma. Este sertão tem segredos nunca dantes revelados. Quem poderá me explicar o sabor de um suco de carambola que experimentei em Canto do Buriti ou será que foi em Campo maior? Nenhum rei tirará o sabor primitivo e esperto que ficou na minha boca. E o que posso dizer das águas jorrantes que se erguem ao céu, empurradas pelo seio da terra? Meu preferido lugar: Cristino Castro. Se se der uma mãozinha à mãe natura, ela tirará da miséria todas suas criaturas que andam demolidas no sertão. Ela dará a vida em abundância, se alguém lhe der um pouco: água haverá, sem medida. Como uma tarefa pequena e ordenada brotarão frutos exóticos para o sabor do corpo e saúde da alma. Deus não concedeu o sofrimento, inutilmente, ao sertão: deste solo e deste sol, é certo, ainda aparecerão os segredos que aos poucos se revelam.

No andar do roncante me solidarizava com a paisagem: Meu operante vaqueiro, um herói montado seu cavalin retesado: não se perde gado nenhum. O que será dele? Cogito: “As cercas postas no caminho tolgem a água natural dos brejos. As fontes estão cortadas e os caminhos impedidos. Curto será seu andar.” E que vejo adiante? Um moreno alto sentado nas ancas do burrinho. Com um pouco de boa vontade, o negrão punha em seus ombros o humilhado jeguinho.

Da janela eu vi apodrecendo ricos pivôs centrais, em abandono. Qual o pobrezinho que jogou fora esta incontável fortuna? O Estado, sem dúvida, é ineficaz, concedendo favores sem um cobro eficiente. Tem uma criação de filhos irresponsáveis.



Vendo essas cenas e outras semelhantes, fui e voltei. Encaminhei meus interesses. Tinha consciência de que podia oferecer bons serviços. Queria a benção do Estado para a constituição do que nascia. Fui procurar o Secretário de Educação do Estado, que me encaminhou a um padre tido como confiável educador. A ele expus a maneira como o Estado do Piauí poderia engajar-se na proposição que nascia no sul. Olhou-me com um pleno saber, desprezando minha ingenuidade e, categoricamente, falou:

- São coisas que dão certas no Rio Grande do Sul. O povo daqui não tem os mesmos costumes.

Neste tempo não havia aprendido tudo sobre os inconvenientes usos políticos que andavam à solta, também no Sul: o que um partido pensa, o outro dispensa. Pois era desta forma que geralmente era posto o gerenciamento das coisas públicas e os seus pequenos ou altos recursos: Tinha de haver dois lados, para que, dividida a burra pública, pudesse haver sobra de algum benefício... não havia recurso suficiente para todo mundo. No caso de haver em alguma cidade algum político-coronel que comandasse sem oposição, quase nada sobrava do publico benefício. Na verdade, se fazia a mais deslavada “monítica”: Só se construía o particular subsídio. Dos raros políticos bem cotados, dava um que outro. Mas no meio desta sujeira, haveria de ter um, de cepa. Aquele feito deste jeito: voltado para o geral, sem curral, na busca do bem comum.

Eu, Pippo Elias, encontrei de primeira, que falava e fazia: Cristóforo Martins, um filho primogênito das políticas virtudes. Na volta de Teresina, falaram-lhe sobre os primeiros contatos para se fazer um sábio nordeste, iniciado numa fundação onde se faria um saber apropriado. O deputado falou com siso:

- É possível! Chama alguém da Universidade.

Para mim, carecia de um maior fundamento para instalação dos primeiros passos.





E o Cristóforo falou mais:

- Vou marcar a audiência com o Ministro da Educação.

Agradou-me o Deputado Federal. Estava no usufruto de suas funções, não podia esperar para outra hora. Estava como ministro um seu conterrâneo. Telefonei para Passo Fundo e expliquei que desse jeito andava o movimento e que porque gente do sul se derramava no nordeste, não poderia perder a rica vez de emprestar os costumes culturais, já que havia disposição para recebê-los. Seria uma humanidade. Uma prestação de serviço de um novo tempo, para a região empobrecida. Argumentei:

- Olha, Passo Fundo ergueu um modelo de instituição com muita dificuldade que poderá servir as gentes daqui assim como serviu as de lá.

Houve sensibilidade. Não fiquei na mão. Se avolumavam as positivas condições.

Alguém da U.P.F. estava de viagem para Brasília. Foi combinado um encontro entre ele, o Ministro e Cristóforo. Em pouco tempo veio o resultado: positivo. O Ministério apoiaria esta livre iniciativa com resultado final exclusivo ao benefício público do meu pedaço do sertão. Lembrei-me, outra vez, de uma história da minha infância: As ideias têm luz própria. Com a vinda da Universidade de Passo Fundo, configurada na pessoa do seu representante, começou-se a multiplicação da ideia numa geral discussão.

Foram escolhidas as áreas para implantação do saber. José e mais uns companheiros foram ver o local, o que era uma tal de instituição voltada para o benefício de uma região, onde o dono era, na escrita de cartório, a comunidade representada pela Promotoria Pública do Estado, fiscalizada pelos setores públicos do lugar.

De conversa em conversa, foi-se imitando e, mais que tudo, aperfeiçoado um modelo consorciado, quase um mutirão, onde o poder público nada mais fosse que um vigia de uma obra de cidadã capacidade. Para provar que a ideia não estava para brinquedo, vieram: aquela que



seria a Coordenadora da preparação dos Recursos humanos e mais duas pessoas responsáveis pelos projetos dos cursos que seriam implantados, a saber: Agronomia e Pedagogia das séries Iniciais. As prefeituras teriam, nos dois cursos, especialistas, um corpo que daria consubstanciado progresso popular. Assim era o sonho. A Pedagogia escolhida era para mor de dar uma inteligência severa, feita na verdade de um conhecimento inicial. O tempo do povo deste lugar haveria de ser conhecido, o espaço visto em toda a sua largura e elogio, a natureza teria a sua ciência, as leis seriam aprendidas (A lei, sempre a lei, o caminho de todos). Amantes do lazer e das artes seriam as crianças, que veriam a nova Pedagogia, elevada e certa, e se formaria a razão na lógica de uma matemática concreta: contariam, nomeariam, subtrairiam, multiplicariam, dividiriam em proporções e em quantias, os jumentos, os capelães das árvores altas, as rastreadoras rolinhas, as cabras do Francisco, os boizinhos da Maria, os lucros e as aplicações, as garantias e as perdas: no atendimento lógico das coisas se saberia o futuro, pois se diligenciavam recomendações. Uma verdadeira Pedagogia. Sem dúvida as crianças teriam direções, as direções elevadas do ser humano nas fraternidades, nas liberdades, nos amores do seu lugar. E cantariam:

Não se retira, com colírio, da retina,

A visão de Corrente.

Buenas! Vieram, além da Fátima, a Coordenadora, mais o Clemente e o Gentil. Fizeram a seleção dos participantes, enquanto se preparava, já no Sul, o encaminhar da autorização do curso de Metodologia. Vieram, logo depois de uns tempos, os professores para Superior do Sul do Piauí foi uma comprovação de que a cidadania e a força comum não poluem, por século algum. É só levantar uma causa força comum não se polui, século algum. É só levantar uma causa que se eleve acima de partidos e igrejas, que as gentes põem de lado suas vestiduras e armaduras.



No dia da fundação, houve o maior discurso pronunciado sem titubeio. O vôo foi alçado na boa provocação, a vezo de uma voz decidida: “A vantagem de nossa ação é exuberante, é econômica, é apropriada demonstra elevação de um povo lá aonde mora o abandono. Na tenência nossa tem a redenção. É uma obra difícil. No pouco apoio estatal e no muito esforço das gentes, se supre o que definha.” O pronunciamento do Filemon ponderou que uma fundação desta forma não vai servir, que não se tem costume para tal.

Falou aquele que representava o Sul.

- Quem construiu São José e o Instituto Batista constrói uma fundação.

O conhecimento foi, palmo a palmo, até o momento das esperadas doações: nada ficou de poupança, ninguém deu um pouquinho só. Deram até da substancial herança. Foi a generosidade. Naquele momento, levantou-se um moreno, rapaz esperto, pobre, que pronunciou:

- Nada posso dar porque nada tenho, dou minha esperança.

Foi o que mais valeu. Doutor Solano já havia conseguido da Missão Batista a generosa oferta de 20 hectares de umas das terras quase dentro da cidade. O escolhido Presidente Provisório, o José, falou, tomou ânimo mais o que já possuído e foi recebendo as ofertas da bondade, enquanto dizia à Secretaria:

- Escreva aí!

Eu, Pippo Elias, confesso que, se apagados forem os meus restantes dias, tenho um para levar: esse. Os grandes propósitos têm seus dias, mas a sustentação diária da promessa é só para os valentes. As palavras são fáceis, mas a felicidade custa um pouco mais.



Tinha se acendido um lume que estava nas mãos de todos. Houve um aplauso, de pé, à bondade eleita e ao ato feito. Alguém se lembrou de uma luz que vem do alto.

Começou o erguimento da obra na confrontação das necessidades. Das prefeituras, consiste apoio proveio de Corrente e Cristalândia. O curso de Pós-Graduação iniciou e avançou coeso, lanudo, e a turma de professores tomou sincero apreço pelo sonho que se alevantava. Cada dia que passava, se tornava mais real o que fora considerado possível.

O que causou minha admiração, foi que o sertanejo tinha força extraviada e que uma vez reunida, se tornava criativa e bem feita, na ação devagar, crisolada como um pote de artesanal trabalhando sem precipitação. Ouvia-se falar: Tem mil jeitos o sertão. Vocês conhecem as abelhas e seus respectivos méis? Vocês têm a ciência dos sinais da chuva e de como, num triz, se comove o sertão em vida? E quem concede o saber das cores durante a estiagem? Não se pode ver mais com os olhos, se vê com a alma, os amarelos e os roxos do pau d'arco se pondo às vistas do céu azul: O veludo azul na simplicidade de ser.

Este sertão também tem uma infinita gente ainda não descoberta nas suas virtudes, capaz. Vige um novo homem. Ô chên, tem um novo homem nascendo. Não se deve consagrar por demais o tempo feito: Nas infinitas sortes, tem mais o que nascer. Nas misturas das cores e das flores surge o insofismável. Da coleção humana, nem o início se fez. Como será feita a nova política, se não mais se carece de alta proteção, pois que, mais do próprio punho resulta a força e a sina? Será diligente o homem público sem favores, cegos como a justiça serão os benefícios de todos! Ah! meus patrióticos administradores! Como serão os costumes de família e a louvação do Senhor? Como serão as portas de Corrente e suas varandas? Como falará o homem zangado? Deixará sua peixeira? Quando estiver completo, será de ver. Vou chamar, Fellini, que acolherá, em imagens, o coração da nova gente.



Era junho: Uma brisa quase fria trazia a noite de São João. Ia passando entre palmas e as casas juntas, juntinhas, como irmãzinhas brancas. Vou mostrar o que vi. Quis juntar o costume e pôr na algibeira, para usar, não só naquela noite, mas como um objeto trivial de toda hora: era a serenidade das casas e espalhada nas calçadas. Era o desvelo conjunto da vizinhança, celebrando uma fogueirinha. Mal se divisavam os rostos iluminados nas pequenas labaredas. Era assim que se chamava São João para a benção das casas onde houvesse um João. Toda a gente reunida na invocação dos tempos em que, no alto das montanhas, se indicava que nascera o que vinha antes do Menino. Tinha ali, na minha frente, uma celebração de amável virtude do fogo em comum. Fiquei contente quando uma voz conhecida, a do José, me convidou para me aquecer ao fogo. Esquentando a voz, as novidades das gentes se esquentavam nas poses dos lumes de São João. Havia uma convicção na quietude da noite: “Toma entre as mãos a felicidade que existe.”

No resfolego do trabalho, nas garantias do futuro, na organização das coisas havidas, no tamanho dos imóveis e números de semoventes, nas possibilidades materiais, eu aprendera a ter a proporção de minha felicidade. Aí no meio das gentes tão simples como um fogo, importava a proporção da calma, dos aspectos expressos sem repressão, no cantar das palavras escandidas e escolhidas nas bonitezas dos sons e dos significados. Era mais nestas esferas que se punha a felicidade. Não há como se negar que os almejos também medravam por entre roupas finas, enfeites de corpo, uma ostentação nos limites das considerações pessoais. Mas o amor mais pendia nas tendências de bem-querer na medida em que ouvia as conversas ditas!

Nesta conversação entre os braseiros, chegava Girusa. Não havia observado, mas não podia deixar de reconhecer o seu olhar charmoso na direção do meu olhar. Vesti prazer ao vê-la tão afável. A noite... sempre a noite que se reúne nos mistérios. Era esta mesma noite que punha voz de veludo na garganta do velho Albin. E que põe agora no meu coração um



súbito sopro de ternura. Veio dizer-me que a turma iria fazer a quadrinha de São João no centro do Banco do Brasil. Agradeceu pelo fogo e pelo proseado que se bandeava sobre as dificuldades e os méritos da Fundação criada um pouco por minhas mãos.

Fui até minha casinha. Depois de uma quadra estava a casa de Girusa. Fui até lá, de passagem, para saber sobre as horas e para me certificar dos mundos do seu olhar. Saí de lá convencido de que o norte ganha em luz das paixões do sul. No acalanto fui retirando palavras, gestos e acontecimentos e apenas então reconheci o carinho que meu peito soltava em direção à guria. Mas muito mais quenturas e doçuras já demonstrava Girusa no seu dizer cheio de amores. Ou seria engano meu na desencontrada linguagem?

No sul a conversa é mais certa, sem requebros e malícias. Aqui nestas alturas do Brasil, as conversas têm mais temperos e iguarias, a pondo de não se saber distinguir as falas sérias das falas às brincas. E lá sabia eu como fazer? Pode o verbo enganar tanta verdade, mas o rosto inteiro não engana. Tinha gosto especial e já aprendera um pouco a ler o rosto das pessoas. Principalmente os olhos falam. Não tem dúvida. O rosto de Girusa era mais terna palavra. Eu, por atraso ou por falta de estalo, estava começando a entender agora. Na festa junina tive a certeza: acontecia uma pequena chama em mim e Girusa. Não havia em mim a esbeltura do amor quase heroico dos meus antepassados. Falecia o êxtase. Estariam as preocupações medradas entre os silvestres frutos da paixão: Seria o medo de perder a liberdade da solidão? Ou não estariam em mim recônditos conflitos ainda não solucionados? Como consolo, levei, sem temores profundos, uma suave certeza. Não será o meu amor feito como as chuvas deste lugar? Primeiro, míseras garoas, depois as chuvas das fartas culturas e, no final, as generosas despedidas das águas de arrição.

A suave ternura também tem volta. Diria meu bisavô: “O amor de um homem deve ser bagual. Uma só tempestade. É como um relincho reforçado.” Comigo não era assim. Era como as sementes dos



pessegueiros. Um caroço de nervuras firmes, que, se nascesse, daria frutos com polpas coloridas e gostos acres e doces. Das linguagens de Alessandro Casona ou de espanholas poesias, nasceria o meu viver conjunto? Vamos ver o que representa reserva o coração, dizia para ter alívio. O comum seria aquele arreatador voar de flechas ou um som profundo como aquele do navio do meu bisavô. Mas parecia, o meu amor, com um som apagado de plantas. Era com cinzas aquecido o desejo de um incipiente amor. Menor que uma semente de araruta. Brincaria a minha avó: “Con un chico amor ai que se puede hacer? Darse a los pajaritos.” Mas também é de um pequeno sentimento que vive um homem. Estaria atento. Momento não se perde nas coisas do coração.

Chegou setembro com seus anunciante calores. Olhava para o céu e fazia o que de mais trivial se faz no sertão. Perguntar: Será que vem chuva? Não se precisa fazer outra penitência para os pecados do nordeste. Basta a pressão do ar. O estúdio pesadelo do tempo. Mas eis que caem os primeiros pingos. Em uma nova pedagogia. Era outubro. Fiquei com o pescoço doído de tanto olhar para o céu.

Estava bonita a minha fazenda. Uma força extravagante, exótico fluido me atraía àqueles chãos. Seriam os montes distantes e azuis? A esperança no solo? Era quase uma paixão.

Montei num cavaleiro, humilde na força. Por certo não aguentaria o tranco de Rio Pardo a Cachoeira. Era único semovente de minhas posses. Tinha parecido e por ele se tinha cuidado. Não podia se queixar de mal-querência. No seu tranquinho devoto, levou-me a ver o baixio onde sairia a plantação. Oi que estava bem arranjado o lugar para a sementeira. Foi de um pequeno lampejo que veio o máximo de conforto: Que bom seria se Girusa pudesse ver o que esses olhos praticam. Um desejo amoroso de companhia. Uma simpática saudade de sua voz, pronunciando: “A terra é grande, Pippo. Se encosta quase no rio.”



Tomei um banho no rio Gurguéia. Me senti solito. Um desanuviar de dúvidas saiu-se por uma brisa, deixando livre a mente. Provinha um novo coração. Vesti as minhas roupas e fui ver o lugar onde faria a sementeira das gramas e dos pastos: 100 hectares prontos. Teria meu gado com vacas berrantes: sonho particular. Novamente, e mais emocionado, a lembrança de Girusa: ô guria, vê se é lugar para se ter amor? Foi lugar. Debaixo de um pau-de-pente se rebentando nas cascas, bem aí se demonstrou um belo e forte amor, nascendo no meu peito. Queria o mais puro respeito e a tentação agradável dos corpos afáveis necessitando juntar o calor.

Fui ver a certa da fazenda quase pronta. Irrestrita conquista. Seu Orozimbo calculou o tempo de sua feitura. Tinha nela carinho. Vi que era urgente um grande reconhecimento que cada um necessita ter. O seu tamanho visto na obra que faz. Não queria ter exagero, nem em nada diminuir o trabalho. Devia, senti, aludir sobre o esforço e a arte demonstrada com agradecimento. Afirmei:

- Isto é trabalho de gente merecedora de estima.

Propalei a quem veio me ver naquela semana:

- Quer ver a cerca? É obra demestre!

Não significava um favor; tinha paga. Fiz churrasco de primeira. Puxei a viola e cantei as toadas do Ria Grande. Foi alegre o festejar do trabalho.

### **Particular Descrição de um Expressivo e Custoso Amor**

Pode-se, com relativa facilidade, emprestar-se conhecimentos e impressões. Mais difícil se torna conviver e convencer-se, como





respeitáveis, os comportamentos uns dos outros. Estas afirmações procedem relacionadas aos seguintes momentos de minha existência.

Voltei da fazenda em meados de novembro. Haviam saído os custeios solicitados ao Banco. Vim para buscar as peças encomendadas e enviadas por meu pai até Barreiras, mas, acima de tudo, voltei para ver se despertava a inspiração amorosa na direção de Girusa. Queria repartir a minha vida, não que fosse de suma importância, ou que alguém não pudesse viver sem ela, mas precisava de uma intimidade para espantar a amarga solidão. E, modéstia à parte, carregava no alforge um pouco de sonho e um pouco de amor, que juntados, poderiam servir a alguém que tivesse boa vontade. No roncar do meu rocinante, meu coração tinha espertezas. Chovia no alarelim do meu carro e ele se lavava todo no asfalto. Mirigüi não podia deixar de ser lembrado, visto e abraçado. O menino tomara estima de sua importância nas conversas de sempre. Atenção eu dava e demonstrava a sua maior relevância. Nas vezes em que vinha com mais tempo, almoçava com o irmão do menino e Mirigüi tinha de volta as minhas preocupações demonstradas.

Uma criança cresce nas exigências dos pais. Desculpava-se, Helena, pela sua austeridade. Demonstra a exigência sobre alguns comportamentos, a criança divaga que tem zelador e fica zelante de si. Cuida-se e guarda os mandamentos, por saber que alguém os apascenta. Mirigüi cogita no seu interior: “O Pippo é que me cuida. Ele não vai me deixar sozinho. Tinha cada dia mais afeição, a ponto de imaginar que o menino renascia como filho meu: um neguinho sem igual com altas dignidades. Vai estudar e trabalhar. Não há de carecer favores para viver. Vai merecer o seu existir.”

Mas não era bem pelo menino que eu tinha que mais zelar. Suscitado o amor de Girusa, fazia-me preceder a imagem e a palavra: “Vou chegar em silêncio e ver seu brando perfil. Dirigirá aqueles olhos trigueiros, plenos de cálidos lances, semicerrados, sorridentes, com



resumidas perguntas: Voltou suavizado? Sem as incertezas? E ela, estaria clara e segura? Até quando sustentaria a tibieza do meu peito? Queria sustentar, nas minhas calejadas mãos, o seu rosto. Provar-lhe que estavam acesas as luzes das candeias.”

Voltei a minha casa. Enfeitei-me com um banho e com roupas limpas. Era muito para um corpo cansado. Trago guardada a lembrança do encanto, mais que perfeita, melhorada na interpretação dos desejos e naturais enfeites que, para melhor se levar a vida, a mente põe um pouco de ternura, suavizando a imagem verdadeira. O ideal imaginando sempre empresta um pouco de luz aos feitos do dia-a-dia. Um passo ligeiro, naturalmente controlado, para não se perder o instante bom que antecipa o encontro desejado, ia neste vazo meu ao encontro de Girusa. E o que é esta atração de agrados? É a promessa de um carrinho duradouro sobre o íntimo ser. Nos sentimentos, nas ideias, nos sonhos, é uma garantia de nossa perene validade feita pela mão humana. E, para compensação, a entrega plena de um prazer: a intimidade. Bem pouco sobra à solidão. É um gratuito dom. Em nada conta a vontade. Quem poderá dar ordens ao coração? É uma poesia encontrada ao acaso... é a contemplação resumida na profundidade cotidiana de um homem e uma mulher. E tem um encanto igual ao de uma manhã que surge e é tão frágil como um pote de barro. O coração esconde um mistério difícil de ser visto na luz, mas permanece aceso o lume. Fenece, às vezes, como o círio de cera: urge convocar as abelhas.

De longe, avistei Girusa. Tão pobre é o ser humano, mas tanto sonha! Estava silente limpando as sementes: o alimento do outro dia. Tinha ela o pensamento distante tão feliz na imaginação, que, de relance, cogitei sermos mais felizes no relembrar ou projetar acontecidos, que quando ali, na dura sorte, astuciamos na ação o momento. Um carinho espontâneo tirado lá do fundo avolumou-se: aí estava quem deveria aliviar os dias maus e celebrar os bons dia. Não mais estaria a sós nos andares; teria passos a mais na minha estrada, suaves como os ninhos, assim esperava.



- Será que posso entrar? – anunciei-me.

Um pulo de prazer. Veio presentear-me com seu terno corpo. Ágeis as mãos, envolvendo meus cabelos. Os seus olhos anunciavam um calor de fogão e um pouco de eternidade. Julguei: “Não se pode perder, não se pode morrer. Queria ser um pequeno deus e prolongar os minutos. Parece o tempo. Sorri ao lembrar das abelhas: fazem o mel em qualquer florada.” Senti uma verdade em Girusa. Era mais verdadeira que eu. Atrapalhado no amor, sem jeito. Ela não. Possuía certezas. Soltava o corpo, soltava a vida sobre mim, sem repressões. Era um pássaro em pleno voo. Eu, um sabiá na gaiola. Ela tinha os mares azuis, as florestas e eu os limites de uma casa. Não se apresentariam a ela percepções ocultas que sufocariam este pequeno amor!

Éramos tão diferentes! Falei sobre os meus temores, que éramos tão distantes na compreensão de tudo, nas atitudes. Envolveu-me num discurso afável.

- Bem aí que moram nossas riquezas. Nem teria graça se fôssemos iguais! Poderei tirar de sua vida, novos frutos, novos sonhos; poderás tirar de mim uns novos saberes. Quem não gostaria de visitar novas culturas, novas impressões e ampliar o mísero ser? Ainda mais nossas vidas, tomadas de gentileza, poderão ter encantos nossos. Se entendes, Pippo, que em mim há uma razoável existência feita nas minhas valias e passares as mãos com desvelo, aos poucos verás que tenho segredos bons. Aos poucos te darás conta das minhas formas, terás ampliado o teu ser. Se eu tiver esta mesma intenção, não perderei a minha identidade, afinal a alma precisa de novas vestes. É como o corpo, a nossa alma.

Ela, Girusa, tinha razão. Eu era mais rijo que um pau-de-pente, não só na dança, mas nos gestos hirtos do carinho. Entre carinhos, conversávamos sobre os modos de cada ser. Eu tinha mais que qualquer ser humano pode ter, a disciplina. As horas e os minutos não se podiam perder em contemplação. Algum lucro deveria ter. a produção de um bem



era a ordem. Como dizia o Fagundes, vizinho de minha casa no Lagoão, “essa italianada parece ovelha com a orelha bichada: sempre irrequieta e sem descanso.” Ao contrário, aqui está a pacífica visão das horas, o gosto de viver ao sabor dos ventos, das águas, de uma chã e curtida conversação. E, de verdade, Girusa tinha, como todos do sertão, o dom da palavra: ricas expressões, graça na invenção. Um frívolo acontecimento produzia efeitos de cantares, quase uma poesia.

O irmãozinho de Girusa, Ariosto, derramara o único balde de leite que conseguira na vacaria. Se isso acontecesse no Lagoão, austeras palavras, senão lambadas, acompanhariam a distração. Emília, a mãe de Girusa, apenas disse:

- Ôi que menino estabanado!

O leite cremoso se perdeu!

Ostinho! busca o pano, menino.

Girusa falou, com igual paciência:

- Ô mano, presta atenção. Te não tem respeito pelo esforço das vacas. Busca aí na Zefinha o leite de um café.

Lá se foi o menino, sem haver escândalo. Não se descompunha o mundo nos acidentes. O convívio, em tudo tinha a sua harmonia. O leite ficou derramado durante 15 minutos. O menino Ostinho foi lá limpar, como se já estivesse escrita a paciência dos movimentos. Tudo na maior dignidade, serena tranquilidade.

Assisti a tudo, à distância. Mesmo sendo um estranho à casa, custou-me o silêncio. Já ia falando, se tivesse que tomar uma decisão: “Ô piá distraído! Apura e vê se limpa!” Não ficaria assim na calma. Tive vontade de toma-lhe o pano das mãos e pôr logo limpeza no leite. Expliquei, posteriormente, para Girusa, que, com relação ao incidente, entre nós havia uma grande diferença entre o meu entender e fazer e o



que fora praticado. Calmamente, pôs-se a falar, em belíssima linguagem, bem melhor que aquela que, oca, transcrevo:

- O Pippo, não se arreie por tão pouco. Não se assuste com os problemas. Temos a palavra. Ela é uma fada que vela sobre o bem e o mal. O mal se empalidece quando é mostrado. Se tiver fantasma, eles se vão, como se a conversa fosse uma aurora. No embalar de uma rede e nas conversas das noites, nós suportaremos os males do sertão, pacientemente.

Acreditei mesmo no que ela falava. É verdade. Por isso são tão felizes os italianos. Gritam e esbravejam, fazem um teatro com suas dores. São tão hábeis nas palavras, que suas bocas soam como os sinos. É possível enfrentar as dores com Girusa. Ainda me consolei com outras visões que tive. Mesmo que venham os problemas sérios, não tem por que se abater.

Havia um sereno amor de minha parte, gentil e fortificado, alegre em prazeres de Girusa. Julguei: “Perco de longe para os saberes e as volúpias de Girusa.” Eram trocas de culturas nos afetos aprendidos.

Para maio foi marcado o casamento. Razoável foi a colheita. Bem menor que a que havia em sonhos. Apenas tirei suficiente resultado, com o qual se punha a esperança de uma próxima safra.

Geverton era o pai de Girusa. Um generoso e remediado fazendeiro que tinha suas terras às margens do Paraim. Não tinha mais que 150 cabeças de pouca produção. A fazenda parecia irretocada, assim como a fizera a mão do Senhor, com pouca melhoria. Os gados eram pequenos. O senhor meu sogro me convencia a retirar-me dos plantios. Piauí é que é terra de boi! Falava-lhe que se não fosse a estiagem, o veranico de janeiro, tiraria uma colheita de fazer inveja.

- Vou comprar o material para fazer a irrigação. Vai dar feijão o ano todo.



O senhor Geverton reconheceu o meu juízo. Comprei uma engenhoca para 15 hectares de irrigação. Falei:

- Vou colher feijão de corda e um outro dito mulatinho.

E colhi. Explicava, vitorioso, ao sogro sobre as terras do Piauí:

- Ainda vou pôr um Pivô Central, vou fazer saltar grãos no Gurguéia.

Chegou o mês de maio de 87 e não me congratulava com o feito que queria realizar. Girusa, ao contrário, estava orgulhosa, mais que satisfeita. Bonita, ficava na maior felicidade. Punha o verbo e mais palavras expressando o feito que realizaria. Eu, pobre humano ser, esforçado a não mais poder, era tido, nos sonhos de Girusa, como um Pippo mais poderoso que um grande estadista. Ela não se cansava de elogiar a união alegre que teríamos em breve. O melhor consolo que encontrava era nos banhos do Gurguéia. Água, brotada das montanhas, dos brejos altos, dos buritis sozinhos, dos coquinhos que nasciam, vertentes limpas, tudo aí a temperar meu ser para a eleição das minhas bodas. Quase preferi a solidão a corresponder aos romanceados sonhos de Girusa. Resumia, nos banhos do entardecer, as minhas alegrias pequenas.

Ensinava a toda gente as lições dos plantios em terras de areia. Todo lugar tem sua ciência. Carece um saber sobre plantas e animais na convivência com as terras.

Comprara meu primeiro gadinho. Dez vaquilhonas Nelore e um tourinho Marruás. Meu escritório começou a funcionar com os japoneses das Mangabeiras. Ajudei no Pro-Agro. O maior orgulho se dirigia ao erguimento da FESPI. José presenciava e dirigia com o poder de poucos recursos, bem administrados.

Reunia amigos em torno de mim: a maior conquista. Ter amigos nessa imensidão de dispersar a alma é uma necessidade. Me confortava a alegria das perguntas e das histórias contadas: eu já era um deles.



Quando punha a cabeça debaixo do meu galpão de luxo ou do teto em Corrente, avaliava contente a minha cidadania. Mal tinha um ano de sertão, já fazia um pequeno nome, entre tantos, na dignidade de irmão querer erguer a vida entre os frutos silvestres e as almas peregrinas. Lucro verdadeiro eu fazia do amor por um lugar, maior que da minha fazenda dos sonhos.

No final de abril deixei Corrente, pois nada mais podia fazer no escritório e nos apoios da Instituição. Na estiagem, tudo parava por esta época. Me consolava o fato de, no futuro, poder-se guardar água providentemente e realizar projetos na anuidade mas, por enquanto, meio ano era parado, sem futuro... o mundo virado tabocas.

Conduziria as derrubadas, pouco mais que as já feitas e o plantio dos cajueiros-anões e com minhas mãos queria fazer uma casa toda de madeira roliça, repetindo os feitos do Albin. Queria escrever sobre as minhas tentativas de plantar no sertão.

O que é fazer uma casa? É mais que erguer paredes. Queria um canto com silêncio, onde pudesse pensar, querer e amar Girusa. O canto para o meu pensar teria uma atenção especial: não omitiria a paisagem das montanhas vermelhas e azuis.

A felicidade está no pensar. Mais perfeita a felicidade está no escrever, túrgida de inspiração e informação. No fazer da casa conversava comigo, tendo o pensar no pensar de Girusa. Fui buscá-la em Corrente. Para garantia da virgindade, veio Ostinho e mais Mirigui, para passar o fim de semana. Uma família inteira. Valou uma certeza este último sábado e este último domingo de abril de 1987: podia casar, que por bom que seja o sonho em solidão, não retira a necessidade da íntima companhia, mesmo que haja naturais repetições de um cotidiano familiar. A rotina bem cuidada também tem seus encantos.

Havia Girusa uma virtude: apreciava a sua própria solidão. Às vezes observava-se, metida até o pescoço, nas suas particulares entrevistas e retirava olhares brilhantes da imaginação esvoaçante: garças



brancas ou quaisquer pássaros que fossem. Tinha também seu voo particular. Então pensava que o verdadeiro casamento é apenas um complemento, onde um promete ao outro auxiliar o braço a desenhar com carinho o próprio perfil.

Fomos sozinhos, Girusa e eu, tomar um banho no Gurguéia. Foi poeticamente perfeito. Sentimos carinhos nos controles. Famintos e doce olhares. A transparente água fortalecia a união sagrada de um respeito e proteção infindos. Percebi que não poderia fazer além, que se formaria um constrangimento. Não escaparia ao antigo costume. Não bastariam as bênçãos do Senhor que sopravam nos taquarais. Girusa carecia de um pavilhão cheio de gente para ostentar satisfação, aprovação na antiga lei dos hábitos humanos. A natureza que aguardasse o seu próprio momento.

Eu decidi ficar mais uns dias, enquanto Girusa e os meninos retornaram. Fui fazer a casa. O machado repartia as lenhas das madeiras roliças. Furiosamente, batiam lascas contra o arvoredo. Até cobri minha casinha. Me vendo daquele jeito, irritadiço, na agitada ação, Orozimbo, Timóteo e Arquimedes se movimentaram mais.

Era sábado, primeira semana de maio. Haveria um baile bom logo ali no São Gonçalo. Lavei meu cavalin de ferro que ficou tinindo. Ia dançar com o cabrochedo. Amigos eu tinha deveras na vila. Se me dessem o Rio de Janeiro com todo o seu Corcovado, eu ainda preferia um pequeno vilarejo, um pueblito, no dizer de Pe. Estéban. Eu lograva andar apazido no meu São Gonçalo do Gurguéia. O Teofanes na sanfona e o Tibério na viola. Eu estava espiritado. Fogoso igual queimada daquelas de correr onça, veado, e matar todas as cobras. Estava numa quentura, diminuída apenas numa espumante cerveja. Logo senti nos olhos da Laurinha um querer carnudo. Ela mostrava um sorriso de fazer pulsar tudo o que pulsava. O coração se debatia, tentando escapular do seu estreito lugar. Nada me proibia. Era moça, maior de idade. Demonstrava vaidade por ser livre para escolher amores proibidos. Preferia comer exóticas comidas, a





viver do feijãozinho diário. Não que fosse qualquer uma. Era mulher de ardor e preferências. Não carecia vender seu desejo, que morava em sua fazenda: dez ou vinte cabeças de gado cabrum mais sete ou oito vaquinhas. Já era riqueza em pasto feito. Quando cansados eram os dias nas minhas lides da dita fazenda, Fontes do Gurguéia me recompunha, ouvindo as falas de Lurinha. A moça era estudada, nada da vida lhe passava sem desvelo. Tudo nas poesias de ver o mundo dos sertões. Falava solto, com virtuoso proseado:

- Vou lhe dizer, ô meu Pippo Elias, na interpretação do meu entendimento, a vidinha de um lugarejo mais comum é como uma pintura. Tem aí, você vê, a estrada que passa e seus passantes. O tempo era bem mais paciente há dez anos atrás. Os sulistas nervosos nem sabiam das nossas veredas. Sereno era o avoo das jandaias e capelães. As araras punham seus ovos no maior descanso. Agora as cercas dividem, proibem aos gados as aguadas. É o tempo que semeia as tempestades e num triscado de instante, quem não viu não vê mais. As figuras humanas eram dignas. Não carecia ter heróis de outras vivendas. Sabia de história contemplativa, igual ao canto do jaó. A vida se embalava nas fortificadas lendas mais taludas que um jatobá.

Não falava por falar, se compenetrava de alma inteira no correr dos verbos e seus ossudos substantivos. Era pra ver o prazer quando enunciava:

- Não se pode esquecer uma cerveja no sertão. Há um pequeno arrepio de asas molhadas silvando.

Essa menina, guria cor de cuia, linda morena com sérios seios espreitantes, uma cabrona faceira, foi quem alisou meu penteado ao som da sanfona que roncava. Depois soprou:

- Vams'imbora?

Fomos a um lugar conhecido por ela no Gurguéia. Iluminei a hora com uma lâmpada, que ia da bateria até uma forquilha. Não vou esquecer



o retrato em preto e branco: as águas do poço, limpas, no murmuro som da correnteza abaixo e as abóbadas das árvores e das taquaras. Era um céu no escuro. Apareceu-me à luz, nua de uma suavidade, a meiga Laurinha. Era uma paixão que se desprendia. Tirou-me a roupa. A água funda e limpa nos punha nas puras mãos da mãe natureza. Benditas águas do sertão, lavadeiras das mágoas. Austerei ordens finais: “Hoje não me governo”. Quero conhecer de perto as leis da natureza. Tanta coisa a vida faz sem a nossa decisão. Acaso pedimos para que o corpo envelheça? Adianta pedir que não envelheça a testa ou não se enrugue a face? A vida tem as suas linhas e poucos se tem a fazer. Quem é que sabe a quantos anda o intestino ou fígado? Não estará o coração se finando, sem nenhuma deliberada autorização? Pois que seja assim, então, agora! Não quero interferir com lições e cuidados de “olha isso, olha aquilo”. Deixei tudo nas mãos da natureza, que tinha recebido as sábias aulas do Senhor. Até apaguei a luz, para não haver nada de artificial. No céu se fazia uma lua redonda, que espiava em alvas intenções. Não se erguera à toa. Sobre pedras seculares e limpas entrelaçamos calores e prazeres. Depois nos banhamos, como crianças, satisfeitos, na recreação dos respingos. Mais belo foi o converseio sem direção. Nada de promessas. Valeram o passado e o momento. Naquela serenidade, as visões sofridas de Laurinha tiveram recepção. Palavra, foram refeitas angústias, tidas como irreparáveis. No carinho dos corpos já vestidos, ouvimos o amanhecer. Aldeia minha de São Gonçalo do Gurguéia, quem te ama é Pippo Elias Davoglio. Para finalizar o apreço que eu tinha no momento, expressei:

- Laurinha, não terás mais a intimidade do calor de minha natureza, que esta hora terá, de tão boa, uma só apresentação. Mas minha alma estará, inteira, à sua disposição.

Alteou a voz calma, numa alegria:

- O mesmo lhe digo e ofereço: os sertões... os sertões, repetia, como se fosse uma das eleitas na perfeição de um só momento.



- Como será uma eternidade? – perguntei.

Fui pelo caminho de Corrente. Não era sem tempo. Estavam chegando, meu pai e minha austera Helena, para o casamento. O amarelim do meu carro sempre resfolegando no gás de cozinha. Gostava de meditar no seu respirar roncoso. Um costume novo se engendrava em mim. Estranhava que não se fizera um remorso. Estava um guri inocente. Seria do clima ou da gente este perdão disperso em tudo? Podem, no calor, se derreter os princípios e os mandamentos? Ou sobre tudo andava a inescrupulosidade portuguesa? Pensava: Não estaria Girusa neste costume de uma virgindade fora de uso? O que poderia exigir dentro da reciprocidade moral?

O povo contava a história da reunião dos curas e falava-se que um bom devoto pastor, Pe. Alfredo, dizia que, na formosura de um corpo de mulher, se poderia ter uma pequena devoção, desde que a dignificação humana não fosse machucada. “Deus não é pequeno aos que se comprazem em pequenas paixões. Não perdoa é a mesquinharia. “Era um santo de tão bom. E, na verdade, nunca alguém pôde apontar um dedo sobre a sua fragilidade. Porém, nas rodas andava a história da tal reunião clerical sob o comando geral do Bispo de Bom Jesus. No final das orientações religiosas, pôs à prova seus santos homens que viviam de sacrifício, despertando neles um pouco mais de gentileza nas inclemências sertanejas. Perguntou ao cura mais perto:

- Senhor Pe. Adônias, qual seria a sua ação na inconveniência da tentação feita por uma morena na maior provocação?

- Oh, santo Bispo, defendeu-se o Adônias, convidaria a morena a prostrar-se em oração, que é bom remédio para a saúde da castidade.

- Senhor Pe. Denílson, continuou, qual seria a sua ação na inconveniência da mesma tentação?



- Senhor Bispo, mandaria embora tal tentação, mesmo que fosse na pancadaria. Porque uma tamanha provocação só se retira no grito.

- Senhor Pe. Alfredo, qual seria a sua ação?

- Ô Senhor Bispo, a bondade do Senhor não faria tamanho milagre com esse vigário.

Sendo ou não brincadeira, a verdade era que, nas questões do corpo, no sertão, havia prodigalidades, que, na frieza do sul, não eram cogitadas. Outra verdade era que eu não trocava esta terra por nenhuma outra, por mais augusta que ela fosse. Afinal, não teria eu uma família feita no meio dos Pés de Serra e não era um importante cidadão nas silenciosas mundanças?

Foi uma festa bonita a do meu casório. Minha mãe ficou surpresa com a gente carinhosa do sertão. A generosidade estava até nas frestas. A bondade se desprendia das mãos daquela gente, de forma natural. Tinha mais que aprender, nem que devesse decorar as lições destas bondades.

Fomos até Floriano para sentir os sabores de uma lua-de-mel. Foi de suave carinho e da maior tendência, na surpresa generosa. Girusa não se rendia a primeira vez. Os tempos... os sertões... Em tudo se cruzavam bem as feições dos sentimentos, dos sonhos e das alegrias do corpo. Gostava da sinceridade. Sobre tudo se falava no descampado, sem melindres. Sabia, pelas falas de Girusa, que ela deixava um noivo antes de mim. Revelou-me: “Não se pode negar, se praticava uma forte relação, mas não o suficiente para suportar, na ventura, uma vida inteira, muito menos uma velhice”.

E concluiu assim sua fala:

- Deixei o meu antigo noivo, porque ele não tinha um pingo de poesia. Por que o início das manhãs e as tardes que caem são mais poéticas? Dão asas à imaginação, sem estar aí tudo declarado. A pior



coisa é apenas um homem prático. Outra pior coisa é um homem com ideologias artificiais: Sinto prazer na realidade passada a limpo tendo-se por medida um razoável coração. Gosto das poesias. Deixei meu noivo por ser rico e estupidamente prático. De boa musculatura e de um cifrão não se faz um homem. Afastei-o de mim, para garantia do futuro. De que adiantaria meio ano de estonturas se depois ia começar a pena vagarosa do abandono de mim mesma? Eu amo a mim mesma. Posso abandonar quase tudo, mas menos o essencial.

Continuou Girusa:

- Uma convicção me possui: o mistério de uma pessoa é desvendado na coragem de rever os próprios pontos de vista, mas não a ponto de vender a alma. Ainda não tenho o querer de um sulista, que é capaz de tirar, com as mãos, a água oculta nas pedras. Mas tenho a devoção dos momentos. Não se apressa a hora e nem os fatos. Temo a Deus que passa e não meço o acontecer em obrigações. Mais me conduz a vida, que eu a ela.

Ouvi, sem queixas, pois sem paciência nada se costura. Estava em mim a inquietude e expliquei:

- Não se vai ter bom caminho desse jeito. Acho boa essa forma contemplativa na compassividade quase bondosa, mas não me conformo com o deslevo das coisas sem a minha decisão. Em tudo se põe uma hora, já diz a Escritura. Daí surgirá o nosso maior sofrimento.

A hora, para Girusa, não era medida de acordo com seus conteúdos. Quase tudo fazia, com certa devoção, se olhar o relógio. Fazia tudo com bom gosto, tanto fazia se descascasse uma batata ou se comesse uma torta de morangos. Apreciava a vida na sua correnteza. Não punha a mão nos acontecimentos, para não estragar-lhes a pureza natural.

Custou-nos, o ano de 1987, uma paciência. Com Girusa aprendi o segredo do instante, e ela comigo a fazê-lo decido. Mas cansei, em 1988,

de ver almoços atrasados, de ver a casa em desalinho e a Girusa em conversa amena em torno de uma dor de barriga do incurável Arimatéia ou das tristezas da vizinha Edinéia. Afirmei-lhe:

- Assim não dá. Vou ver o lagoão da Soledade, a minha gente. Preciso de minha solidão.

Mostrou-se cordata, mas vi quando chorava. Formou opinião:

“Não posso deixar de te escrever, querido Pippo, que tenho me esforçado para diminuir nossas desconformidades, não posso muito mais, senão perco a normalidade”. Foi um bilhete que ela deixou. Voltei novamente à conversação. Acedi ao armistício e ponderei:

- Vou para a fazenda para meditar e trabalhar como um monge e depois vamos juntos para o sul.

Foi a vez dela dizer sua dor:

- Eu devo repor algumas atitudes a ter um pouco mais de parecência com a sua razão de ver. E na sua meditação, pense no seu modo de falar, que às vezes é ofensivo. Não esquece o seu nervosismo e as suas gasturas feitas de pouca motivação. A sua voz alta, por vezes parece um grito. Os seus carinhos têm diminuído como a água na estiagem. Acho-os enternecidos demais, para perdê-los como você diz, assim no mais. Não se pode perder o amor, que a vida carece de renúncia, que é um ato de fé. Se eu tiver uma saudade insuportável, vou te ver lá nas Fontes do Gurguéia.

Fui logo porque precisava. Os motivos eram os da fazenda. Era o início da Páscoa de 1988. Maduravam as sementes nos cachos. Meus pensamentos estavam revoltos. Os pássaros assustados nas copas das árvores levantavam seus vôos sem forma. Um bater de asas. Deveria me civilizar em banhos novos. Abandonar o meu ser feito no Lagoão de Soledade. Esclarecia o meu tumulto: “Não seja intransigente! Em tudo existe uma farta sabedoria. Girusa está encostada na cultura secular portuguesa. Julga-se uma rainha particular, filha de Deus, onde o trabalho



é um estorvo fabricado, olhar o mundo é sonhar, é contemplar, é fazer do intelecto a única pretensão”. Forjaram minha Girusa na poesia e nas conquistas fáceis do sobreviver. O tempo é para que se sirva e não para que nele se obrigue o fazer pelo salgado e vulgar suor. O poder dos reis cativa toda a América dos portugueses e espanhóis. Os feudos habitam os sertões. Por isso me irrita em Girusa a lerdeza da contemplação. Não tenho o luxo das aventuras portuguesas e sim as mãos vazias. Não é o tempo das conquistas fáceis que me nutre, nem os privilégios do poder. Tenho apenas em mim e numa pequena comunidade a garantia da minha redenção. Trabalhar é preciso. Apenas no trabalho alimento sonhos. Não tenho tempo para palavras fáceis. E não estava confortável a minha situação. O trabalho tinha me proporcionado baixo rendimento.

Havia neste abril de 1988, as primeiras possibilidades. As águas de abril já iam para o final. Eram 250 hectares lindos de arroz, feijão e milho. Não completara 30 anos e já se arcavam minhas costas. Ia aprendendo os segredos das terras do sertão. Eram matreiros. Ao descer a Santa Mara, lacrimou-se uma melancolia, por custar tanto uma felicidadezinha, custava um esforço o encontro com Girusa, mal se suportava o amor na contenda. Decidia: “Não vou mais me preocupar com o descuido das horas levadas por ela. É muito caro perder-se a vida jovem em desgastante discussões. Feito o propósito, não se dava o cumprimento. O ser humano não é muito mais que os ramos que se dobram ao sabor do vento. Quando cada um se entrega à sabedoria do conviver, surge a danada rotina. O meu fraco viver, que do amor só sobra este cotidiano prosaico”. No descer da serra, inspirei meu entendimento. Quem sabe faço das horas perdidas, da lavoura sem preço e das pequenas dores caseiras, o sonho bom e a minha luta. Assim, ó Pippo, quando Girusa chegar atrasada, vá dizendo: Não é nada, estou me ocupando com outra tarefa. Se a lavoura está sem preço, crie uma Cooperativa de maior expressão. E com uma dor caseira, o que é que se



faz? Tem o consolo de uma atenção. O resto vem como presente. Consolo de pobre! Sou! O que não posso, é perder este vulgar prazer de viver.

la chegando em São Gonçalo do Gurguéia. Estava carente de uma íntima conversa para pôr ordem na minha casa em desalinho. Fui à fazenda de Laurinha. Era o cair da tarde. Uma infinitude hora, amável como seio e aconchego. A mulher olhava o pôr-do-sol sobre algumas árvores floridas que “siempre flores las hai en los campos de Piauí”. A digna mulher alegrou-se ao me ver e divulgou alto:

- O fogo chiou no meu fogão. Sabia que teria a folga de uma boa visita.

Fui clareando:

- Estou precisando de uma palavra de afeição.

Um enxame de abelhas tatiras agulhoava meu ser. Contei-lhe as dificuldades com Girusa. Ouviu-me tão respeitosa, com tanta simpatia, que pareceu-me que os afetos pesados iam se afastando pelo olhar e no falar que nada mais dizia que os meus sentimentos no repetido de suas amáveis palavras. Aprendi a melhor maneira de arrancar as dores: O ouvir atento, sem julgamento, nas agruras. Por outra parte, Laurinha confessou-me que estava em completa solidão. Amargava as horas, sem poder dizer sequer que suas vacas paridas estava com bezerros e nem que o mel verdadeiro, feito nas melhores floradas, já estava colhido. Não tinha com quem repartir nem os seus fogosos desejos. Vivia um solito sertão. Comi seu requeijão, o melhor dos que se fazem em todos os Pés de Serra. Conversamos à toa sobre as pequenas novidades, como as melancias e os melões. Ensinei-lhe a arte das sementes e dos frutos. Profetizava: “Vou comprar todos os frutos dos seus cajueiros. Ainda vou pôr uma fábrica de frutos tropicais”.

- Homem, você é muito sonhador, não vá se machucar nestas sonhanças!





Dizia-lhe que era mal de família e contava histórias sobre Albin e Bonifácio. Me agradava o seguinte: quando contava que estas figuras, sem o apoio do Governo, no próprio pulso, arrostando o frio das geadas e a própria solidão, haviam conquistado o seu espaço, era para se ver a atenção que ela prestava. E eu refletia: “No dia em que o sertanejo tiver o poder da força que tem a própria mão, vai mudar a sua sina”.

Coisa rara foi o nosso encontro. O respeito por Girusa, na mais formosa amizade, a conversa foi prazerosa. No final do encontro, desejei-lhe que encontrasse um homem do seu tamanho. Falou que estava vendo.

Naquela noite mesmo, cheguei às Fontes do Gurguéia. Um bom conforto foi ver as minhas plantações e o primeiro gado nascendo no pasto. Me alegrava ouvir a peonada, formada por três elementos e falar “a nossa fazenda, a nossa Fontes do Gurguéia”.

O Arquimedes ia casar. Os meus conselhos sobre família e segurança estavam dando resultados. A minha estava sofrida. Quando ia almoçar na casa de Timóteo ou de Orozimbo, fazia questão de dirigir as palavras às esposas, com respeito, fazendo os dois perceberem a importância que elas tinham. Os dois iam vendo com admiração as maneiras com que se dirige a palavra a uma senhora na maior dignidade. Às crianças, mostrava o esplendor que elas tinham. Custava-me um sacrifício os presentes, pois eu tirava o recurso daquilo que considerava necessário. Eram roupas e calçados e o chocolate. Pensava: “Estas crianças só crescem no seu valor, quando obtiverem uma boa atenção”. Gostava da minha gente. Só um infeliz não é capaz de tomar uma alegria na felicidade dos outros. Na hora da austeridade, das atenções aos erros feitos, era tudo decidido nos apartes.

Estava aí na Fontes, nem fazia uma semana. A solidão estava apertando na minha casinha. Mas que a beleza dela diminuía a dor, diminuía. Entre meus livros e cadernos discorria no saber. Quando ministrar aulas nas FESPI, nem que a vaca mie, vou mostrar como são



possíveis as convivências das sementes com as terras dos sertões. E só no escritório é que se põe ordem no conhecimento. Mesmo sob a luz das deras de tantas abelhas do Piauí, eu não podia deixar de fazer as minhas leituras. Eram leituras sobre o lugar. Me impressionava como eram feitos os heróis por estas terras e como se mantinha, entre tantas vicissitudes, um povo de pé. Propalava para o meu ser: “Também vou ter uma pequena parte nesta história. Me orgulhava por estar aprendendo a encontrar uma verdade para as terras do sul do Piauí”.

Numa manhã, eram dez horas, iniciava, com uma pequena colhedeira, a safra. Até meditava quieto sobre as sementes gordas do arrozal. Neste mesmo instante, Orozimbo ao meu lado pronunciou:

- Olha, Pippo, como é bonita uma plantação. A beleza de um campo cheio merece um retrato grande, em preto e branco, qui é para deixá mais pura a beleza. Comovente mesmo, aí resumida a dedicação. Feliz é aquele que cria o seu gado, mas muito mais somos, o Timóteo, o Orozimbo e o Arquimendes, que conduzimos as sementes nas suas intenções.

O plantador diligente está um pouco mais à frente do pastor. Este é belo na humildade entre os animais, aquele é forte porque domina as leis da natureza, tem mais ciência e se impõe maior labor. Apascentar um rebanho que cresce livremente é mais fácil que obter uma colheita cheia. Meditei eu.

Estava orgulhoso em cima de minha máquina que recolhia os grãos. Bem que todos nós estávamos contentes, porque cada um haveria de ter a sua proporção no lucro. Perseguia na ventura estas ideias, quando vi que Girusa me chamava no meio do arrozal. Meu coração pulou e um sentimento gentil de bem-querer penetrou em mim. A peonada olhou-me com um olhar de contida brincadeira. Ofereci a máquina a Timóteo, que era um exímio maquinador.

- Vou ver o que a patroa quer. Pensei.

Uma intimidade será? Dei a mão a Girusa e um beijo delicado. Depois falei baixinho.

- Que bom ter você aqui na roça. No outono é bom que minha amada veja os frutos do meu esforço. Não está tudo tão bonito, Girusa?

Ainda bem que estávamos afastados das visitas. Começou com desejos e carinhos, tão amáveis, que pedi ao arvoredo licença e fomos à minha casinha, que era uma mistura de enxaimel e cobertura dos costumes nórdicos de palha e um jeito nordestino. As culturas dadas... Entre um carinho e outro... ia falando Girusa...

- Oi, homem, que não me guardava de saudade. Fiz uma semana penitente, só com meditação e até com oração na fé deste Deus que nos vê e nesta humanidade que devemos ser. Vi tudo de perto e acredito que temos um amor de companheiros, de amantes, que não podemos perder. Estou vendo o seu jeito de ser que é bonito e vou aprender a ser parecida.

Toquei seus lábios e chieiL

- Xtoo! Olha, Girusa! Não carece que você abandone o teu ser. Não sou da opinião de que deve haver sempre um maior e um menor. E o menor, aquele que mais ama, negando o seu ser. Menos dia, mais dia, vem uma saudade triste do ser debaixo, que às vezes não tem mais cura. Está certo que eu, m assim como você, podemos ceder, não para perder, mas para ganhar um pouco mais no tamanho de nossa igualdade, sem apagar as originalidades. Agora deixa eu dizer uma definitiva deliberação – brincava com as palavras, alegremente – ninguém proíbe um ser livre. Podemos ampliar nossa liberdade, fazendo o abandono voluntário de cada um, na contemplação do outro. Na lei da reciprocidade, não se abandona a identidade, mas se ganha, além d apropri pessoa, a pessoa do outro.

- Assim, Pippo, vou ver como é que eu fico buscando pôr meu entendimento em você e você em mim. Não será este um verdadeiro amor de compaixão? É uma coragem exigente... mas não terá outra maneira de



romper com a pequena estrutura de cada um. Se não for desta forma, ficamos na superficialidade em que cada um fica consigo.

Da casa fomos ao Gurguéia. Eu tinha feito um lugar com uma latada sobre um poço limpo e fundo. Era uma cacimba com razoável extensão. Bom lugar para se tirar uma poesia ou uma singela palavra. Entramos na água. No ar havia o Espírito e na água também. Uma réstia de sol penetrava na latada. Era um místico desenho de um homem e uma mulher, concedendo-se o delírio rápido do corpo. Depois de um silêncio amoroso, dirigi a palavra a Girusa:

- Podíamos ser simples como um colmo de grama. Podíamos ser como esta ramada verde. Podíamos ser gentis como uma casa. Podíamos ter o dom da natureza que não mede seus serviços. Podíamos ser como um ovo: pronta a vida em poucos dias. Tudo podíamos ser daquilo que fomos e mais os sonhos: as gramas pisadas, secas no inverno, as caixas velhas, inutilmente no chão, uma cortina contra o sol, uma árvore sozinha, um pássaro que paira, uma dor na infância, uma saudade de manhã, na qual se perde uma lágrima, a flauta de bandinha, um sonho perdido, a palavra oportuna. Em tudo podemos ser.

Girusa encostou-se em mim e dormia em paz no meu colo, em pleno meio-dia. As libélulas se amavam no chiado leve de suas asas.

- Podia, terminei, tudo ser tão simples, de momento o nosso amor, mas queríamos tudo o que a humana natureza podia conceder em latitude e profundidade. Pequenos, mas com razoável orgulho: fugir do medo da morte, isto é, estar diante da vida sem defesas e, sem temor, aceitar a inspiração de boa luz, verdadeira e generosa como aquele lume feito da cera das abelhas, onde os sonhos são ternos e sem nenhum pavor.

Girusa ficou comigo mais um dia e bem cedo levei-a até o ônibus em São Gonçalo, quando contou a sua inspiração:

- Não perderei as primeiras horas da manhã. Porei mais disciplina na minha preguiça gostosa.



Eu disse:

- Porei um pouco de preguiça na minha exagerada disciplina.

Ao se despedir, finalizou:

- Vou aguardar a tua volta com a casa limpa. Depois vamos ver a gente do sul.

Fiz minha colheita e foram motivos de alegria as melhorias das casas. Minha gente estava vestida de maneira a orgulhar um cidadão. Orozimbo cumpriu um sonho: comprou um velho fusquinha e o lustrava tanto, que parecia um besouro azul. Roncava no sertão, assustado a seriema que corria em sua frente. Eu estava feliz por ver que era boa a filosofia de Bonifácio: “Pode-se sonhar com um navio a vida inteira, mas não dá para perder o sorriso daqueles que precisam da gente”. Voltei em paz para o sul. Girusa, por sua vez, conheceu de perto os nossos jeitos e se espantou com o nervosismo de todos.

- Parecem formigas no início das águas. Como acham tempo para viver?

Ela perquiria com razão. Mais a entusiasmava poder aprender uma nova forma de viver: a poesia de um mudo e um trabalho ajuizado. Vivemos cada vez mais na busca de gostos comuns e nas diferenças, até que nasceu Elusa, em 20 de março de 1989. Não imaginava que a expressão de um nascimento repercutisse com tantos fundos sentimentos.

Buenas, não quero me orgulhar em demasia. Havia um ninho nada rico, mas confortável. Começava a construção de minha casa nova. Depois da coragem de cada um respeitar profundamente a identidade sem defesas de quem é melhor, vieram bons dias: um ikebana. Lembrei-me de um filme de Tarjaskyi, em que o personagem Alexander plantou, no meio de sua angústia, uma árvore seca, enquanto narrava a história de um monge que, da mesma forma, plantava uma árvore na montanha e rogava ao discípulo que a regasse. Aconteceu que, pela fé e esforço continuado,



ela floresceu. Nada se revela sem uma fé na inspiração de Deus, que se expressa em suas criaturas, como nas árvores e nos homens.

### **Os Meus Novos Costumes**

O que é um homem além da natureza? Vai juntando, no correr dos tempos, seus costumes, repassando-os às gerações. E depois, ei-lo diferenciado, ou suportando sofrimento ou mesmo humilhação, mal afastando com seu pulso a indignidade e olhando, sem força, seu futuro; construindo uma casa onde sofre a natureza das piores vixissitudes, onde quase falta tudo, ali pobres são os costumes, a dignidade é mal nutrida em palavras e ações, em nada se faz a competência e o encanto, as vestes são puídas, remedadas ou sujas, o pensamento é tosco carregada a alma de superstições, os sentimentos são cercados de medos ou raiva, a poesia não existe, come o homem o seu alimento no meio da sujeira.

Ou ao contrário, tomando ao seu vezo o destino, construindo, enfim, sua casa com jardim onde brincam fortes os seus filhos: nesta casa se vê a natureza submissa às conquistas como a luz, os sons, a poesia, álamos em ordem, alimentos e utensílios na maior disposição.

Antes de morrer a minha avó Patrícia estava com seus olhos temerosos e sua boca tensa quando perguntou: “Para onde vão as nossas casas?”

Aqui estou eu fazendo a minha no maior esforço, juntando com todas as minhas forças, que são parcas, os melhores jeitos de ser o meu lar.

Devagar se faz um povo. Talvez eu não seja mais que um grão, mas não quero fenecer à toa, por isso quero ofertar um presente a quem



mora nos altos sertões. Será que estou certo em tocar seus rumos? Terei um critério que eu quiser e puder fazer: Onde a natureza sofre sem proteção, urge impor, no exemplo e na meditação um novo traçado no desenho humano. Deus guarde a minha intenção. O que não pode haver é um terrível sofrimento, e, no abandono, sem eira, as nossas crianças. Pode haver um jeito de ser que exalte a natureza, que mostre o encanto humano, que melhor se enquadra nas alegrias de conviver num lugar onde haja criaturas belas e fortes nos seus dias. Vamos ver se é possível.

Narro, neste mês de maio de 1990, os feitos acontecidos. Preciso de um caminho onde as pessoas, todas elas, sem a mínima exceção, mesmo o mais pobre que não tivera na vida o luxo de ter uma cabrita, mesmo esse, tenha a alegria de saudar a quem passar em seu pedaço. Eu mesmo quero ter o privilégio de saudá-lo, dizendo:

- Bom dia, Pedro Ernesto, como vai a sua família e a casa nova?

Isso já me aconteceu mais de uma vez. Quem não tinha, tem e que não era, é. Explico mais neste meu preâmbulo, nesta conversa antes de andar. Não quero ver os costumes desfeitos dos laços de ternura desta gente. O homem deste lugar desenvolveu um gentil caráter, uma alegre ventura de viver na simples hora que passa, sem grandes interrogações. Precisa ficar em sua glória de saber amar. Não pode, pela disciplina nova, introduzir austeras solicitações a ponto de perder sua graça. Por mais humilde que seja uma cultura, anda com ela uma sabedoria purgada pelo tempo. Deve apenas ser aperfeiçoada: jamais trocada. Vive de mel e de frutas e das carnes de seus animais. Passeia livre e as suas cabras lhe dão um leite teúdo. As casas são pobres e as vestes também, mas não se dissolve em rancores, invejas e angústias de não ter. o que se pode conceder que não se fira o homem? Em que proporções adiantarão a tecnologia, a maquinaria? Os trabalhos pagos em que condições? Que outros conhecimentos lhe farão bem? Quero ofertar os seus jeitos feitos. Passarei nas suas casas e nos seus caminhos e direi sobre os meus gestos. Entendo que a alma humana pode ser vista nos acontecimentos, nos ritos e superstições, sua invenção simples de se alimentar e



representar o querer bem. Quero uma obra de arte cheia de bondade, basta que eu seja fiel na representação dos saberes e fazeres, ali, no dia-a-dia. Na saudação e na conversa mais simples, como: “Oxen, qui a flô do angico deu bonita nos pintados de verde”. “Ôi maio das água de arribação pra sê mais roxo e amarelo os gostos do pau d’arco”.

Temo que ao passar a limpo, se perca o sabor de vida que há no remelecho das negras, contentes, fazendo as rapaduras. Todavia, também se pode salvar, pela escrita, as alegrias dos meninos com as bocas meladas nos ninhos do Irapuá. Tenho certeza de que traio, por completo, o movimento das meninas que aprender cantando, o B – A – BA. Não se expressa nunca o desejo todo dos vaqueiros, quando o arraial, a carne seca assada, põe seu cheiro junto com o pirão de farinha de mandioca e toucinho de porco. Será que é possível dizer como viceja o gosto na boca dos meninos no apetite, ao verem fumegando o arroz e o feijão com picadinhos de carne e jerimum? Mesmo que eu tivesse a maior virtude de pôr as palavras na conformidade dos fatos, não daria o suficiente realce às conversas do cair da tarde, quando é hora de a humanidade meditar. Nem, tampouco, poria em real evidência a decepção dos caboclos na pouca roça plantada e definitivamente perdida no veranico de janeiro. Nunca se diz muito sobre a gemida tristeza dos que perdem tudo no pouco que têm. Eu vi, sim, uma casinha queimada e um garotinho morto, vi como se fosse o acontecido, ocorrer como um costume de mais de três séculos, como se fosse um acontecer ser remédio, coisa natural. Nem um suspiro havia. A triste conformidade pairava, pondo em Deus a vontade de queimar as casinhas e levar as crianças.

Sei que é tosca a minha obra no retrato dos costumes. Mas faço, com boa vontade, no mérito maior de querer bem. Em tudo é sincero o falar sobre o que vi, o que eu fiz, o que eu tenho. Não posso me desonrar no falar de “não fiz nada”! Me tomo de poder por me ter nutrido no acontecer do dia-a-dia dos sertões. Me alegro todos os dias, a qualquer hora, por trazer uma vida tão cheia de figuras, retratos, vidas consistentes ou avulsas, quase de empréstimo em mim. Não trago antigas figuras de





museus, relíquias preciosas da história; trago o rosto acontecido do espírito do sertão e pondo em mim a fraternidade, a luz clara da existência, que mal se aguenta no meu pequeno ser. Com este sertão inquieto por inovações, reparto as minhas figuras vivas, ternas, os gostos de meus antepassados, que, a qualquer custo, querem se manifestar. É como uma história de minha infância, em que um velho viúvo tirara uma fotografia e, ao seu lado, saíra a figura de sua antiga companheira. As sombras dos meus estão comigo.

Ao descrever a alma escrita nos costumes, vou mostrando os pássaros, as árvores e outros animais, que, se não possuem a mesma utilidade dos feitos principais, existem também para se suportar o viver. O que seria de nossa vida, se não fossem as árvores, as cores, o voo dos pássaros e o auxílio dos animais? Há uma irmandade que nos torna simples e bons. Uma árvore é tão importante quanto uma estrela ou mais do que ela. Por isso, vou expor com tal reverência os animais que voam e andam com suas pernas, como se fosse descrever a mim mesmo. Que seria de mim sem sua presença no meu interior? Talvez fosse como uma carona desocupada. Ah sim! No meu pensar não posso deixar de lado as terras e seus relevos; em seu perfil, ponho a minha mirada que se ameniza na contemplação. Nada se pode perder do meu lugar. Alguns, como em Gilbués, cavam fundas covas para encontrar uma pedra preciosa. Apenas me basta os olhos ao redor para ver muito mais.

Basta! Vamos a que viemos: tratar dos costumes, plantas e animais. Convidei Orozimbo, homem mais antigo, bom explicador, a fazer uma companhia numa visita de ofício, a pedido da Prefeitura. Ia levantar necessidades, demonstrar o que havia e tudo o mais que, pela ciência, se podia divisar. Orozimbo, na sua benignidade, ia denominando tudo o que era ainda desconhecido. Ao passar por choupanas tristes e por casas grandes e fazendas, na direção de meus estudos, os Pés de Serra, fez-me uma insuspeitada pergunta:



- Por que somos desse jeito, em diferença tão grande?

- Eu lhe devo uma assaz explicação, Orozimbo. Não veja no meu falar o último termo. Te ofereço o meu entendimento.

Pus mais clareza na palavra, do que naquela que já pronunciei ao falar sobre os costumes de Girusa. Expus:

- O homem vai sendo educado pelos tempos. Os tempos ensinam e as lições vão sendo levadas, de geração em geração, na mais absoluta verdade. De que se fez o Piauí? Dos índios, dos negros e da descendência portuguesa. Vou falar em ordem: Os índios viviam daquilo que a mãe natureza lhes oferecia, gratuitamente. Era só o trabalho de colher, pescar ou caçar. Só o necessário para a manutenção do corpo. No mais, eram apascentadores do tempo. Horas e horas viviam contemplando, em paz, a vida sem recursos guardados. Apascentavam o fértil destino. É muito bonito ver, em todo o Brasil, a poesia dos nomes pronunciados sobre os lugares. Os Panambis querem dizer Os Vales das Borboletas Azuis, Os Ibirubás significam As Matas das Pitangas Silvestres e assim eram todos os nomes, cheios de vida. E ela era dada nas graças de uma providência que lhes fugia ao controle. Diferente dos homens imigrantes, que viviam do planejamento e conseqüente trabalho. Os negros viviam, da mesma forma, em paz com a natureza, não careciam de supérfluos, do poder luxuoso e de grandes provisões. Também eram apascentadores do tempo. Um pouco mais competentes, parece, no raciocínio, pois acompanharam melhor a organização e a lógica dos brancos. Nesta paz, entrou a razão dos costumes portugueses. Terminou a paz.

Orozimbo estava atento. Eu tinha a percepção do seu entendimento. Ele era um cafuso matutador.

- Por que os portugueses tiraram a paz dos negros e dos índios? – inquiriu. Preciso pôr o meu pensamento nas formas.



- Ah pois... Orozimbo. Aqui surge a maior tristeza do humano acontecer. Pior que não foi só no Brasil. Foi em toda a América Latina. – Expliquei ali, no concreto, como Orozimbo podia entender, o tamanho do nosso continente. – O pensar de um povo e as feições do seu fazer também vão sendo postos na forja do tempo. Espanha e Portugal começaram a fazer seu entender de forma diferente. Perto do mar e no gosto pelas aventuras dos bárbaros foram aprendendo a viver de pilhagem, isto é, tirar as riquezas dos outros sem permissão. Vinham com navios cheios de riquezas da Índia e da África – mostrava o mundo das terras e dos mares, explicados nas areias dos Pés da Serra – e deram para viver no luxo e na luxúria, tendo sombra pelo chapéu dos outros. A Europa se forrou de ouro e de especiarias roubadas pela Espanha e Portugal. Aí aconteceu, Orozimbo, uma desgraça. Na Europa inteira houve uma Revolução Religiosa: não aceitavam alguns que Deus fosse posto a serviço do poder e da ostentação. Espanha e Portugal tomaram a defesa do Império de Deus e da Igreja. Os reis tiveram na mão de Deus uma pretendida proteção. E se valeram do nome para ferrar quem não fosse cristão.

- Uma judiaria! – exclamou Orozimbo.

- Por demais... Por demais... escandi entristecido... Além de se servir das riquezas, Portugal se serviu das mãos escravas. O pior de tudo foi que o tempo fez assim em três séculos, nas gentes utilizadas, a crença de sua inferioridade. Era pai olhando filho em completo desprestígio, sem nenhum sonhar de grandeza. O trabalho era visto como o pior castigo. E mais... tinham o entendimento das gentes portuguesas: não trabalhar era sinal de altos louros. Aí ficou esta tristeza de diferença que você está vendo, Orozimbo. Alguns mulatos sozinhos e os índios que não morreram viraram cafuzo ou mameluco, os negros todos na pobreza sem vontades. Alguns outros desta gente vivem de seu braço, na humilhação de um trabalho que mal lhes dá proteção. Uma gente toda profanada...

Olhei para Orozimbo e percebi as raças negra e índia, tão tristes no seu olhar, como que olhando os choros dos três séculos. Baixou uma



vontade em meu peito, de pôr a mão em seu ombro e pronunciar: “Ô bom irmão das vidas falecidas, ainda é tempo de se pôr um cobro à dignidade extraviada”.

- A pois, então, sobrô o mió podê de ofício aos branco e as terra tamém e à mistiçaiada quase nada. Concluiu o mulatão cafuzo com o ar perdido. – O que ainda tem de si fazê além de morrê?

- Medite o seu modo de perceber, Orozimbo, e diga o teu juízo.

Falou o que não acreditava eu de estar ouvindo.

- A pois... Doutô Pippo Elias, vou contá a minha pequena voz de expressão... No meio do seu falá e do meu, vou colhendo meu siso. O sinhô falô de seus já falecido qui viéro tão igual uns escravo. Cumé que levantaro a vida, tendo ao fim um hóme doutô? Foi na confiança das mãos que tivéro, foi na honra dos trabaio o dia inteiro. Foi na junção das vizinhança. Foi daí que veio uma luiz, uma riqueza bastante. I num é só di conversa qui tô vendo as mioria. Falô os amor de minha Doroti treis antionte: Óia só, Orozimbo, o jeito do Doutô Pippo dirigi a palavra. Tudo num respeito. Até parcemo gente de alta estimação. Eli pedi em delicadeza os ofício di fazê. Ah, pois... lê confesso meu maió conhecimento... o jeito de solução é o trabaio i o respeito.

Continuei no seu próprio pensar:

- Nada mais prático, Orozimbo, que o ensino recebido. É o fazer do tempo. Creio mais nas minhas mãos, que nas asas dos anjos.

- Adisurpe a minha palavra, que perciso de sequencia. – propunha, decidido, a continuação – Antis di chegá nas Fontis do Gurguéia, eu tava de um canto pro otro, igual qui cãozinho sem pertença. Agora tô cum minhas coisa de valia. Minhas criança na escolinha e ói que tem os minino uma sabedoria! Ninguém vai tirá deles o seu próprio pensá e o seu próprio querê. Mermo eu deixei di falá as palavra indevida. É tudo no “fio pra cá, fio pra lá”. Nos maió bem querê. Já tô cum meu carrim azul parecido cum



azulão. Cogito de tê na seguinte colheita, na parte devida, um raio de fatiota, um raio de vestido prá Doroti, feito em Corrente.

Eita, sonho meu! Tinha em cada palavra o meu maior consolo. Falei-lhe convencido:

- Olha, Orozimbo, não tem bondade no que faço. É a lógica da razão: se meus empregados ganham na produção, a maior parte me pertence. Surge disso, na conta maior, uma bruta satisfação de viver de convívio. No brilhar dos olhos de um, a alegria do outro.

- Mais feliz que a véinha que faleceu nas bênção de Pe. Alfredo – continuou na prosa.

- Que história é essa, Orozimbo?

- Pois vô le ofertá esta história verdadeira... Padi Alfredo foi dá o último Vobisco pra véinha Francisca, que se ia ali no Monte Alegre. Tinha cinco ano que tava nos falecimento. Fraquinha, se consumia. Os fio cansado dos cuidado, já passava a véinha de mão em mão. Naquela situação: - “Hoje cuida eu, minhã cuida você”. Dona Francisquinha punha otra tenência, gostava dessa miúda vida, já qui otra não tinha. Truxéro de primero, uma benzedera qui era afamada de mandá os muribundo viajá. Trazia um toco de vela i falava qui quando a luzinha se fosse, no último estremecimento, Deus tomaria o anjo encomendado. Tinha força a benzedera. Quando ela chego pra fazê o servicin, a Francisquinha tava numa alegre conversa, é certo bastante assoprada... A benzedera acendeu a luz da vela e quando o pequeno lume já se estremecia... falô a véinha: - ôi, vizinha, cumadre de Deus, conhecida, vê se põe mais um toquinho, qui é pra mor de pudê le contá só mais um causinho. A cumadre bezendera, qui teve seu ilogiu, falô comovida: Vô soprá na tua boca ainda mais de uma forcinha. I soprou. A véinha inté levanto por dois ano e pois seu pezinho em sua própria casa. Era di vê a felicidade das florzinha que nascia na varanda. Toda a rendondeza a visitá, só pra apreciá a palavra di dona Francisquinha. Mais dispois di dois ano, arribô a última forcinha. Chamaró Padi Alfredo, qui tem um coração feito nas mão do Sinhô. Os fio



ao redó na devoção. O Padi puxando a alma na direção do infinito ser de Deus. E a véinha conversava... no seu proseado leve, quase apagado... mas conversano. A fia falô... ô, mãezinha... vê si sussega pra mor di escutá a voz de Deus. A Francisquinha riu-se que foi a última vez... ô, fiinha, si não falá agora, quando é qui vô falá? Morreu de um sorriso. É dessa felicidade que a gente perciza tê.

Orozimbo conhecia todos os lugares dos Pés da Serra, principalmente aqueles da parte de Corrente. Meu levantamento das necessidades e das possíveis medidas compreendia os anseios de toda população, não só nas questões da agricultura, mas também nas preocupações das relações sociais e da saúde. Na educação, a FESPI já fizera um rico levantamento da situação com as cabíveis ações. Por pouco mais dos meus gastos, o prefeito de visão pública, o que mais carecia no sertão, contratou o meu serviço. Reunia eu o útil ao agradável. Ouvi a voz do sertão nesta visitaçã e tirei meus sonhos. Orozimbo iniciava a conversa nas paciências desta terra e eu, mais apressado, ia tirando as conclusões, tudo com anotações. Quase me batia uma nervosia na lenta conversação. Até que ouvi uma respeitosa admoestação:

- No sertão, quem sarva a arma é a carma.

- Pode ser... pode ser... seu Orozimbo, mas para mim tudo está num impróprio devagar... Quem sabe nem tanto esta minha nervosia, e nem por demais a calma.

- Mas antes qui terminemo nossas entrevista nestas conversa nos Pés da Serra, teria um prazer di sabê cumé qui no sul tem otros costume qui vem vindo trazido de sua mão?

- Veja mais uma vez, Orozimbo. As necessidades é que fazem o pensar de um povo. É tudo construído como uma casinha, tudo de caso pensado, sempre ajuizado no correr dos séculos, nos passos de tartaruga.

Vieram os pobres sobrados. Eles tinham os costumes de artesãos. A Alemanha e a Itália, de onde veio a maioria, por não terem buscado se



fartar nas aventuras e na escravidão, buscaram no trabalho esfalfante o seu sobreviver. Cada um no seu trabalho, por pequeno que era. Para não haver confusão, formaram organização, um precisando do outro, na liberdade individual e não na proteção do rei. Fizeram pequenas aldeias e pequenas cidades longe dos coronéis, que na época eram os senhores feudais protegidos do rei. Criaram um outro regime, propalado de burguês.

Novamente meus ouvidos ouviram de Orozimbo, uns positivos fora do esperado. Apregoava em sabedoria:

- A pois, a pois, qui povo sairá de nossa gente? Misturada as feição e os costume, podi se tê uma esperança. Me afigura no sul do Piauí uma casa nova. Si tua bisavó, sinhô Pippo, te aperguntava “Pronde vão as nossas casas?” Eu te asseguro adivinhá na sua direção: uma casa de paciência e generosa como o pequizero, uma casa de amor simples de fonte, uma casa de trabaio. Oiço o murmúrio de prazer em torno das mesa e as gente bonita, cheia di graça. Oiço o baruido de grelha e vejo a farinha doirada. Oiço o pilão no fazer o cuscuz. Observo a cerveja e o vinho e a fala misturada, mais decidida. Ói meu futuro! Te digo, moço-homem: Num tô mais triste, acredito no fazer do tempo e no fazer do homem. É possive mudá a direção das coisa. Deus se apraiz no coração dos homem cheio de vontade.

Na caminhada lenta de nossos cavalos, o mundo se desenrolava lento, parecendo uns quadros de Fellini. Em todo desconhecido, um pouco de mistério. Ia eu, bem atento, tendo tenência em tudo, sem perder sequer um voo de uma patativa simplesinha. O que é o poder das árvores e dos animais? Não é difícil ter parecência com São Francisco, tendo o sertão como professor. As quietudes austeras, cortadas por aboios melancólicos, nas cores cinza e marrom, são de doer e alegrar. No meio de tudo, espia a vida, docemente, no aguardo de seu momento. E quando se passa, subindo um pouco mais as terras para os tabuleiros, a vegetação se torna



atribulada, se embolam os carrascos de embiras, ferindo a humildade dos jegues e dos cavalos.

Estava naqueles grotões de Corrente, no início de Parnaguá, findando o meu trabalho, que me inspirava a alma na iluminação do futuro. Falei para Orozimbo:

- Preciso ir visitar a colega do Curso de Pós-Graduação, a Juraci. Não tem obrigação de me acompanhar.

Resolveu:

- Vô.

Fomos.

Nas aprendizagens do Curso de Pedagogia para as Primeiras Séries, Juraci, que era letrada no Curso de Graduação de Teresina, instruíra a piaçada num teatro. Aprendera demais sobre a importância da História e da Geografia no fazer de um homem e de uma mulher. Recebeu-nos com uma afabilidade e gosto, parecendo sabores dos frutos da terra, como um suco de carambola ou mesmo um fruto de jenipapo. Havia em nosso grupo de curso uma parecida responsabilidade de ajudar o sertão. Ah! Se havia! E a amizade no objeto conjunto da construção de um espaço para a região meditar, não era qualquer uma: era uma terna devoção de um pelo outro na causa comum.

Convidou-nos, Juraci, para que assistíssemos ao teatrinho da sua gurizada. Pensei que seria uma xaropada de tiradas infantis, mas por consideração ao esforço feito, respondi positivamente. Me puno, ainda hoje, por ter feito, na inferioridade, o meu julgamento. E, para pôr um pouco de remédio em minha culpa, vou expor a maior beleza que viram meus olhos, para a elevação do meu ser. Um prazer imenso ainda percorre a minha pele por me ter distinguido, a Juraci, com a graça de sua representação.





Era agosto, e o frescor da noite ainda emprestava ao dia o seu favor. Tenho a subida honra de descrever o que foi dito e visto. Era um ensaio. Apresentariam a peça aos pais, na maior solidariedade pela Semana da Pátria. Narro o acontecido:

Quando se abriu o pequeno palco de lençóis brancos, apareceu um comovente quadro. Ao fundo, um tosco mapa do Brasil sem o estado do Piauí. Entrou uma garota, em silêncio, com um cartaz onde se lia:

### PEQUENAS MEMÓRIAS DE MEU PAÍS

Um desejo da Professora: “Que ninguém se esqueça das lições e das imagens do seu lugar”.

Um indiozinho, ao fundo, passou cantando ao som de uma flauta de notas que pareciam sair da terra. Era o vento, austero e sonoro, grave, saindo de um sopro de bambu. O mais bonito era um negrinho, artista de todos os atos, imitando um sabiá no cair da tarde. Calou-se, de repente, a mata representada nos galhos do cagaiteiro e do jatobeiro e por um pé de cajuí. O silêncio e a prostração repentina do indiozinho demonstravam uma tensão. Nisso, entrou uma indiazinha chorosa que gritava:

- Poti! Poti!

O indiozinho tropeçou e olhou para a Juraci, a ver se continuava. Ela fez sinal que continuasse. No meio do palco estavam os dois e ouvi a seguinte conversação:

- Estou com medo, Poti!



- Pouco consolo eu tenho, Jaci.
  - Olha o homem que carrega o trovão nas mãos!
  - É a morte, Jaci.
  - Olha no mar a grande quiroga!
- É o Deus do mar que veio ter sua vingança!

Novamente o silêncio e o canto perfeito da agourenta cauã, emitido pelo negrinho. Por três vezes a cauã cantou.

Entrou uma garota e falou aos dois indiozinhos:

- É a morte que chega, pimenteira.
- Em péssimas mãos, sem bênção.  
Querem a árvore e a semente,  
Os animais e os minerais.  
O respeito morreu no mar!

O guri negro imitou, com perfeição, alguém que se afogava até morrer... Depois veio entrando um arremedo de capitão de esquadra que gritava:

- Esta terra me pertence.
- Eu descobri este lugar.

Saltou o indiozinho e gritou:



Eu é que vi primeiro!

Ninguém descobre o que tem dono!!!

O Capitão, austero, gritou:

Você não conta!

Abaixou-se o indiozinho e, juntamente com a índia, foi prestar humilhado, as homenagens, e entregaram-lhe pequenas plantas, cristais de rocha e suas plumagens.

A menina entra com um cartaz onde se lê:

CEM ANOS DEPOIS

O negrinho imitou, com perfeição, um ruído de engenho rodando seco. Começou um batuque cadenciado.

Um coro, atrás, declamou:

Minha África, negra,  
Morena ficou ao sabor de portugueses!

O guri imitador puxava uma chibata, tirando estalos sonoros.

Entrou um moreninho, que expressou sua inconformidade:



Ai! Minha liberdade perdida!  
Ai! Meu sangue perdido!  
Meus ombros estão cansados  
Das cargas de meu dono.  
Ah! És tu, Portugal sem alma!

Ouviu-se um tiro de espoleta e o negro caiu. Numa rede levaram o negro e, como som de fundo, ficou apenas o barulho do engenho e o som do tambor.

Novamente a menina anunciadora com um cartaz:

DUZENTOS ANOS DEPOIS:

EM DUZENTOS ANOS QUASE SE FAZ UM POVO

Do alto do palco caiu um novo mapa, com novos traçados. É verificada a modificação dos Estados do Piauí e do Rio Grande do Sul. novamente se ouviu um som alegre de flauta e o menino, imitando alegre um sem número de pássaros. Era o pássaro preto, a seriema, a patativa. O pretinho, sozinho, era uma passarada.

O coro, dançando numa espontânea expressão corporal, tão natural, que quase parecia deslizar. Uma das meninas, com pouco mais de sete anos, expressava um trinado no seu corpo. Era a graça de Deus no movimento que fazia. Havia mais poesia porque os tons eram quase tão simples como a fala. Lembrei-me de Bertold Brecht.

Nas lágrimas e nos sonhos  
O povo foi se fazendo fraterno



Formou-se um Brasil dos brasileiros  
Com vícios de Portugal.  
Muita autoridade no Governo  
E muito pobre no sertão.  
Dos pretos, muito poucos viram a glória  
Dos índios não se fez melhor sorte.

Belo grito o coro fez quando todos se ajoelhara e, com a mão direita sobre a sombrancelha, miraram o horizonte.

Aonde a igualdade?  
Aonde a dignidade?  
Aonde a fraternidade?  
Quando se espantarão os males  
Com a famosa liberdade?

Saltou um negrinho:

Me dê um poeta de respeito!

Os outros, em coro, repetiam o mesmo refrão.

Saltou um indiozinho e um mulato:

Me dê uma canastra de respeito!

O coro continuava a repetir o refrão e depois...

Nasce o Brasil de todos os brasileiros!

Se ouvia, ao fundo, o Hino da Independência. E o coro:

- Brasil da América do Sul!

- Mais gentes vieram, pobres, todas elas da Polônia, da Alemanha e da Itália.

Chegadas todas ao sul!!

As riquezas eram por lá e as pobreza aqui.  
Mas pouco importa quando se tem decisão.  
Quem há de salvar este país?

O coro, quase num grito:

Nós, com nossas mãos!  
Nós, por nosso entendimento.  
Nós, por nosso querer decidido,  
Sem esmorecer!  
Feita uma nova raça.  
Como uma montanha se ergue  
Sobre todo o tabuleiro,  
Assim teremos a visão erguida,  
Sobranceira no trabalho.  
Nas dignidades de Deus.

Os panos se fecham e o mesmo cenário, mudando apenas o fundo vazio. Iniciou-se o segundo ato, com a mensageira e seu cartaz:

## MEMÓRIAS DO MEU PIAUÍ

1674 – NASCE UMA CAPITANIA

1750 – UMA CAPITANIA INDEPENDENTE

## É O MEU PIAUÍ

Notou-se um rumor no palco. Alguma coisa não ia bem. O coro aparece olhando para o teto, onde um mirrado guri espia, de cabeça para baixo. À meia voz assoprada fala o coro:

- Alfredin, ô Alfredin!

Retruca o menino:

- O que é que há?

- Vamos ligeiro, que é a vez do Piauí!

O menino, então, grita, anunciando:

- Então vocês pensam que eu me esqueci do Hora do Piauí?

Fez cair um mapa, onde ainda o Piauí não tinha acesso para o mar.

Entra um menino explicando, enquanto se ouve do negrinho esperto um relinchar de cavalo e mugidos de animais. Entra um garboso homem. Fala guri explicador:

É o capitão Domingos Sertão, criador de fazendas. Mais de trinta criou, viu que os sertões do Piauí não tinham igual no criatório. Estas fazendas foram dadas aos senhores jesuítas que tinham zelo pelos índios. Mas Pombal não teve dó e mandou os homens de preto embora. Era índio fugindo, era índio morrendo. Vieram vindo os ricos fazendeiros de



escravos. Negros e índios cruzados eram a força de trabalho! Nasce do esforço insano e do abandono, na raça e fé, a capitania independente do Piauí.

1759 – Capital a Vila de Mocha, que mudou de nome para Oeiras.

O coro entrou trazendo os versos belos de Dobal, que é um poeta maior do Piauí. Recitaram na maior folia:

### I O LUGAR

Ai campos do verde plano  
Todo alagado de carnaúbas.  
Ai planos dos tabuleiros  
Tão transformados tão de repente  
Num vasto verde, num plano  
Campo de flores e de babugem.

### II OS DIAS

Nestas trilhas de areias as seriemas  
Procuram cobras. E cantam  
Os seus dias de fogo.  
Dão as faveiras  
Sua sombra aos formigueiros.  
E os dias magros ao homem  
Sua quota de vida.

### III E O HOMEM





Sua razão de vida o homem vê minguando  
A cada dia. Mas duro recomeça  
Como se o tempo lhe sobrasse...  
Passa-lhe a vida,  
E queima o céu com a cinza de suas roças.

#### IV OS PESCADORES

Os botes bóiam no remanso  
E vão calados de barra adentro  
Os pescadores do Poti Velho.  
Também são filhos de Deus,  
Mas calam tudo  
Como seus cambos de peixe.

#### V E O MENINO

E como um sonho permanece o tempo  
Em seu passado. Lento vai crescendo  
Na paisagem das cabras um menino.

Com um papel igual a um pergaminho, entra um menino, lendo como se fosse um édito.

Eu, Governador do Piauí, neste dia 09 de outubro de 1766, escrevo:

“Demais, neste sertão, por costume antiqüíssimo, a mesma estimação tem brancos, mulatos e pretos, e todos, uns e outros, se tratam com a recíproca igualdade”.



Entrou um guri gaiato, que brincou:

- É claro, Governador, a recíproca igualdade existe, contanto que tenha a mesma cor! E sabiam os negros o seu lugar.

A mensagem entrou novamente e se lê em seu cartaz:

1824 – Manuel de Sousa Martons – Primeiro Presidente da Província!

Salve nossa primeira emancipação!

Ouviu-se o Hino do Piauí.

1852 – Nova Capital – Teresina

Caiu o mapa definitivo.

Alguém no fundo do palco grita:

1880 – Por terras que davam para o mar

Piauí cedeu outras ao Ceará!!!  
Ficou nosso Estado completo!!  
O sertão chegou ao litoral.  
Viva o homem do interior!  
Que é o melhor que tem!

1890 – Piauí se torna Estado.



Entra o coro cantando:

Meus grandes tabuleiros de Mangabeiras e Dois Irmãos!

Meus vales que afluem para o rio Parnaíba!

Estas últimas frases ditas por uma menina, indicando no grande mapa os respectivos lugares.

Chegou ao centro um menino com ar de professor, que falou:

Este, pois, é um Estado novo.

Começou como em tudo se começa neste Brasil:

Com entradas e índios mortos... negros no trabalho e fazenda de gado. Com o passar dos dias, se fez uma raça esperançosa. Mais que em qualquer lugar, é necessário o trabalho e o respeito. Pela História feita, estamos numa província dada pelas mãos da conquista. Emancipados ficamos no espírito da revolução que ensinou a igualdade. Somos um Estado novo, com capacidade de abertura a toda novidade, nos assiste a generosidade. Não estamos prontos e temos potencialidades. Não há porque esperar, se sob nossos pés está nossa fortuna. Diferente de outros Estados nordestinos começamos a não ter somente nos governos a nossa proteção. Cada um é cidadão capaz de inventar o seu destino. Somos gente em formação. Aí vem uma roça nova de gado e sementes. Aí vem uma indústria feita de frutos e carnes da galaria do Piauí. A nossa História feita, a começar pelos sertões, ensina que do interior vem a salvação do Piauí. Muito obrigado!

Todos aplaudiram o bravo mestre.

Não se agradece o meu parco saber. Também se paga. Reivindico o reajuste dos meus proventos!

Quem garante a inteligência de um povo, merece melhor paga.

Entrou o coro e elevou a voz com o seguinte dizer:

Oi, riqueza do meu saber,  
Oi, riqueza do meu gado,  
Oi, riqueza das sementes,  
Oi, riqueza nas pedras,  
Oi, riqueza nos frutos tropicais,  
Oi, riqueza das carnaúbas e dos cocais,  
Oi, riqueza nas indústrias que sonham escondidas,  
Oi, água sobre os nossos pés.

Ai, aldeias minhas tão antigas, donde nasceu meu Piauí! Carregam todas elas em suas candeias, acesas e apagadas, a iluminação do mundo. que te queremos tanto: Paranaguá, Jurumenha, Valença e Campo Maior. Dormem nas cercanias de Marvão e Parnaíba, um império de sonhos. Saudamos a antiga vila de Corrente, que é uma paz e uma transformação: É o valor de nossas mãos. São Raimundo Nonato, lembrança e bênção dos primeiros homens da América Latina!

Aí neste exato momento, o menino que deixava cair os mapas em rústicas folhas, deixou cair as belas cópias das figuras rupestres das grutas de São Raimundo Nonato.

Quero saber de que flauta o negrinho conseguiu tirar os sons que fez na inauguração das figuras.



Entrou logo a seguir o último canto apresentado pelo coral. Não me lembro bem, mas exaltada a vinda do homem novo. Falava mais ou menos assim:

Do último lugar nasceu uma princesa  
Do último lugar nasceu um príncipe  
De alta dignidade. Este príncipe sou eu

Era o que anunciavam os meninos.

Esta princesa sou seu, anunciava as meninas, cada uma delas apontando para o próprio peito.

Foi então que notei a presença do Orozimbo, que, em pé, batia palmas.

Fecharam-se as cortinas. Logo a seguir, entrou um mensageiro que disse, cadenciadamente:

Agora, Senhoras e Senhores, apresentamos o terceiro ato:

## MEMÓRIAS DO MEU PEQUENO LUGAR

Declamador:

Os gilbués e as pimenteiras, rápidos em fuga, se fizeram. Nada levaram a não ser uma tristonha saudade do chão. Nada mais havia que pudessem querer: os seus lugares. Mas vieram portugueses de Paranaguá, vieram portugueses da Bahia. Escravos havia que lhes sobrava. Das ricas pastagens do vale do Corrente, das ricas pastagens do vale do Paraim, gado bom se criava. Pouca era a agricultura. Era um sistema de feudos, de fazendas grandes. Brancos nobres que dos outros se serviam em nenhuma novidade. Havia, acima de tudo, uma derradeira



pobreza com vontade de ir embora. Ah! Bons sentimentos! Bons sentimentos havia o homem do extremo sul, mais perquiridor de um saber. Mais pronto a buscar um destino mais igual.

A cena seguinte, de todas as que foram representadas, foi a que mais me agradou. O que foi dito podia-se dizer de todas as aldeias do nordeste e mudando o que deve ser mudado em todas as aldeias da América Latina.

Dois mensageiros entraram sob o som solene do tamborzinho da escola. O negrinho tirava de sua flauta de bambu os sons simples de uma água. No primeiro cartaz estava escrito:

#### PEQUENA MEDITAÇÃO SOBRE UMA ALDEIA DAS GENTES DO SUL DO PIAUÍ, segundo a Professora Juraci Alves Lustosa

No segundo, podia-se ler: Os cartazes do fundo foram pintados por nossa turma. Obrigado.

Vieram os efusivos aplausos, quando caiu o primeiro quadro, representando o mapa do extremo sul do Piauí, e no todo, o município de Corrente. As cenas que se seguiam causavam boa impressão, pela singela beleza e pela poética parecência. Os meninos e as meninas tomaram assento sobre tocos e pedras rústicas, em postura de filósofo grego. Começou a pequena meditação.

O primeiro filósofo introduziu:

Diálogo das crianças para a felicidade numa aldeia.

- Que pensas tu, Epaminondas, a respeito de tua aldeia?

- Em primeiro lugar, não tenho outra. Devo pegar a que se apresentou pela primeira vez diante de meus olhos.



Cai o outro quadro, em mesmo papel de cimento, com tintas naturais. Estas pinturas transmitiam os tons pacíficos da terra. Entre o verde, destacava-se o vermelho do urucum. O quadro era uma aldeia do vale do Paraim. Continuava o diálogo das crianças.

- Devia haver um decreto presidencial que obrigasse todas as crianças a passarem parte de sua infância numa aldeia. De preferência, na mais humilde. A alma do interior tem os favores da natureza.

- Fale-nos, Epaminondas!

- Uma aldeia é suficiente. Nela temos tudo o que precisamos.

Todos os pequenos filósofos começaram a escandir: “os nossos varais estão cheios de roupas limpas”.

Outro quadro representando um quintal com seu varal e tudo o mais que abaixo é divulgado:

- É sábado, a boa hora de lustrar os sapatos pobres.

- Uma rede no mangueiral.

- Uma mulher com seus bilros, tecendo uma toalha branca.

Cai outro quadro e continua a descrição feita pelos filósofos:

O homem é como suas árvores secas  
Desolado fica, só com sua solidão  
E a dor de esperar a incerta chuva  
Que promete voltar nas águas de setembro.

Seja o apascentador de cabras,  
Seja o vaqueiro silencioso e decidido.  
São homens da aldeia a esperar  
Que alguém lhes diga que também o homem é o seu

destino.



Em torno da fogueira está a lavadeira  
Que anda uma estrada longa  
Para ter a sua roupa limpa.

Junto está a dona de casa a mais  
Cheia de rotina e a comezinha mulher  
A mais importante, a maior rainha,  
Louvada seja e que obtenha a glória.

Junto à fogueira de junho está  
O descascador de arroz que concluiu  
A divisão da safra entre os chupins e a seca.

Também está um pequeno agricultor, uma coisa rara,  
Oferece as flores de caju e o primeiro mel,  
A melancia colhida na vereda  
E a branca caturra: última novidade!

- Fale mestre Epaminondas, diga mais!

- Podemos ter! Podemos ter ainda a mais decente das prosperidades, se nas mãos pusermos nosso aval. Nada se impõe como obstáculo à humana decisão, quando medida a razoável condição.

Levaram-se os filósofos e a tarola anunciava o próximo quadro.  
Entrou um anunciador:

Senhoras e Senhores! O próximo momento será de maior relevância!

O diálogo entre o PROFETA e o FAZEDOR



FAZEDOR – Mestre, Profeta Jeremias, eu sou o fazedor. Em mim está tudo o que foi feito por força desta gente. – Apontou para os assistentes – No meio do maior aperto, fizemos, por obra nossa, um Instituto de Educação para o sertão: Foi grande o saber lá feito. Fizemos um Colégio São José no meio da maior dificuldade. Fizemos! As escolinhas, espalhadas como casa de guardar a consciência. Fizemos e sustentamos! Muitas delas tidas e mantidas pela própria aldeia. Do pouco de cada um, se faz um necessário professor. Fizemos!

PROFETA – Muito mais há de se fazer!

FAZEDOR – Fale, Mestre Jeremias, sobre nossas vidas deste extremo sul!

PROFETA – Vai se completar a raça distinta. Já Corrente se tornou portal ao novo homem! Raça branca e amarela se avista no horizonte.

FAZEDOR – Diga mais, Mestre Profeta!

PROFETA – Digo sim por ser verdade: um novo braço vai se fazer. Um homem independente, vero cidadão, inconformado há de nascer.

FAZEDOR – Diga mais, Mestre Profeta!

PROFETA – Novas instituições de saúde e educação vão se erguer para o bem de quem quiser. Um belo homem forte e competente completará o iniciado.

FAZEDOR – Ainda mais posso esperar?

PROFETA – Falo o que vislumbro na cidade e nos campos do extremo sul. Os campos se cobrem de sementes. As frutíferas árvores nativas dão seus frutos cem por um: um pólo de alimentos. Indústrias de máquinas processam o alimento de provocante sabor.

FAZEDOR – Ainda mais posso esperar?

PROFETA – O sul dirá: de Corrente há de vir a salvação feita pela indústria dos melhores frutos: o ácido e doce caju, a ácida e doce carambola, a massuda manga e outros tantos frutos. Vejo o gado belo misturado às pastagens verdes, mesmo no causticante estilo. As árvores protegem os tenros bezeros. Encontra-se-á o termo certo entre o campo, a lavoura e a floresta. As águas jorrarão das chapadas, a tal ponto que o jumento ornijará de felicidade. E nos vales dos rios, o entardecer provocará arco-íris sobre as plantas molhadas durante a estiagem. Não haverá pragas, por causa da pureza do ar.

FAZEDOR – Foi pequeno o meu fazer. Começou uma nova vontade que expressa: Abaixo a rígida facção! Salve o Deus dos corações! Salve o homem que diz sem nenhuma humilhação: os outros me governam. Farei de ti, ó homem do Piauí, um invejável senhor.

Ouviu-se logo a seguir um canto simples como o anterior, uma pequena toada sobre o homem vindouro que, descobri depois, imitava Dobal.

Mais um passageiro  
Seja um convidado de honra.  
Nunca se perde um digno suor.  
O serviço é uma arte.  
É preciso uma ampla casa,  
Uma roupa limpa,  
Um pão cheiroso na mesa,  
Que disso se alimenta também a alma.

No final do terceiro ato, os meninos fizeram um festival de imagens pronunciadas:

Estão chegando os galegos da cor das garças nos açudes.

As vespas dão-nos o mel das nossas flores amarelas e azuis.



O paciente gado geme as dores de todo o mundo ao entardecer.

Não se precisa de farta imagem para avaliar as felicidades do sertão.

Para onde vão os nossos pássaros e os meninos?

Muito mais foi dito e sentia-se que o teatrinho terminava. Comoveu-me, sobremaneira, a última cena silenciosa. Tanto o negrinho da flauta, como aquele que fazia descerem os mapas, se puseram no meio do palco com os outros artistas e todos ergueram as mãos e o sol que entrava por uma janela, deixava as sombras deles tomando conta do fundo do quadro. Para finalizar, a Juraci falou com voz solene: “Uma clara cabeça, um bom coração e uma mão podem ter boa decisão”.

Orozimbo e eu ficamos em pé, aplaudindo. Aproveitei a minha estada por aí para falar à piazada sobre as minhas anotações, referentes, principalmente, às plantas, às pastagens, à gadaria, à riqueza dos frutos nativos, sem esquecer o precioso mel, estimando, convicto, que o meu ensino lhes fosse de interesse. Pelo silêncio, avaliava que os meus positivos dados tinham valor. Orozimbo proseou com a professora Juraci, dizendo-lhe que estava vigoroso de felicidade. Não sabia ao certo o que havia descoberto. Faltava-lhe a palavra apropriada sobre o que dizer do sentimento infinito da beleza. Então propalava:

- Ôi, dona Juraci, quando iam caindo as figuras da altura mais o som da flauta, mi dava uma vontade di abraçá meu Piauí. Nem si fala das palavras, feita uma pintura, di tão ajeitada. Botei meu coração a assuntá sobre o que houvera di sê que remexia o coração. Num sei du qui era mais coisa iguá. Nunca arreparei no pulsá das veia. Tava parecido um voo de pássaro. Igual qui um triscado suave de voz de um passarin qui di manhã festeja o dia na ponta da gamelera. Era um sopro de leve brincando na alma. Quem houvera de dizê qui o nego Orozimbo visse uma ventura toda airoso? Era o Sinhô bulindo um pensamento.



No outro dia, picamos nossos cavalos na direção de Corrente. Vinha uma confirmação: não havia uma necessidade de uma ostentação de figuras para encontrar o encanto. Bem que acreditei em Picasso, quando produzia um dizer de que não se vê o mundo como ele é, ele é como se vê. Numa folha pode haver uma descoberta. Depende de quem a descreve. Para um boi é inútil um pão sovado. E adiantava o pensar com a preocupação de não poder jamais pronunciar toda a beleza do teatro assistido. Ali estava uma pronta arte e eu, por mais que trouxesse os rascunhos de Juraci, não a passaria a limpo jamais. Deixaria suja a obra de arte feita pelas crianças. “Que importa, afinal, se obtive um carinho e uma graça?” O toque-toque mais a poeira faziam o fundo das idéias que coriscavam livres. O negrão estava comovido.

Naquela noite chegamos à casa do fazendeiro Vergílio que ofereceu pousada confortante. Houve matalotagem e por isso não faltava uma carne nova. Pediu-me que lhe ensinasse a preparar um churrasco. Admirava-se, pelo viço do olhar, por me ver conversar com o negrão Orozimbo com a mesma desenvoltura com que conversava com ele: um sinal dos antigos costumes de casa grande e senzala. Bastou um carinho na palavra dita na direção de Orozimbo, para que Virgílio chamasse um dos seus e começasse a lhe falar de igual maneira. Vi nos olhos do seu apascentador, uma estranheza. Vai ver que o bom Virgílio carecia de apenas um estímulo na vontade de mudar. O melhor de tudo foi a sua conversa sobre os Pés de Serra e os seus costumes. Fez um discurso generoso:

- A boiada é nossa riqueza. Mas de outras riquezas reais é que sairá o nosso haver. Sempre foi a pecuária bovina que alimentou a nossa ousada gente. A berraria de animalia é a música do Piauí, tanto para o desrecursado como para elitizado. É um jeito criatório. O vestir-se, nos Pés da Serra, foram a perneira, o gibão e o guarda-peito com o conhecido chapéu. O irmão do sertanejo é seu resistente cavalin. Homem ele é forte. Para vencer as caatingas e os carrascos de embira e pedra, atrás do boi perdido, carece um mundo de tenência. Quando o vaqueiro achava o



animal, era a carreira. Um grito, e o boi caía no teso do chão. Instrumentava o animal para o rumo do curral. Juntava-se um a uma, naquela perdição. A pega era um trabalho. Formados os lotes, que juntados, ficavam a boiada que ia para a Bahia. Era uma procissão de paciência. Se no meio do caminho não se encontrasse os cercados para o descanso, buscavam-se os tabuleiros para os pastoreio com os tangedores de apascentação. O amargoso e o agreste, mesmo secos, tinham alguma serventia.

Perigo havia, mais que temido, no arranco. Depois o estouro e aquele som soturno. Era o rumor da morte. Perdia-se, nesta eventual infelicidade, quase o lucro. Uma tristeza. O maior cuidado do vaqueiro e do apascentador estava com os bois, estropiados, que eram os primeiros a provocar o arranco. A pobreza tem disso... Quando a sobra final se juntava, impunha-se uma dor silenciosa na tropa, mas o sertanejo aprende a ter, na fatalidade, uma companheira... a sina.

Uma gatura envolveu-me por não concordar com a fatalidade que aceita assim no más. Subia-me um desejo de formar uma posição, dizendo que, se houvesse uma eficiente ronda, o arranco podia ser evitado numa razoável proporção.

Continuava, Vergílio, a sua prosa:

- Subia-se a serra de Tabatinga para se chegar a Santa Rita. Os fazendeiros, donos e pequenos lotes, concluíam aí sua viagem, vendendo seu criatório. Outros, mais afortunados, ia em frente, buscando melhor valor nas cidades da Bahia. Era uma tesa procissão de gente decidida: os vaqueiros, a cavalo, no rápido controle dos desgarrados, os tangedores a pé, os guias com suas mulas faceiras e bonitas na frente. O patrão vinha no coice da boiada. A gente precisava de um alimento fortalecido: um pouco de tocinho e várias carnes, sem a falta da carne seca. Uma viagem assim cansativa, dava um prazer no apetite. O dinheiro auferido era dividido em quatro sentidos: a paga dos homens; as compras de roupa



feita, jóia cara e louça fina; as reses adolescentes e melhoradas; as reservas do ano.

A volta dos homens era uma festa, principalmente na casa do patrão, que o dinheiro dos outros vaqueiros não punha sonho nenhum. Agora está vindo mudança com a nova juventude que estuda em Corrente. Parece que mais gente encontra saída original fora dos velhos costumes. Há de se ver. Fato recente mais visto na melhoria de animais foi trazido por Dr. Severo. O sul do Piauí vai ensinar o sertão. Um gado mais arroubadado vem precedendo de boas cruzadas, deixando para trás o tempo de pé-duro, o saudoso boizinho chifrudo e pequeno.

Afirmi ao Vergílio que a sua narrativa era igual à do livro de Raymundo Laurzeiro, Pés de Serra. Riu-se e respondeu:

- A boiada era a mesma – e completou – Foi no livro de Raymundo que aperfeiçoei o meu dizer.

No outro dia, bem cedo, no primeiro cantar miúdo da patativa, estávamos na estrada. Uma pressa me instigava a chegar. Queria relatar ao Prefeito as minhas conclusões. Pensava em carregar um relatório perfeito sobre as possibilidades do seu pedaço de sertão que necessitava governar com espírito público e nada particular. Ao narrar o que está em tela, me atenho a descrever o essencial do que denominei de

### **Sugestões sobre a Sorte da Gente e das Terras de Corrente**

Senhor Prefeito Municipal:

Assim como a luz da manhã é motivo suficiente para o canto dos passarinhos, da mesma forma a luz dos meus princípios é suficiente para afirmar o que se segue:



Foi-me pedido um relatório circunstanciado e algumas conclusões sobre a minha viagem de levantamento. Faço-o a seguir. Mas antes de iniciar observações e conclusões, para que Vossa Senhoria possa tomar suas decisões administrativas e gastar os recursos municipais em benefício comum, tento referir os princípios fundamentais que me fazem dizer isso ou aquilo. Pois ninguém vê nada gratuitamente.

Na viagem realizada foi visto o seu povo e nesta visão me afligiu o sofrimento e me alegrou a espontaneidade e o humor. A partir do que foi visto, orientou-se o pensamento, seguindo os preceitos inerentes à minha particular observação e conseqüente dizer sincero das ações a serem levadas a efeito para melhorar a vida que mal se conduz mas é cheia de vitalidades que já foram despertadas. Divulgo o meu pensar, que fundamenta toda a minha orientação: vive-se num tempo em que se rejeita a onipresença do Estado, delegando-se poder ao cidadão livre. Pede-se, por onde se anda, um olhar de apoio para as iniciativas da própria gente. Mas também ninguém está mais concorde com os privilégios, nem advindos da política, nem do berço generoso demais para alguns.

Está, por estes grotões, tabuleiros e boqueirões, um desejo de liberdade e uma inquirição que pesquisa a igualdade. As mãos de todos vão ter que calejar, para que haja o razoável benefício. Todo bem é colegiado. A liberdade e a justiça vão ter que se juntar, antes que, pela falta de respeito, se arrebenhem em lutas ferozes os bondosos seres humanos do Piauí, que se cansam de esperar.

Falo, senhor prefeito, também sobre a natureza. Esta tem suficiente sabedoria para ensinar a um executivo municipal as ações necessárias a seu povo. Como diz já o Aristóteles: “Três coisas fazem os homens bons e virtuosos: a natureza, os costumes e a razão”. Além do homem virtuoso se criara uma comunidade com maiores costumes, alguns deles melhorados pela razão. Piauí está nascendo em sua adolescência. Tem boa índole e pode se beneficiar se a minha razão estiver, eventualmente, certa e os seus conselhos forem seguidos prudentemente.



Senhor Prefeito, até Cícero me auxiliou na compreensão do que de ver dito: “É preciso não passar por alto outra vantagem própria e exclusiva do homem, nascida de sua razão... que deve pôr nos atos maior constância, regularidade e beleza. Disso tudo resulta a honestidade, da qual digo, com razão, é digna de todos os elogios, mesmo quando por ninguém louvada”. Tem mais algumas orientações fundamentais: é que se educa para novos costumes somente na experiência e mostrando, principalmente, o que deve ser mudado aos jovens e crianças, que absorvem melhor as novidades que possam fazer bons resultados ao seu futuro. Assim sendo, deve-se concentrar especial atenção às escolas e aos jovens que pretendem buscar novas saídas. Além disso, é preciso estar mais próximo destas populações, para que, efetivamente, se sintam apoiadas, proporcionando encontros de comunidades que avaliam um programa de mudança, para que tudo seja claro sobre as consequências dos novos costumes, e, pela participação, tenham gosto pelos resultados e ânimo para pôr em prática. Isto também defende Cícero, quando diz: “O homem pode conhecer as causas, os efeitos e o progresso das coisas; pode comparar objetos; investigar suas diferentes coleções; ligar o presente com o passado e procurar o necessário para o seu viver cotidiano. A mesma Natureza, mediante a razão, deu aos homens o sentimento de união, de comunicação de idéias através da palavra e infundiu em seus corações um afeto particular e intenso aos seres a quem deram a vida; um desejo que os incita a procurar a companhia de outros homens a considerá-los e sentir prazer em suas palavras, bem como procurar as coisas necessárias à conservação da vida; isto não só para eles mesmos, como também para suas esposas, seus filhos e todos a quem dedicam afeto ou têm dever de proteger”. Isto está no livro dos Deveres, que também pode ser lido por um político.

Por fim, quero dizer que o que segue é dito e feito com amor. Este é o dom do que sobra da gente. Se nada sobra, fica um tamanho tão pequeno, que mal vale existir, porque além de não ajudar a pessoa que não ama, estorva. Isto basta como intróito, agora vamos ao que interessa de prático.





Prevalecem os hábitos antigos. É como se a mão da História tivesse posto uma só vez a sua mão. Está consagrada a sorte imposta pelo tempo, como se um deus ordenasse cumprir uma sina. Existe uma aceitação geral da pobreza e mesmo a riqueza está animada apenas pelo criatório. Nota-se nestas canhadas dos Pés da Serra, apenas duas novidades: a existência de um gado que se renova devagar e a introdução de novas pastagens. Parece que a Prefeitura deveria promover a ocorrência mais decisiva destas duas melhorias e mais o que seguir parecem razoáveis sugestões: a agricultura parece, é verdade, não vai ser a principal riqueza, mas ao animá-la, é preciso introduzir novos hábitos nas relações com a terra. As queimas devem ser diminuídas e a terra, por ser arenosa, não pode ser resolvida constantemente. Esforço inteiro e teso deve ser feito nas culturas permanentes do caju, manga e jenipapo e outros e com denodo esta terra precisa implantar indústrias para processar estes produtos.

Melhores formas de plantar e melhores espécies destes frutos vão concorrer para a segurança do espaço e para a prosperidade dos filhos da região. Os pequenos proprietários estão a merecer uma atenção. Olham para o céu a toda hora em busca de chuvas. Apenas a bondade do tempo inconstante resolve seus problemas, mas parece que os deixa sempre na mão. Por isso não se pode poupar esforço nas várias formas de irrigação e armazenamento da água, que, na época certa, é abundante. A FESPI deve, sobremaneira, dirigir seu esforço e competência na direção das melhorias do solo, culturas permanentes e na irrigação, bem como orientar, em dias de campo, a todos os interessados. As riquezas que surgirão do trabalho assim conduzido, praza vossa consideração, serão tantas, que todos poderão erguer as testas, orgulhosos com o advento de uma salvação. Tenha em tal gentileza a vossa preocupação.

Ah, sim... a labuta das plantações sazonais deve preferir os baixios de terra boa, que nem são tantos e nem extensos e respeitar os brejos. Parece que mesmo o grande criatório deve cuidar, o máximo possível, a árvore. Por isso, em tudo aconselho a aprimorar o que os frutos



concedem, que são bons, nutritivos e de uma poética massa... um hino. E, por falar tão docemente, atino no magnífico mel do Piauí. Se o procedimento de Vossa Senhoria contemplar o meu entendimento, oriento no principal: o mel. As flores se sucedem umas às outras, como se adrede suas iniciativas fossem preparadas. Desta forma, o mel é de variável sabor e delicioso. A FESPI também deverá ter um cuidado generoso com as abelhas. A dita popular “oropa” é a maior produtora. Entretanto, outras de menor produção, mas de mel valorizado por ser medicinal, merecem um olhar credenciado. Os tubis, os jataís e os uruçus podem, quem sabe, ter um convício mais rendoso, se guardadas em caixas talhadas para a sua produção. Que o mel será um meio de riqueza para todos, não tenho dúvidas, principalmente, se os frutos das culturas permanentes tiverem atenção. A alimentação pode ainda ser enriquecida com a criação de peixes. Além dos brejos de água permanente, os açudes poderão servir para a cultura do peixe. Mesmo eu, sei de algumas espécies de alto padrão nutritivo e que preferem este calor.

Mas que esta mudança no pensar e no agir, preciso falar da escola. É o lugar de preferência para um outro siso. A FESPI e a prefeitura poderiam introduzir os costumes das várias culturas nas terras compradas para as principais escolas do município. Os lucros, pela aprendizagem, se resumiram na melhoria da saúde, na formação de novos hábitos, na sustentação da escola e dos alunos que se dispuserem a concorrer para a materialização do que é proposto. Quem não compraria dos peixes e das culturas? Em menos de 15 anos se transformaria a fisionomia da região, porque as crianças estariam prontas para assumir suas casas com outra determinação. Menor ainda seria o tempo da espera, se os jovens fossem provocados na tarefa. Mas se estou falando da escola, o que mais apreciei como necessário, foram os livros que faltavam também no sul. o livro dos Estudos Sociais deve mostrar a História e a Geografia do viver e do lugar das crianças. A FESPI não pode se furtar de escrever sobre a vida feita e as formas que ela tem nestes relevos. A beleza das formas com que se veste este lugar deve ser tocada pelas crianças que aprenderão a cuidá-la e a tirar dela o melhor proveito. Posso dispor de algum tempo para



escrever sobre os solos e suas culturas, forrageiras e leguminosas, árvores e sementes. Da forma como a natureza merece atenção por conceder melhor vida, igualmente a saúde das gentes poderia se orientar melhor, a começar pela alimentação.

Por fim, conto-me feliz por ter visitado esta gente e privado de sua convivência. Para mim, o trabalho feito teve um fim em si mesmo: o do prazer da beleza e de amores vistos a toda hora. Se for interesse público, me apraz dizer, teria honra em ser convidado para organizar um programa de ações verdadeiras. É o meu verbo.

## **Meu Último Dizer**

Vão para seis anos os meus dias nesta terra do Piauí. Agora é minha, pois nela está a minha casa e tudo o que ela contém. Ah, sim, a casa neste sertão que é de Deus, porque parece que dos homens não é. Até agora, pouco se lhe deu uma mão. Uma casa me comove. Vinha de dizer do meu peito, a lembrança da “nona” Patrícia: “Pippo, meu guri, que me amolece o coração. Cogito, piá, de uma casa, faz dias. O que é uma casa? É um lugar de cuidado, uma casa, onde a intimidade é protegida. É um lar, como se diz. Onde os sonhos voam pelas janelas em conversas de manhã. Uma casa é o lugar do coração, Pippo. Deus mora, de preferência, em uma casa songela. Gente simples e feliz como um pé de guajuvira. Uma lar, Pippo, um lar! Uma casa bonita até sem luxo, com jardimzinho e verde, mostra sua total afeição e o luxo da gente que mora. Uma casa, cogito mais, Pippo, representa um tempo uns costumes, todo jeito de ser. Em uma vila de imigrantes, todas as casas são iguais. Em terra de coronéis, só a casa do senhor tem lá seu luxo, mas o resto é sem destino... uma estropeação. A casa tem alma, Pippo. Ela tem som e fala, tem clima”.



Juntei as lembranças, como frutas, num bernal e compreendi a preocupação de Patrícia no seu dizer: “Para onde vão nossas casas? Para onde vão nossas casas?” Me ria sozinho, ao lembrar a bondade... um riso que condescendia com a saudade. Então, nesta hora, vinha uma poesia serena em mim, como os pássaros no jatobá. Mas não tinha nada de tristeza... uma comunhão devida.

Patrícia falava, repetindo a sua irmã Prisca: “É a serena paz com um pouco de outono e sua cesta de frutos”. Só por esta frase repetida, podia notar como era a vida de Prisca. A alma se manifesta na poesia e no olhar dos outros. Arilalá que estava pronto o dia e suas horas quando as duas velhas se reuniam em mim.

Por si, a vida se oferecia, se satisfazia. Estava, então, airoso como um alazão escovado por um mirigui. Carece, por lembrar o neguim do Mirigui. Está virando homem de vera meditação, tenência e ação... um cidadão de fama popular... um estimado rapaz. “Ao ser humano é só dar uma mãozinha”. Palavras de minha professora do Lagoão da Soledade, meu preferido lugar. Inteira razão era a sua, pois que o Mirigui, mais desarticulado que voo de picapau, agora estava aí, com um voo altivo e reto. Confesso de suas palavras faz poucos dias:

- Tenho um segredo de não mostrá. – Segurava uma folha escondida.

- Deixa eu ver o teu segredo de não divulgar. – Brinquei.

Mostrou: Uma casa! Uma casinha de luxo verdadeiro!

- De onde tirou a mostra? – Questionei.

- Aqui de dentro de mim. Figurei no meu ser uma casa para mim e a Lisaura.

Baixou a cabeça, temendo que eu lhe dissesse para ir se criar primeiro. Quando vi o desenho, quase pulei de emoção. Quem pretende uma casa assim, não tem mais perdição, intuí e falei solenemente:



- Quem tem 18 anos já pode pensar em repartir. – Expliquei em delongas – Tem 500 hectares de terras devolutas. Tome para ti, que vou ajudar no ajuizamento para teu nome. Primeiro uma sementeira, depois um pasto e o gado cabrum e bovino. A cerca, vagorosamente, tem o ano todo para ser erguida. Enquanto isso, é bom produzir as mudas de caju...

- Pippo Elias, num tá dimais o seu pedido? O rapaz qué casá. Deixemo pra mais tarde as riqueza.

Devolvo meio azedo:

- Pensei que o senhor Mirigui quisesse ter sua casa bonita.

- A pois, si quero, oxên! – exclamou.

- Ora, então que eu saiba, só o trabalho vai fazer com que chegue lá. Um sonho assim, irmãozinho, não se faz dormindo!

- É mesmo, sinhô Pippo Elias. Dô-lhe a mão à parmatória. E quero mais. Igual qui no pape minha casinha. E di mais importante... um sol de esquentá o peito... isso é uma casa bonita... uma lovação da gente que ergue a cabeça e pronuncia: “Olha a casa branca de pátio verde, cheinha da palmera do catulé!” Um ilogiu mais formoso que uma roupa nova... Deixa a gente com valo. Uma casa é todo um lugar onde a alma da gente se espraia... É a terra e o teto... a glória do neguim Mirigui que vai alevantá di manhã ouvindo tudo que é dele.

Imaginei um sol, um céu e a casa de Mirigui. Naquele dia, minha professora estava soprando em meu ouvido um terno verso aprendido, de Sousa Andrade:

O azul sertão, formoso e deslumbrante,  
Arde do sol o incêndio, delirante  
Coração vivo em céu profundo aberto!



Se fosse eu o Sousândrade, botava na inspiração havida a casa de Mirigui... Mais linda que o sertão azul... Iluminava o céu a casa de Mirigui... Eia imaginação divina! Se nada levar deste mundo e se nenhum mérito tiver o meu esforço, erguei, em protesto, a casa desenhada por Mirigui. Isso ninguém me tira.

Mostrarei também, como vantagem, na acusação de minha inutilidade, o amor pelas ruazinhas de Corrente e o respeito que me assaltou o coração por quem tivesse me dado a honra de passar por meu caminho. Ah! Ainda outra questão invocarei em meu favor – o esforço esperançoso de ajudar a nascer uma instituição talentosa – a FESPI... Sim, ela mesma, que nasceu, em primeiro lugar, do desejo e tenência das gentes daqui. Isso havia percebido a Professora Juraci, quando, em seu teatro, fez uma criança dizer que o sertão do sul do Piauí foi visto com liberdade e razão pelo homem feito na Revolução Francesa. A FESPI, também se deu por mercê dos imigrantes, que viam na construção da consciência um elemento de salvação... A fé e a inteligência: as duas para a vida. Mas acima de tudo era a FESPI o dom do lugar.

Ao encontrar o José por esses dias, vi-o contente. Provava ele que um sertão decidido, forjado e expedito não se amolece. É capaz e se faz sem humilhação. Divulgava, coberto de razão, para o vasto sertão, a competência da sua instituição, que nascia com saúde: nutrida na teimosia e no sadio orgulho de fazer. Não pedia bexiga: acontecia.

Mas em mim havia um certo padecimento, uma saudade pequena, que se entregava, que morria. Levava uma saudade de um Pippo perdido no Lagoão. Estava já diferente, sentia; um pouco resignado, mais para bondoso que para sestroso. Não estava mais estarecido diante de frustração. Legalizava em mim a dificuldade, no conversê interior: “Calma, Pippo!” Fazia já um costume inocente de não mais viver de implosão, entretanto, sobre o decidido, vinha uma paciência lenta, mas imbatível, judiada, mas orgulhosa. A minha resignação tinha tento: uma conformidade passageira, apenas feita, para não dizer que eu era indelicado. Sobretudo, havia uma continuada decisão. Um meio termo



entre a sorte e o arbítrio indomável. O sul e o norte me faziam. Este jeito de ser expressava-se no meu andar. Uma paz por ser eu mesmo na generosidade dos outros.

Apreciava andar nas ruas de Corrente. Não me faltava intenção de dobrar os joelhos em respeito ao Santíssimo Sacramento das Pessoas Humildes. Ah! Denuncio uma fraqueza: me comove o ser da humilde gente. O seu rosto, mais que resignado, bondoso, parece que invoca um “Deus seja louvado e tenha piedade de nós”. Fico, então, com uma vontade de dizer: Tome tento, irmão, de sua real importância. Apague o mal da comiseração e da profanação. Ninguém é mais importante! Ninguém é mais importante que tu! Nem o nobre, nem o rico capitalista ou o feitor estatal poderão tirar o teu encanto, pois chegou o teu tempo. De qualquer bambu se tira uma flauta, quanto mais de ti que não precisas de vento para retirar-te o som, tens uma alma igual à do nobre, à do rico e à do feitor estatal.

Um fervor generoso me dizia que naquela gente havia uma suficiente razão para viver, uma poesia tamanha, mais que num mundo com todos os pássaros e animaizinhos juntos. Por causa do buliço novo do Governador, sentia uma angústia por ver que novamente poderia haver engano para esta gente que andava tão pequena de sonhos a ponto de eu estimular que seus filhos fossem à escola a ver se, pelo entendimento, se pudesse sair dos dissabores.

Por isso pensei: vou ter com Pe. Estéban, para pegar um verbo melhor na voz de Deus e dos Homens. Por sorte, encontrei-o, inspirado. Formulei uma frase em que dizia que estava preocupado por encontrá-lo nervoso. Começou, contando-me uma pequena lenda grega... uma antiga sabedoria...

Lo mas grande de los dioses, Zeus, estaba mui cansado de pensar en sus infinitas decisiones e habló... falou para sus angelitos: Mi voi a la tierra a descansar. E si fué. Ao passar por un vau de un rio, le gustó a amassar la argila... o barro. I se hizo una figura mui original. Se le hizo



melancólico su pensar por ver que el sol, los vientos e la agua decomporian tan hermosa imagen. Se volvió al cielo i llamó su divino compañero el dios del sopro a que engendrase un viento en la imagen a ver se resistisse a toda circunstacia. Se a hecho um milagre. La argila se movimentó e habló como un diós. Una gran confusion se estableció. Todos quisieran ser dueños de la novedad. La diosa Tierra se quedó austera e dice: La imagem es mia. De mi vientre tiraran lo húmus. Dice Zeus: “de mis manos se salió la forma”. Dice el diós de sopro: “di mi boca salió su essencia”. El pobrecito del boneco se tornou constringido con la discusión. Entonces llamaran el diós de la Justicia que dice: Mientras existir el ser con esta figuración, el diós Cuidado tendrá ocupación deste húmus, porque asi es necessario. Es mui importante, porque tiene alma de los dioses i es fragil porque es hecho de la perecível argila. Dispués que perecer, la Tierra será dueña de la argila e el Sopro de su sopro.

Gostei e lhe perguntei a que vinha sua lenda neste instante. Explicou-me:

- Buenas, también en mi se habita la fragilidad, el barro, la argila entonces el Sopro tiene su dificultad.

Logo em seguida expressei os meus receios sobre a minha fé em Deus e nos últimos acontecimentos políticos de 1990. Sentiria culpa se não expressasse em comum, o que em particular recebi. Divido e apresento o resumo dos dois discursos feitos, assim:

De Diós, la energia solícia, con su infinitud no se puede questionar sino vivirla; es un sentimiento de ternura qui puede decir de su existencia. Lo que es la verdad y la harmonia? Lo que es la poesia sino el sentimiento de Diós. I las leites del espacio e de la naturaleza? I las estrellas. Vuestro gran autor, Olavo Bilac, dice bien... E eu vos direi:

“Amái para entendê-las,

Pois, só quem ama pode ter ouvido

Capaz de ouvir e de entender estrelas.”





Es la estetica divina que perpassa todos los ayres, la singelas oraciones i, sin embargo, assiste al sufrir de la gente.

Retruquei-lhe, dizendo que se pensasse assim, até muitos ateus seriam como santos.

- Ni todo aquello que dice “Senhor, Senhor, vá encontrar a luz. La infinitud se convierte en la gracia, quando los coraciones estan solidários con otras criaturas.

Bem mais falou sobre a vida e sobre a morte, dizendo “que la intención de Diós es la misma para los que viven como para los que se mueren”.

Nominou tanto lugar, tanta gente, que parecia carregar todas as coisas na sacola, incluindo, principalmente, os joãos e as joanas, que pernejavam de um lado para outro. Sem pretensioso viver... no simples viver como calango e passarinho. Mas queria eu, seguramente, obter também, do seu cogitar, uma afirmação, por auxiliar que fosse, sobre a condição social do homem e obtive:

- Oi, hombre, que la question es por demás sustantiva! I lo digo en súbito pensar: Lo fundamental es la libertad individual y la lei. Pero en la historia, el hombre estuvo siempre perdiendo sua espacio para una direcion o otra. En la Edad Media, estuvo a servicio del poder feudal. Se fué un tiempo de opression a la maioria de la gente. Todos los poderes, visibles o nó, se hicieran para la desgracia del hombre. Después surgió la mas hermosa criacion de la libertad: las chicas comunidades de los burgos en los alrededores de los feudos. En el médio de esta organizacion humana nació el capitalismo asociado a los privilegios de los nobles e de súbito la massa humana perdió sus derechos fundamentales. Vino el comunismo. Asi se retorno a la proposicion de no tenerse más la libertad. El Gobierno del pueblo tendrá el saber de todos. Una desilusión... Pienso qui llegó el precioso momento de la libertad y de la justicia social. Como dice Santo Tomas: “Al estado se le da la responsabilidad de la distribución justa”.



O Pe. Estéban fumava, animado, seu cigarrinho. Depois de resfolegado de paixão, ao dizer seu saber, falou, em paz, sobre as pequenas coisas, lembranças passadas na Espanha. Ao final, parecia um guri com saudades de sua aldeia. Falou de seus pássaros, sonhos e gaitinhas, debaixo de seu céu da Espanha.

Fui embora para ter com Girusa e ouvir as primeiras palavras de Elusa. Tive pena da saudade e da solidão de Pe. Estéban.

Ficarei com culpa, se não fizer o livramento de uma conversa havida com uma mulher de 62 anos, daquelas de quinze filhos”a senhora mãe de Laurinha.

Nesta seca de 90, estava acabrunhado com o desespero seco do sertão. Fui a São Gonçalo e até parecia que ia triste também o amarelim do meu carro. Antes de ir ver o jeito seco da minha plantação morta e empalhada, fui conversar com a família de Laurinha. O capiau dela, um poeta, homem do sertão, de fala curta, estava enrugado pela preocupação. Laurinha, no fundo do olhar, se lembrava de uma noite. Mas consolo houve, o melhor de todos, na doçura e melancolia plangida da velha Inês, que visitava Laurinha. Era o sertão falante:

- Na maió luta, a gente fica pelejando pra sistentá os quinze fio. Agorinha mermo, a água primêro veio de uma vez e dispois suspendeu de vez. O que a água não matô, matô o sol... assim quando a chuva arribou, o solão bateu. Não tem mais condição de rompê nada... rompê muita dificuldade. A gente tem vida no sertão, porque Deus dá a coragem. Já este ano, eu não sei como é que vamo passá.

Apontando para o seu velho, continuava na mesma resignação, como que traduzindo uma obediência pura ao destino.

- Tá ele aí, que pode contá. A gente rompia o futuro com duas tarefa de mandioca que está guardada no chão, mas a oficina de mandioca leva tudinho. A farinha fica toda em despesa. A gente se enche de vontade de rompê muito serviço, mas não tem condição. Meus fio



quisero ir para grande, mas eu falei “oi! a gente deve rompê o seu futuro é por aqui mermo. Vai sobrá um baguinho de comida”. Nas troca do pouco que se tem, pode havê uma esperança. Não desmereço o sertão na integral dificuldade. Deus ajude, ele que é Pai. Ainda mais que acaba de piorá, que viero as cerca. Quem vai havê de cuidá de nossas cabra, vaquinha de gente pobre?

Afirmei a ela, dizendo que com uma parelha de burrinho e com um aradinho, qualquer um pode plantar uma cerca de pasto fechado.

Falou sem convicção:

- É bom uma hortinha de pasto... mas se pode fazê uma coisinha poça. Tenho esta esperança que tudo pode se arranjá. Tenho confiança. Não sei espiá os coração dos otro, mas ninguém pode desconsiderá o poder de Deus. O poder que nós não temos. Pode avançá por todas direção deste sertão sisudo, que a merma história é esta que estou contando: muita dificuldade. Temos nossas festinha no interiô que é pra mor de esquecê tanta tribulação. Debaixo de umas latadas, fizemo nosso forrozinho e biquemo umas cachacinha... elas que têm nome bonito... Gente Nobre e Boa Idéia. Elas dão um pouco do que não temos. Falta a condição para saí deste sofrimento. Temos apenas uma moradinha de barro e no teto, cobertura segura nas pindaíba. Só sobra a gente rompê com o servicinho da enxada. Tô vendo que o sabê vale muito, mas o que se pode dá é uma escolinha de apenasmente umas letra.

Falei pesado... quase chumbo:

- Mas se tem água nos rios e no brejo tem fonte, por que não romper com o costume e transformar a natureza em benefício pessoal?

- Ai, moço... sabemo não. Sabemo fazê uma tradição... A gente se satisfaz com a pouca coisa que tem. Agora tão chegando umas gente diferente que vão prestá umas orientação...



Vi uma sociologia. Tinha 500 anos esta conversa e não seria eu que ensinaria para dona Inês um novo discurso... mas, sem pestanejar, abri minha comporta:

- Deus fez uma parte da vida... a outra depende de nosso esforço... Deus não sabe fazer tudo sozinho, e, se sabe, não pratica porque não foi à toa que nos deu duas mãos e uma cabeça.

A velhinha olhou-me, assustada, como se nada entendesse...

- A pois... a pois... – completou – é um hábito... é um hábito.

Como um rabo de lagarto morto que se mexe por mexer, anunciei:

- Isto vai mudar... onde não houver chuva, vai chover... onde tem areia, vão pular os peixes... As frutas vão florir na beira das fontes feitas pelas mãos.

Riu-se, dona Inês, que chamou a Laurinha, pronunciando:

- Doidô de vez, o Pippo Elias. É o solão que bateu nesta cabeça branca que frochô a inteligência.

Ri junto e guardei meu verbo. Havia que mostrar no vivo o mercado de meu dizer. Mas digo com voz sonora que xinguei todos os governos que não contemplam um apoio mais verdadeiro a esta gente miudinha, mas de alma tão preciosa, mais bonita que os diamantes de Gilbués. Este meu chão... minha pátria resumida.

Me consolei fartamente, por lembrar que as crianças da Professora Juraci estavam com outro pensamento. Não entregavam o próprio querer por um precinho de rapadura. Amei-a, por lembrá-la tão sábia e generosa.

Ainda daquela tarde, descrevo o que vi... um negrão sentado em seu jumentinho, parecendo Nosso Senhor Jesus Cristo. De riso quis fazer minha cara, mas o homem, se estava tão solene como um rei, imaginando ver o mundo de uma razoável altura e veio bondoso, modular comigo, palavra por palavra, distintamente:



- Deus é quem vige e vela... o único luxo sertanejo... o de ser filho desta luz... a nossa espera quieta está Nele... o resto se sucede em comezinho sentimentos... de nada mais me sirvo que da sorte. Este é o meu semovente Grandeza. Mais uma moradinha e família de miúda coleção é a minha fortuna. Com esta segura de tempo, que há de se ter, senão uma condição de nada? Ser nada senão o luxo dito do Deus que é um Pai.

- Buenas, cogitei, dá vontade de acabar com este negrão! Então não vê que está debochando? Toma tento, ô filho da cor do ébano e vige você nesta dificuldade!

Estava quase adormecido de tanta tristeza. Ao chegar em Fontes do Gurguéia, Orozimbo e Arquimedes estavam risonhos por ver tanto pasto verde aguado por fontes trazidas do rio. Nos brejos vingava o pasto Centenário... havia sustância no sustento... embora um solão de bater sem nuvem.

Os caju de plantio recente estava verdes... a seiva deles entendia de proteção. Só se tinha perdido a lavoura de risco. O feijão não se entregava, mesmo que a irrigação não fosse a mais pretensiosa. Nos arredores, os costumes eram outros... verdejava o verde vivo debaixo do inclemente céu. No comentário de Arquimedes, diluiu-se o desprazer:

- É o Deus que mora em nossos pulsos... É que temos um poder...

Foi nesta noite que sonhei sonhos pequenos, com antigas emoções e paisagens, mas de uma visão não poderei me esquecer: aquela feita por um velho que julguei ser Albin... me convidava a ver sua primeira casa. Havia também um som vigoroso de um navio sobre marulhos de um mar... Os sonhos no sertão.





[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Patrícia se comovia ao tomar nas mãos o rosto do neto. E falava com voz suave, mais que devota:

– Traz para cá, para perto, o baú de couro.

Tiraria a avó um navio só para ele?

– Mira bem, Pippo!! Aqui está a mais preciosa herança que Prisca e eu te legamos! São os escritos de Albin e Bonifácio. Boa parte das histórias que eu contava estão aí anotadas.

Tomou Pippo nas mãos as folhas amareladas nas quais estavam, de próprio punho, as letras do dois. Olhou para os lados a verificar se algum deles não se debruçava sobre o passado escrito. A velha chamou-o para perto de si e encostou nele a sua face. Eram uma plumagem as suas rugas serenas. Perguntou-lhe:

– Pippo, para onde sopra Deus nossas casas?

– Com certeza, para um bonito lugar – respondeu-lhe o neto.

Levantou-se o rapaz e espraçou seu olhar pelo campo. Um relincho de potro abriu-se todo. A velha dormia um sono de sonhos.

